



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO CEARÁ
PROGRAMA ASSOCIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO E FORMAÇÃO
DOCENTE
MESTRADO EM ENSINO E FORMAÇÃO DOCENTE**

MARÍLIA FARIAS XAVIER

**PEDAGOPRETA: PRETAGOGIA, EDUCAÇÃO E ANCESTRALIDADE NA
CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE PROFISSIONAL DE/ POR E PARA
MULHERES-NEGRAS-EDUCADORAS**

**REDENÇÃO-CE
2024**

MARÍLIA FARIAS XAVIER

**PEDAGOPRETA: PRETAGOGIA, EDUCAÇÃO E ANCESTRALIDADE NA
CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE PROFISSIONAL DE/ POR E PARA
MULHERES-NEGRAS-EDUCADORAS**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Ensino e Formação Docente, do Programa Associado de Pós-Graduação em Ensino e Formação Docente da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB e do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE, como requisito parcial para obtenção do título de mestre.

Linha de Pesquisa: Ensino e Formação

Orientador: Rebeca de Alcântara e Silva Meijer

**REDENÇÃO-CE
2024**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da UNILAB
Catalogação de Publicação na Fonte.

Xavier, Marília Farias.

X3p

Pedagopreta: pretagogia, educação e ancestralidade na construção de uma identidade profissional de/por e para mulheres-negras-educadoras / Marília Farias Xavier. - Redenção, 2024.
208f: il.

Dissertação - Curso de Ensino E Formação Docente, Mestrado Profissional Em Ensino E Formação Docente, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2024.

Orientadora: Profa. Dra. Rebeca de Alcantra e Silva Meijer.

1. Pedagopreta. 2. Pretagogia. 3. Mulheres Negras Educadoras. 4. Identidade Profissional Docente. 5. Educação e Relações Étnico-Raciais. I. Título

CE/UF/BSCA

CDD 372

MARÍLIA FARIAS XAVIER

**PEDAGOPRETA: PRETAGOGIA, EDUCAÇÃO E ANCESTRALIDADE NA
CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE PROFISSIONAL DE/ POR E PARA
MULHERES-NEGRAS-EDUCADORAS**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Ensino e Formação Docente, do Programa Associado de Pós-Graduação em Ensino e Formação Docente da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB e do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE, como requisito parcial para obtenção do título de mestre.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Rebeca de Alcântara e Silva Meijer

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afrobrasileira- UNILAB

Profa. Dra. Geranilde Costa e Silva

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afrobrasileira- UNILAB

Profa. Dra. Sandra Haydée Petit

Universidade Federal do Ceará- UFC

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho a todas as Mulheres-Negras-Educadoras, professoras ou não, com formação ou não, mas a todas aquelas que dedicam a sua vida ao ato de compartilhar saberes e aprender com essa experiência. Em especial a minha avó, Vovó Nazaré (in memoriam) e a minha mãe Marineide Xavier, que nunca mediram esforços para que hoje eu tivesse trilhado o caminho dos estudos. Se hoje sou uma PEDAGOPRETA, devo isso a todas aquelas que vieram antes. “Mó Dúpé!” (Gratidão).

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao meu Orí. Natureza divina, ancestral e fundamental que me mantém viva! A Oyá, divindade que rege meu Orí e energia presente em cada passo que dou. Sou filha dos ventos e nele me sinto segura para alcançar meus voos.

Agradeço em forma de pedido de bênção. Motumbá? A minhas velhas e mais novas, meus mais velhos e mais novos. Agradeço a quem veio antes e a quem eu plantei no mundo! Minha mãe Marineide Xavier Dias, por ser a única rede de apoio que esteve presente quando estudar e cuidar das crianças se tornava impossível! Meu pai Miguel Farias da Silva que nunca mediu esforços para que eu trilhasse os caminhos dos estudos.

Agradeço a minha família preta, Kleber da Silva Moreira, parceiro de vida que sempre me motivou a dar vãos altos e meus filhos Ayan Xavier Moreira e Naya Iracema Xavier Moreira por fazerem tudo isso ter um sentido e um propósito, por me fazerem querer viver mais e intensamente a cada dia, por serem minha semente de futuridade!!!

Agradeço a Egbé do Maracatu Nação Zamberacatu! Por ser espaço de potência negra e ancestral, por ser o meio pelo qual eu me sinto próxima da ancestralidade e espiritualidade, por tanto nos ensinar através da celebração que quem somos. Nessa família quero destacar, em especial, a poeta Gaby Adaayo, amiga que sonhou, realizou sonhos e continua projetando muitas realizações ao meu lado, seremos pretas velhas de Oyá e Oxum perpetuando saberes, meu agueré preenche o teu ijexá, tua Oxum caminha com minha Oyá, sou grata. Ainda dessa família quero agradecer a uma das maiores educadoras de Natal e Pedagopreta participante dessa pesquisa, Monique Oliveira, por tantas sementes prósperas postas no solo dessa cidade. A Yago Caetano, Ramon Bezerra, por assumirem conosco o compromisso de construir e cuidar da primeira Nação de Maracatu do RN. A todas, todos e todes que fazem parte da família Zamberacatu.

Agradeço a toda família do Ilê Axé Afinká, Terreiro da Prata, em especial ao Babalorixá Jorge Freire por sua acolhida em nossa casa, com um café da manhã farto e um passeio coberto de emoções e aprendizados em seu solo sagrado! Viva o Rei do Maracatu!!!

Agradeço a todos os colaboradores da Imersão Formativa Pedagopreta, COEPPIR, na figura da Coordenadora Giselda Omilê, SEMIDH, através da atual Secretária Yara Costa, a Secretaria de Educação do Natal, ao Governo do Estado do RN, a Prefeitura do Natal, a Secretaria de Cultura do Natal, instituições fundamentais para a realização dessa pesquisa.

Agradeço ao Movimento Negro de Natal, ao Movimento de Mulheres Negras do RN, a todos os agentes da cultura e do Movimento Social que foram fundamentais na minha

construção política e intelectual! A Iyarogbá Elizabeth Lima, a Rainha Iracema Albuquerque (in memorian), a Rainha Maria Lázaro de Oyá, a Iyá Maria José do Ilê Axé Oyá e Odé, por todos os cuidados espirituais, escutas afetivas, ensinamentos e amor compartilhado.

A minha Orientadora Rebeca de Alcântara e Silva Meijer, por ser muito mais que uma orientadora, mas uma mais velha, uma sábia que me acolheu e caminhou ao meu lado em cada momento desse mestrado.

Agradeço a todos os amigos e amigas que mesmo não estando diretamente envolvidos com a pesquisa foram suporte afetivo, foram escuta amorosa: Lucília Albuquerque, Alex Onilodé, Analuh Soares, Pretta Soul, Maiara Juliana Gonçalves, Carine Santos, Lucas Vidal e Ana Beatriz Lima.

Agradeço por fim a todas as educadoras negras que se fizeram presentes nessa imersão, que encruzilharam histórias, que se lançaram a ideia, que participaram com contribuições tão ricas e compartilharam entrelaçamentos pedagógicos a partir dessa pesquisa. A todas as PEDAGOPRETAS o meu MUITO OBRIGADA!!!

*“Despertei para a vida, renasci das cinzas
Mergulhei num eu que eu não conheço
A cada mergulho mais profundo
Exploro a minha imensidão, e isso
É só o começo
Luz, sombra e lapidação
Sintonizando mente e coração
Vibrando em essência
Encontro um Mestre em compreensão”
(Nathy MC/ Poeta Desperta)*

RESUMO

Este trabalho apresenta o conceito de *Pedagopreta* e aborda os processos de construção e formação a respeito do ser e tornar-se mulher-negra-educadora e de como esses atravessamentos colaboraram para a construção de uma identidade profissional docente, a PEDAGOPRETA é um conceito que vem sendo construído a partir das trajetórias de vida, experiências, escrituras e referenciais teóricos metodológicos, que trazem as mulheres negras para a centralidade dos debates e reflexões sobre educação e relações étnico-raciais. Esta pesquisa, desenvolvida durante o Mestrado Profissional em Ensino e Formação Docente (UNILAB/IFCE), sob a orientação da Prof. Dra. Rebeca Meijer, esteia-se no referencial teórico-metodológico da PRETAGOGIA e abordagens cômplexas, buscando a construção de uma identidade profissional, práxis pedagógica e perspectiva educativa, que privilegia a cosmopercepção africana e afro brasileira, bem como, as subjetividades e afetividades que envolvem a ascendência africana na nossa educação. Participaram deste estudo um grupo de educadoras do estado do Rio Grande do Norte, inseridas em contextos e formação profissional diversas, convocadas através de articulações com os movimentos sociais, culturais e governamentais da prefeitura do Natal e do estado do RN. Este estudo possibilitou também fortalecer o protagonismo feminino e negro na educação brasileira e desenvolver dispositivos didáticos que contribuam com a formação de professoras e com a educação para relações étnico raciais no Brasil, colaborando com a implementação da Lei 10.639/03.

Palavras-chave: Pedagopreta; Pretagogia; Mulheres Negras Educadoras; Identidade Profissional Docente; Educação e Relações Étnico-Raciais.

ABSTRACT

This work presents the concept of *Pedagopreta* and approaches the processes of building and formation regarding being and becoming a black educator woman and how these crossings collaborate to the building of an academic professional identity, the PEDAGOPRETA is a concept that has been constructed from life trajectories, experiences, writings and theoretical-methodological references that bring the black women to the centrality of the debates and reflections about education and ethnic-racial relationships. This research, developed during the Professional Master in Teaching and Teaching Education (UNILAB/IFCE), under the guidance of Teacher Dr. Rebeca Meijer, is based on the theoretical-methodological reference of PRETAGOGIA and similar approaches, aiming for the construction of a professional identity, pedagogical praxis, and educational perspective

that focuses on the African and Afro-brasilian cosmoperception, as well as the subjectivities and affectivities that involve the African ascendancy in our education. Participate in this study a group of educators of Rio Grande do Norte state, set in diverse education and professional development contexts, convoked through articulations with social, cultural, and governmental movements of the city hall of Natal in RN state. This study strengthened the black and feminine power in Brazilian education and developed didactic devices that contributed to the teachers' education and the education of the ethnic-racial relationships in Brazil, collaborating with the implementation of Law 10.639/03.

Keywords: Pedagopreta; Pretagogia; Black women educators; academic professional identity, Education and ethnic-racial relationships.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01:	Cartaz de divulgação da Imersão Formativa.	48
Figura 02:	Folders de divulgação da Imersão Formativa	49
Figura 03:	Folders de divulgação da Imersão Formativa	49
Figura 04:	Folders de divulgação da Imersão Formativa	49
Figura 05:	Folders de divulgação da Imersão Formativa	49
Figura 06:	Folders de divulgação	50
Gráfico 01	Atuação profissional das educadoras	79
Gráfico 02:	Autodeclaração das educadoras inscritas	80
Gráfico 03:	Identidade de Gênero declarada pelas educadoras	81
Gráfico 04:	Formação Acadêmica das Educadoras Inscritas na Imersão	82
Gráfico 05:	Implementação da História e Cultura Afro Brasileira nos espaços de trabalho das educadoras inscritas na Imersão	83
Gráfico 06:	Implementação da EREER nas práticas pedagógicas das educadoras inscritas	83
Figura 07:	Apresentação do clipe da música “Linda e Preta” de Nara Couto	95
Figura 08:	Caminhos Afetivos e Encruzilhadas de Saberes	115
Figura 09:	Caminhos Afetivos e Encruzilhadas de Saberes	117
Figura 10:	Caminhos Afetivos e Encruzilhadas de Saberes	118
Figura 11:	Caminhos Afetivos e Encruzilhadas de Saberes	119
Figura 12:	Caminhos Afetivos e Encruzilhadas de Saberes	120
Figura 13:	Encontro Virtual no dia 22/07/2023	125
Figura 14:	Folder de divulgação Evento Mulheres Negras Protagonizando a	133

	Educação	
Figura 15:	Folder de divulgação Evento Mulheres Negras Protagonizando a Educação	133
Figura 16:	Print Playlist da Pedagogopreta disponível no Youtube	135
Figura 17:	Folder de divulgação Performance Literária <i>Ori(entação)</i>	136
Figura 18:	Apresentação da Performance Literária <i>Ori(entação)</i>	136
Figura 19:	Folder de divulgação Mesa de Abertura	138
Figura 20:	Palestra com a professora Rebeca/UNILAB	141
Figura 21:	Encerramento das atividade da Imersão Pedagogopreta dia 28/07/2023	144
Figura 22:	Card contendo as <i>ori.entações</i> para o momento da Imersão Formativa	150
Figura 23:	Brincadeira do Coco (Arquivo pessoal)	151
Figura 24:	Brincadeira do Coco (Arquivo pessoal)	151
Figura 25:	Objetos (Arquivo pessoal)	152
Figura 26:	Dispositivo da Roda de Objetos (Arquivo pessoal)	154
Figura 27:	Dispositivo da Roda de Objetos (Arquivo pessoal)	154
Figura 28:	Dispositivo da Roda de Objetos (Arquivo pessoal)	155
Figura 29	Dispositivo da Roda de Objetos (Arquivo pessoal)	156
Figura 30:	Dispositivo da Roda de Objetos (Arquivo pessoal)	157
Figura 31:	Dispositivo da Roda de Objetos (Arquivo pessoal)	158
Figura 32:	Dispositivo da Roda de Objetos (Arquivo pessoal)	159
Figura 33:	Dispositivo da Roda de Objetos (Arquivo pessoal)	160
Figura 34:	Dispositivo da Roda de Objetos (Arquivo pessoal)	160
Figura 35:	Frente e verso das cartas do Oráculo da Pedagogopreta (Arquivo pessoal)	167
Figura 36:	Frente e verso das cartas do Oráculo da Pedagogopreta (Arquivo pessoal)	167
Figura 37:	Folha de interpretação/conselho do Oráculo da Pedagogopreta (Arquivo	168

	peçoal	
Figura 38:	Explicando o Dispositivo Oráculo da Pedagopreta (Arquivo peçoal)	170
Figura 39:	Momento de elaboração das cartas do Oráculo da Pedagopreta (Arquivo peçoal)	170
Figura 40:	Momento de elaboração das cartas do Oráculo da Pedagopreta (Arquivo peçoal)	171
Figura 41:	Momento de elaboração das cartas do Oráculo da Pedagopreta (Arquivo peçoal)	171
Figura 42:	Imagem da Carta (Arquivo peçoal)	172
Figura 43:	Imagem da Carta (Arquivo peçoal)	173
Figura 44:	Imagem da Carta (Arquivo peçoal)	173
Figura 45:	Imagem da Carta (Arquivo peçoal)	174
Figura 46:	Imagem da Carta (Arquivo peçoal)	175
Figura 47:	Imagem da Carta (Arquivo peçoal)	176
Figura 48:	Imagem da Carta (Arquivo peçoal)	176
Figura 49:	Oficina Oráculo da Pedagopreta (Arquivo peçoal)	177
Figura 50:	Oficina Oráculo da Pedagopreta (Arquivo peçoal)	177
Figura 51:	Oficina Oráculo da Pedagopreta (Arquivo peçoal)	177
Figura 52:	Oficina Oráculo da Pedagopreta (Arquivo peçoal)	178
Figura 53:	Oficina do Oráculo da Pedagopreta no IV COPENE NORDESTE (Arquivo peçoal)	179
Figura 54:	Ensaio do Maracatu Nação Zamberacatu (Arquivo peçoal)	180
Figura 55:	Card contendo as <i>orí.entações</i> para o momento da Imersão Formativa	183
Figura 56:	Café da manhã com os mais velhos (Arquivo peçoal)	186
Figura 57:	Tour pelo Axé (Arquivo peçoal)	187
Figura 58:	Visita ao Terreiro da Prata/ Macaíba-RN (Arquivo peçoal)	188
Figura 59:	Rainha Maria Lázaro (Arquivo peçoal)	192

Figura 60:	Conversa na Sala da Nação Zamberacatu (Arquivo pessoal)	192
Figura 61:	Conversa na Sala da Nação Zamberacatu (Arquivo pessoal)	192
Figura 62:	Oficina de Turbante	194
Figura 63:	Oficina de Turbante	194
Figura 64:	Oficina de Turbante	195
Figura 65:	Oficina de Turbante	195
Figura 66:	Oficina de Turbante	195
Figura 67:	Oficina de Turbante	195

LISTA DE SIGLAS

COEPPIR- Coordenadoria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial

ERER- Educação para as Relações Étnico-Raciais

IFCE- Instituto Federal do Ceará

SEMIDH- Secretaria Municipal das Mulheres, da Juventude, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos

UFRN- Universidade Federal do Rio Grande do Norte

UNILAB- Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO- “AGÔ ESÙ”: SENHOR DOS INÍCIOS, SENHOR DOS CAMINHOS	16
1	DELIMITAÇÃO DO OBJETO- ESCRIVENDO CAMINHOS E FERTILIZANDO SABERES: A VOZ QUE CANTA TAMBÉM REZA, GRITA, APRENDE E ENSINA	21
2	CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA: CONSTRUINDO UM QUILOMBO PRETAGÓGICO COM AS PEDAGOPRETAS	37
2.1	OS MOVIMENTOS DE “AGÔ”/LICENÇA: A PREPARAÇÃO PARA OS ENCONTROS E A PROPOSTA IMERSIVA	43
3.	CAMINHOS TEÓRICOS E QUILOMBOS EPISTÊMICOS	50
3.1	COSMOPERCEÇÃO AFRICANA, PRETAGOGIA E ESCRIVÊNCIA: SABERES QUE FUNDAMENTAM A PEDAGOPRETA	51
3.2	QUILOMBOS TEÓRICO-AFETIVOS: EDUCADORAS NEGRAS, MÃES, MILITANTES, ARTISTAS E IYALORIXÁS, CONSTRÓEM DA IDENTIDADE PEDAGOPRETA!	59
3.3	ESCOLA, RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS, INFÂNCIA E CURRÍCULO: IFÉ ONÃ E ORÍ ONÃ CAMINHOS PEDAGÓGICOS DA PEDAGOPRETA	66
3.3.1	Ifé Onã e Orí Onã: Caminhos pedagógicos da Pedagopreta para a construção de uma infância atravessada pela Cosmopercepção Africana	70
3.3.2	“Ifé Onã”: O caminho do amor	71

3.3.3	“Orí Onã”: O caminho da cabeça, do conhecimento	74
4.	A IMERSÃO FORMATIVA PEDAGOPRETA: PRETAGOGIA E ANCESTRALIDADE NA FORMAÇÃO DE EDUCADORAS E NA CONSTRUÇÃO E AFIRMAÇÃO DE UMA IDENTIDADE PROFISSIONAL	76
4.1	O CHAMADO E A CHEGANÇA. QUEM VEM LÁ? DAS INSCRIÇÕES E REFLEXÕES A PARTIR DO FORMULÁRIO DE INSCRIÇÃO	76
4.2	O QUILOMBO PRETAGÓGICO E OS CAMINHOS DO PESCURSO	88
4.2.1	O 1º Encontro- A Escrivivência na Construção da Identidade Profissional Docente de Mulheres Negras e os Caminhos da Imersão Formativa	90
4.3	2º ENCONTRO- A PRETAGOGIA E A PEDAGOPRETA: DO REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO DE BASE AFRICANA E AFROBRASILEIRA A CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE PROFISSIONAL DOCENTE DE/POR E PARA MULHERES-NEGRAS-EDUCADORAS	107
4.3.1	É Caminhando que se Aprende a Caminhar: Caminhos afetivos e encruzilhadas de saberes	108
4.4	O 3º ENCONTRO- “SABERES DOCENTES NECESSÁRIOS A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS”	122
4.4.1	Saberes Docentes e a Identidade Profissional Pedagopreta	123
4.5	O 4º ENCONTRO: JULHO DAS PRETAS- MULHERES NEGRAS PROTAGONIZANDO A EDUCAÇÃO	130
4.6	IMERGINDO EM PRÁTICAS E DESENVOLVENDO	143

	DISPOSITIVOS PRETAGÓGICOS PARA A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE PEDAGOPRETA	
4.6.1	O Coco de Roda e a Brincadeira dos Nomes	148
4.6.2	A Roda de Objetos Pretagógicos	150
4.6.3	O Oráculo Pretagógico da Pedagopreta	163
4.6.4	Corpo, Ritmo, Movimento e Espiritualidade Negra- O Maracatu Nação na Formação de Mulheres-Negras-Educadoras	178
4.7	A VISITA AO TERREIRO E A COROAÇÃO DAS PEDAGOPRETAS: O BROTAR DE UMA IDENTIDADE PROFISSIONAL DE/POR E PARA MULHERES NEGRAS EDUCADORAS	181
4.7.1	Café da Manhã Com os Mais Velhos e o <i>Tour pelo Axé</i>: Conhecendo Os Valores e Saberes da Espiritualidade Afro-Brasileira	183
4.7.2	Coroação: Turbante, estética e fundamento, com o <i>Orí</i> adornado e protegido nos tornamos PEDAGOPRETAS	192
5	PRODUTO EDUCACIONAL: O ORÁCULO PRETAGÓGICO DA PEDAGOPRETA	195
6	CONTO DE CONCLUSÃO- NAS ASAS DO PÁSSARO SANKOFA: A PEDAGOPRETA, A GRIÔT E AS SEMENTES DE FUTURIDADE	198
	REFERÊNCIAS	203
	ANEXOS	206

INTRODUÇÃO: AGÔ ESÙ: SENHOR DOS INÍCIOS, SENHOR DOS CAMINHOS

“Exu é compulsório a todos os seres e forças cósmicas. É ele a divindade mais próxima daqueles classificados como humanos, é o dono do nosso corpo e de suas potências, é o princípio comunicativo entre os seres, as divindades e os ancestrais. Exú é a substância que fundamenta as existências; é a linguagem como um todo. É o pulsar dos mundos, senhor de todas as possibilidades, uma esfera incontrolável, inapreensível e inacabada [...] Exú nasceu antes mesmo que a própria mãe.”

(RUFINO, 2019, p. 23)

Saudar Esù antes de tudo e em todos os inícios, assim aprendemos desde que nos envolvemos e configuramos nossa vida e propósitos com base nos princípios e cosmopercepção da espiritualidade africana de origem yorubana, eu como mulher de *àṣẹ*¹, ou seja, pessoa que compartilha de uma espiritualidade de matriz africana, através do candomblé de Nação Ketu², não poderia começar diferente, abro a minha boca para anunciar essa pesquisa através da compreensão e reflexão acerca da energia de Esù.

É Esù o mais parecido conosco, o mais pedagógico dos orixás, aquele que ensina através do exemplo, aquele que passa saberes através da palavra, da oralidade e do corpo, a Esù dedicamos as novas ideias, as invenções e desinvenções, ele arteiro, e astucioso, é força que alimenta tudo o que quer nascer, brotar, surgir no mundo.

Dentro da mitologia africana iorubana, Exu é o orixá que ocupa lugar privilegiado frente aos demais, isso porque ele existe desde a criação do universo. É ele quem mantém o equilíbrio das trocas provocando o conflito para promover a síntese. Tudo aquilo que se une, que se multiplica, que se separa e que se transforma é provocado por vontade de Exu. (SILVA, 2019, p.44)

Sob a força e proteção inicial de Esù, ganho força para movimentar os saberes e apresentar os caminhos que tenho percorrido e busco investigar nesta pesquisa, intitulada: **PEDAGOPRETA: PRETAGOGIA, EDUCAÇÃO E ANCESTRALIDADE NA CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE PROFISSIONAL DE/ POR E PARA MULHERES-NEGRAS-EDUCADORAS**, encorajo-me a assumir os caminhos e as encruzilhadas como espaços potencialmente investigativos da minha trajetória e das minhas

¹ *Àṣẹ*: Energia vital nas religiões de matriz africana, força, poder, vida.

² Nação Ketu: É a maior e a mais popular "nação" do candomblé no Brasil, tendo origem nas tradições dos povos da região de Ketu, incluídos entre os iorubás.

perspectivas acerca de uma Identidade Profissional Docente que parte das Mulheres-Negras-Educadoras.

Diante das poucas pesquisas e produções intelectuais que trazem as mulheres negras para a centralidade das discussões em educação, o trabalho em tela vem sendo elaborado considerando desde meus processos de vida, de empoderamento e de articulações profissionais docentes, até o entrelaçamento desses com outras mulheres negras, nossas práticas, histórias de vida, pesquisas, epistemologias e estratégias desenvolvidas. Ele objetiva apresentar e refletir as elaborações teóricas que culminaram na categoria PEDAGOPRETA, também explicita a aproximação da categoria PEDAGOPRETA com a Pretagogia, a escrevivência, ancestralidade de matriz africana, e a cosmopercepção africana. Apresentando as primeiras elaborações teóricas que vêm sendo desenvolvidas a partir desses referenciais.

Atrevo-me a adentrar numa disputa de narrativa contra-hegemônica e investigar como mulheres negras se constroem enquanto PEDAGOPRETAS, construindo uma identidade profissional baseada nas suas trajetórias de vida, memórias e escrevivências. Com base em referenciais teórico metodológicos que valorizam produções, estratégias e ações de mulheres negras em seus espaços de poder, transformando, a partir disso, seu fazer pedagógico na busca por uma educação que privilegia os valores e saberes da *Cosmopercepção Africana*: “é uma maneira mais inclusiva de descrever a concepção de mundo por diferentes grupos culturais” (Oyěwùmí, 2021, p. 38), a *Cosmopercepção Africana* refere-se a maneira como culturas tradicionais e africanas compreendem o cosmos, a existência humana e a relação com os seres e ambiente, abordando elementos como ancestralidade, espiritualidade e interconexão com os seres.

Ao pesquisar na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações- BDTD, as palavras chaves “mulher, negra, educadora”, encontramos apenas 7 resultados de pesquisas, sendo que nenhuma delas se debruça a uma investigação sobre o potencial das mulheres negras na construção de uma identidade profissional docente e de referenciais teórico-metodológicos para a Educação das Relações Étnico-Raciais, o que nos faz perceber ainda mais a importância desse estudo para a educação brasileira.

Ciente das contribuições das Mulheres Negras na manutenção, preservação e reinvenção dos valores ancestrais, é importante destacar que aqui não nos limitamos aos conceitos ocidentais de gênero para definir as mulheres, mas acessamos a figura da mulher a partir do seu lugar privilegiado na cultura matriarcal africana, que resistiu em muitos dos nossos territórios sagrados, como os terreiros, quilombos e núcleos familiares.

Pensar em uma educação que reconstrua epistemologias e metodologias a partir dos saberes, experiências e produção intelectual de mulheres negras, é criar possibilidades de romper com os silêncios que nos foram impostos e possibilitar caminhos para que outras vozes sejam ecoadas. A PEDAGOPRETA reflete os processos de construção e formação a respeito do ser e tornar-se mulher-negra-educadora, analisando como esses atravessamentos colaboraram para a construção de uma identidade profissional docente que traz para a centralidade de sua discussão as trajetórias e estratégias desenvolvidas por mulheres negras, assim nos propuzemos a pensar a educação a partir do nosso olhar, das nossas complexidades e das experiências e saberes sistematizados por outras educadoras e educadores negros, que possibilitam o empreendimento de referenciais teóricos-metodológicos aforcentrados, que tem como base a perspectiva ancestral africana e afrobreasilera, destacando sua importância na história, cultura e tecnologias herdadas e construídas.

Aqui minha história de vida e trajetória profissional assumem um papel fundamental como ponto de partida para essa investigação, bem como a falta de formação a respeito da temática na graduação em Pedagogia. Já não busco mais na fala do outro, na história do outro e nas elaborações alheias, motivos para compreender uma educação pautada nas nossas africanidades. A partir do potencial investigativo da *Escrevivência*, uma de nossas categorias de análise, assumo o lugar de investigadora e investigada, me permito retornar as minhas memórias para assim ir em busca de outras histórias que possam se entrelaçar e agregar potencialmente nesse propósito de elaborar uma identidade profissional protagonizada por mulheres e pautada nos princípios e valores da cosmopercepção africana.

Reconstruir narrativas e tecnologias ancestrais africanas tem sido, apesar de desafiador, um grande caminho encontrado e trilhado pela comunidade negra nos mais diversos lugares da diáspora, conhecer e se debruçar nesses conhecimentos sempre foram estratégias de fortalecimento e sobrevivência para povos afro diaspóricos, que conseguiram, apesar dos grandes males causados pela colonização européia, preservar saberes, valores, territórios e formas de ser e estar no mundo, nos possibilitando com o passar dos séculos, ir reinventando essas estratégias de acordo com as nossas necessidades.

A Pretagogia apresenta-se como uma dessas estratégias teórico metodológicas, que agrega a esse propósito ancestral dispositivos para materializar a escrevivência e transformá-la em ação pedagógica. Tornar-se negra mobilizando a escrevivência surge aqui como uma possibilidade formativa para mulheres-negras-educadoras na construção de uma identidade profissional. Esse movimento permitiu que meus caminhos profissionais fossem reelaborados a partir de uma outra perspectiva. Romper com o silêncio e com o lugar de

subalternidade imposto às mulheres negras, e possibilitar uma educação comprometida com a nossa história e formação humana.

Ao apontarmos nosso anseio por uma educação afrocentrada, estamos fazendo uma escolha epistêmica específica. A afrocentricidade surge como uma categoria teórica proposta pelo professor Molefi Kete Asante, Idealizador do primeiro programa de doutorado em Estudos *Africana* na Universidade Temple na Filadélfia nos anos de 1980. “Em uma síntese a afrocentricidade é um tipo de pensamento, prática e perspectiva que percebe os africanos como sujeitos e agentes de fenômenos, atuando sobre sua própria imagem cultural e de acordo com seus próprios interesses humanos” (ASANTE, 2009, p. 93 Apud MEIJER, 2022, p.95).

Ser PEDAGOPRETA foi fruto dos caminhos por mim percorridos, o “Onã” na sabedoria Yorubá³, os caminhos da educação, do movimento estudantil, do mergulho nas artes, na cultura popular de matriz africana, do renascimento no candomblé, estar me aproximando da ancestralidade africana em torno de mim fez com que eu desejasse também me encontrar enquanto mulher negra na pedagogia, esse anseio me fez refazer alguns caminhos e acessar as encruzilhadas que transformaram o meu fazer pedagógico. Essa palavra surgiu da minha necessidade de auto-definição, passei a me denominar PEDAGOPRETA em minhas redes sociais no ano de 2018 e nos espaços de educação que compartilhava, essa auto definição se deu a partir da necessidade de me posicionar politicamente e racialmente quanto a minha ancestralidade e escolhas pedagógicas, já não me bastava mais ser apenas pedagoga, eu mulher-negra-educadora me compreendia como uma PEDAGOPRETA, a fim de que a minha identidade negra também estivesse presente no meu fazer profissional docente.

Esses caminhos e encruzilhadas me levaram a ampliar a dimensão da potência existente em nós mulheres-negras-educadoras e de como usamos nosso espaço de poder e território de trabalho para potencializar nossa negritude, fortalecer nossa ancestralidade e mediar as relações que se estabelecem na escola. Assim surgiu uma grande curiosidade em torno de conhecer o fazer pedagógico de outras mulheres negras, e a partir das suas escrevivências e de dispositivos pautados na valorização da ancestralidade africana, construir referenciais teórico-metodológicos que possam contribuir para a educação e relações étnico-raciais nos diversos ambientes de aprendizagem e para a formação identitária profissional docente de mulheres negras.

Esse encontro com outras histórias de vida e narrativas pedagógicas possibilita a formação de um *quilombo pretagógico*, ou seja, um espaço capaz de mobilizar

³ Yorubá: Cultura/ povo/ idioma - africano, do Sudoeste da República Federativa da Nigéria, trazido ao Brasil para ser escravizado, em território brasileiro foi designado como povo nagô.

estrategicamente mulheres negras educadoras, a partir de suas raízes entranhadas na história e memória do povo brasileiro. Abdias do Nascimento define quilombos como espaços formais ou não, físicos ou não, que ocupam esse papel fundamental de reunir pessoas negras contra o poder hegemônico e as imposições colonialistas.

essa rede de associações, irmandades, confrarias, clubes, grêmios, terreiros, centros, tendas, afochês, escolas de samba e gafieiras, foram e são os quilombos legalizados pela sociedade dominante; do outro lado da lei se erguem os quilombos revelados que conhecemos. Porém, tanto os permitidos quanto os “ilegais” foram uma unidade, uma única afirmação humana, ética e cultural, a um tempo integrando uma prática de libertação e assumindo o comando da própria história. a esse complexo de significações, a essa *práxis* afro-brasileira, eu denomino quilombismo. (NASCIMENTO, 2009, p.203)

Assim compreendemos esse espaço formativo que se estabeleceu a partir dessa pesquisa, como um quilombo, pautado na Pretagogia, onde a partir do encontro com outras mulheres-negras-educadoras, investigamos que tipo de identidade profissional docente pode emergir das experiências, escrituras e referenciais teórico-metodológicos desenvolvidos. Possibilitando a reflexão sobre como a Pretagogia, e abordagens afins, aliadas às trajetórias de Mulheres-Negras-Educadoras, podem torná-las PEDAGOPRETAS. Bem como esse tornar-se potencializa o fazer pedagógico dessas mulheres, e possibilitam o empreendimento de uma educação para as relações étnico-raciais.

A metodologia proposta nesta pesquisa é de abordagem qualitativa, que considera e valoriza os diversos contextos que permeiam o objeto investigado, a parte da escrita, da ação e de histórias de vida de mulheres negras e seus entrelaçamentos com a Educação para as Relações Étnico-Raciais, caracteriza-se como uma Pesquisa Pretagógica, propondo a partir disso uma Imersão Formativa *De/ Por e Para* Mulheres Negras, que se tornarão PEDAGOPRETAS, a partir da construção de um *quilombo pretagógico*, e de dispositivos que privilegiam o lugar da afetividade e da cosmopercepção africana.

Um futuro de melhor qualidade para a população afro-brasileira só poderá ocorrer pelo esforço enérgico de organização e mobilização coletiva, tanto da população negra como das suas inteligências e capacidades escolarizadas, para a enorme batalha no front da criação teórico-científica. (NASCIMENTO, 2009, p, 205)

Com as palavras e sabedorias propagadas por Abdias do Nascimento, grande referência nos estudos sobre a sociedade e cultura afro-brasileira, lanço-me a essa pesquisa, esperançosa de que seu desenvolvimento e compartilhamento possa funcionar como dispositivo mobilizador de uma mudança próspera e significativa para a construção de um

futuro onde a ascendência africana seja valorizada e reconhecida dentro de todas as suas potencialidades na construção da sociedade brasileira e da educação dos nossos povos.

Esta escrevivência acadêmica e epistêmica estará organizada da seguinte forma: “ESCREVIVENDO CAMINHOS E FERTILIZANDO SABERES: A VOZ QUE CANTA TAMBÉM , REZA, GRITA, APRENDE E ENSINA”, onde traremos um pouco da minha trajetória de vida, encontro com o objeto de pesquisa e motivações para a pesquisa, bem como as principais referências e questões *suleadoras*. A metodologia que chamamos de CAMINHOS METODOLÓGICOS E A ENCRUZILHADA DE SABERES: CONSTRUINDO UM QUILOMBO PRETAGÓGICO COM AS PEDAGOPRETAS, que apresentará a maneira como a pesquisa vai se desenvolveu e quais abordagens metodológica vamos privilegiar, a fundamentação teórica, denominada “É CAMINHANDO QUE SE APRENDE A CAMINHAR: CAMINHOS TEÓRICOS E QUILOMBOS EPISTÊMICOS”, onde serão apresentadas as principais categorias investigativas e primeiras elucidações teóricas que amparam o trabalho, e por último a apresentação do Produto Educacional resultado dessa investigação e as considerações finais.

1. DELIMITAÇÃO DO OBJETO -ESCREVIVENDO CAMINHOS E FERTILIZANDO SABERES: A VOZ QUE CANTA TAMBÉM REZA, GRITA, APRENDE E ENSINA.

*“Agô
Peço a benção
as ancestrais
proteção aos orixás
com a força das Yabás
Vou cantar...”*

(“Àse Delas- Analuh Soares, Iyalê⁴ e Pretta Soul)

Cantar sempre foi um sonho, uma brincadeira de menina, a cama espaçosa da minha mãe e do meu pai foram palco de inúmeros shows, o que aquela menina não sabia é que aquilo tudo era um ensaio e um cultivo de uma semente que já estava plantada, já tinha seu destino traçado, a veia artística daquela família e o enaltecimento de nossa ancestralidade negra tinha que pulsar em algum lugar daquela nova linhagem, e que bom que foi em mim.

Aqui lanço-me a retornar, fazer o movimento *sankofa*, de caminhar para o futuro conectada ao passado: “Minha história é comprida, mas acredito que, para entendermos sobre

⁴ Iyalê: Nome próprio em yorubá e nome artístico recebido pela autora no seu processo iniciático no candomblé de Nação Ketu.

árvores e seus enraizamentos, precisamos acompanhar o brotar de suas sementes” (MEIJER, 2019, p. 23). Nasci em uma família mista, ou melhor, de mestiços, apesar de não saber muitos dos meus avôs, pois os dois já tinham falecido quando eu nasci, pude ter a oportunidade de conviver bastante com as minhas avós, minha avó paterna, vovó Nevinha, era uma mulher branca, da roça, nascida na cidade de João Câmara-RN, no ano de 1931, daquelas “dura na queda” e que não levava desaforo para casa, migrou para a capital a pé, e criou praticamente sozinha os 8 filhos que teve com meu avô, que pelos relatos, apesar de ter tido um trabalho, o que naquela época já era uma grande conquista, perdeu muito ou quase tudo por causa do alcoolismo.

Minha avó era lavadeira e trabalhou na casa de pessoas ricas por muito tempo, dela herdei esse jeito brava, que fala alto e que as vezes assusta pela incisividade em que se comunica, apesar da vida difícil e da luta pela sobrevivência, foi com minha avó Nevinha que conheci o racismo desde cedo, era comum os comentários maldosos em especial ao meu tio, seu filho mais novo, pela sua cor e traços negros, o que era curioso, porque como não conheci meu avô e na família do meu pai a maioria das pessoas tinham traços brancos, cresci achando que tinha nascido numa família mestiça, onde do meu pai estava o lado branco e da minha mãe estava o lado negro, o que as vezes se tornava confuso pelo meu tio Cláudio (irmão do meu pai), que é um homem negro, bem pigmentado, quase o único da família toda, sempre racializado e vítima de racismo dentro de casa. A conta da família paterna branca não fechava de jeito nenhum, “a quem meu tio puxou?” era uma pergunta recorrente.

Meu pai também é mais pigmentado e tinha o cabelo bem cacheado quando mais jovem, só depois de muitos anos compreendi que meu avô era possivelmente um homem negro ou indígena, coisa que ninguém comentava, mas são evidentes nos traços do meu pai e alguns tios do meu lado paterno, apesar da predominância de pessoas brancas nessa linhagem, meu pai também é de uma família mestiça.

Minha família materna já era bem diferente, além de ser evidentemente “o lado negro da força” (risos), era a família onde laços afetivos e memórias festivas foram construídos, como dizem no Ceará, “é a negrada!”. Nativos de Muriú, município da cidade de Ceará Mirim no RN, sou neta de um pescador e comerciante, com uma costureira, articuladora social, apóstola de oração e brincante da cultura popular afro brasileira, foi lá onde passei todas as minhas férias desde a infância, até hoje. Vovó Nazaré era uma senhora negra daquelas das

histórias de Griôt⁵, abrigava a todos em sua casa, fazia questão de celebrar festas, participava dos grupos da igreja e era devota de São Benedito, santo preto, padroeiro da sua cidade.

Muriú em Tupi Guarani significa “águas calmas” e deve ter recebido esse nome, porque seu mar é praticamente sem ondas, o melhor banho de mar da minha vida! Ceará Mirim é uma cidade que compõe a Grande Natal, região metropolitana de Natal, recebeu esse nome pois se originou a partir do Vale do Ceará Mirim, região próxima a um grande rio, que ficou conhecida pela fertilidade de suas terras propícias para o cultivo de cana-de-açúcar, o que favoreceu a criação de mais de 50 engenhos no período colonial.

Cresci brincando e cantando para ninar as ondas, saudando Yemanjá naquele mar, sem ainda nem conhecer o nome dela, diferente da minha família paterna, na linhagem da minha mãe todos são negros, apesar da variedade de tons, tenho tios bem retintos e outros de pele mais clara, porém todos com cabelo crespo e traços negros bastante preponderantes, do que sei da minha linhagem materna é que somos mestiços entre negros e indígenas, uma parte da minha família negra é quilombola do Quilombo de Coqueiros no RN, primos que minha mãe sempre visitava em janeiro e que eu amava ir, pois voltávamos carregados de manga, banana, pitomba, caju, fruta-pão, ciriguela e o que mais aquele imenso quintal pudesse oferecer, é incrível como comunidades negras nos ensinam constantemente sobre uma fartura e abundância que não estudamos na escola.

Ir para muriú sempre foi uma imersão na minha ancestralidade e um momento de me nutrir de encantamento por quem eu sou, minha avó era tranquila, simpática, gostava de cantar e contar histórias, minhas melhores memórias afetivas com certeza estão carregadas de seus sorrisos, do cheiro da sua casa e das festas que fazíamos lá. Outra coisa que diferenciava minhas avós era o letramento, enquanto minha avó paterna não sabia ler nem escrever, minha avó materna era dona de uma letra linda e era comum vê-la lendo jornalzinho da igreja e anotando orações e cantigas, apesar de todas as dificuldades era notório que a vida no litoral assumia um perfil mais tranquilo, completamente diferente da realidade urbana e periférica que minha família paterna compartilhava.

Vinda dessas linhagens tão diferentes, eu nasci como a segunda filha dos meus pais, depois do nascimento do meu irmão mais velho que carregava bastante os fenótipos da família paterna, eu vim uma bebê negra, do nariz achatado e barulhenta desde cedo, sou mais escura que meu pai e que minha mãe, com o tom de pele um pouco mais claro que o da minha avó Nazaré e bem diferente do primogênito do casal, lembro bem da minha mãe contando que

⁵ Griot: Guardiões da Oralidade, contadores de história, cantores, poetas e musicistas da África Ocidental

eu nasci negra porque ela fez um pedido a lua, depois de ter ouvido meu pai fazer um comentário racista com alguém, depois de mim meus pais tiveram mais duas filhas, uma biológica que é a de pele branca e cabelos loiros e a mais nova que é o que chamo de morena, pele branca e cabelos pretos.

Dentro desse contexto eu cresci sabendo que era uma menina negra, pois me diferenciava de todos na minha casa e fui racializada no espaço familiar desde sempre, meu pai, tios e amigos próximos da família sempre me chamaram de “Nega”, que apesar de ser tratado como um “apelido carinhoso”, não me deu alternativas sobre crescer sabendo quem e o que sou, a psicanalista e escritora Neuza Santos, em sua obra intitulada “Tornar-se Negra” (1983), aponta para a dimensão social e política em torno da construção e afirmação da identidade negra, e reforça que tornar-se negra é uma construção social, atravessada pelas nossas experiências:

A marca da diferença começava em casa. O garoto, filho de homem negro e mulher branca, vivia cedo a experiência que fixava: “o negro é diferente”. Diferente, inferior e subalterno ao branco. Porque aqui a diferença não abriga qualquer vestígio de neutralidade e se define em relação a um outro, o branco, proprietário exclusivo do lugar de referência, a partir do qual o negro será definido e se definirá. (SOUSA, 2021, p.56)

Filha da classe trabalhadora sindicalista, meu pai foi o único dos filhos de sua mãe que concluiu o ensino médio, sendo também o único que conseguiu um emprego fixo em uma estatal, o que me garantiu alguns acessos que meus tios, primos e boa parte dos meus parentes não tiveram. Operador de máquinas e perfurador de poços, meu pai, Miguel, trabalhou durante 25 anos na Petrobrás, trabalhador braçal mas muito engajado politicamente, sempre foi uma liderança dentro do sindicato, costumo dizer que minha veia política e meu gás para a luta vieram dele. Logo cedo meu pai percebeu meu potencial político e leitor e lembro que sempre chegava dos embarques com muitos panfletos, livros e revistas que eu devorava ferozmente, lembro também, que ele me fez virar fã de Che Guevara e ler cerca de 4 livros biográficos sobre o guerrilheiro, o qual eu conheço a história do pé a cabeça.

Minha mãe saiu de Muriú ainda jovem para trabalhar em casa de família e posteriormente como camareira de hotel, quando casou com o meu pai passou a se dedicar exclusivamente à casa e aos filhos, concluindo os estudos no mesmo ano que me formei em pedagogia, pois ingressou no supletivo ao mesmo tempo que eu ingressei na universidade. Lembro de várias vezes a minha mãe falar sobre a importância dos estudos para a autonomia de nós mulheres e de como se arrependia por ter largado a escola na então sexta série. Lembro

também do meu pai discursando dizendo que não éramos ricos, mas pertencíamos a “classe média baixa”, na época não entendia nada, mas hoje sei o quanto isso foi importante para a consciência de classe que tenho hoje, como toda a nossa família era de origem muito simples ele temia que a gente se comparasse a eles com soberba e não valorizasse seus esforços diários para nos dar o básico.

Para mim é inevitável falar da PEDAGOPRETA que me tornei sem refazer os meus caminhos e os caminhos da minha ancestralidade, pois tudo o que sou em sala de aula também é sobre o que venho sendo e construído ao longo da minha vida, afinal a identidade profissional docente é construída também a partir de nossas experiências e histórias de vida. Segundo Pimenta (1996) a Identidade Profissional Docente refere-se a construção contínua da identidade do professor, que envolve sua formação, experiências, valores, práticas pedagógicas, e relações com a comunidade escolar. Essa identidade está intrinsecamente ligada ao desenvolvimento pessoal e profissional do professor e o acompanha por toda a sua vida, construindo e reconstruindo a sua ação pedagógica.

Na escola nunca fui a melhor aluna na hora das provas, mas com certeza a mais requisitada nas apresentações e no momento de ajudar as professoras, me encantava aquela figura que todo dia tinha um palco e uma platéia só para ela, que era a autoridade e que carregava saber, eu sempre admirei muito a minhas professoras e professores, logo, uma das coisas que me fazia não reprovar é que apesar de muitas vezes não querer estudar, eu o fazia porque para mim, se isso acontecesse, eu iria decepcionar aquelas pessoas que tanto admirava.

A primeira griot que atravessou a minha vida foi a minha avó Nazaré, ela dedicava tempo a me ensinar várias coisas e eu já cheguei até a fazer curso de férias de pintura de pano de prato no clube de idosas de Muriú com ela, ela gostava de aprender e de ensinar e tinha um jeito natural de fazer isso.

Fora do âmbito familiar, na escola, já no ensino fundamental II, um grande educador negro se fez presente durante todo esse período da minha formação básica, este homem chamado João Avundano, abriu os caminhos para que a literatura, a arte, a cultura popular afrobrasileira e a dança chegassem na minha vida para além das brincadeiras em casa, ele trazia consigo os princípios de saberes da cosmopercepção africana e hoje sei que ele foi um Griôt que atravessou o meu caminho: “Bom eu acho que essa tal formação de professor é tentar fazer de alguém um Griot. É sim, um mais velho que sabe ensinar, pois um Griot tem essa facilidade” (MEIJER, 2019, p.76)

João era professor de língua portuguesa e literatura, além disso era o responsável por organizar algumas apresentações nos eventos escolares, bailarino e jogador de vôlei, tinha

uma preparação física invejável e usava isso ao seu favor em sala de aula, seu corpo era vivo e ativo durante toda sua aula, ele prometia saltos, piruetas e acrobacias caso a gente acertasse as questões que ele trazia, um verdadeiro espetáculo! Homem gay assumido dentro do espaço escolar em pleno os anos 90, lembro da polêmica que foi o dia em que ele pautou isso na reunião de pais, exigindo respeito por ser quem era, sem dúvidas o melhor professor da escola, os resultados eram inquestionáveis, os alunos daquela escolinha de bairro se destacavam em Língua Portuguesa nos exames nacionais e isso o garantia uma grande credibilidade, um professor estimável, que com certeza fez a diferença na vida de todos que puderam ter a honra de estudar e aprender com ele.

João fazia cantiga de improviso, nos ensinava canções indígenas e nos incentivava a produção poética, com ele escrevi minhas primeiras poesias e com ele fiz minhas primeiras apresentações de dança e teatro, ele foi a primeira pessoa próxima que vi expressar publicamente o orgulho de ser preto e que se posicionava politicamente sobre isso na escola, nosso grupo cresceu e chegou a se apresentar em outras escolas e espaços educativos e culturais do bairro e da cidade, o que me possibilitou uma proximidade maior com ele e uma relação afetiva atravessada pela arte.

Ele foi a primeira pessoa dentro do espaço escolar que me olhou e disse: “Ei negra! Você sabe que você é negra né?”, eu afirmei positivo com a cabeça, apesar de não entender tão profundamente o que ele queria dizer, senti o orgulho dele nos olhos, e me apropriei disso dentro daquele espaço e na vida, “gritaram-me negra!”, foi João! E eu serei eternamente grata a ele por ter sido o meu primeiro mestre Griot.

Um ensino fundamental com um professor como João, me fez entender que existem várias formas de lecionar, foi de fato o meu primeiro encontro com uma pedagogia que habitava um corpo preto e um corpo preto que habitava uma pedagogia própria, nutrida de si e de sua história de poder e resistência ancestral. Avundano me ensinou que podemos ser nós mesmos naquele espaço, apesar de sua trajetória incrível, perdemos João de uma forma brutal e violenta, não diferente do destino de muitos dos nossos. Meu querido mestre foi assassinado aos 46 anos de idade, dentro de sua própria casa, em um crime que se configura como homofobia. Queria muito que João me visse crescer, lembro do orgulho dele sempre que me encontrava depois de adulta, falando: “Tu continua amostrada né negra?”, é muito doloroso a gente constatar as violências que sofremos na nossa trajetória, a vida dos nossos sendo tirada, se hoje escrevo esse texto e projeto uma vida intelectual atravessada pela minha ancestralidade, devo muito ao eterno João Avundano.

Segui para o ensino médio procurando por espaços onde pudesse exercitar a arte e outras possibilidades na escola, romper com aquele currículo era uma necessidade pungente, entrei para o grupo de teatro da escola e comecei a participar das reuniões do Movimento Estudantil, procurei formação fora, me apresentei em teatros e nunca mais parei de fazer arte, dentro do teatro no ensino médio fui batizada como “Marília Negra Flor”, recebi esse nome por sempre trazer o debate racial para o grupo, mesmo ainda muito verde e aparentemente despreziosa, assim como João havia me ensinado, ser negra era motivo de orgulho e ir para uma escola maior no ensino médio com esse aprendizado fez toda a diferença e me protegeu algumas vezes do racismo presente naquele espaço e relações. Esse nome me acompanhou como nome artístico e social por muito tempo, até substituí-lo pelo meu nome yorubá “Iyalê”, após a iniciação no candomblé.

Nos caminhos para ingressar no ensino superior, tentei três vestibulares e a contragosto do meu pai, um deles foi para teatro, a pressão foi tão grande que desisti do teatro e entrei no curso de pedagogia na UFRN no ano de 2009, sendo a primeira pessoa das minhas duas linhagens familiares a ingressar em uma universidade pública. Na UFRN, assim que cheguei, busquei os espaços onde poderia continuar envolvida com o arte, gostava da pedagogia, mas me sentia diferente de todos ali, não conseguia fazer vínculos significativos e achava todo mundo um pouco “careta” e preconceituoso, diga-se, racista. Lembro-me que pelos meus posicionamentos e estética, era considerada pelos colegas de turma como “doidona”, até me tornar uma das melhores alunas da turma.

No segundo semestre do curso, já por dentro dos trâmites de como funcionava aquele espaço, comecei a pagar disciplinas complementares no Departamento de Artes (DEART-UFRN), me aproximando das pessoas e fazendo mais vínculos, o DEART me salvou de não desistir da universidade e me fez perceber que nossa trajetória acadêmica também depende muito de nós e das nossas escolhas, no ano de 2010 fui convidada pelo então recém chegado professor Robson Haderchpek⁶, a integrar o grupo que ele estava formando e que teria ensaios semanais, foi aí que a Pedagopreta começou a desabrochar em mim como possibilidade identitária na profissão docente.

O Grupo Arkhétypos era um projeto de extensão coordenado pelo professor Robson que estava iniciando suas atividades em parceria com o projeto “Encantos da Vila”, projeto de

⁶ Robson Haderchpek: *Ator, diretor e pesquisador, docente do Curso de Teatro da UFRN e do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas. Bacharel em Artes Cênicas, Mestre e Doutor em Arte pela UNICAMP.*

extensão criado pela professora Teodora Alves⁷, o Encantos da Vila trabalhava com mestres e mestras da tradição oral da Vila de Ponta Negra, reduto artístico, cultural e periférico localizado em um dos bairros mais nobres de Natal, Ponta Negra.

A primeira montagem do grupo se propunha e conhecer a realidade das pessoas que “viviam do mar” os pescadores e a tradição oral que cercava os povos caiçaras, foi a partir desse projeto que descobri que minha avó Nazaré, era uma mestra da cultura cultura africana, uma *griot*, a universidade, por mais contraditório que isso possa ser, validou e nomeou o conhecimento ancestral da minha avó para mim, pois sempre tinha visto ela brincar e coordenar grupos de pastoril e coco, mas não sabia do valor que aquelas brincadeiras tinham. A colonização e a desvalorização da nossa cultura é tão cruel, que eu sou neta de uma mestra e só descobri isso depois que a universidade me proporcionou o contato com os mestres e mestras da Vila de Ponta Negra.

Após constatar isso, relatei ao professor que assim como aquelas senhoras e senhores da Vila, minha avó também era mestra, logo organizamos uma viagem em grupo para Muriú e entrevistamos minha avó, mãe e tios sobre suas histórias, foi um momento marcante de reconhecimento do saber da minha vó e da minha ancestralidade, em Junho de 2010 estreamos o espetáculo “Santa Cruz do Não Sei”, que narrava a história de uma vila de pescadores que foi parida pelo mar, foi a primeira vez da minha avó e dos meus pais no teatro.

Foi também nesse espetáculo que desenvolvi o meu TCC em pedagogia, tratando da pedagogia e mediação teatral, deficiência visual e audiodescrição, “Santa Cruz do Não Sei” foi o primeiro espetáculo com audiodescrição do RN, eu estreava no teatro universitário, havia feito formação de público utilizando os saberes da cultura popular afro brasileira numa perspectiva inclusiva, e ainda proporcionei aos alunos da instituição em que estagiava na educação infantil, a experiência de visitar a universidade e assistir o espetáculo. Ser PEDAGOPRETA era também mostrar várias possibilidades de encontros e fazeres que podemos ter e ser.

Paralelamente aos estudos em pedagogia e a montagem do espetáculo, em 2010 eu também ingressava no meu primeiro estágio em educação, como auxiliar da educação infantil em uma organização sem fins lucrativos localizada no bairro de Felipe Camarão, periferia da zona oeste de Natal, a escola mantida por um banco nacional, atendia crianças em vulnerabilidade social e nesse ano estava implementando uma formação para os professores

⁷ Teodora Alves: Professora titular; Diretora artística; pesquisadora e gestora na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Docente do Departamento de Artes da UFRN, no Curso de Licenciatura em Dança e no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas.

em educação e relações étnico-raciais chamada “A Cor da Cultura”, promovida pelo canal Futura. Tive a oportunidade de participar da formação e a sorte de estar em uma escola que se abria para o debate racial, quando ainda praticamente não se falava sobre isso nesses espaços, o que me garantiu uma certa liberdade e abertura para a realização de alguns projetos, como a feira da cultura, onde convidamos dois alunos africanos da UFRN, que conheci no Movimento Estudantil, para um bate papo sobre infância e brincadeiras na África.

Apesar de ainda não ter dado o nome, hoje percebo o quanto a PEDAGOPRETA estava em todo o meu caminho e em cada encontro que minha travessia me possibilitou, no ano de 2011 já estava inserida no Movimento Negro da minha cidade e trazendo contribuições bem mais consistentes e conscientes nos espaços que ocupava, eu estava me tornando negra ao passo que me formava pedagoga:

Saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas. Mas é também, e sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades. (SANTOS, 2019, p. 46)

Esse foi um momento de imersão, de aprofundamento em mim mesma e na minha ancestralidade, eu havia me tornado negra e a necessidade desse “meu eu” estar ocupando todos os âmbitos da minha existência era cada vez maior, nesse mesmo ano me aproximei do candomblé e conheci o músico e educador Kleber Moreira, um encontro de potências, a possibilidade de abundância através de um projeto familiar chegava para mim nesse momento, um amor preto que gerou a primeira Nação de Maracatu do nosso estado, a Nação Zamberacatu e meus dois filhos Ayan e Naya Iracema.

Minha caminhada ia ficando cada vez mais vasta, fluida e próspera e assim como muitas mulheres negras fui ramificando e espalhando sementes em diversos espaços que me constituíram e constituem também a mulher, educadora e pesquisadora que sou. Costumo dizer que apesar de ter nascido uma menina negra, e da raça estar presente em toda minha vida, essa construção, ou seja, esse tornar-se, aconteceu em paralelo com o meu processo de formação enquanto educadora, o envolvimento com as artes, a religiosidade de matriz africana e o movimento social foram fundamentais para a construção desse conceito que estamos desenvolvendo e que começou a ser estruturado apenas anos depois, no ano de 2019, quando cursei a especialização em história e cultura afro brasileira.

Durante o meu processo de formação em pedagogia eu estava passando também pelo processo de construção e afirmação da minha identidade negra, me inserindo nos movimentos

sociais, conhecendo a espiritualidade africana e a tradição oral da minha cidade, paralelamente a isso estava começando a refletir sobre educação e buscando as minhas estratégias de resistência em um curso que não me fazia sentir representada, estar me aproximando da ancestralidade africana em torno de mim fez com que eu desejasse também me encontrar enquanto mulher negra na pedagogia.

Apesar de não ter tido uma formação que contemplasse a educação para as relações étnico-raciais, passei a inserir na minha prática pedagógica, uma narrativa e um olhar focado para a etnoeducação, uma sensibilidade no que se refere ao racismo no espaço escolar, e um desejo de desenvolver uma práxis afrocentrada. Enegrecer a minha ação pedagógica foi também uma estratégia de sobreviver a uma profissão que negava as minhas subjetividades de mulher negra. A partir disso, minhas necessidades, frustrações e possibilidades foram construindo uma práxis que se pauta na afetividade, no conhecimento e no protagonismo de mulheres negras.

Compreendo que quando despertamos para a nossa existência e nos reconectamos com as potencialidades de ser uma pessoa negra, da diáspora africana, levamos ela para todos espaços que compartilhamos e atuamos, essa relação não só me constrói enquanto educadora negra, mas reconstrói cada uma de nós, modifica o modo de olhar para nossa história e nossa educação, como também auxilia na reconstrução do olhar para a população afro diaspórica.

Como já tive a oportunidade de citar, fiz escolhas na minha trajetória acadêmica que me possibilitaram romper com alguns padrões os quais o curso de pedagogia estava impregnado, minha inserção no teatro e no movimento estudantil universitário foram espaços de respiro e força para dar continuidade a um curso que negava a minha existência de mulher-negra-educadora, durante todo o meu curso não tive sequer uma disciplina nem experiência que pautasse a educação para as relações étnico raciais, não se falava de raça, nem de ancestralidade negra no curso e eu me sentia tendo que negar tudo isso para poder estar inserida naquele espaço.

Em contrapartida, os encontros e trocas com outras pessoas negras que conheci na universidade, foram de fundamental importância para que eu descobrisse possibilidades para uma discussão sobre raça dentro da academia, isso me lembrou uma amiga e orientadora da especialização em História e Cultura Afro Brasileira, Stéphanie Moreira, que me dizia: *“-Se a gente quer ser preta na universidade, temos que estudar duas vezes e fazer dois cursos, um que a universidade exige e o outro que a gente quer exigir da universidade”*, o caminho possível era esse, estudar tudo que era obrigatório, enquanto estudamos e lutamos para tornar obrigatório os estudos que nos contemplam.

Foi assim que finalizei o curso de Pedagogia em 2014 sem sequer ter uma disciplina optativa que trabalhasse questões raciais, enquanto isso eu era chamada por colegas e professores para falar sobre aquilo que tinha que estudar por conta própria, concluí meu curso falando sobre teatro, mediação teatral e deficiência visual, mas já vislumbrando a possibilidade de uma pós graduação nos estudos sobre raça e educação. Dentro desse meio termo entre a formação em pedagogia e o ingresso na pós graduação, me tornei mãe, fortaleci meus laços com pessoas negras e mergulhei de cabeça no movimento negro, cultural e afroreligioso de Natal.

A essa altura minha prática pedagógica na Educação Infantil, nível em que atuei nos meus 10 primeiro anos como professora, já estava totalmente enegrecida, o pandeiro, instrumento trazido da cultura popular afro brasileira, já era a minha marca registrada em sala de aula e a luta por espaços de valorização da história e cultura africana, bem como contra o racismo na escola, já eram parte do meu dia-a-dia. Foram cinco anos e dois filhos entre a formação em pedagogia e meu ingresso na especialização.

Eu tinha acabado de ser demitida, quando recebi a notícia de uma segunda gestação, atuava há 4 anos em duas instituições de ensino como professora de teatro para o ensino fundamental I e II e de Corpo e Movimento para turmas da Educação Infantil, antes desses empregos e durante a conclusão da graduação, eu fui estagiária da Educação infantil, já estava inserida dentro do movimento social e cultural da minha cidade e por mais que tivesse construído uma prática pedagógica afrocentrada ao longo do tempo, ainda não o fazia com consciência epistemológica, pois do ponto de vista da formação em pedagogia não tive a oportunidade de ter acesso a epistemologias e metodologias negras.

Como estava grávida a empresa teve que me readmitir, foi quando acabei sendo subutilizada no trabalho, até que o período que eles precisavam manter vínculo comigo acabasse, eu ficava no quartinho dos trabalhadores de serviços gerais e tinha que manter a descrição ali, saindo apenas para bater o ponto, quando percebi que ia ficar cerca de um ano assim, resolvi cursar uma pós-graduação a distância para aproveitar o tempo que era condicionada a ficar na empresa, assim iniciei minha busca por uma formação em História e Cultura Afro Brasileira.

Ingressei na especialização e aproveitava o meu tempo na escola para estudar e assistir as aulas, a partir do curso tive acesso a algumas leituras e me aprofundei na história de África, a minha bagagem no movimento negro também me garantia um conhecimento paralelo que foi muito útil e inspirador, estava tudo fluindo bem, até que, apesar de oferecer o curso, a universidade não tinha professores qualificados para a orientação nessa área, foi quando após

algumas reclamações, eles me deram a possibilidade de indicar quem eu queria que fosse minha orientadora e asseguraram a contratação da pessoa sugerida.

Nesse momento convidei a minha amiga, multi-artista e militante Sté (Stéphanie Moreira), da qual já falei anteriormente, que estava cursando o doutorado em estudos étnicos e africanos na UFBA para me orientar, apesar da baixa remuneração, que é importante destacar, pois existe um movimento mercadológico muito cruel em torno da formação continuada no nosso país, ela aceitou o convite como forma de experienciar esse lugar de orientadora e de contribuir com as elaborações que eu estava fazendo sobre infância, escola e relações étnico raciais.

Essa parceria com Sté, agora no âmbito formal e acadêmico, foi um presente dos orixás na minha vida, ter uma intelectual negra tão potente como orientadora do meu primeiro trabalho escrito sobre raça e educação foi fundamental para que eu encontrasse os caminhos teóricos, epistemológicos e didáticos que eu precisava, deixo aqui um trecho da Professora Doutora Stephanie Moreira, onde relata sobre seu contato com essa pesquisa e surgimento da categoria “PEDAGOPRETA”:

Iyalê canta sobre Ifê Onã, o caminho do amor. Também pedagoga, desenvolveu um trabalho de muita sensibilidade sobre tornar-se “pedagopreta”, trabalho no qual apresenta uma proposta metodológica de ensino-aprendizagem para professores negros educarem crianças negras e brancas. Sua proposta pretende “possibilitar às crianças negras um ambiente seguro e acolhedor [...]As relações inter-raciais têm sido para ela uma questão importante como artista e educadora negra, vinda, assim como eu, de uma família mestiça, onde brancos e negros são, muitas vezes, irmãos dentro da mesma casa. (MOREIRA, 2021, p. 160)

Foi nas orientações de Sté que conheci Conceição Evaristo e a Escrivivência, e que pude desfrutar de uma relação acolhedora com a escrita e o conhecimento ancestral que eu carregava, eu costumo dizer que a gente criou uma universidade só nossa e fizemos esse trabalho com muito amor e dedicação, apesar de todas as nossas atribuições como mães, artistas, trabalhadoras e pesquisadoras, a pesquisa foi um mar de descobertas, um mar profundo que me levou a iniciar as primeiras elucidções sobre o conceito de PEDAGOPRETA, o tempo foi maior do que esperávamos, porque me tornei mãe pela segunda vez durante esse processo, mas foi o tempo necessário para reacreditar na academia e me animar para os estudos.

Assim nasceu a PEDAGOPRETA, ainda muito tímida e pouco aprofundada, em um trabalho intitulado como: “PEDAGOPRETA: ESCRIVIVÊNCIA DE UMA MULHER-NEGRA-EDUCADORA NA CONSTRUÇÃO DE UMA ETNOPEDAGOGIA”

(Xavier, 2019). Apesar da universidade não exigir, realizamos a apresentação do trabalho com a presença de uma banca toda formada por mulheres negras e nessa apresentação demos boas vindas a Sté que estava de volta para morar em Natal, depois de dois anos em Salvador se dedicando a sua pesquisa, foi no chão da sua casa, que é também onde funciona o projeto “Quilombo Flor de Milho”, que a PEDAGOPRETA foi apresentada a mais 20 mulheres negras, convidadas para o *acolhimento* do meu trabalho.

Essa experiência me faz sentir muito orgulhosa da força de criação e reinvenção que nós mulheres negras temos quando nos juntamos, criamos a nossa própria universidade, o nosso próprio curso e a nossa própria defesa e foi incrível. O trabalho foi aprovado com as bênçãos de várias mulheres importantes para a minha trajetória e a partir daí o impulso e desejo de ir além me fez querer dar continuidade aos estudos para ingressar em um programa de pós graduação em uma universidade pública.

Foram caminhos de reencontros, cura, possibilidades, enfrentamentos e rupturas, tornar-se negra e tornar-se PEDAGOPRETA eram processos fortes e intensos que eu vivenciava paralelamente, essa trajetória foi construída a partir da minha experiência em sala de aula durante 12 anos de prática e de troca de saberes interdisciplinares, essas vivências e práticas pedagógicas foram objeto de estudo no curso de pós graduação em História e Cultura Afrobrasileira, em que o conceito de PEDAGOPRETA começou a ser construído e onde os caminhos metodológicos desse conceito começaram a ser elaborados.

No ano de 2019 na cidade do Natal/RN, fui uma das homenageadas na cerimônia “A resistência das mulheres negras”, ocorrida na Câmara Municipal. Nesse dia, mais 29 mulheres foram homenageadas pela contribuição no enfrentamento ao racismo na cidade e pelo conjunto de iniciativas que desenvolvem por uma sociedade mais igualitária, foi surpreendente perceber que boa parte dessas mulheres também eram educadoras da rede básica de ensino.

A partir daí pude ter uma maior dimensão da potência existente em nós mulheres-negras-educadoras e de como usamos nosso espaço de poder e território de trabalho para potencializar nossa negritude e fortalecer a mediação das relações que se estabelecem na escola, assim surgiu uma grande curiosidade em torno de conhecer o fazer pedagógico de mulheres negras mais de perto e de a partir das suas escrituras, trocas de experiências e trajetórias, construir uma identidade profissional docente que possa contribuir para a educação das relações étnico-raciais, o desafio é grande pois ainda somos atravessadas pelo silêncio, mas acredito na força mobilizadora e transformadora da educação e no ativismo das mulheres negras para que esse canto seja ecoado.

Enxergar a potência dessa *persona* a ser explorada e perceber que a PEDAGOPRETA é um potencial existente em todas nós mulheres-negras-educadoras atravessadas pelo encontro com nós mesmas e com a nossa essência me fez querer ir além, buscar formas de me aprofundar e construir essa “identidade nossa”, os caminhos me levaram ao estado do Ceará, terra de saberes e dores que dialogam muito com a realidade potiguar, onde se propagou a falácia da inexistência ou pouca presença de povos africanos e negros no território e história, porém de uma força muito intensa e peculiar dos que aqui construíram seu lugar na diáspoda, uma insistência em permanecer, resistir e propagar os saberes e valores ancestrais.

Ao me aproximar do Ceará e traçar minhas primeiras perspectivas de pouso aqui, curiosa e desejosa de manter minha jornada pesquisando trajetórias e estratégias de mulheres negras educadoras, conheci a Pretagogia: “A Pret@agogia é uma pedagogia que nasce do entrelaçar de raízes-saberes teórico-metodológicas de muitos colaboradores e colaboradoras. [...] Ela se volta para a Cosmovisão Africana e seus princípios, bebe na África.” (Meijer, 2019, p. 80)

Foi um encontro muito potente, de acolhimento e expansão de tudo que vinha desenvolvendo no conceito de PEDAGOPRETA, encontrar a Pretagogia, foi como encontrar uma mais velha, um referencial-mãe que acolhe, nutre e lança para o mundo com perspectiva e propósitos, desde então comecei a reelaborar o que vinha desenvolvendo dentro do conceito de etnopedagogia, como pretagogia, um referencial teórico-metodológico mais próximo, íntimo, brasileiro e afro nordestino. Uma mais velha que dialogava, dançava, girava no xirê como eu, brincava e se nutria na cultura africana, partia de mulheres negras e se expandia! Enfim um lugar seguro, um lugar que me dizia que sim, a PEDAGOPRETA precisava nascer e renascer!

A mudança para Fortaleza com a família já era certa, meu companheiro, que tinha passado em um concurso no interior do Estado já havia assumido o cargo, viemos com a família em 2019 onde fiz alguns primeiros contatos e participei de alguns eventos enquanto me preparava para as provas dos programas de mestrado, a pandemia chegou e assim retornamos em família para o Rio Grande do Norte, para nos resguardar e ficarmos perto dos nossos. Momentos de cuidado, de auto percepção e de muito amadurecimento para todos nós habitantes e sobreviventes desse momento que o mundo passou, deixo aqui minhas singelas homenagens a todos que foram recebidos pela nossa ancestralidade e também a atenção e cuidados dos que ficaram para nos mantermos firmes e unidos nos propósitos que dignificam nossas comunidades.

Após as vacinas e retorno das atividades a volta para o Ceará já estava determinada,

porém foi ainda mais fortalecida, quando em pleno carnaval de 2022 recebi uma ligação, do professor Elcimar⁸, informando que eu estava aprovada e classificada para a terceira turma do Mestrado Profissional em Ensino e Formação Docente UNILAB/IFCE, para cursar já a partir daquele semestre, recebi essa notícia no meu lugar de abrigo, no quintal da minha avó, cercada dos meus mais velhos e mais novos, o meu quilombo entrou em festa! Foi emocionante!

Ver nos olhos daqueles que nem entendiam muito bem do que se tratava fazer um mestrado, a alegria de compreender que eu estava indo um pouco mais adiante, que os caminhos estavam se abrindo para possibilidades que foram negadas para eles, era uma conquista coletiva e eu nunca vou esquecer daqueles abraços: - Vovó Nazaré, senti sua presença naquele dia, seu orgulho, seu abraço, sua força! A senhora me fez semente boa! Gratidão por me inspirar, por ser uma referência para mim!

Mestranda da UNILAB, eu me sentia pronta para me debruçar nestes estudos, apesar de saber das dificuldades que iria enfrentar em mais uma vez largar emprego e encarar uma nova mudança e readaptação com meus dois filhos em uma cidade desconhecida e sem fortes vínculos afetivos, apesar disso acredito na força da ancestralidade e nos caminhos que Esù abençoou, caminhos que me levaram a ter a professora Rebeca Meijer como orientadora, uma mulher que eu já conhecia e admirava através dos meus estudos e encontros teóricos com a Pretagogia, mas que ainda não tinha dimensão do que era desfrutar da sua presença e sabedoria. Rebeca me acolheu com afeto, me fez vivenciar a Pretagogia na prática apenas com sua forma de me receber, de me olhar e de entender tudo o que precisava naquele momento: acolhimento.

Cursei o primeiro semestre do mestrado viajando semanalmente de Natal para Redenção, 10 horas de viagem seguidas, dois dias intensos de aula e mais 10 horas de viagem de volta para trabalhar na segunda-feira, a escola havia me liberado da sexta e essa foi a rotina inicial, difícil e cansativa, mas da qual me orgulho e sou grata! Nos dias de aula em Maranguape eu dormia na casa da professora Rebeca, fui carinhosamente acolhida por Pieter e David, seu esposo e filho, e sentia cada vez mais a importância de uma pedagogia atravessada pelo amor, pelo afeto. Um dos primeiros sentimentos que tive na primeira noite sendo acolhida na casa da minha orientadora foi: “um dia quero poder fazer isso por alguém” e *ubuntu*⁹ deixou de ser só uma frase apropriada e repetida por muitos, para fazer um sentido

⁸ Professor Elcimar: Professor Doutor ELCIMAR SIMÃO MARTINS. *Professor Adjunto C, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)*

⁹ Ubuntu: “Eu sou porque nós somos”- Ubuntu é uma noção existente nas línguas Zulu e xhosa - línguas Bantu do grupo ngúni, faladas pelos povos da África Subsaariana.

que ia além, eu queria crescer e queria poder proporcionar isso para as minhas também! Sou grata a essa família e nutro um carinho muito especial pelo acolhimento do espaço Tulipas de Maranguape enquanto território de aconchego.

Assim prossigo minha jornada, atravessada pelo encontro com a Pretagogia, com as histórias de vida de outras educadoras negras, com nossas escrevivências e com a minha própria trajetória, pensando não uma pedagogia que está sendo criada ou inventada, mas uma pedagogia que está viva e pulsante nos territórios educacionais ocupados por mulheres negras, uma pedagogia que está no nosso jeito de cuidar, de brigar, de acolher, de propagar saberes, de festejar, de rezar, uma pedagogia viva e ativa, que está sendo gritada e cantada por nós nos palcos e nas giras dos territórios de saberes formais e informais.

Diante do compartilhar da minha trajetória pessoal, essa pesquisa se desenvolve afim de mergulhar com o suporte da Pretagogia, e abordagens afins, na trajetória de mulheres-negras educadoras, refletindo como elas se tornam PEDAGOPRETAS e como esse tornar-se transforma o seu fazer pedagógico e contribuem para uma Educação para as Relações Étnico-Raciais, mergulhando em seus saberes e fazeres podemos investigar que tipo de identidade profissional docente pode emergir a partir das experiências, escrevivências e referenciais teórico-metodológicos desenvolvidos por Mulheres-Negras-Educadoras, bem como de que maneira conceitos como a educação afrocentrada, a pretagogia e a escrevivência, aliadas as trajetórias de Mulheres-Negras-Educadoras, podem torná-las PEDAGOPRETAS.

A PEDAGOPRETA é uma proposta de aquilombamento, de olharmos com curiosidade e amor para o que temos produzido e construído, é um desejo de propagar e recriar estratégias de educar com base nos nossos saberes, potencialidades e caminhos percorridos, de dizer que nossos espaços, nossa cultura e nosso *àşę* é essencial para a construção de uma educação para as relações étnico-raciais, produzida dentro da realidade da diáspora afro brasileira, que nos acolhe como mulheres negras, que reconhece a potência e importância dos nossos saberes e ações para uma educação que verdadeiramente projete outros lugares para negras e negros na nossa sociedade e estabeleça recurso para intermediar as relações étnico raciais de maneira verdadeiramente comprometida com os povos africanos.

Esse aquilombamento parte do pressuposto do nosso potencial educativo, político e transformador, que aliado aos potenciais metodológicos da Pretagogia e da qualidade investigativa presente na escrevivência e em *dispositivos pretagógicos*¹⁰, puderam definir a construção dessa categoria, com base no encontro com outras mulheres e suas narrativas,

¹⁰ Dispositivos pretagógicos: Referem-se a estratégias, ferramentas ou abordagens utilizadas no contexto da Pretagogia

diante do que foi compartilhado e refletido aqui, essa pesquisa tem como objetivo *investigar como Mulherer-Negra-Educadora constrói a Identidade Profissional Pedagopreta, e como essa construção impacta na formação docente dessas mulheres e corrobora para a educação das relações étnico-raciais?*

Bem como: *Desenvolver o conceito e as características de PEDAGOPRETA colaborando para a construção de uma identidade profissional de mulheres-negras-educadoras; “Aquilombar” Mulheres-Negras-Educadoras em uma imersão formativa, com base no conceito e nas características da PEDAGOPRETA, tendo como referencial teórico metodológico a Pretagogia, a fim de saber até que ponto a PEDAGOPRETA pode ser denominada como um tipo de identidade profissional docente de mulheres-negras-educadoras; Desenvolver dispositivos pretagógicos a fim de conhecer experiências da trajetória de mulheres-negras-educadoras que as aproxima do conceito e das características da PEDAGOPRETA; Realizar ações a fim de reunir experiências pedagógicas presentes nos saberes docentes necessários às práticas educativas de questões raciais e étnicas de mulheres negras educadoras; Criar um dispositivo pretagógico para subsidiar a multiplicação da identidade profissional PEDAGOPRETA, assim como para corroborar com a implementação da Educação para as Relações Étnico Raciais.*

2. CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA: CONSTRUINDO UM QUILOMBO PRETAGÓGICO COM AS PEDAGOPRETAS

“Exu é o poema que enigmatiza a vida, o caos necessário a toda e qualquer invenção.”
(Luís Rufino)

Os caminhos, saberes e valores africanos presentes nos mais diversos espaços em que transitei, deram a possibilidade de me (re)construir enquanto educadora negra, contribuíram também para a elaboração de uma identidade profissional que considerasse minha história de vida e meus espaços de trânsito. Construíram em mim uma identidade docente que valoriza os saberes populares, a espiritualidade de matriz africana e a palavra poética. Foram vários os caminhos percorridos, cruzados, estudados e experienciados para a elaboração da PEDAGOPRETA enquanto uma categoria que surge como uma possibilidade de contribuir nos estudos e reflexões sobre a Pretagogia, a partir do olhar que se volta para a mulher-negra-educadora e cosmopercepção africana.

As *encruzilhadas* por sua vez, são os pontos de encontros desses caminhos, são espaços de potência onde *Esù* faz morada, são territórios de movimento, criação e expansão, ser PEDAGOPRETA epistemologicamente falando, é também se assumir como esse ponto de encontro, que agrega saberes, histórias, memórias, que as reconstrói e as modifica:

A noção de encruzilhada emerge como disponibilidade para novos rumos, poética, campo de possibilidades, prática de invenção e afirmação da vida, perspectiva transgressiva à escassez, ao desencantamento e monologização do mundo. A encruza emerge como potência que nos possibilita estripulias. Nesse sentido miremos a descolonização.” (RUFINO, 2019, p.13)

Tomada por essa estripulia pedagógica, e em busca desses novos rumos para pensar a educação e construção identitária de mulheres-negras-educadoras, fui fazendo parcerias teórico-metodológicas, buscando a palavra para além da academia e dos textos acadêmicos, indo ao encontro das minhas, ou porque não dizer, dos meus outros “eus”. A PEDAGOPRETA não é só uma pesquisa autobiográfica, mas é sobretudo o anúncio de uma encruzilhada de saberes, potencialmente presente nas mulheres-negras-educadoras dos mais diversos espaços e que percorrem os mais diversos caminhos, seja na sala de aula, nos terreiros, no maracatu ou na sua própria comunidade.

A estrada da pesquisa tem muitos caminhos, estou numa encruzilhada-ramificação e os caminhos são desenhados por pegadas. Muitos outros transitaram nos caminhos-pesquisas, marcando trajetórias, elaborando e reelaborando as realidades. São pegadas exclamativas, interrogativas, epistemológicas, eu e meus “eus” queríamos também, compor esse desenho coletivo dos caminhos da pesquisa. (MEIJER, 2019, p.92)

A necessidade de conhecer outras narrativas e estratégias pedagógicas realizadas por mulheres negras me tomava, como uma busca por outras “eus”, outras “nós”: “Nossa prática educativa influencia e é influenciada por outras aproximações, posto que não estamos sós no mundo. Inclusive, essa ideia faz parte do princípio de circularidade da pret@gogia. É um desejo de viver em comunidade.” (MEIJER, 2019, p.83). A Pretagogia surgiu, para mim, como possibilidade teórico-metodológica para essa aproximação, uma pesquisa pretagógica, que assume a mulher-negra-educadora como protagonista de seu fazer docente, e de uma pedagogia que transborda a nossa existência.

A metodologia apresentada neste trabalho, parte de dispositivos inspirados na Pretagogia, a partir da escrita e de histórias de vida de mulheres negras e seus entrelaçamentos com a Educação para as Relações Etnico Raciais, se utiliza da *Escrevivência* como método de investigação e categoria de análise e produção de conhecimento na Pedagogia, em particular,

no campo da Educação para as Relações Étnico-Raciais. A *Escrevivência*, aliada ao potencial metodológico de pertencimento afro oferecido pela Pretagogia, em meio a diversos recursos metodológicos de escrita, viabiliza narrativas que dizem respeito à experiência coletiva de mulheres, nos permitindo mergulhar nas práticas e memórias individuais e sociais desempenhadas pelas mesmas.

A partir desses suportes metodológicos podemos nos enxergar enquanto sujeitas ativas que recontam, contam e constroem não só nossas histórias, mas a história dos nossos ancestrais. A noção de *Escrevivência*, cunhada por Conceição Evaristo, foi uma grande aliada nesse processo de identificar e buscar o que seria “minha comunidade”, ela permite que nossas experiências pessoais sejam olhadas com afeto e valorização. Podemos, a partir da *escrevivência*, nos apoderar das nossas memórias e histórias como ponto de partida para elaborações sobre a história e os rumos dela, nossas memórias e experiências não só constroem e contam quem somos individualmente, mas também reconstroem no tempo presente o passado das nossas ancestrais.

Entendendo que nossas subjetividades são parte dessa narrativa e podem colaborar com a reconstrução dos marcos históricos que deslocaram o protagonismo das pessoas negras para as periferias da história nacional e por consequência, de nossos conteúdos e processos educativos formais, adotamos a *Escrevivência* como narrativa de análise nos estudos e elaborações que permeiam essa pesquisa.

A poética de uma memória recriada, reinventada e que busca refazer o caminho de volta à África, reencontrar os primeiros africanos chegados no Brasil, construir heróis segundo outro entendimento da história e resgatar da tradição negro-africana um repertório de signos próprios para a sua poética. (EVARISTO, 2008, p. 02)

A Pretagogia apresenta-se como essa poética própria, construída e narrada a partir dos saberes e tradições africanos e da diáspora, dessa maneira o encontro dessas duas categorias potencializa e expandem a capacidade de análise e de criação poética, epistêmica e pedagógica. Entendo a Pretagogia como uma possibilidade de construir uma pedagogia pautada em referenciais negros, que emerge da prática de nós educadoras e educadores afro diaspóricos e valoriza as nossas *escrevivências*:

Os professores estão resolvendo coisas, tomando decisões. Por isso é tão interessante estudar o professor em ação. Lá, na prática, acontecem uma série de ações que exigem decisões imediatas, mas exigem também ações premeditadas. É uma profissão muito complexa, a partir da qual é possível fazer muitos movimentos pedagógicos interessantes. (MEIJER, 2019, p.78)

Nessa afirmativa da professora doutora Rebeca Meijer, identificamos a importância de conhecer a ação pedagógica que as mulheres-negras-educadoras estão adotando em sala de aula e valorizar as nossas próprias experiências de convívio e protagonismo, a partir dessas ações, escritórias e estratégias podemos elaborar metodologias que possam colaborar para uma educação comprometida verdadeiramente com a história, cultura e lutas da população negra.

A construção da pesquisa e a análise de toda a bibliografia utilizada será de caráter qualitativo. Para refletir e problematizar a construção de uma identidade profissional docente ancorada na Pretagogia, bem como as questões referentes à implementação das leis e diretrizes e construção de novos paradigmas teórico-metodológicos. Utilizamos a pesquisa documental e análise bibliográfica sobre a temática, a fim de abordar também a importância e necessidade dessas práticas e estudos para a educação brasileira. A escolha do método qualitativo foi feita, pois a qualidade de aprofundamento e sentido da pesquisa se dá de maneira mais expressiva e ampla com a utilização desse método, aliada ao conceito de escritória, colabora na (re)construção de histórias e saberes baseado na prática dessas mulheres em sala de aula e na sua ação política.

Assumimos assim uma pesquisa Pretagógica, tendo a escritória como uma das narrativas de análise e que teve a sociopoética como aliada para a sua construção metodológica:

A sociopoética contribui de forma determinante e afetiva na construção de saberes novos sobre o tema em questão. Acerca de sua concepção diferente de fazer pesquisa, destaca Fleury: “a Sociopoética propõe um processo grupal de produção de conhecimento em que todos os integrantes se constituem enquanto co-pesquisadores”. Eles são pessoas do grupo-alvo da pesquisa que foram convidados a compor o grupo de pesquisa acerca do tema gerador negociado. (MEIJER, 2019, p.100)

Assumindo essa perspectiva metodológica influenciada pela sociopoética, a Pretagogia se firma com o diferencial de pertencimento étnico e racial, trazendo para o esteio da sua abordagem a cosmopercepção africana. Dessa maneira a Pretagogia propõe processos grupais de conhecimento, que aqui ocorreram a partir de uma formação “*de/ pôr e para*” Mulheres Negras Educadoras. Atravessadas por caminhos pedagógicos, políticos, sociais e/ou espirituais que influenciam suas práticas. A partir da construção de um *quilombo pretagógico* e de dispositivos que privilegiam o lugar da afetividade e da cosmopercepção africana, essas mulheres serão formadas Pedagopretas.

Essa pesquisa Pretagógica valoriza as vivências, experiências e conflitos ao invés de se preocupar com a elaboração precoce de hipóteses. Conflituosa é também a experiência de trazer as narrativas, ações e estratégias pedagógicas de mulheres negras para a centralidade dos debates sobre educação. Nessa perspectiva, essa pesquisa se estrutura em um campo onde *aquilombamos* Mulheres-Negras-Educadoras em uma Imersão Formativa. Essa Imersão ocorreu durante seis encontros, sendo três deles de maneira online e três presenciais, onde em um final de semana os encontros aconteceram de forma imersiva, do horário da manhã até o final da tarde. Essa Imersão Formativa fez parte de um projeto de extensão coordenado pela Professora Rebeca Meijer e contou com a parceria de alguns articuladores sociais, culturais e políticos da cidade do Natal.

Nosso grupo total foi composto por dezesseis (16) Mulheres Negras Educadoras do estado do RN, sendo que nem todas estiveram presentes em todas as atividades, nos conferindo assim um grupo que variava de número a cada dia de atividade. Foram inscritas professoras de diversos contextos educacionais, como a rede pública, privada, educação popular, de oficinas artísticas, dentre outros, que foram convocadas a partir de um chamada pública na internet (Blogs, sites, redes sociais, etc) e postada na página do instagram: @pedagogopreta, local destinado a compartilhar conteúdos referentes a pesquisa.

As inscrições foram realizadas via formulário google, onde as educadoras precisam preencher um questionário com algumas questões sobre seu perfil sócio-cultural e econômico, bem como sua formação, afirmação identitária e motivos que as levaram a se interessar pela pesquisa. Para a realização dessa formação, foi proposta uma parceria entre a Secretaria Municipal de Educação, Secretaria Municipal de Igualdade Racial Direitos Humanos e Pessoas Idosas, Coordenadoria Estadual de Políticas de Promoção a Igualdade Racial e Maracatu Nação Zamberacatu. Um grupo formado por educadoras que identificam na sua ação pedagógica uma preocupação e compromisso com a educação para as relações étnico-raciais e que buscam construir uma identidade profissional docente que parte da valorização da ancestralidade africana e das suas próprias histórias de vida e escrituras.

A proposta girou em torno de uma formação que tem como objetivo “tornar”/ “transformar” essas Mulheres-Negras-Educadoras em PEDAGOPRETAS, a partir da aproximação com suas histórias de vida, suas ações e reflexões, sob um olhar que privilegia a sua negritude, ou seja, a Cosmopercepção Africana como referencial suleador da nossa experiência.

Os encontros presenciais ocorreram durante um final de semana, das 09h às 17h, a alimentação foi cedida pela formação através das entidades parceiras, o que nos proporcionou de fato uma imersão e a construção de um espaço de intimidade, valorizando nossos saberes ancestrais de respeito e amor ao nosso corpo e o que oferecemos a ele, foram momento para encontrar, trocar, nutrir-se! daquelas pessoas, daquelas comidas e de nós mesmas. Reunir a comunidade e nutrí-la faz parte dos nossos valores ancestrais.

Desenvolvemos e utilizamos dispositivos didáticos pretagógicos que privilegiam a afetividade, a escuta ativa, a apreciação artística e até mesmo o descanso e o silêncio, buscando esquecer do mundo de fora, e como costumam dizer as professoras teóricas da Pretagogia, “atravessar a porteira de dentro”, as educadoras foram estimuladas a partir de sua ancestralidade afrodiaspórica, que proporcionaram reflexões sobre suas histórias de vida, o encontro com suas africanidades, os percursos e percalços dos caminhos, e as gingas, movimento de esquiva/preparação para ação, golpe, modo de “se sair”, ou seja olhar para o que tem feito e valorizar o que está sendo produzido, ao passo que potencializa e nutre a possibilidade de expandir a ação pedagógica.

Meu interesse em aquilombar Mulheres Negras em um processo formativo e afetivo surgiu no ano de 2019 na cidade do Natal/RN, quando fui uma das homenageadas na cerimônia “A resistência das mulheres negras”, proposta pela vereadora Divaneide Basílio na Câmara Municipal. Nesse dia, mais 29 mulheres foram homenageadas pela contribuição no enfrentamento ao racismo na cidade e pelo conjunto de iniciativas que desenvolvem por uma sociedade mais igualitária. Foi surpreendente perceber que boa parte dessas mulheres também eram educadoras da rede básica de ensino.

Esses caminhos me levaram a ampliar a dimensão da potência existente em nós mulheres-negras-educadoras e de como usamos nosso espaço de poder e território de trabalho para potencializar nossa negritude, fortalecer nossa ancestralidade e mediar as relações que se estabelecem na escola. Assim surgiu uma grande curiosidade em torno de conhecer o fazer pedagógico dessas e de outras mulheres negras e de desenvolver dispositivos que possam contribuir para a formação de uma identidade profissional docente e para a educação das relações étnico-raciais.

Sinto que é importante pontuar que não se trata apenas de constatar esse “potencial PEDAGOPRETA” nas mulheres e descrever suas práticas, mas partir dessa potencialidade e dessas práticas para elaborar novas estratégias e recursos, nesse sentido, as PEDAGOPRETAS fazem um movimento de reflexão-ação, provocando novas possibilidades a partir do encontro com os dispositivos teóricos e didáticos que vamos utilizar, essa

reinvenção de estratégias serão também recursos didáticos e metodológicos para a produção do produto educacional resultante dessa pesquisa.

Dessa maneira é importante ressaltar que utilizamos dos saberes e valores da cosmopercepção africana para despertar nessas mulheres as PEDAGOPRETAS que são, motivando-as a olhar para suas histórias e trajetórias, valorizando suas experiências e estratégias, compondo uma encruzilhada de saberes, vidas, docências, ativismos, espiritualidade e tudo que compõe a nossa subjetividade. Esse tornar-se PEDAGOPRETA ocorreu através da mobilização de dispositivos pretagógicos que valorizam a escrevivência, a espiritualidade e as trajetórias das co-pesquisadoras, que contam com a arte do encontro, do inesperado, do despertar das emoções, da oralidade e das narrativas diversas.

Os encontros foram permeados por diversas vivências e dispositivos didáticos e metodológicos, propostas que valorizam a corporeidade, o movimento, brincadeiras e memórias da infância compõem os espaços de imersão que vamos adentrar, os instrumentos percussivos, a cultura popular africana, as comidas, os objetos, pessoas e histórias que conhecemos: “Na perspectiva da Pretagogia, falar da aprendizagem é falar de um corpo integrado, ou seja, de um corpo inteiro que pensa e sente [...] Significa dizer que a produção de saberes se efetiva por meio do corpo.” (SILVA, 2019, p.105, 106)

Uma proposta ousada, de mergulho na Pretagogia e no que ela pode nos oferecer no âmbito das pesquisas sobre identidade profissional docente, se volta para a figura da Mulher Negra, que ocupa diversos lugares de protagonismo e de ações, que retoma a sua característica ancestral de liderança e de centralidade, que rompe com o silêncio e se apodera da própria história, transformando-a em tecnologia para o empreendimento de novos recursos didáticos, teóricos e metodológicos, apesar de ainda atravessadas pelo silêncio, essa experiência me faz acreditar cada vez mais na força mobilizadora e criativa das mulheres negras.

2.1. OS MOVIMENTOS DE “AGÔ”/LICENÇA: A PREPARAÇÃO PARA OS ENCONTROS E A PROPOSTA IMERSIVA

Foram muitos os caminhos que me trouxeram a construção da identidade PEDAGOPRETA, várias encruzilhadas de saberes me levaram a essa construção identitária e profissional, a partir dela possibilidades pedagógicas foram acessadas através das sabedorias ancestrais africanas e afro brasileiras, presentes em diversos espaços e vivências. Minha didática se atravessava dos saberes dessa ancestralidade, tudo fazia mais sentido, trocar a

partir de quem sou, poder ser a mulher negra que eu era, sendo educadora, fortalecia a minha ação e me mobilizou ao encontro de outras.

Assim eu sentia também as outras educadoras negras que passei a acessar e conhecer, seja no movimento social, nas leituras acadêmicas, nas manifestações culturais e religiosas, quando permitimos e mobilizamos estratégias para que a mulher negra que somos, atravesse a nossa profissão, fortalecemos uma identidade ativa, criativa, que impacta diretamente na educação através da nossas práticas pedagógicas.

Porém, nem todas temos oportunidades de cruzar com esses saberes em nossas trajetórias individuais e em muitos momentos é na troca com as outras mulheres negras que identificamos as nossas próprias potencialidades e trajetórias: *“As negras e os negros em movimento transformam aquilo que é produzido como não existência em presença, na sua ação política.”* (GOMES, 2017, p.78). Sendo assim, eu como ativista, artista, liderança cultural na minha cidade, sentia que podia fazer algo, produzir existências e possibilitar os espaços de saberes que eu tinha acesso a outras educadoras, e aprender com as experiências e lugares que vinham com elas.

Por isso era necessário não só entrevistar essas mulheres individualmente, queríamos mais, precisávamos aquilombar mulheres negras educadoras, para a partir da construção dessa comunidade, criar uma agência e acionar dispositivos que mobilizassem a identidade profissional delas. Era necessário um espaço de escuta afetiva, de encruzilhadas de saberes e de formação, para nutrir o ser mulher, o ser negra e o ser educadora que habita em cada uma. A PRETAGOGIA nos oferecia vários caminhos: o corpo, a espiritualidade, a oralidade, a cultura, a história. Através das minhas experiências e do suporte teórico e metodológico da PRETAGOGIA, construímos uma Imersão Formativa de/por/e para Mulheres-Negras-Educadoras.

Mas porquê Imersão? Me peguei pensando nisso... *“Imersão Formativa”*... Primeiramente quero falar sobre a formação, um dos fundamentos da PRETAGOGIA. Nossa epistemologia-mãe surge no contexto da formação docente e se expande para diversos contextos educacionais. Estávamos reunindo experiências, mas sobretudo estávamos nos propondo a executar e desenvolver dispositivos didáticos que contribuíssem não só para a formação identitária étnico-racial, mas também para a formação profissional docente daquelas mulheres.

Para desenvolver a minha identidade PEDAGOPRETA eu precisei imergir em mim, revisitar a minha trajetória pessoal e me nutrir de saberes, esses, são compartilhados pela coletividade, vivenciados em comunidade, para isso é preciso uma construção afetiva, uma

relação ancestral, tínhamos pouco tempo e minha experiência em movimentos de mulheres me fazia saber que seria intenso, pois sempre que reunimos mulheres negras temos demandas longas, antigas e profundas para partilhar.

Imergir para nós além desse mergulho em si, enquanto mulher-negra-educadora, também significava se desprender do externo, viver intensamente o momento formativo, construir um espaço de intimidade, uma comunidade: “*A comunidade nos fornece senso de pertencimento, a sensação de termos casa. Casa não é prédio, e sim um lugar que nos é reservado no coração das pessoas. O acolhimento da comunidade é fundamental e gera êxtase.*” (PETIT, 2018. p.122).

Assim surgiu a “IMERSÃO FORMATIVA PEDAGOPRETA: PRETAGOGIA E ANCESTRALIDADE NA FORMAÇÃO DE EDUCADORAS E NA CONSTRUÇÃO E AFIRMAÇÃO DE UMA IDENTIDADE PROFISSIONAL”, tendo como esteio o referencial teórico-metodológico da PRETAGOGIA e abordagens afins, com o propósito de contribuir para a formação de educadores a partir da construção de uma identidade profissional docente e para a educação para as relações étnico raciais.

Como o fator da distância é um fato relevante na nossa pesquisa, pois apesar de ser de Natal e desenvolver a pesquisa lá, estou morando em Fortaleza, e como não estávamos partindo de um grupo pré-definido, mas que seria selecionado no processo, organizamos, eu e a professora Rebeca, um Plano de *pescurso*¹¹, estruturando a nossa pesquisa/curso, em dois momentos: O primeiro momento a distância, através de recursos online, síncronos e assíncronos e um segundo momento presencial, que contemplava encontros direcionados tanto exclusivamente para as cursistas, como também para o público externo.

Antes de anunciar a Imersão Formativa nós já tínhamos elaborado o planejamento da formação, bem como o cronograma das atividades e plano das oficinas que seriam desenvolvidas. Além dos planejamentos pedagógicos, também foi necessária uma articulação política e social para o desenvolvimento da Imersão. Precisávamos garantir espaços, alimentação, transporte e todos os recursos necessários para que as educadoras pudessem desfrutar deste momento formativo.

Dentre as parcerias feitas pudemos contar com a Secretaria de Igualdade Racial e dos Direitos Humanos da cidade do Natal-SEMIDH, que garantiu a alimentação das pedagopretas nos dias de imersão presencial, bem como o traslado no dia do passeio ao terreiro. A Coordenadoria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial-COEPPIR, que nos reservou o

¹¹ *Pescurso*: Em Sociopoética, nomeia-se este momento em que se une a pesquisa a um curso como *pescurso*.

auditório da Escola de Governo, aparelho público onde aconteceu a abertura presencial da Imersão Formativa. A COEPPIR, articulou também a participação de cinco educadoras quilombolas do interior do estado na Imersão.

As parcerias se estenderam também para o movimento cultural e religioso, o Maracatu Nação Zamberacatu, disponibilizou o espaço de sua sede para as oficinas presenciais, e seus respectivos rei, Babalorixá Jorge Freire, e rainha, Iyá Maria Lázaro de Oyá estiveram presentes compartilhando seus saberes e espaços. O Ilê Asè Afinká, Terreiro da Prata, liderado pelo respectivo babalorixá e rei do maracatu, recebeu as PEDAGOPRETAS para uma aula de campo e café da manhã com os mais velhos.

O movimento artístico e educacional também esteve representado através da participação de artistas, ativistas e educadoras na programação presencial da Imersão Formativa. Estiveram presentes conosco, no primeiro dia de atividades presenciais, a poeta Adaayo (Gaby Varela), o dançarino e professor Kamal Firmino, e as professoras: Ielândia Jacinto¹², Maiara Juliana¹³ e Lucélia¹⁴ Feliciano, que compuseram a mesa de abertura da imersão.

¹² Ielandia Jacinto: Francisca Ielandia Jacinto de Oliveira. Mulher preta, afroindígena, cristã, nordestina, potiguar, quilombola, mãe de três e avó de dois. Filha de Dadá e Caboco, neta materna de José Jacinto e Filomena Delmira, neta Paterna de Caboco e Antonia, bisneta de Benedita, mulher que andava com pés descalço e mãe Cristina parteira que realizou o parto de uma das mulheres do bando Lampião. Professora da educação básica da rede pública municipal de Pau dos Ferros e da rede estadual do RN. (Mini Bio enviada pela professora)

¹³ Maiara Juliana Gonçalves: Maiara Juliana Gonçalves da Silva. Licenciada e bacharel em História pela UFRN. Especialista em História e cultura afro-brasileira e indígena pela UERN. Mestre em História pelo PPGH/UFRN e, atualmente, aluna do doutorado no Programa de Pós-graduação em História pela mesma instituição. É autora da dissertação premiada "Em cada esquina um poeta, em cada rua um jornal: a vida intelectual natalense (1889-1930)", publicada no formato de livro físico e e-book em 2022. Desenvolve pesquisas nas áreas de: História das mulheres, gênero, epistemologias feministas negras e questões étnico-raciais. Por fim, Maiara é professora de História do campus Escola Agrícola de Jundiá/UFRN

VEM AÍ...

Imersão Formativa Pedagoga Preta

Pretagogia e Ancestralidade na Formação de Educadoras e na Construção e Afirmação de uma Identidade Profissional

INSCRIÇÕES DE 10/06 A 30/06/2023

Público-alvo
Mulheres-Negras-Educadoras

Formação Gratuita
50% DAS VAGAS RESERVADAS A PROFESSORAS DO MUNICÍPIO DO NATAL

Certificada pela Universidade Internacional da Lusofonia Afrobrasileira (UNILAB)

MAIORES INFORMAÇÕES ATRAVÉS DO LINK:
[HTTPS://FORMS.GLE/RFINRGCMY2PRUAW9](https://forms.gle/rf1nrgcmY2prtUAW9)

@PEDAGOPRETA

UNILAB INSTITUTO FEDERAL Ceará PPGEF PREFEITURA DO NATAL SEMEDH

Figura 01: Cartaz de divulgação da Imersão Formativa.

Outra estratégia adotada com a colaboração das redes sociais, é que a partir de postagens públicas compartilhamos um pouco dos objetivos da Imersão Formativa, bem como apresentamos inicialmente as professoras responsáveis pela formação, com o intuito de já fazer as primeiras aproximações, mas também pretendendo fazer com que aquelas que buscassem essa Imersão Formativa já chegassem conhecendo um pouco da proposta. Toda a comunicação e divulgação foi compartilhada a partir do instagram da pesquisa, e repostadas e divulgadas pelas pessoas e entidades parceiras em suas redes sociais.

Imersão Formativa Pedagoga Preta

Pretagogia e Ancestralidade na Formação de Educadoras e na Construção e Afirmação de uma Identidade Profissional

CONHEÇA NOSSAS FORMADORAS:

Profa. Dra. Rebeca Meijer (UNILAB) (Orientadora)

Profa. Esp. Marília Farias-Iyalá (Pesquisadora)

INSCRIÇÕES E MAIORES INFORMAÇÕES ATRAVÉS DO LINK:
[HTTPS://FORMS.GLE/RFINRGCMY2PRUAW9](https://forms.gle/rf1nrgcmY2prtUAW9)

@PEDAGOPRETA

UNILAB INSTITUTO FEDERAL Ceará PPGEF PREFEITURA DO NATAL SEMEDH

Imersão Formativa Pedagoga Preta

Pretagogia e Ancestralidade na Formação de Educadoras e na Construção e Afirmação de uma Identidade Profissional

Profa. Dra. Rebeca Meijer (UNILAB) (Orientadora)

Doutora e mestra em Educação (UFC). Professora Associada da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Professora do Programa de Pós-Graduação em Ensino e Formação Docente Unilab-Ifce. Pesquisa prioritariamente a área da teoria e prática do ensino na educação básica e no ensino superior e Educação para as Relações Étnico-raciais. Idealizadora da didática afrocentrada, e dos saberes docentes ancestrais e de humanização. Uma das fundadoras do aporte teórico-metodológico da PRETAGOGIA.

INSCRIÇÕES E MAIORES INFORMAÇÕES ATRAVÉS DO LINK:
[HTTPS://FORMS.GLE/RFINRGCMY2PRUAW9](https://forms.gle/rf1nrgcmY2prtUAW9)

@PEDAGOPRETA

UNILAB INSTITUTO FEDERAL Ceará PPGEF PREFEITURA DO NATAL SEMEDH



Figuras 2, 3, 4 e 5: Folders de divulgação da Imersão Formativa

Além das articulações locais, é importante ressaltar que a Imersão Formativa Pedagogopreta, estava inserida oficialmente na agenda municipal, estadual e nacional do Julho das Pretas 2023, que é um mês importante dedicado à visibilidade e reflexões sobre as lutas das mulheres negras:

“Numa articulação internacional, as mulheres negras ativistas construíram politicamente o Dia da Mulher Afro-latino-americana e Afro-caribenha, dia 25 de Julho. No Brasil essa data ganhou uma amplitude institucional e passou a fazer parte do processo de reeducação do Estado Brasileiro em relação ao reconhecimento das lutas das mulheres negras.” (GOMES, 2017, p.77)

Essa amplitude institucional e nacional, levou a sanção da Lei 12.987/2014, que decreta o dia 25 de Julho como Dia Nacional da Mulher Negra e de Tereza de Benguela, importante liderança quilombola, do Quilombo do Piolho, Região que hoje compõe o estado do Mato Grosso. Aproveitando as articulações políticas e sociais, bem como o mês de Julho, a Imersão ganhou mais força, por acontecer dentro de uma agenda tão importante para as mulheres negras do Brasil e do mundo.

A importância de destacar e discutir questões relacionadas a educação, promovendo o reconhecimento das contribuições das mulheres negras nesse contexto, promove a sensibilização social sobre as desigualdades enfrentadas por essa parcela da população, bem como contribui pela busca por uma educação mais equitativa, contribuir com a construção política do Julho das Pretas nos possibilitou oferecer a essa agenda uma ação potente, que trazia para o protagonismo das discussões sobre a educação, o ativismo, práticas e saberes sistematizados por mulheres negras, fortalecendo ainda mais a ideia apresentada por Gomes

(2017) de que o movimento negro é um movimento educador, que se educa e reeduca através de suas necessidades e complexidades.

“O Movimento Negro ressignifica e politiza raça, compreendendo-a como construção social. Ele reeduca e emancipa a sociedade, a si próprio e ao Estado, produzindo novos conhecimentos e entendimentos sobre relações étnico-raciais e o racismo no Brasil, em conexão com a diáspora africana.” (GOMES, 2017, p.38)

Dentre as articulações feitas, compomos uma agenda nacional coletiva e propositiva, com organizações de mulheres negras de todo o Brasil. Esta agenda, articulada e elaborada pelo Instituto Odara¹⁵- Instituto da Mulher Negra, e divulgada através do site do instituto e de suas redes sociais, reúne as articulações e movimentos realizados por diversas mulheres em todo o território nacional.



Figura 06: Folders de divulgação

Após todo o planejamento e articulações necessárias, foram produzidos dois documentos que dariam suporte a continuidade das nossas ações, o primeiro foi o formulário de inscrição, divulgado através das redes sociais da PEDAGOPRETA, espaço que já foi minha rede pessoal, mas que passou a ser utilizado exclusivamente para compartilhar conteúdos referentes à pesquisa. O outro recurso foi a Carta Pretagógica¹⁶, estou denominando de *Carta Pretagógica* o documento enviado às cursistas que dava as boas vindas, apresentava alguns caminhos teóricos e metodológicos e trazia o cronograma das atividades, como toda a metodologia se deu a partir da PRETAGOGIA, nada mais justo do que essa carta pedagógica ser rebatizada, com um nome que a define melhor.

¹⁵ Site Instituto Odara: <https://institutoodara.org.br/>

¹⁶ Carta Pretagógica: Anexo1

É importante ressaltar que a Imersão Formativa Pedagopreta, também estava cadastrada como uma das ações de extensão da UNILAB, através do projeto: “Práticas Pedagógicas e Curriculares da Didática Afrocentrada na Pós-Graduação em Ensino e Formação Docente”, orientado pela professora Rebeca, onde participei como colaboradora. Esse Projeto de Extensão possibilitou a certificação das educadoras que participaram da Imersão, além de fortalecer as articulações entre universidade e sociedade, sendo mais uma parceria de extrema relevância para a nossa pesquisa.

3. CAMINHOS TEÓRICOS E QUILOMBOS EPISTÊMICOS

“Quando você não tem uma comunidade,
não é ouvido; não tem lugar em que possa ir
e sentir que realmente pertence a ele;
não tem pessoas para afirmar quem é
e ajudá-lo a expressar seus dons.”
(Sobonfu Somé)

As várias imersões em comunidades, territórios de saberes e relações com Mulheres Negras, bem como o aprofundamento nos estudos sobre Pretagogia, Educação para as Relações Étnico Raciais e Trajetórias Negras Docentes, me ofereceram diversas abordagens teóricas com as quais diálogo e as quais considero essenciais nesse processo de construção e afirmação da identidade PEDAGOPRETA, aqui apresento as implicações e projeções teóricas com as quais pretendo conduzir esses caminhos, os lugares que estarei privilegiando, os *quilombos epistêmicos* nos quais estarei transitando.

É importante destacar que aqui foram privilegiados referenciais teóricos metodológicos de matriz africana e afrobrasileira, na busca por construir um trabalho que apresente fontes enraizadas na cosmopercepção africana, uma forma de fortalecer e difundir a produção intelectual produzida através de povos africanos e afrobrasileiros e de trazer mais representatividade a produções negras, evitando visões eurocêntricas, a fim de promover uma perspectiva mais diversificada e inclusiva.

Durante muito tempo povos africanos e afro diaspóricos sofreram com o *epistemicídio*, ou seja, a marginalização e apagamento dos conhecimentos e perspectivas produzidos por determinados grupos culturais. Incorporar fontes diversas ajuda a combater o epistemicídio ao reconhecer e valorizar as contribuições produzidas por diferentes culturas,

dessa forma valorizamos aqui as aproximações teóricas de origem materna, ou seja, da mãe-áfrica, tendo como esteio metodológico a Pretagogia.

A partir desses caminhos, projeto a construção de uma categoria que se efetiva na troca, no contato, na partilha entre mulheres e educadoras negras. Esses caminhos anunciam de onde venho, que mares conceituais e teóricos tenho me proposto a navegar para a construção da PEDAGOPRETA, eles anunciam também minhas primeiras elaborações, reflexões e projeções teóricas, as quais resolvi organizar em três sessões ou *encruzilhadas*, são elas: “Cosmopercepção Africana, Pretagogia e Escrivivência: Saberes que fundamentam a Pedagopreta”; “Quilombos teórico-afetivos: Educadoras Negras, Militantes, Artistas e Iyalorixás, constróem a Identidade Pedagopreta!” e “Infância, Escola e Relações Raciais: Ifê Onã e Orí Onã, caminhos metodológicos da Pedagopreta”, Diante disso, resta-nos a palavra a ser dita, lapidada, refletida e dialogada.

3.1. COSMOPERCEPÇÃO AFRICANA, PRETAGOGIA E ESCRIVIVÊNCIA: SABERES QUE FUNDAMENTAM A PEDAGOPRETA

*A nossa pele reluz o brilho
Yêyêô!
O nosso orí abençoado segue o trilho
Trilho de Ogum, abrindo os caminhos
Que nos levam de volta
África ancestral
Destino-Origem
Quando eu falar de história
Não me venha com Cabral
Quero Dandara, Tereza de Benguela
Quero Carla Akotirene
Quero Carlos Mariguela.”
(Novas formas- Iyalê)*

Pensar em uma identidade docente que se estrutura através da experiência, prática e produção intelectual de mulheres negras é inevitavelmente entrar numa disputa de narrativa que vai de encontro ao que tem sido produzido e difundido hegemonicamente, quando nos propomos a conceber o conceito de ancestralidade a partir dos princípios e valores da cosmovisão africana, uma chave vira e uma porta se abre sobre a maneira como compreendemos a educação e as relações que se estabelecem nos nossos processos educativos, para isso é necessário olhar para as mulheres negras sem a disparidade de gênero

imposta pelo ocidente e se propor a um olhar que se volta para uma perspectiva pré colonial e potencializadora das nossas experiências.

Há que se descartar a ideia de que a história dos negros e negras se resume a períodos de subalternização por outros grupos culturais e raciais. Com efeito, em cerca de 8000 a.C. - a partir do início da revolução agrária do Neolítico -, as populações africanas se organizaram em complexas sociedades, nas quais a primazia na ordem social correspondia à mulher. (BONFIM, 2009, P.223)

Essa insistência em associar a imagem da população negra como escravizados, favorece a subalternização e violências impostas pela colonização europeia e distorce uma verdadeira história de desenvolvimento civilizatório dos povos africanos e de suas inter-relações históricas em outras sociedades, omitindo a importância das mulheres e das sociedades geridas dentro das tradições matrilineares: “A colonização foi, sobretudo, a conquista sobre as mulheres indígenas e negras nas américas: o controle do corpo delas pelos colonizadores significou o domínio de seu destino e, com isso, o controle do seu futuro e da posição de sua civilização.” (BONFIM, 2009, P.227).

A gente passa a entender a partir dessa perspectiva, e das nossas experiências como pessoas negras, que a ancestralidade é viva e está em movimento, conectada a nós por um fio condutor carregado de saberes, memórias e potencialidades, assim não faz sentido partir da subalternidade, racismos e violências, para se debater ancestralidade africana e relações raciais na educação, isso se dá porque essa concepção imposta esbarra em um limite que a branquitude¹⁷ insiste em não desapegar: a colonização.

Parece que a ancestralidade negra está fadada ou limitada aos processos violentos que sofremos em detrimento da exploração das nossas terras e escravização do nosso povo, é importante que nós, educadores negres, façamos o constante exercício de saber que a nossa história é pré-colonial, é berço civilizatório! E que ancestralidade, não é um conceito estático localizado no tempo passado ou “no meu bisavô”, mas é força presente em nós, nos nossos corpos, nas nossas memórias, no tempo presente, precisamos ser educadas para acessar essa essência ancestral e termos consciência dela, não é sobre resistir e sobreviver nessa sociedade projetada para nos matar, precisamos ser educadas para reconstruir e fertilizar!

E para isso precisamos nos libertar de um imaginário colonizador, quando adequamos a centralidade do debate para as nossas potências e riquezas todo o percurso muda e todos na sala de aula, na comunidade, na família, no quilombo, no terreiro ganham. Quando partimos

¹⁷ Branquitude: Racialidade branca construída sócio-historicamente como uma ficção de superioridade, que produz e legitima a violência racial contra grupos sociais não-brancos e beneficia os brancos dando a eles privilégios materiais e simbólicos.

dos referenciais positivos acerca da negritude para discutir educação e ancestralidade, conseguimos projetar uma sociedade que está além dos limites do que a colonização nos reservou, por isso a abordagem da afrocentricidade se torna extremamente importante para estudos que envolvam mulheres negras e educação, pois estabelece uma narrativa que parte das nossas potencialidades, nos libertando de uma história única que nos foi contada e forçadamente reproduzida.

A escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adiche em seu livro “O perigo de uma história única” nos alerta sobre a importância de diversificar as fontes de conhecimento e de não nos atermos as “narrativas únicas” que estão contando os fatos, isso se dá porque as narrativas que estão dadas foram construídas ao longo do tempo para sobrepor discursos e silenciar povos em prol da exploração de seus corpos, culturas, riquezas naturais e territórios.

É impossível falar sobre a história única sem falar sobre poder. Existe uma palavra em igbo na qual sempre penso quando considero as estruturas de poder do mundo: *nkali*. É um substantivo que, em tradução livre, quer dizer “ser maior do que o outro”. Assim como o mundo econômico e político, as histórias também são definidas pelo princípio de *nkali*: como elas são contadas, quem as conta, quando são contadas e quantas são contadas depende muito de poder. O poder é a habilidade não apenas de contar a história de outra pessoa, mas de fazer que ela seja sua história definitiva. (ADICHE, 2019, p. 22-23)

Disputar narrativas e apresentar vozes que até então permanecem sendo silenciadas é uma ação política e social capaz de refazer nossa história e memória e de produzir perspectivas futuras em que nossos saberes e potências ganhem espaços de protagonismo, é urgente que as narrativas educacionais sejam apropriadas pelas mulheres negras para que possamos romper com os estereótipos que circundam nossa potencialidade intelectual e nossa capacidade de transformação social: “A história única cria estereótipos e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos. eles fazem com que uma história seja uma única história.” (ADICHE, 2019. p.26)

Romper com o silêncio é portanto ação política, movimento contra hegemônico de disputa pelas nossas histórias e por saberes que nos levam a emancipação, por muito tempo, nós população negra, tivemos que lidar com nossa história sendo contada pela perspectiva do colonizador, isso além de estruturar um silenciamento de vozes e epistemologias negras, também proporcionou um apagamento na memória social e coletiva das comunidades africanas e demais territórios da diáspora, por isso consideramos importante e necessário que a escrita e vozes das mulheres estejam sendo narradas nos mais diversos espaços.

A escritora brasileira Conceição Evaristo, nos apresenta o conceito de *Escrevivência*

como forma de romper com o silêncio imposto as mulheres negras, para ela: “Investindo contra várias formas de silenciamento, as mulheres negras continuam buscando se fazerem ouvir na sociedade brasileira, conservadora de um imaginário contra o negro.” (EVARISTO, 2015, P. 05), imaginário esse que precisa ser rompido através da nossa posição de protagonismo a frente de nossas histórias, considerando essa afirmativa podemos observar o quanto a escrevivência das educadoras negras possui um grande potencial na reconstrução da nossa história e do nosso fazer pedagógico.

Ainda tomada pelas *escrevivências* da professora Evaristo e refletindo sobre minha trajetória pessoal, começo a entender o porque da minha dificuldade em falar/escrever sobre as minhas ações e o meu modo de pensar enquanto mulher negra educadora, encontro nas palavras da escritora o quanto nós mulheres negras fomos duramente silenciadas e propositalmente apagadas da história brasileira, porém, deparo-me também com a nossa *ginga*¹⁸, as nossas estratégias e a nossa capacidade de (re)existir, e vejo que lançar nossas ideias e palavras ao mundo, a partir de uma perspectiva de valorização da nossa ascendência africana, é *ginga!* A África como centro, força matriz e fonte da nossa história e memória.

Em seu texto "Dos sorrisos, dos silêncios e das falas" Evaristo aponta como o sorriso foi usado como arma/escudo/medicamento para o nosso apagamento histórico e social, destacando que o sorriso não é apenas uma emoção e utilizando-se das palavras de Dorinda Hafner¹⁹ quando diz que "*O sorriso é uma arma secreta guardada no mais profundo dela, um lugar pessoal e inalcançável.*", o sorriso das mulheres negras na verdade apresenta-se como uma forma de sobrevivência, dentre as várias estratégias de curar as feridas e acabar com as dores, as mulheres negras deram origem ou foram base para muitas tradições e manifestações artísticas como o blues e o samba, essas mulheres criaram seus próprios suportes psicológicos para garantir o equilíbrio e sobrevivência de suas famílias, Conceição Evaristo revive em suas palavras a existência de Tia Ciata, matriarca do samba, grande Iyagbá que fez da Praça Onze um grande reduto africano no Rio de Janeiro.

Nos faz perceber que esse sorriso, manifestado em diversos tipos de expressões, como a música, a culinária, as danças, o maracatu... São na verdade táticas de se mover e de garantir a permanência do que podemos chamar de nossa africanidade, nos faz perceber que essa tática, nada mais é do que a nossa *ginga*: "*atos negaceiros de um corpo, que parece se ausentar e que retoma inesperadamente ferindo o espaço do outro*", *ginga* essa que se

¹⁸ Ginga: Movimento corporal de esquiva-ataque que o capoeira executa.

¹⁹ Dorinda: Hafner é uma autora, atriz, dançarina, coreógrafa, oradora, escritora e chef de televisão australiana nascida em Gana. Ela também é oculista e enfermeira registrada

apresenta tanto de forma coletiva, quanto individual como forma de enfrentamento a esse sistema que soma opressões de gênero, de raça e de classe.

A história da escravidão no Brasil é enfeitada por vários relatos em que as africanas e suas descendentes tornadas escravas conseguiam suas alforrias e a de seus filhos, devido ao "poder" exercido sobre o seu senhor. O corpo, em tais circunstâncias, aparece transformado em instrumento de negociação. A partir de dentro da casa-grande, da cozinha, do quarto, lugares íntimos do poder patriarcal, as mulheres escravizadas acabavam sendo grandes mentoras de liberdade para si próprias e para os seus. (EVARISTO, 2009, p.7)

É importante perceber que a violência sofrida pelas mulheres negras e seus corpos, bem como o lugar em que fomos colocadas dentro da nossa linguística e literatura, reafirma uma violência de raça e de gênero contra as mulheres africanas e suas descendentes e elabora uma falta de representação das mulheres negras na formação da nossa cultura, *"a mulher negra não surge representada como mãe, musa ou heroína"* tanto a história, quanto a literatura, perpetuam um apagamento da nossa matriz africana na sociedade brasileira: "Observa-se que silêncios e silenciamentos pontuam vários momentos da trajetória das mulheres negras. Há que se estudar a qualidade dessa não-voz, dessa não-fala, desse não-grito escolhido ou imposto." (EVARISTO, 2009, p.9)

O silêncio ou silenciamento da mulher negra surge em nossa história e memória como uma ação, e se hoje estamos rompendo esse silêncio é porque um grito vem sendo plantado e cultivado pelas nossas ancestrais, que nos permite falar para além das amarras sociais: "Quem aprendeu a sorrir e a cantar na dor, sabe cozinhar as palavras, pacientemente na boca e soltá-las como lâminas de fogo, na direção e no momento exato." (EVARISTO, 2009, p.10). Por isso reafirmo a importância da nossa escrita, que é movimento, é força motriz, é *àçê*. A mulher negra precisa ocupar a frente das narrativas e nossas experiências são carregadas de saberes e valores, nossa *ginga* pedagógica precisa adentrar os mais diversos espaços.

Apesar da falta de representação positiva da mulher negra na nossa literatura, o que contribuiu e contribui para a formação de um imaginário pejorativo sobre a nossa história e influência na formação da nossa cultura, a mulher negra vem produzindo suas formas de sobrevivência, escritoras negras constroem a sua auto-representação, que parte da sua fala, da sua vivência e do seu olhar para aquelas que vieram antes, perpetuando-se também pelas gerações futuras como táticas de resistência e sobrevivência, em "Gênero e Etnia: uma escre(vivêcia) de dupla face", a autora aponta para a ação das escritoras negras e sua importância nesse movimento de recriar suas representações na história e na literatura brasileira:

As escritoras negras buscam inscrever no corpus literário brasileiro imagens de uma

auto-representação. Surge a fala de um corpo que não é apenas *descrito*, mas antes de tudo *vivido*. a escre (vivência) das mulheres negras explicita as aventuras e as desventuras de quem conhece uma dupla condição, que a sociedade teima em querer inferiorizada, mulher e negra. (EVARISTO, 2005, p.6)

A *Escrevivência* de Conceição Evaristo me levou a compreender que nossas experiências pessoais também podem e devem estar presentes nas discussões e reflexões do nosso fazer acadêmico e pedagógico e que elas nos possibilitam romper com o silêncio que foi imposto ao longo dos séculos a nós, mulheres negras, com o passar do tempo, possibilitando um reencontro com a nossa educação e africanidades, a partir de nossas experiências, reflexões e práticas, reconstruindo assim as nossas estratégias educativas e trazendo perspectivas teórico-metodológicas afrocentradas para a nossa ação educativa, contribuindo para a construção de uma educação que honre a ancestralidade africana e seus saberes.

Os caminhos na busca por narrativas pedagógicas que apresentam um protagonismo negro e feminino sob os princípios e valores da cosmopercepção africana nos levam ao encontro da *Pretagogia*, referencial teórico e metodológico de base africana para a educação e formação de professores, fundamentada sob a teorização de mulheres negras, a Pretagogia se propõe a trazer os valores civilizatórios da cosmopercepção africana para a centralidade de processos educativos, agrega os valores da: ancestralidade, oralidade, territorialidade, circularidade, espiritualidade e corporeidade à formação docente e a prática educativa. Por meio dessa metodologia é possível construir uma educação afrocentrada que respeita nossas subjetividades e parte das nossas necessidades.

Apesar de ter, até agora, pouca referência, ela vem acontecendo há algum tempo e envolve um coletivo de pessoas, pesquisas, práticas pedagógicas, atividades e eventos. A Pretagogia, de acordo com Petit e Silva, “é um referencial teórico-metodológico criado para o ensino da História e da cultura africana e dos afro-descendentes.”. Seus fundamentos surgem a partir do trabalho de professores ativistas do movimento negro e intelectuais ligados direta ou indiretamente ao NACE, Núcleos de Estudos da Africanidades Cearenses, um NEAB (Núcleo de Estudos Afro-brasileiros) ligados a Faculdade de Educação da UFC. (MEIJER, 2019, p.80)

Pautada nos saberes e valores da cosmopercepção africana, ao mesmo tempo que olha para as nossas formas de educar, para as nossas estratégias de emancipação e descolonização do pensamento. A Pretagogia também funciona como ação política, por uma revolução educacional, assumindo um papel transformador: “Quando realiza intervenções pedagógicas

que visam contribuir deliberadamente para mudanças de posturas, com recursos direcionados para apropriação da cosmovisão africana.” (PETIT, 2015, p. 125)

Valorizando a subjetividade, a afetividade e os modos de ser e saber do continente africano, seus propósitos colaboram para a construção da Identidade Profissional Docente Pedagoga, quando reflete sobre a construção de uma identidade que parte da experiência e da escrita da mulher-negra-educadora, e contribui para a elaboração de processos didáticos e metodológicos relacionados à formação docente e a educação para as africanidades e relações étnico-raciais na educação:

Parte dos elementos da cosmovisão africana, porque considera que as particularidades das expressões afrodescendentes devem ser tratadas com bases conceituais e filosóficas de origem materna, ou seja, da Mãe África. Dessa forma, a Pretagogia se alimenta dos saberes, conceitos e conhecimentos, de matriz africana, o que significa dizer que se ampara em um modo particular de ser e de estar no mundo. Esse modo de ser é também um modo de conceber o cosmos, ou seja, uma cosmovisão africana. (PETIT, 2015, p. 120)

Uma educação para as nossas africanidades têm grande influência sob as relações e representações a respeito da ancestralidade negra e da história de África, surge como um compromisso com uma educação que rompe com padrões impostos durante séculos pelo colonialismo, para isso é preciso atentar para como essa abordagem estará inserida no contexto escolar, a fim de evitar a reprodução de estereótipos acerca da população negra e a folclorização da ascendência africana, que fortalece a reprodução de uma história única.

Nesse momento sinto a necessidade de retomar a minha história pessoal e meu processo de construção e afirmação da identidade negra paralelo a minha formação em pedagogia, como disse anteriormente a academia não me deu suporte teórico e metodológico para a construção da minha identidade e prática pedagógica como educadora negra, nem sequer tive uma disciplina que tratasse da história da África ou de relações étnico-raciais na educação, foi o movimento social e cultural, bem como a religiosidade de matriz africana que me deram suporte para a construção de uma identidade profissional afrocentrada. Apenas na minha primeira vinda ao Ceará, após iniciar estudos nessa área (2019), me deparei com uma pedagogia pensada a partir de referenciais de base africana e que tinha mulheres negras no centro de sua produção.

Apesar de já estar dialogando com outros referenciais teóricos que me davam suporte para pensar a PEDAGOGA, somente a Pretagogia me fez sentir preenchida e acolhida em minhas subjetividades, era um encontro especial, aquela sensação de ter encontrado uma mais velha, uma Iyá, a Pretagogia se apresentava naquele momento como uma *epistemologia-mãe*.

Essa epistemologia legitimava e validava toda a minha trajetória e experiência pautadas nos valores e saberes ancestrais, compreendia o princípio de “*àşę*” como força vital e princípio da existência, entendia a força e importância de “*Esù*” nos movimentos e gingas pedagógicas que essa energia está sempre a explorar, e estava aberta a reinvenções, eu tinha encontrado um lugar de abrigo e sentia a necessidade de mergulhar e explorar mais.

A Pretagogia é, acima de tudo, um esforço científico para contribuir com as lutas do povo negro na construção de uma sociedade sem racismo. No entanto, tenho plena compreensão e humildade em dizer que se trata, de um aporte em construção, algo em permanente estado de maturação, uma vez que necessita ser lapidado e depurado. O que significa dizer, portanto, receptivo e necessitando de novas contribuições. Dessa forma a Pretagogia preconiza o princípio africano do receber e agregar, sempre acolhendo reflexões, críticas e análises de nossos colegas pesquisadores/as envergados sobre a aplicação da Lei nº 10.639/2003. (SILVA,2019, p.275)

Enfim, um referencial teórico-metodológico construído dentro da realidade sócio-histórica da diáspora afro brasileira, que surge no contexto da formação docente, mas se expande para os vários âmbitos educacionais, em especial no trato sobre educação para as relações étnico-raciais. A partir das reflexões e escrituras de mulheres negras, pautadas nos princípios e valorização da cosmopercepção africana e aberta a novas elaborações e possibilidades teóricas e metodológicas, o quilombo epistêmico da Pedagogopreta vem se formando e se fortalecendo, mostrando que a partir desses saberes as mulheres-negras-educadoras, constroem suas próprias elaborações pedagógicas:

Meu envolvimento com temas de interesse da população negra, meu *ser negra*, minha prática pedagógica voltada para a implementação da Lei 10.639/2003 e , em especial, esta pesquisa-formação sobre Cosmovisão Africana, tudo isso causa uma forma especial de ver a Didática e a Pedagogia, a prática educativa e o currículo. (MEIJER, 2019, p. 79)

É notório na fala da pesquisadora Rebeca Meijer, o quanto acessar o conhecimento oriundo da Cosmovisão Africana, bem como considerar nossa experiência enquanto mulher negra, transforma a nossa visão sobre a Pedagogia, a Didática e a educação como um todo, a pretagogia nos oferece ferramenta para considerarmos que nossos saberes estão em todos os espaços que resistiram a nossa diáspora, considera a corporeidade e a oralidade como princípios fundamentais para uma educação centrada na valorização da ascendência africana.

Inspirada nesses referenciais teóricos aqui citados torna-se indiscutível a importância de ouvir e difundir a voz das Mulheres-Negras-Educadoras, oferecer para essas mulheres suporte teórico e metodológico para acolher suas subjetividades e fortalecer sua identidade

profissional e étnico-racial, é assumir um compromisso com uma educação de fato transformadora, nos apresentando um paradigma que nos possibilita olhar para o mundo a partir de um outro foco, possibilitando a valorização da experiência de mulheres negras e contribuimos para a formação e construção identitária dessas mulheres, pois tornar-se negra é resultado de experiências.

Atravessada pelas nossas experiências e pela dimensão política em que estamos inseridas, possibilitar uma identidade profissional docente que parte de nossas experiência transforma tanto aquela educadora em PEDAGOPRETA, como os espaços educativos em que ela está inserida em um contexto de implementação da educação para as relações étnico-raciais, conhecer o fazer pedagógico das mulheres negras e construir referenciais teórico-metodológicos a partir de suas escrituras e histórias de vida contribui para a construção de uma educação afrocentrada.

3.2. QUILOMBOS TEÓRICO-AFETIVOS: EDUCADORAS NEGRAS, MÃES, MILITANTES, ARTISTAS E IYALORIXÁS, CONSTRÓEM A IDENTIDADE PEDAGOPRETA!

*“A voz da minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas*

*A voz da minha filha
recolhe em si
a fala e o ato
O ontem - o hoje - o agora
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
O eco da vida-liberdade.”*
(Vozes-mulheres, Conceição Evaristo)

Em meio a elucidações teóricas, reflexões e escrituras, peço “Agô”- Permissão, Licença- para para explorar ainda mais os mares dos meus afetos e da minha formação intelectual e política, para o que acredito ser algumas das essências ancestrais, mais profundas da construção desse ser que estamos dando luz, a PEDAGOPRETA. Somos nós mulheres-negras-educadoras: mães, militantes, artistas, mestras da cultura popular afro brasileira, iyalorixás, professoras, que estamos ao longo da história, e dentro das nossas potencialidades afro diaspóricas, a frente de organizações políticas, projetos sociais, terreiros, salas de aula, dentro da nossa própria casa e da casa de outros.

Estamos responsáveis pela educação das nossas crianças, inclusive independente de raça, ou classe social, somos nós que estamos educando as crianças desse país, é preciso tomarmos consciência e nos apropriarmos desse potencial educativo e transformador, estamos repassando saberes, somos guardiãs de memórias ancestrais e precisamos viver a experiência desses saberes serem valorizados e protagonizados nos nossos espaços de poder, Sueli Carneiro, filósofa, escritora e referência histórica no ativismo de mulheres negras no Brasil, destaca a importância das ações das mulheres negras na luta por reconhecimento e ascensão social:

O esforço pela afirmação de identidade e de reconhecimento social representou para o conjunto de mulheres negras, destituído de capital social, uma luta histórica que possibilitou que as ações dessas mulheres do passado e do presente (principalmente as primeiras) pudessem e possam ecoar de tal forma a ultrapassar as barreiras da exclusão (CARNEIRO. 2004, p. 332)

Inspiradas na luta de muitas de nossas mais velhas, podemos compreender que, estarmos juntas, tocarmos estratégia, nos acolhermos, enfim, nos aquilombarmos, é com certeza a principal estratégia pedagógica que podemos adotar: “Sumariamente, podemos afirmar que o protagonismo político das mulheres negras tem se constituído em força motriz para determinar as mudanças nas concepções e o reposicionamento político feminista no Brasil.” (CARNEIRO. 2004, p. 333)

Quando retomo a minha trajetória pessoal e reflito sobre a construção da minha identidade docente, PEDAGOPRETA, é notório e nítido o fato de que, sem a presença das mulheres negras, nós não teríamos acesso a nossa essência ancestral. É importante que todas nós estejamos conectadas com essa ancestralidade a partir de uma perspectiva da valorização das nossas ações, escritas e projetos, para que possamos projetar outras perspectivas, uma estratégia que considero essencial para isso é cercar-nos de mulheres negras, mais velhas e mais novas, que nos inspiram e a quem podemos inspirar, saúdo aqui todas as *griôs* que atravessaram o meu caminho e foram essenciais para que hoje eu pudesse ter reajustados as minhas perspectivas a partir da valorização de quem somos, isso me permitiu acesso a saberes e cuidados que transformaram a mulher e educadora que sou.

O acolhimento no Movimento de Mulheres Negras do Rio Grande do Norte foi de fundamental importância para a minha formação intelectual, política, educativa e social, destaco aqui a considerável contribuição de Elizabeth Lima, coordenadora da associação “Ajagun Obirin”, Iyarogbá e uma das fundadoras do Movimento Negro Organizado no RN na formação de diversas mulheres negras do meu estado, dentre as contribuições de Elizabeth na

minha trajetória, como a participação em eventos culturais, formativos, políticos e as conversas íntimas de cuidado e empoderamento, uma delas merece destaque especial, a possibilidade de participar da Marcha Mundial das Mulheres Negras em Brasília, junto a outras mulheres do meu estado, na responsabilidade de acompanhar minha mais velha e Rainha da minha Nação de maracatu, a Iyá Maria Lázaro de Oyá, no ano de 2015.

Sobre a importância desse evento na trajetória das mulheres negras no Brasil, destaco aqui a fala da Professora Doutora Nilma Lino Gomes, que defende o Movimento Negro como um dos movimentos sociais mais educadores da história do nosso país:

O protagonismo das mulheres negras no Brasil assumiu um destaque ainda maior quando mulheres negras de todas as regiões do país realizaram a Marcha Nacional das Mulheres Negras 2015, contra o Racismo e pelo Bem-viver, no dia 18 de novembro em Brasília. Precedido pelas marchas estaduais e locais, esse evento deu ainda mais visibilidade à situação de desigualdade e violência de gênero e raça que incide sobre as mulheres, jovens e meninas negras, reforçou as alianças internacionais das mulheres negras latino-americanas e de outros continentes. Denunciou lacunas existentes nas políticas públicas para as mulheres, de igualdade social e de saúde que ainda contemplam de maneira muito incipiente a inter-relação entre racismo, machismo, sexismo e desigualdades. (GOMES, 2017, p.74)

Dentre as pautas citadas, as mulheres negras também pontuaram denúncias de violência, machismo, racismo, LGBTfobia, feminicídio e os padrões de beleza impostos pela sociedade eurocentrada, a autora ainda destaca a importância desse evento e seu impacto na político, estético e cultural no território brasileiro: “Nesse dia, a capital federal foi ocupada por uma profusão e diversidade de corpos, cores, gestos, falas, ritmos e palavras de ordem das mulheres negras.” (GOMES, 2017, p.74), foi sem dúvida um dos momentos mais emocionantes e marcantes na minha trajetória política dentro do movimento social e cultural.

O Movimento Negro segue sendo um agente transformador da nossa sociedade e um aparelho de reconstrução das representações sociais e políticas da população negra no nosso país, bem como um espaço de encontros, cuidados mútuos e proteção comunitária, um movimento genuinamente educador capaz de mobilizar diversos atores sociais emancipatórios, vale destacar a importância das mulheres negras dentro desse movimento e suas contribuições e conquistas ao longo dos anos:

O Movimento de Mulheres Negras merece destaque quando refletimos sobre os saberes políticos. A ação das ativistas negras constrói saberes e aprendizados políticos, identitários e estético-corpóreos específicos. Enfatizaremos, aqui, os saberes políticos por considerarmos como aqueles que reeducam as identidades, a relação com a corporeidade e a própria ação política dentro e fora do Movimento Negro. (GOMES, 2017, p.73)

Essa ação tem desencadeado não só articulações políticas, como também novas elaborações pedagógicas que partem da raça como categoria de análise para se compreender diversos fenômenos sociais, culturais e de gênero dentro da nossa sociedade, como o epistemicídio, o analfabetismo e o abandono escolar pela comunidade afro diaspórica, o Movimento Negro educa enquanto se reeduca dentro de uma conjuntura ainda muito árdua e desafiadora para toda nossa comunidade.

No Movimento Negro encontramos também uma diversidade de articuladores sócio-culturais: artistas, manifestações tradicionais, mestras e mestres da tradição oral e sacerdotisas e sacerdotes das religiões de matriz africana que merecem considerável destaque. A cultura popular afro brasileira e a espiritualidade de origem africana no Brasil se apresentam como instâncias fundamentais nas lutas da população negra desde o período colonial até os dias de hoje, além disso também desempenha um papel fundamental na preservação e propagação de saberes, valores e estratégias educativas, sou grata aos orixás por terem encontrado o meu *Orí*²⁰ dentro dessa diáspora que tanto subjuga e maltrata as nossas necessidades afetivas e espirituais, na minha vida as Iyalorixás - Mães de santo, sacerdotisas a frente dos Terreiros das religiões de matriz africana- surgem como presenças fundamentais para a reelaboração dos cuidados, afetos, saberes e espiritualidade e para a preservação da cultura matriarcal e tradições orais.

A pedagoga, professora doutora, Maria de Lourdes Siqueira em artigo publicado no livro História do Negro no Brasil, aborda a importância dos Terreiros na elaboração de processos de aprendizagem e destaca:

Os conhecimentos que se adquirem nos terreiros e outros espaços religiosos de origem africana, os processos de aprendizagem que geram esses conhecimentos, e como eles transcendem dos Terreiros para a sociedade, em forma de caminhos de acesso a novos processos contribuem social e culturalmente com outros processos formais de aprendizagem. Esse processo de aprendizagem se realizam nas religiões de origem africana predominantemente pela transmissão de valores, exemplos, trabalho, reflexão, OS TERREIROS PROMOVEM AÇÕES CULTURAIS, SOCIAIS E EDUCATIVAS. (SIQUEIRA, 2004, p. 194)

As pedagogias presentes nos Terreiros, realizam processos educativos voltados para o conhecimento de nossa origem, história e cultura, focados no nosso crescimento e pertencimento étnico-cultural, nesse sentido podemos dizer que diferente das religiões eurocêntricas, os espaços religiosos de matriz africana não alienam, não subjagam e não acomodam seus indivíduos, pelo contrário, nos estimula a mudar as situações de dominação e

²⁰ Orí: Palavra em yorubá que significa cabeça, consciência ancestral e divina

colaboram com uma constante reelaboração de estratégias que vão de encontro ao que foi plantado pela colonização, reafirmando a sua ação social, cultural, política e educativa ao longo da história do Brasil. É importante elucidar que, por serem religiões que preservaram o matriarcado negro-africano, as mulheres negras exercem posição de destaque nesses territórios e ações realizadas por eles.

Na diáspora africana brasileira, o prestígio político das grandes mães, funciona estritamente no candomblé, espaço de resistência negra restaurada por laços de afeto, família e hierarquia, no qual um ialorixá carrega os valores ancestrais e culturais torneados de África. A mulher torna-se mãe dentro da relação com a ancestralidade, não-nuclear, podendo ser matrilinear, em que filhos independem de laços sanguíneos e do estado civil. Significa então dizer que não somente homens adultos podem gozar de prestígios oportunizados pela antiguidade e postos na família não nuclear e não heterossexual. [...] Das iabás, aprendemos com Oxum a transpor poderes patriarcais e nos impor sem perder a doçura, a maternidade e voz política. (AKOTIRENE, 2020, p.84)

Essa transposição de poderes patriarcais ensinada e perpassada pelas espiritualidade de matriz africana, como o Candomblé, nos impulsiona a retomada de nossa posição de prestígio e cria dentro dessas relações uma pedagogia própria elaborada sob forte exercício político de resistência e preservação de saberes, as mulheres de *àşę*, carregam em si uma fonte poderosa de ensinamentos, memórias e histórias que agregam valores e saberes essenciais para a nossa construção como PEDAGOPRETA.

O fato do silenciamento causado pelo colonialismo cristão ser um grande inimigo das lutas emancipatórias, torna também as manifestações culturais grandes agentes na construção de uma educação e de uma sociedade mais igualitária, as mestras da cultura negra, artistas e ativistas culturais desempenham um papel fundamental na luta pelo protagonismo negro e propagação da nossa história, valores e saberes, um grande exemplo que também perpassa a minha trajetória pessoal são as Nações de Maracatu, manifestações afro-brasileiras de cunho cultural e religioso que enaltecem o papel da mulher na construção política, econômica e cultural da nossa sociedade.

O maracatu nação, também conhecido como maracatu de baque virado é uma manifestação brasileira de matriz africana, é manifestação artística da cultura popular e carnavalesca do Recife. Composto majoritariamente por negros e negras conta a história das antigas coroações de reis e rainhas do congo do Brasil escravocrata, manifestação advém das camadas populares. E através de um cortejo sai pelas ruas com corpo de dança, um batuque e um mestre, que detém todo o conhecimento e poder sobre o andamento daquela brincadeira, musical e comportamental dos componentes, batuqueiros e batuqueiras que tocam os instrumentos, alfaia (símbolo maior da manifestação), caixa, gonguê, mineiro e/ou agbê e em alguns casos o atabaque. A corte basicamente é composta por

porta-estandarte, rei e rainha, dama do paço (que carrega consigo a Calunga, símbolo sagrado para uma nação), baianas, princesas, príncipes, vassalos, escravos e catirinas. Todas as personagens, da ala nobre ou serviçal, cada uma com suas características e simbologia são importantes na composição do cortejo, sendo as damas do paço e a rainha as mais relevantes, porque ambas carregam a responsabilidade de ordem religiosa para a proteção do baque e do grupo. (SANTOS, 2017, p.3)

As rainhas de maracatu apresentam-se como autoridades religiosas e lideranças comunitárias, em sua grande maioria são Iyalorixás a frente de Terreiros e Manifestações Culturais, elas são de fundamental importância e representam a presença do matriarcado negro que resistiu a diáspora e escravização de povos africanos, para mim fazer parte da construção de uma Nação de Maracatu reestruturou a maneira como via a representação das mulheres negras na sociedade, em uma das loas que compus para a Nação Zamberacatu-Primeira Nação de Maracatu do estado do Rio Grande do Norte- destaque a luta e a exaltação necessária para com o reconhecimento e importância dessas mulheres: *“Pele negra pra esconder a dor, baque virado ao som do meu tambor, eu vim aqui, eu vim, eu vim aqui pra saudar uma rainha, Rainha Negra do Povo Nagô.”* Reafirmar a importância das nossas mais velhas é reivindicar um protagonismo que nos foi tirado no processo de colonização, mas que foi recriado de acordo com nossas estratégias contra-coloniais.

Fazer parte da construção do Maracatu Nação Zamberacatu me proporcionou diversos saberes ao longo dos 12 anos do grupo, além disso, me possibilitou ocupar um espaço de protagonismo que nunca havia experimentado, fazer nascer uma comunidade e ser responsável por ela. Sabemos o quanto a noção de comunidade é essencial para povos africanos do continente e da diáspora, a escritora Sobonfu Somé em seu livro *“O Espírito da Intimidade”*, narra a realidade do povo Dagara, oriundos de alguns países da África Ocidental como Gana, Costa do Marfim e Togo, sobre a concepção de comunidade para esses povos a autora diz:

O objetivo da comunidade é assegurar que cada membro seja ouvido e consiga contribuir com os dons que trouxe ao mundo, da forma apropriada. Sem essa doação a comunidade morre. E sem a comunidade, o indivíduo fica sem espaço para contribuir. A comunidade é uma base na qual as pessoas vão compartilhar seus dons e recebem as dádivas dos outros. (SOMÉ, 2007, p.35)

Assim, a Nação Zamberacatu se tornou para mim um lugar onde podia contribuir com meus dons e aprender com os dons das mais velhas, mais velhos, mais novas e mais novos. A partir de sua fundação eu ia aos poucos ocupando e (re)criando espaços de protagonismo, me tornando coordenadora, cantora, produtora cultural e uma mais velha com responsabilidades

espirituais e religiosas dentro do grupo, lembro-me bem de como foi um processo difícil, pois em muitos momentos algumas pessoas e estruturas não conseguiam reconhecer o protagonismo ocupado por mim, mulher negra, naquele espaço, mesmo sendo ele um espaço originalmente liderado por mulheres nós.

Retomar, recriar e reocupar esses territórios ainda tem sido uma luta constante e difícil e apesar de muita coisa já ter mudado ainda temos muito a caminhar, experimentar espaços de poder e protagonismo é de extrema importância para a formação social e política da mulher-negra-educadora, além disso, espaços como o maracatu, a cultura popular afro brasileira e os Terreiros, ressignificam a nossa prática pedagógica através dos saberes, corporeidade e musicalidade adquiridos, a sala de aula vai sendo tomada de cada instrumento de saber ancestral que carregamos.

Além das Iyalorixás e Rainhas de maracatu, privilegiadas nessa escrevivência sobre caminhos afetivos e teóricos, somos também mulheres escritoras, artistas, cantoras, poetisas, professoras, utilizando de diversas estratégias e recriando-as, temos reconfigurado o destino da população negra na luta por equidade, nossa presença e importância é viva, ativa e inegável, comprometida desde o início da exploração escravocrata no Brasil até os dias de hoje com a emancipação da população negra e com a educação desse país, somos as guardiões dos saberes ancestrais, somos a fonte de libertação e de articulação coletiva, o poder educativo das mulheres negras em seus diversos espaços de poder é essencial para que possamos caminhar em um projeto que seja de fato libertador, por essas e outras podemos dizer que sim, essas mulheres negras envolvidas com arte, cultura, política e religiosidade negra, são e constroem uma pedagogia própria, centrada em África e consciente das nossas necessidades diaspóricas. Elas são essenciais para a nossa construção como PEDAGOPRETAS!

*“Irmãs, não há mais tempo
Chegou a hora da transformação
Chega de humilhação
Avancemos em busca da solução
Confia em quem te guia
No teu axé, na tua magia
Filhas da rua
Pele a brilhar na lua
Preta nordestina, respeita minha história, meu sotaque
E a minha melanina
Irmãs, vamos vencer
Eu tô aqui por mim e por você
Bota pra fora o que nasce de ti
Mostra pro mundo o que te faz sorrir
Oralidade, comunidade, representatividade*

*Tamo no corre, na atividade
Assassinando a colonialidade...”
(Gaby Varela²¹)*

3.3. ESCOLA, RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS, INFÂNCIA E CURRÍCULO: IFÉ ONÃ E ORÍ ONÃ CAMINHOS PEDAGÓGICOS DA PEDAGOPRETA

*“Vem meu pretinho fazer festa no terreiro
Anuncie teu guerreiro
Pinta tudo com tua cor
Vem de mansinho
Se quiser venha ligeiro
Esse sorriso meu preto
É de quem já teve amor
A tua festa, a tua dança, o teu cantar
É capaz de anunciar
A força de onde vens
Posso sentir pois minha cor é como a tua
Preta sou e já sou tua
Meu amor foi quem te fez!”
(Iyalé)*

Diversas evidências científicas já apontaram a infância como um período do desenvolvimento fundamental para a construção da identidade e de valores, mostrando que nesse período através das interações com o seu meio social, em primeira instância a família e posteriormente a escola, a criança passa a se construir de acordo com suas experiências e interações sociais, porém, reconhecer-se enquanto pessoa negra e compreender os aspectos históricos, sociais e culturais que se configuram a partir dessa ancestralidade ainda é um processo lento e por vezes tardio e doloroso.

Para além das interações familiares e experiências sociais, é notório que a escola - dispositivo fundamental para o nosso processo de construção identitária - em muitos momentos, torna-se um lugar que reforça a afirmação do racismo, na maioria das vezes as crianças negras dentro desse espaço manifestam uma baixa auto-estima, e as situações de preconceito vivenciadas na sociedade se reforçam na escola, como diz o professor Kabenguele Munanga:

Sem dúvidas, todos os preconceitos e discriminações que permeiam nossa sociedade brasileira são encontrados na escola, cujo papel deve ser o de preparar futuros cidadãos para a diversidade, lutando contra todo o tipo de preconceito. Mas na prática ela acaba é reforçando o racismo.” (MUNANGA, 2000, p.14)

²¹ Gaby Varela: (@adaayo) É assistente social, multiartista e escritora potiguar, trabalha com identidade visual e afrofuturismo no projeto Colla Pretta e é estudante de pedagogia na UFRN.

Percebemos o quanto o espaço escolar ainda apresenta-se como um dos principais instrumentos utilizados para a disseminação do racismo, onde a ideologia de superioridade racial foi reproduzida a partir de suas práticas e da sustentação de uma idéia de inferioridade intelectual e afetiva dos descendentes africanos, tirando-nos a nossa própria humanidade em detrimento da exploração de nossos corpos, recursos, territórios e conhecimentos.

Enquanto educadora negra, inserida nos movimentos sociais e consciente do que essa ancestralidade representa para a história e cultura das comunidades negras, observo e constato essa configuração escolar opressora e racista, percebo o quanto as crianças negras não estão sendo preparadas para lidar com as questões raciais, assim como várias outras questões que envolvem a sua ascendência africana, como a estética, crenças, cultura e história como um todo, bem como as crianças brancas também não estão sendo educadas para as relações étnico-raciais, o que colabora com a propagação e manutenção da estrutura racista.

Como consequência de movimentos encabeçados pela população negra, intelectuais, artistas, educadores, educadoras e militantes, surgiram algumas leis e diretrizes que reconfiguram o olhar da educação para a história e cultura africana e afrobrasileira, como a lei 10.639/03 que modificou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional tornando obrigatório o ensino de História e Cultura Africana e Afro Brasileira em todas as modalidades de educação sistêmica do território brasileiro.

Com a aprovação da lei 10.639/03, a abordagem da temática africana que até então se fazia presente na legislação educacional de forma genérica, tornou-se obrigatória, o que representa uma conquista para o Movimento Negro que há algumas décadas reivindicava a inclusão do estudo sobre sua história e cultura na escola brasileira. (TONIOSSO, 2011, P.13)

Para além de inserir no currículo as questões étnico-raciais os professores devem transformar seus discursos, rompendo com muitas das práticas e pensamentos que são reproduzidos, torna-se necessário uma apropriação do pensamento afrocentrado e do conhecimento histórico e cultural sobre a afrodescendência.

Apesar da escola vir desempenhando esse papel colonizador sobre a educação, funcionando como dispositivo para o poder hegemônico, a transformação da escola também é uma grande e revolucionária aliada no movimento de reestruturação social e combate ao racismo, ela também tem o seu lugar privilegiado como catalisador para as transformações sociais substantivas em torno de equidade, justiça e convivência pacífica.

Transformar a ideologia de igualdade racial, homogeneização, racismo e discriminação na escola e na sociedade não é um desafio apenas das professoras, professores e

comunidades étnicas, mas sim um compromisso que deve ser assumido por toda a sociedade, principalmente as instituições responsáveis pela formação de professores e professoras em todas as áreas do conhecimento na sua prática específica. Compreendendo que a escola continua sendo um dos principais ambientes de racismo e práticas racistas, reafirma-se a urgência e necessidade de uma educação para as relações raciais que possa mediar, também, as relações entre crianças brancas e negras, suas respectivas identidades e respeito entre ambas, além de contribuir para a formação e construção de professoras(es) reflexivos sobre as culturas silenciadas nos currículos.

Para construir narrativas pedagógicas que nos representem enquanto povos afrodiaspóricos, um passo importante é proporcionar uma ruptura com a pedagogia colonialista, que reforça e mantém padrões de opressão, assim proponho pensar a educação a partir do olhar da mulher-negra-educadora e das experiências e saberes sistematizados por educadoras e educadores negros que possibilitam o empreendimento de referenciais teóricos-metodológicos afrocentrados, os quais vão contribuir para a implementação das leis e diretrizes que circundam as relações étnico-raciais na educação brasileira, a Pretagogia tem se apresentado como uma possibilidade para uma formação de professores e prática docente que rompe com esse modelo que está posto.

[...] promover o estudo acerca da cultura de base africana a partir dos princípios da Pretagogia é entender que tanto a aprendizagem como a prática docente não se limitam ao uso da razão e tampouco a questões técnicas: Dessa forma, a Pretagogia ousa romper com o modelo ainda preponderante na academia em que a formação de professoras é pautada pela racionalidade [...]. Daí pode-se afirmar que só há ensino e aprendizagem quando há corpo e mente, razão e sentimentos atuando de forma integrada. (COSTA E SILVA, 2009, p. 152)

Apesar de não ter tido a Pretagogia como referencial teórico-metodológico na minha formação, ser PEDAGOPRETA foi fruto dos caminhos por mim percorridos, o “Onã” na sabedoria Yorubá, os caminhos da educação, do movimento social, do mergulho nas artes, na tradição oral, do renascimento no candomblé, estar me aproximando da ancestralidade africana em torno de mim fez com que eu desejasse também me encontrar enquanto mulher negra na pedagogia.

A partir de então passei a inserir na minha prática pedagógica, uma narrativa e um olhar focado para a educação afrocentrada, uma sensibilidade no que se refere ao racismo no espaço escolar e em como a escola colabora para a manutenção e propagação do mesmo. Enegrecer a minha ação pedagógica foi também uma estratégia de sobreviver a uma profissão que negava as minhas subjetividades de mulher negra: “Até esse momento enraizamento,

muitas coisas aconteceram e pude entender, no curso desses acontecimentos, o quanto de esquecimento fui induzida a aprender.” (MEIJER, 2019, p. 49)

Ao romper com os padrões coloniais de organização e pensamento da educação, eu, mulher-negra-educadora, percebi que precisava estar mais atenta as crianças negras que compartilhavam o espaço escolar comigo, foi importante perceber também que ser PEDAGOPRETA não está necessariamente ligado a pensar uma educação exclusiva para crianças negras, mas pensar esse afrocentrar no que se refere a tais questões: A quem estou atenta? Qual a minha missão enquanto mulher negra à frente de uma sala de aula onde relações interracialis começam a se estabelecer? Como utilizo esse espaço de poder? Com base em que referenciais vou mediar essas relações? Como posso inserir os saberes e valores africanos e afrobrasileiros na formação e no dia-a-dia dessas crianças?

A partir disso minhas necessidades, frustrações e possibilidades foram construindo uma maneira de estabelecer uma pedagogia que se pauta na afetividade, na utilização de linguagens artísticas e nos conhecimentos sobre valores e ancestralidade, participando diretamente dos processos de aceitação, construção e afirmação tanto da identidade negra d@s estudantes, quanto da minha própria identidade e relação com a minha ancestralidade.

É importante, porém necessário ressaltar, que minha formação em pedagogia em momento nenhum me apresentou possibilidades teórico-metodológica para ensino de história e cultura africana e afrobrasileira, nem se quer se ateu a preparação dos discentes para a mediação das relações étnico-raciais que se estabelecem na escola, é um silenciamento que nega que nossa história foi construída a partir desse conceito de raça ocidental e que ele está presente na sociedade em todas as relações sociais, sejam de crianças ou de adultos, invisibilizar esse processo na formação de crianças é adiar o conhecimento sobre a própria história e manter o modus operandi racista e colonialista.

Como nenhum desses conceitos estiveram presentes na minha formação, a vivência e experiência em sala de aula- tanto minha como de outras educadoras e educadores negros, que compartilham desses saberes- foi construindo e reconstruindo minha prática e através desses caminhos pude desenvolver suportes metodológicos que não só foram usados na minha sala de aula, como compartilhados com outras crianças e educadoras através de vários projetos, como o “Empodere Suas Crianças” que desenvolvi através da minha marca Mãe Preta Moda&Cultura Afro, as partilhas em formações de professores, simpósios de educação, oficinas de turbante e a mais recente, “Oficina de Autonomia Leitora e Relações Étnico-Raciais para Crianças”, onde trabalhamos a partir da pesquisa e difusão da estética,

história, literatura, espiritualidade e cultura africana, me levando a desenvolver caminhos metodológicos possíveis para o trabalho com infância e relações étnico-raciais.

3.3.1. Ifé Onã e Orí Onã: Caminhos pedagógicos da Pedagopreta para a construção de uma infância atravessada pela Cosmopercepção Africana

Dentro da cultura e religiosidade yorubá, é comum ouvirmos falar e cultuarmos o “Onã”, que seria “o caminho”, caminhar significa estar em movimento, continuar, prosseguir, o caminho é algo que foi deixado pelos nossos ancestrais como algo parcialmente conquistado, mas ainda possível de desbravamento e descoberta, respeitar o caminho, valorizar o caminho, é fundamental para a nossa evolução, o caminho onde estamos, diz de onde viemos e pode dizer para onde vamos, nós o traçamos de acordo com nossas escolhas e experiências, por isso, dentro da cosmovisão africana de origem yorubana, cultuamos Esù, o guardião dos caminhos:

Dedicamo-nos bastante ao estudo da figura de Exu, desmistificando as equivalências errôneas e preconceituosas a seu respeito, mostrando que essas religiosidades não mantêm a mesma relação com o bem e o mal que o cristianismo, onde o mal não é personificado em nenhum personagem específico, mas circunstanciado no fluxo de energias que nos perpassam a cada momento, sendo importante a potencialização constante mediante o incremento do axé, força vital. No mais, é trabalhar a cosmovisão africana com sua espiritualidade inerente, mostrando como faz parte da história e do cotidiano de cada pessoa, em maior ou menor grau. (PETIT, 2015, p. 185)

Cultuar a energia de Esù, nos leva a valorizar os caminhos por nós percorridos, assim tomei meu processo formativo e minha experiência pedagógica como os caminhos que me construíram enquanto pedagoga, aliás, pedagopreta. Através deles tracei os meus caminhos e minhas possibilidades de caminhar pensando em uma pedagogia preta, com um olhar sensível e afetuoso para a infância, e que pudesse ser compartilhada. A partir de então percebi que dois caminhos metodológicos estiveram sempre presentes na minha pretagogia que vinha desenvolvendo, esses caminhos circulam minha prática e passaram a me direcionar.

O primeiro, o “Ifé Onã”, que significa o “caminho do amor” está associado a afetividade, as relações ancestrais e espirituais com nós mesmos e com as pessoas com quem nos relacionamos ao longo da vida, e o segundo é o “Orí Onã”, o “caminho da cabeça”, do conhecimento, trata-se de termos conhecimento sobre a nossa história, de valorizarmos a nossa memória e o que a nossa cabeça guarda, esse caminho nos apresenta epistemologias, estratégias e “gingas” pedagógicas na construção do conhecimento.

3.3.2. “Ifé Onã”: O caminho do amor

Importante ferramenta no processo de reconhecimento e aceitação da criança enquanto pessoa negra, o afeto dentro desse processo é nosso grande aliado e porque não dizer instrumento pedagógico, a valorização do corpo, da estética, da cultura e das manifestações negras, pautadas nas referências positivas sobre África e africanidades são de fundamental importância para desenvolver a auto-estima e reconhecimento identitário nas crianças e jovens.

Dentro desse caminho metodológico, privilegiamos as atividades lúdicas de valorização da estética negra, como oficina de turbante, ensaios fotográficos, contação de histórias que valorizam a estética negra, trabalhamos corpo e movimento com a mitologia corporal da orisà Osùn, divindade do amor, da beleza, da abundância e da fertilidade, abordamos cuidados com a nossa saúde e nosso bem estar e o respeito e gratidão pelo nosso corpo falando sobre ancestralidade, passamos os cliques de Mc Eliz e Mc Sofia, crianças e artistas negras contemporâneas que desenvolvem um trabalho voltado para a infância negra e relações raciais. A valorização da estética negra reflete em resultados positivos tanto na auto-estima de crianças negras, quanto no olhar e na relação da criança não negra com nossos traços e formas de ser e estar no mundo, por isso um dos primeiros caminhos que minhas práticas me levaram, foi ao “Onã Ifé”, o caminho do amor, da afetividade.

É importante abordar sobre o carinho e atenção dedicado às crianças negras e o olhar para as suas subjetividades e fragilidades, sabendo que o amor é uma grande ferramenta de luta e emancipação do povo negro, mediar as carências afetivas dessas crianças e possibilitá-las um ambiente seguro para a expressão das suas emoções é fundamental, como bem coloca Bell Hooks (2005): “*Quando nos amamos sabemos que é preciso ir além da sobrevivência*”, uma pedagogia que valoriza os saberes da cosmovisão Africana e o lugar da afetividade como mediadora de processos de ensino aprendizagem, compreende o corpo em seu pensar, sentir e agir, ou seja o conhecimento não está dissociado das emoções.

Na perspectiva da Pretagogia, falar de aprendizagem é falar de um corpo integrado, ou seja, de um corpo inteiro que pensa e sente. Daí o entendimento de que a aprendizagem envolve vivências corporais, o recordar experiências envolvendo pessoas negras ou a negritude, visitação a alguns espaços-recursos e ainda rodas de conversa com pessoas e grupos detentores de saberes relevantes para os temas estudados. Significa dizer que a produção de saberes se efetiva por meio do corpo (não existindo a ideia de corpo e mente, mas apenas corpo) que integra emoção,

razão, ludicidade, sensação, intuição e sentimento. (COSTA E SILVA, 2019, p.105,106)

Para garantir a segurança afetiva e emocional das alunas e alunos é importante estar constantemente abastecendo-os de conteúdos, mostrando nossas estratégias de resistência e a importância do povo africano para a construção do nosso país e do mundo, é importante abordar que essas práticas se dão no cotidiano e não em um projeto específico para falar da cultura africana, não se trata de apenas um conteúdo, mas sim da presença do conhecimento produzido pela povo negro na escola:

Não se pode aceitar aligeiramento, a questão da afrodescendência é algo sério! Nossos antepassados pagaram com suas vidas a imposição cultural realizada para que hoje nós possamos nos apropriarmos da cultura a partir da nossa Mãe África. aquela que até há poucas décadas, no Brasil, era alvo de proibição, criminalização e demais impedimentos. Então não há binarismo, e sim tentativa de se trabalhar uma especificidade, que é a matriz afro, que não pode ou não deveria ser reduzida a matérias esporádicas nos currículos da universidade ou à semana da consciência negra e sim permear toda ou, ao menos, boa parte do currículo. (PETIT, 2015, p. 158)

Assumir a afetividade como mediadora de práticas pedagógicas e relações raciais na educação é romper com esse currículo posto de forma folclórica e aligeirada e que nega nossas subjetividades, o afeto torna-se extremamente necessário para que possamos retomar a nossa humanidade, sabemos que após passarmos por uma diáspora forçada, que nos obrigou a desfazer laços afetivos, territoriais, linguísticos e tantos outros, a afetividade foi posta como uma fraqueza, não expressar emoções e sentimentos sempre esteve ligado a uma condição de sobrevivência, o povo negro passou a assumir uma “personalidade forte” que está pautada em reprimir as emoções e garantir sua segurança material: *“A opressão e a exploração distorcem a nossa capacidade de amar”* (Hooks, 1995)

A intelectual e feminista negra Bell Hooks (1995), coloca que quando conhecemos o amor e encaramos nossas emoções, começamos a vislumbrar o passado e caminhar para o futuro de uma melhor forma, acreditamos que quanto antes esse amor chegar na vida do povo negro, mais rápido e com mais força alcançaremos esse futuro, por isso é tão importante possibilitar às crianças negras um ambiente seguro e acolhedor para as emoções, para os afetos, para a garantia de representatividade, trazer referencia onde famílias e crianças negras estejam juntas, compartilhando de amor e abundância é nos conectarmos com nossa verdadeira essência ancestral.

Numa sociedade onde prevalece a supremacia dos brancos, a vida dos negros é permeada por questões políticas que explicam a interiorização do racismo e de um sentimento de inferioridade. Esses sistemas de dominação são mais eficazes quando alteram nossa habilidade de querer e amar. Nós negros temos sido profundamente feridos, como a gente diz, "feridos até o coração", e essa ferida emocional que carregamos afeta nossa capacidade de sentir e conseqüentemente, de amar. Somos um povo ferido. Feridos naquele lugar que poderia conhecer o amor, que estaria amando. A vontade de amar tem representado um ato de resistência para os Afro-Americanos. Mas ao fazer essa escolha, muitos de nós descobrimos nossa incapacidade de dar e receber amor. (HOOKS, 2010)

Ao refletir sobre as relações afetivas do povo negro e seu processo histórico, Bell Hooks fala de como a escravidão interferiu na forma como negros e negras se relacionam, e de como esse processo alterou a nossa capacidade de amar, apontando que a nossa própria sobrevivência se dava pela capacidade de reprimir sentimentos, *“um escravo que não fosse capaz de reprimir suas emoções, talvez não conseguisse sobreviver”*. A escola apresenta-se como um dos principais instrumentos utilizados para a disseminação do racismo, onde a ideologia de superioridade racial foi reproduzida a partir de suas práticas e da sustentação de um ideal de inferioridade intelectual e afetiva dos descendentes africanos,

Os reflexos dessa exploração ainda estão presentes no cotidiano das crianças negras nos espaços escolares, que para conseguirem ser notadas na escola e ocuparem espaços de valorização e protagonismo, acabam tendo que reproduzir o mesmo padrão de negar seus sentimentos e emoções a fim de se inserir naquele contexto. Além dos espaços escolares, os espaços familiares também estão carregados de carências afetivas que sustentam esse círculo vicioso de pais e mães que não receberam amor e não aprenderam a dar amor, romper com esse padrão é de fato romper com um dos maiores mecanismos de exploração e opressão do nosso povo, a afetividade que nos foi e é negada.

A teórica e feminista negra Bell Hooks, coloca ainda que quando conhecemos o amor e encaramos nossas emoções, começamos a encarar o passado e caminhar para o futuro de uma melhor forma, acreditamos que quanto antes esse amor chegar na vida do povo negro, mais rápido e com mais força alcançaremos esse futuro, por isso é tão importante possibilitar às crianças negras um ambiente seguro e acolhedor para as emoções, para os afetos, para a garantia de representatividade.

Sabendo disso, sendo nós mulheres negras que sempre estivemos à frente do processo educacional de nossas crianças, seja na família ou no contexto escolar, e sabendo que as relações afetivas construídas na infância são fundamentais para a construção dos valores que aquelas crianças levarão para a vida, uma pedagogia preta precisa estar pautada no afeto,

garantir a segurança afetiva e emocional das as crianças negras é fundamental para a transformação e emancipação da nossa educação e do nosso povo.

3.3.3. “Orí Onã”: O caminho da cabeça, do conhecimento

Nutridos de afeto, carinho, de referências positivas sobre quem somos, ficamos mais seguras para nos aprofundarmos e nos relacionarmos mais com nossa negritude, sabemos o quanto a luta contra o racismo, bem como a própria existência enquanto pessoa negra afetam a nossa saúde emocional e segurança afetiva, mas quanto mais trabalhamos esses aspectos ficamos mais fortalecidas para transformarmos nossas dores e carências em força para lutar, é nesse momento que podemos percorrer o “Orí Onã”, aproximar as crianças da nossa história, cultura, desmistificar a nossa religiosidade, torná-los conscientes do processo histórico que passamos e da nossa luta para romper com o modelo que nos é imposto.

Considerando a presença marcante de povos africanos vindos para o Brasil, bem como a implementação de seus valores na nossa história, memória, cultura e linguagem, bem como na pele e coração, Azoilda Loretto Trindade destaca os “Valores civilizatórios afrobrasileiros” na educação infantil como: “Princípios e normas que corporificam um conjunto de aspectos e características existenciais, espirituais, intelectuais e materiais, objetivas e subjetivas, que construíram e se constituem num processo histórico, social e cultural.”(TRINDADE, 2013) Dentro dessa perspectiva Trindade terce saberes e fazeres afro-brasileiros para a educação infantil, com a formulação de valores que são essenciais para a prática educativa na infância, assim ela lista a ENERGIA VITAL, ORALIDADE, a CIRCULARIDADE, a CORPOREIDADE, a MUSICALIDADE, a LUDICIDADE e a COOPERATIVIDADE como valores aliados a nossa prática:

Propõe um diálogo em aberto que precisa ter continuidade no trabalho de cada professor, propondo um compartilhar ideias, no sentido amplo, com aqueles que fazem o cotidiano escolar. Cotidiano este entendido como vibrante, como lugar de desafios, inquietações, movimento, encontros e desencontros, alegrias, emoções, prazeres, desprazeres, produção de saberes, de conhecimentos e de múltiplos fazeres. Espaços de pessoas buscantes, pesquisadoras da sua própria prática. (TRINDADE, 2013, p. 30)

Foi interessante perceber que mesmo não tendo contato com esse referencial enquanto estava desenvolvendo minha prática, esses valores estavam inseridos nos caminhos que estava

percorrendo e minha pedagogia preta correspondia ao que Trindade apontava para como um caminho possível, *“pesquisadores da sua própria prática.”*

Sendo atriz e participante de projetos de pesquisa e extensão que dialogavam com grupos da tradição oral da minha cidade, o “Arkhétypos” grupo de teatro e o “Encantos da Vila” (ambos da UFRN), me deram muito suporte metodológico, além disso a minha iniciação no candomblé e participação na fundação da primeira nação de maracatu da cidade do Natal, a Nação Zambêracatu, também atravessaram a minha pretagogia.

Dentro da minha prática em Sala de aula um elemento sempre presente foi o “Zé de Panda”, o pandeiro que utilizo para meu trabalho diário de roda de música, ritmo e corporeidade, através dele conhecemos alguns ritmos afrobrasileiros, como o Ijexá, o Maracatu e principalmente o Coco de Roda, que desencadeou inclusive em um belo projeto de Dia dos Pais do Centro Infantil a Arte de Nascer, que homenageou o Mestre Severino, Mestre de Coco de Roda da Comunidade de Alcaçus-RN, como representante de todos os pais e ancestrais da comunidade escolar, as crianças brincaram, tocaram e dançaram coco e fomos presenteados com a fala do Mestre, sob o lugar de não alfabetizado, sobre a importância da escola e dos estudos.

Outro grande aliado na construção dos nossos conhecimentos e representações foram os livros de literatura infantil, passei a utilizar apenas livros de autores e/ou personagens negros nas minhas aulas, dentro desse processo fomos presenteados com muitos desses livros, em sua grande maioria pouquíssimo e até mesmo nunca utilizados nas escolas por onde passamos, através da literatura infantil conhecemos o continente africano, seus países, alguns de seus costumes e aprendemos sobre a grande diversidade existente nele.

Sobre o “Orí Onã” eu não poderia deixar de falar sobre a religiosidade negra, o candomblé, que me fez renascer não só nos sentido espiritual, mas também me trouxe muitas possibilidades decoloniais, sobre como vejo a sociedade, sobre como pensar o homem e nossas representações, os Itãs, as lendas sobre orixás, passadas através da oralidade, além dos saberes como banho de ervas e utilização de alimentos, estão presentes na construção de uma pedagogia preta como instrumento de saber e cuidado, em um dos espaços escolares onde trabalhei, o Centro Infantil a Arte de Nascer, em Pium-RN, foi instituída por meio da direção e desejo dos alunos, a terça afro, onde desde o momento de oração, até as histórias e brincadeiras naqueles dias eram afro referenciadas, foram momentos de muita troca e alegria e construção de saberes para todos.

É satisfatório perceber que o trabalho com crianças nos dá resultados quase que imediatos e que essa relação não só me constrói enquanto educadora negra, como também

auxilia no processo de construção de um novo olhar para a população afro diaspórica. Utilizar e propagar essa voz ativa dentro do meu espaço de poder é sim revolucionar os espaços que ocupamos e se formos olhar para as nossas formas de emancipação e resistência é assim que a Pedagopreta tem conseguido manter os saberes, práticas e valores ancestrais africanos.

Realizar esse trabalho tem sido descobrir que não estamos sozinhas, todas aquelas que dentro de suas práticas e pesquisas, estão questionando o modelo de educação vigente e estão preocupadas não só com o futuro das nossas crianças negras, mas com o futuro da nossa educação como um todo, aquelas que mesmo não possuindo referências e até mesmo pontos de partida e que desenvolvem dentro do seu fazer um espaço educativo que não só respeite mas valorize a nossa diversidade, podem se tornar PEDAGOPRETAS. Ser PEDAGOPRETA é ser mulher-negra-educadora e permitir que todos esses atravessamentos estejam presentes em nossa prática, é lutar por uma sociedade mais justa, inclusiva, democrática e é utilizar a educação como ferramenta para isso.

4. A IMERSÃO FORMATIVA PEDAGOPRETA: PRETAGOGIA E ANCESTRALIDADE NA FORMAÇÃO DE EDUCADORAS E NA CONSTRUÇÃO E AFIRMAÇÃO DE UMA IDENTIDADE PROFISSIONAL

É chegada a hora da análise e produção dos dados de nossa pesquisa, durante essa sessão me dedicarei em contar como foram cada uma das etapas do nosso *percurso*, desde a análise dos dados fornecidos no formulário de inscrição preenchido pelas participantes, que traçam o perfil de nossa co-pesquisadoras, até os momentos de encontros potencializados pelas reflexões acerca da Imersão Formativa que propomos, cada uma dessas etapas estará organizada em subseções para que seja compreendido todo o caminho percorrido por nós. Sinta-se a vontade a caminhar conosco, imergindo em reflexões que propõe a elaboração de uma Identidade Profissional Docente, a PEDAGOPRETA.

4.1. O CHAMADO E A CHEGANÇA. QUEM VEM LÁ? DAS INSCRIÇÕES E REFLEXÕES A PARTIR DO FORMULÁRIO DE INSCRIÇÃO.

O formulário de inscrição (elaborado através da plataforma *google forms*) foi divulgado no dia 06 de Junho de 2023, e as inscrições deram início no dia 10 do mesmo mês, em acordo com a Secretaria de Igualdade Racial, reservamos 5 vagas (das 10 disponibilizadas) para professores da rede pública municipal, as outras 5 seriam para

educadoras, licenciadas em qualquer área, nos diversos contextos educativos, após a divulgação do curso, fui contactada pela COEPPIR para receber 5 professoras quilombolas do interior do estado na nossa Imersão, dessa forma abrimos também as portas para essas educadoras que estavam desejosas de momentos de trocas e formação, acreditando que suas trajetórias possuíam muito a nos ensinar e a contribuir com a construção da Identidade Profissional Pedagopreta, assim nos abrimos a chegada de mais 5 mulheres.

O objetivo do formulário foi fazer uma seleção inicial dessas cursistas, traçando um perfil com base no que acreditávamos que dialogava com a identidade profissional PEDAGOPRETA, para isso perguntávamos sobre a autodeclaração das candidatas, contexto educacionais que estavam inseridas, motivos pelos quais elas estavam buscando essa formação, a formação acadêmica delas, onde atuam, se possuíam conhecimentos prévios sobre educação e relações étnico raciais, bem como a lei 10.639/2003. As perguntas foram feitas pensando em oportunizar a formação a um público diverso, que contemplasse as diferenças existentes em nós mulheres-negras-educadoras.

As inscrições foram todas realizadas de forma online através de formulário, com exceção das cursistas quilombolas que foram incluídas ao grupo através da indicação e articulação com Coordenadora de Políticas Públicas para Igualdade Racial, Giselda Omilê. Ao total foram realizadas 16 inscrições, todas elas de mulheres auto-declaradas negras, cis, atuantes de diversos contextos educacionais e formativos, de diversas idades e áreas do conhecimento. Inicialmente convocamos 10 mulheres, mas quando percebemos que esse grupo não iria conseguir se manter fixo, pelos mais diversos compromissos que cada uma tinha, convocamos também as outras seis mulheres suplentes para participar, dessa forma atuamos com grupos distintos em cada um dos encontros, tendo um grupo de cerca de 06 educadoras que participou integralmente das atividades.

Com relação ao Formulário de Inscrição trago aqui algumas respostas que considero importantes para conhecermos as PEDAGOPRETAS e que também fortalecem ou evidenciam reflexões pertinentes nas discussões sobre educação e relações étnico-raciais, a primeira refere-se ao número equilibrado entre professoras da rede municipal e professoras de outros contextos educacionais, considerando que 3 candidatas não responderam a essa pergunta, isso nos mostra que mulheres negras inseridas em diversos contextos educacionais buscam a construção de uma identidade profissional e de formação relacionada a educação para as relações étnico-raciais.

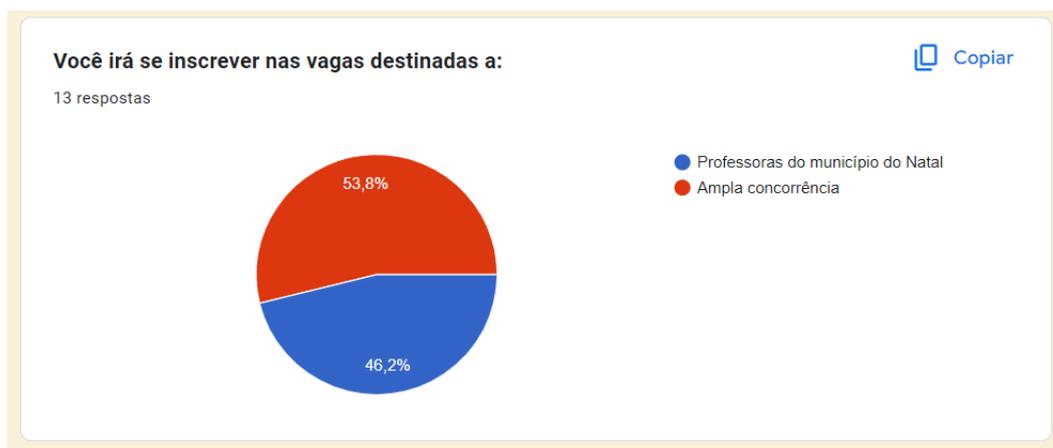


GRÁFICO 01: Atuação profissional das educadoras.

Com relação a auto-declaração das candidatas, a nossa intencionalidade nessa Imersão era desenvolver em mulheres-negras-educadoras uma identidade profissional que nos trouxesse para o protagonismo das discussões sobre educação e educação para as relações étnico-raciais, que acolhesse nossas trajetórias e potencializasse nossa ação educativa. Tínhamos feito a escolha de trabalhar com mulheres negras, dentro desse grupo temos as pretas e pardas, para nós seria interessante colher esse dado, pois acredito que a questão da equidade entre pretos e pardos precisa ser olhada com mais cuidado, um ponto muito discutido sobretudo após o último censo do IBGE em 2022, onde a população autodeclarada preta compõe 10,6% do país e 45,3% se autodeclara como pardos, a somatória desses grupos equivale a população negra brasileira segundo O IBGE. De acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD Contínua 2022, a população negra equivale a aproximadamente 56% do total da população brasileira.

Segue abaixo o gráfico de auto-declaração das educadoras inscritas na Imersão:

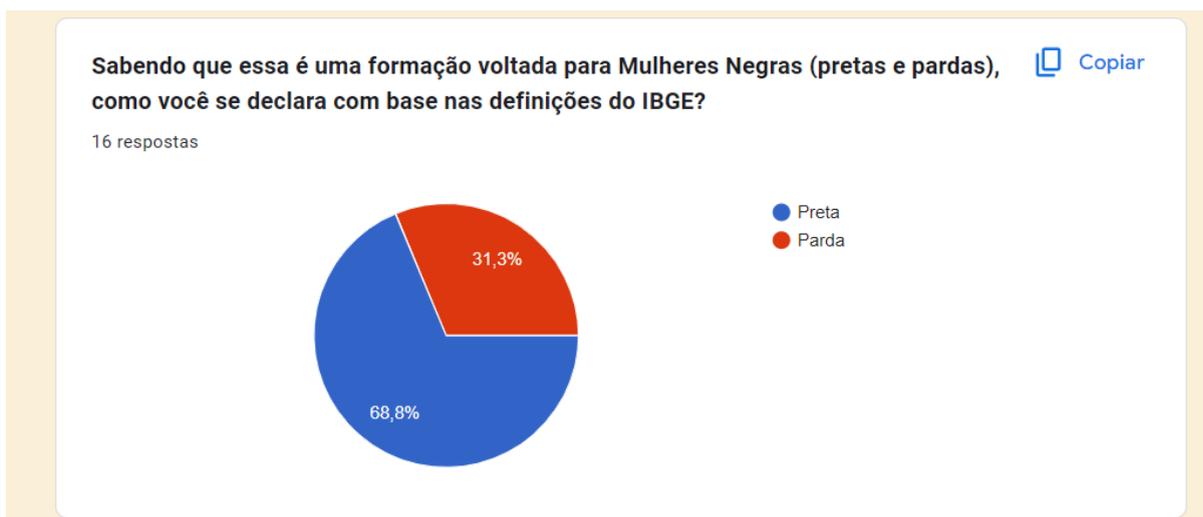


GRÁFICO 02: Autodeclaração das educadoras inscritas.

Tivemos um total de 68,8% de candidatas autodeclaradas pretas e 31,1% que se autodeclararam pardas, foi notório que várias PEDAGOPRETAS que se autodeclararam pretas, tinham a pele parda, o que fortalece a hipótese de que o quesito cor precisa ser mais discutido, para que possamos realmente elaborar políticas públicas que abarque a diversidade dos povos negros no Brasil.

“O recorte raça/cor passa a ser inserido como um categoria de análise importante para se compreender a realidade de gênero, juvenil, racial, de trabalho, regional, e de pobreza no Brasil. Os dados alarmantes desvelados pelos estudos realizados com esse recorte comprovam as denúncias do Movimento Negro. A identidade negra passa a ser tematizada de um outro lugar. Aos poucos, o Brasil vai compreendendo que ser negro e negra e afirmar-se enquanto tal é um posicionamento político e identitário que desconforta as elites e os poderes instituídos.” (GOMES,2017, p.70)

A importância desse dado se dá para que possamos expandir as políticas públicas que envolvem a população negra, além de nos possibilitar identificar necessidades específicas da população negra dentro de sua diversidade, refletindo a realidade demográfica brasileira. Sabemos que pessoas pretas, ou seja, de pele escura, ainda possuem menos acessos e sofrem mais as consequências do racismo em seus cotidianos, pois a cor da pele define o “quão negro” você é considerado, trazendo impactos ainda mais violentos a construção dessa população. Por isso, para uma construção identitária negra, acreditamos ser importante ter a percepção sobre raça/cor bem construída.

Outro dado que chama a nossa atenção é o fato das 16 educadoras inscritas e convocadas para a Imersão Formativa, terem se declarado como mulheres CIS, ou seja, que se identificam com o gênero associado ao sexo que nasceram, o que nos faz perceber que mesmo

nos propondo a uma diversidade dentro do nosso grupo, ainda não conseguimos atingir em sua totalidade a diversidade que compõe as mulheres negras na nossa sociedade, já que em nossa pesquisa não foi possível contar com a presença de mulheres-negras-educadoras com identidades de gênero diversa, como mostra o gráfico abaixo:

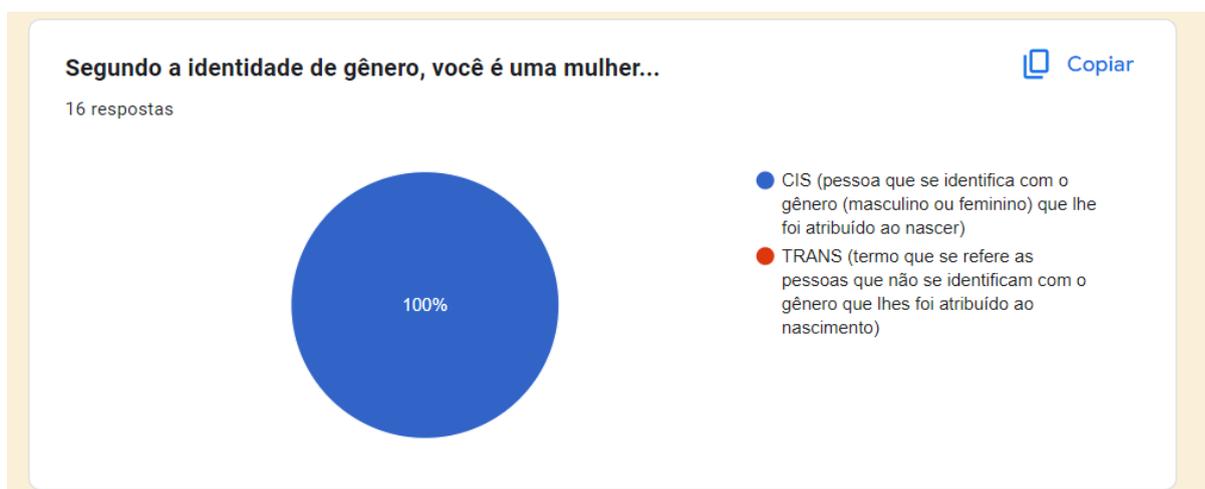


GRÁFICO 03: Identidade de gênero declarada pelas educadoras.

Com relação à formação acadêmica, 81,3% das inscritas se formaram em instituições públicas. Entre as candidatas temos um percentual de 37,5% das inscritas formadas em pedagogia e outra parte com formações diversas em outras licenciaturas como: Pedagogia Bilingue, Ciências Sociais, História, Letras Português, Letras Inglês, Matemática, Música e Teatro. Esse dado nos mostra que não apenas pedagogas, buscam a construção de uma identidade profissional docente, mas que essa construção se torna necessária nas mais diversas áreas do conhecimento, pois fortalece a prática pedagógica de nós educadores independente da área específica em que atuamos. A identidade docente é portanto necessária a todo e qualquer professor.

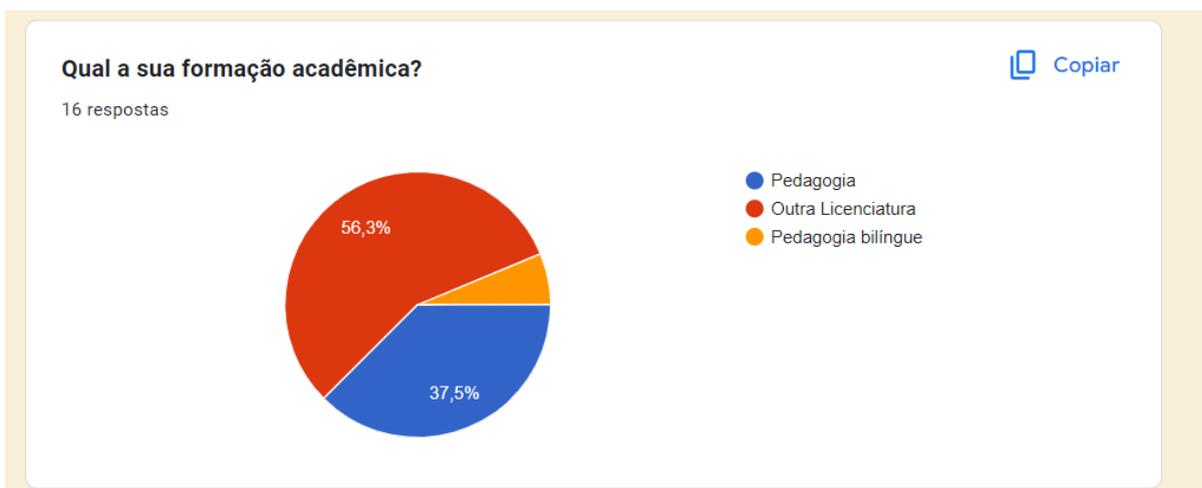


GRÁFICO 04: Formação acadêmica das educadoras inscritas na Imersão.

A respeito da atuação profissional foram feitas algumas perguntas às educadoras, como o perfil das instituições que trabalhavam, o tempo de experiência e como se dá a Educação para as Relações Étnico-Raciais nos seus espaços de trabalho. Das dezesseis (16) professoras inscritas, dez (10) delas atuam na rede pública de ensino, sendo que apenas uma (1) na educação superior, das outras seis (6) que responderam o formulário, duas (2) são professoras da rede privada e as outras quatro (4) atuam em contextos não formais de educação como educação popular e oficinas artísticas. O tempo de experiência das educadoras variaram entre um (1) ano e mais de trinta (30) anos de docência. 56,3% das educadoras afirmaram ter tido contato com disciplinas ou vivências que trabalharam o ensino de história e cultura afro-brasileira em suas formações acadêmicas, apesar disso apenas 50% afirmaram conhecer a lei 10.639/2003.

Esses indicativos nos mostram que apesar das dificuldades enfrentadas por todas nós, já conseguimos visualizar alguns retornos da luta do movimento negro, na implementação da Lei, porém em se tratando de uma população acadêmica negra, já consciente e com uma construção identitária em curso, esse número se torna ainda muito pequeno. O gráfico a seguir mostra que apesar de metade das educadoras afirmaram conhecer a Lei que regulamenta o ensino de história e cultura africana e afrobrasileira em todas as esferas do ensino no Brasil, a maioria dos espaços ainda concentra isso em datas comemorativas, contradizendo o que a própria Lei e Diretrizes sugerem a respeito da efetivação desse marco legal na educação.



GRÁFICO 05: Implementação da História e Cultura Africana e Afrobrasileira nos espaços de trabalho das educadoras inscritas na Imersão.

Contrariando o que as instituições estabelecem, e agindo politicamente em seus espaços de poder, 62,5% das candidatas afirmaram desenvolver práticas pedagógicas relacionadas à história e cultura africana e afro brasileira, reafirmando a força e necessidade do ativismo negro nos espaços que ocupamos, esse ativismo faz com que as professoras assumam posturas contra-egemônicas e façam dos seus espaços de poder/ambientes educacionais, territórios de promoção das políticas públicas pela igualdade racial. Das outras 37,5% das educadoras que afirmaram não desenvolver práticas educativas para ERER, 25% afirmaram não fazer por não se sentir preparada/qualificada para isso, porém o fato de estar buscando essa formação já nos mostra um interesse e mobilização nesse sentido.

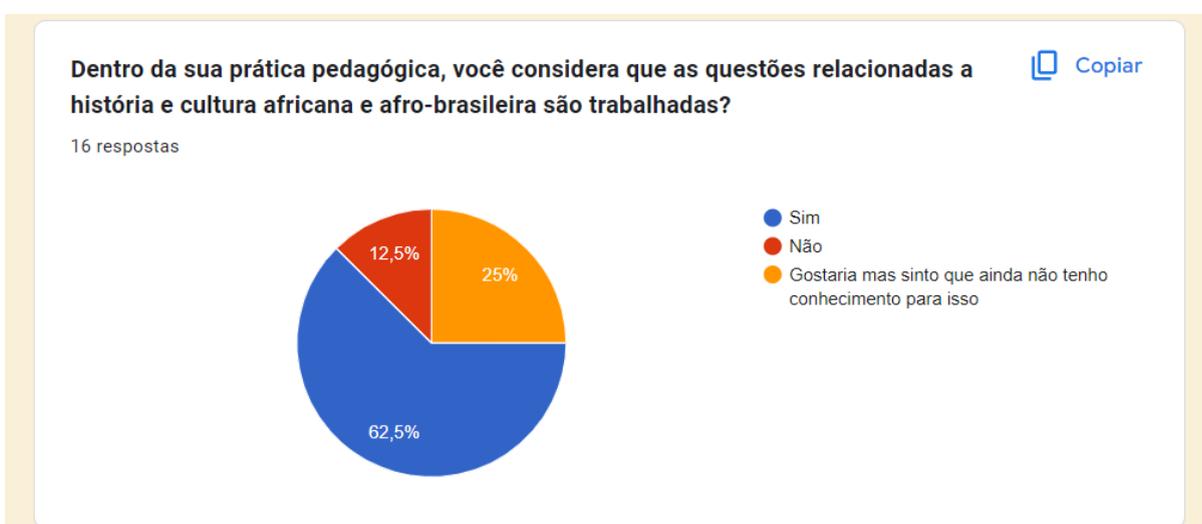


GRÁFICO 06: Implementação da ERER nas práticas pedagógicas das educadoras inscritas.

Dentre as ações realizadas pelas educadoras negras em seus contextos educacionais, encontramos uma diversidade de projetos e práticas pedagógicas, deixo aqui registrada algumas das respostas dadas ao item do formulário que perguntava:

- **Se você já desenvolve projetos ou práticas ligadas ao ensino de história e cultura africana e afro-brasileira, cite alguns exemplos de ações desenvolvidas por você.**

R1- *“Realizamos uma feira de cultura que teve como tema povos originários e trabalhamos a cultura africana ; um projeto sobre racismo; atividades sobre matemática e as raízes africanas.”*

R2- *“Musical debaixo da pele, que participei como preparadora vocal.”*

R3- *“Em 2022 desenvolvemos 3 Ciclos formativos do Neabi/SPP em parceria com a Casa Afropoty, promovendo palestras, mesas redondas, exposição fotográfica, mostra de curtas com temáticas voltadas p a negritude; Projeto de Extensão p valorização e empoderamento de pessoas negras e pardas, no IFRN Campus SPP. E outras vivências em anos anteriores.”*

R4- *“Aplico nas aulas da disciplina e participo de projeto de extensão junto a comunicação quilombola Capoeiras (Macaíba)”*

R5- *“Declamação poéticas de poetas pretes.”*

R6- *“Exposições de artes visuais com artistas negros envolvendo as questões da negritude”*

R7- *Desenvolvi um projeto quando aluna bolsista PIBID numa escola da rede municipal de natal com o tema: o Negro na sociedade brasileira atual: educação e trabalho... Esse projeto desdobrou-se noutra trabalho 10.639/2003 da LDB- Recontando a História. Uma experiência na EJA em parceria com a professora da escola já mencionada. Enquanto docente Projeto literários A literatura como arte de problematização e valorização das diferenças... "Bonito é se gostar" baseado no livro de Drika Duarte...”*

R8- *“Realizei oficina de abayomi e não foi período de novembro. E diariamente mesmo como interprete de libras tento apresentar história ligada a negritude e as colonizações.”*

R9- *“Rodas de Leituras na Biblioteca Comunitária Auta de Souza”*

R10- *“Projeto de literatura e Projeto de história afro brasileira”*

R11- *“A minha prática é conversa informal”*

R12- *“Meu objeto de pesquisa no TCC e na especialização são práticas decoloniais. Fazer conhecer a produção de conhecimento das mulheres pretas seja no campo acadêmico como no artístico. Também produzo projetos como residências artísticas, cenas curtas, podcast e outros voltados para a questão da valorização da mulher negra na sociedade.”*

Foi interessante perceber as mais diversas práticas pedagógicas desenvolvidas por essas mulheres-negras-educadoras, que estão ancoradas em diversos saberes ancestrais e que dialogam tanto entre si, como o uso da arte e da literatura, bem como da história e até da matemática para se tratar de diversos conteúdos a partir da valorização dos saberes e práticas ancestrais africanas e afrobrasileiras. Reafirmando a hipótese de que nós mulheres-negras-educadoras somos agências potentes de promoção das políticas públicas educacionais, nos educando e reeducando.

O comprometimento das educadoras negras com uma educação democrática é visível através das diversas ações realizadas e reafirmada a partir do interesse em buscar por formação continuada e trocas de saberes e experiências. Isso também reafirma o quanto a construção e o fortalecimento de uma identidade profissional é necessária para a valorização e promoção das ações realizadas por nós educadoras negras.

Por fim, antes de relatar o decorrer de nossa Imersão Formativa e como ocorreram nossos encontros, gostaria de destacar duas perguntas que considero centrais do formulário de inscrição, que nos possibilitou analisar o planejamento dos encontros com um olhar mais cuidadoso. Conhecer as motivações e expectativas das pedagopretas que estávamos despertando a partir dessa formação era fundamental para nos assegurarmos de nossas escolhas pedagógicas, abaixo seguem as últimas perguntas do formulário, que proporcionou uma dimensão maior sobre a necessidade dessa construção identitária e profissional em *pescuro*.

- **Por que você gostaria de participar da Imersão PedagoPreta? Em que você acha que essa formação poderia contribuir para o seu crescimento pessoal e profissional?**

R1- *“Porque vai auxiliar ao meu despertar e ao despertar vai atuar de forma orgânica no meu fazer educação.”*

R2- *“Encaro como uma oportunidade de aprender mais sobre a cultura afro brasileira e conhecer a PedagoPreta como uma proposta pedagógica que me dará base para desenvolver trabalho na temática com mais qualidade e segurança.”*

R3- *“Acredito que é minha obrigação como professora aprofundar e me sentir mais preparada para me ajudar na elaboração e planejamento nas minhas práticas, também acho que é uma questão de me sentir mais segura com meu conhecimento que precisa ser mais amplo.”*

R4- *“Ampliar conhecimentos e adquirir novos saberes para melhor abordar o afrocentrismo em sala de aula e em atividades extensionistas.”*

R5- *“Acredito que a vivência será importante tanto para a construção da minha identidade enquanto mulher negra e contribuir para colocar em prática essa reorientação da abordagem historiográfica dentro de sala de aula. De quebra, ainda me trará instrumentos para o meu maternar, uma vez que sou mãe de uma menina negra.”*

R6- *“Creio que a imersão me proporcionará conhecimento e habilidades para trabalhar questões relacionadas a minha prática docente como também minha autoafirmação da minha identidade pessoal.”*

R7- *“Aquilombar-se é fundamental para resistência, re-existência e, sobretudo, para fortalecimento da libertação dos nossos iguais.”*

R8- *“Estou desenvolvendo uma tese no ppged/ufrrn a partir da produção da artista Castiel Vitorino Brasileiro. Acredito que o curso vai me ajudar bastante. Dialogar sobre o tema com mulheres pretas.”*

R9- *“Espero que o crescimento seja além do pessoal ou profissional.”*

R10- *“Penso que para um corpo que foi colonizado participar dessas experimentações é algo que pode sempre ajudar a fortalecer as raízes, a autoestima, a coragem, (auto)conhecimento, ampliar... Descolonizando o corpo e isso vai reverberar em minha prática em sala de aula, de mais referências, de mais ideais e possibilidades de abordar e vivenciar comigo mesma e com a turma. Expandir!”*

R11- *“Tudo que envolve conhecimento sobre Raça, há automaticamente uma contribuição tanto profissional quanto pessoal. Porque se reconhecer pertencente de uma história já vale a formação e a troca de experiência.”*

R12- *“Para professora que quero ser preciso dessa formação.”*

R13- *“Pela troca de saberes e novos aprendizados. A área da educação é sempre dinâmica e ter esse contato fortalece também a Região que moro.”*

R14- *“Como me formei em 2008 e desde 2010 não faço cursos relacionados com a temática ou outros. Seria de extrema importância, me inserir novamente em formações, atualizando meus projetos com debates e conhecimentos novos”*

R15- *“Para ter mais conhecimento sobre o tema e como trabalhar dentro da escola um assunto tão difícil.”*

R16- *“Aprendizado, trocas de experiências, partilhas com outras mulheres negras, pareças como diz Evaristo.”*

Dentre os vários propósitos e expectativas que podemos observar nessas respostas, é predominante o desejo coletivo das mulheres-negras-educadoras em fortalecerem as suas práticas a partir do fortalecimento da sua própria identidade, nos mostrando que a construção

de uma identidade profissional é essencial para que tenhamos segurança na nossa prática pedagógica, percebemos isso em falas como: *“atuar de forma orgânica”, “qualidade e segurança”, “segura com meu conhecimento”, “construção da minha identidade enquanto mulher negra”, “conhecimento e habilidades para trabalhar”, “autoafirmação da minha identidade pessoal”, “Descolonizando o corpo e isso vai reverberar em minha prática em sala de aula”, “possibilidades de abordar e vivenciar comigo mesma e com a turma”*. É notório que mulheres-negras-educadoras, precisam fortalecer a sua identidade, para enfim se sentirem acolhidas e potencializadas em suas práticas.

Percebo através dessas falas que assim como eu sentia a necessidade de ser acolhida em minha profissão, a partir da minha identidade social e cultural, que as educadoras negras entrevistadas através deste formulário também sentiam expuseram essa necessidade. O desejo por uma formação que acolhesse as suas identidades e que fortalecesse os espaços de troca, para possibilitar novas estratégias e maior segurança em executar o seu professorar foi explanado em várias dessas falas que expressam a importância de uma construção identitária e profissional que contemple nossas complexidades.

A formação é outro ponto trazido pelas mulheres, podemos observar isso em falas que colocam essa construção formativa como um dos motivos que as fizeram buscar a Imersão: *“aprender mais, mais preparada”, “Ampliar conhecimentos”, “novos saberes, conhecimento e habilidades para trabalhar”, “Dialogar”, “troca de saberes e novos aprendizados”, “desde 2010 não faço cursos relacionados com a temática ou outros”, “me inserir novamente em formações”*. O desejo pelo conhecimento, por formação, também parte da necessidade de fortalecer e validar as suas práticas, o conhecimento é mobilizador e as mulheres negras nos mostram a partir de suas falas que acreditam que essa construção identitária não oferecerá apenas oportunidades de crescimento identitário, mas também trará contribuições para a sua profissão a partir de formação e aprendizados.

As mulheres-negras-educadoras sentem que sua identidade negra por muitas vezes é subtraída em detrimento da identidade profissional, o que inibe a nossa prática e nos faz acreditar que a identidade docente deve negar a identidade social e cultural, porém a partir do fortalecimento dessa identidade no âmbito profissional, nos fortalecemos enquanto educadoras e expandimos a nossa ação pedagógica, levando contribuições significativas para as nossas práticas.

Além dos propósitos pessoais e profissionais, um aspecto que me tocou bastante foram os motivos que vou chamar de ancestrais, aquelas motivações comprometidas com a comunidade negra e com o legado africano na nossa sociedade, aqueles motivos que estão

relacionados a luta e existência dos povos negros, essas motivações ancestrais são motivações políticas, espirituais, culturais e podem ser observadas em falas como: *“novos saberes para melhor abordar o afrocentrismo”, “me trará instrumentos para o meu maternar”, “Aquilombar-se”, “fortalecimento da libertação dos nossos iguais”, “Dialogar sobre o tema com mulheres pretas”, “além do pessoal ou profissional”, “ajudar a fortalecer as raízes”, “conhecimento sobre Raça, há automaticamente uma contribuição tanto profissional quanto pessoal”, “fortalece também a Região que moro”, “Aprendizado, trocas de experiências, partilhas com outras mulheres negras”.*

Essas falas me motivam a dizer que nós educadoras negras temos não só motivações históricas, culturais e educacionais com a Educação para as Relações Étnico-Raciais, mas temos também motivações ancestrais, que tornam o pessoal e profissional indissociáveis, pois estão pautados na ancestralidade. Temos demandas e urgências que são sobre nós, nossas famílias, nosso legado e permanência, somos portanto uma força mobilizadora e nos expandimos quando nos apropriamos dessa identidade que considera nossas individualidades.

Ser PEDAGOPRETA para mim é sobre ser inteira em meu ser e minha profissão, é uma auto-mobilização pedagógica que envolve ancestralidade, ou seja, é sobre formar para o melhor conhecimento de si, e com isso, contribuir com o presente, passado e futuro da história e cultura africana e afrobrasileira. Através dessas falas é possível identificar também esses propósitos ancestrais, culturais, formativos e identitários nas educadoras inscritas na imersão. Parece que “as outras eus” tinham chegado, agora precisávamos nos lançar aos caminhos dos encontros.

4.2. O QUILOMBO PRETAGÓGICO E OS CAMINHOS DO PESCURSO

Feitas as articulações, inscrições e contato com as PEDAGOPRETAS, estruturamos nossos momentos de encontro onde na primeira semana aconteceram as oficinas de forma online e na semana seguinte, aconteceram os encontros presenciais. Para as oficinas online priorizamos as discussões mais teóricas e a escuta afetiva, desenvolvendo dispositivos que nos aproximassem das trajetórias e histórias de vida das educadoras e as aproximassem dos conceitos e características da identidade profissional PEDAGOPRETA. Ao total foram 3 encontros a distância e 3 encontros presenciais, sendo que dois desses aconteceram das 09h da manhã às 17h da tarde o que nos proporcionou uma experiência realmente imersiva.

Ao final do processo todas as 16 professoras inscritas foram selecionadas e recebemos mais 05 professoras das comunidades quilombolas em nossos encontros, totalizando 21

educadoras negras que foram atravessadas diretamente pela nossa Imersão Formativa Pedagopreta, além disso tivemos um público mais amplo, que participou do evento aberto, que oferecemos em parceria com órgãos públicos estaduais e municipais, que aconteceu no dia 28/07, na Escola de Governo do RN, ação a qual estarei detalhando mais adiante. É importante ressaltar que nem todas as 21 educadoras estiveram presentes em todos os encontros propostos, o que nos leva a analisar cada encontro individualmente a partir das participantes envolvidas.

Logo abaixo, me lanço na missão de apresentar como aconteceram cada uma das oficinas, costurando esse relato com as minhas impressões e com os diálogos e reflexões que foram proporcionados por cada um desses momentos e trocas, convido-os a um encontro com cada uma, mas sobretudo com várias mulheres-negras-educadoras, que ao se permitirem ao encontro consigo e com suas pares, revelam uma identidade carregada de potência e saberes, capaz de nos nutrir de sabedoria ancestral para o nosso fazer docente.

Todo o planejamento das oficinas e organização da Imersão foram realizados previamente em momentos de orientação com a Profa. Rebeca Meijer, antes do primeiro encontro as professoras participantes da Imersão receberam uma carta pedagógica²², recurso utilizado para dar as boas vindas às cursistas e informá-las sobre a preparação para nossos encontros, cronograma de atividades, orientações e também o link com a pasta compartilhada do google drive, onde seria inserido todo o material didático básico e complementar para a formação, além das atividades propostas e realizadas pelas cursistas.

A carta pedagógica, foi o primeiro instrumento de comunicação com as cursistas participantes da imersão:

“Sejam bem-vindas a Imersão Formativa Pedagopreta! É com muita alegria que recebemos o seu interesse em participar da nossa formação! Comunicamos que você foi uma das educadoras selecionadas para participar do nosso “*Quilombo Pretagógico*”. Desejamos que seja uma jornada acolhedora, afetuosa e de muitos aprendizados e saberes compartilhados!” (Trecho da Carta Pedagógica encaminhada as cursistas)

A intencionalidade da carta, era que as professoras chegassem ao curso com um conhecimento prévio sobre como a imersão se propunha a acontecer. Apresentamos nela nossos objetivos e caminhos teóricos, metodológicos e afetivos, bem como os materiais

²² Carta Pedagógica: Anexo

necessários para cada encontro. Tendo essa comunicação prévia sobre a formação, pensamos o primeiro encontro, como um momento de acolher e conhecer as PEDAGOPRETAS, priorizando desde o início, abordagens afetivas e ancestrais, dentro das perspectivas teórico-metodológicas que estávamos nos propondo a imergir.

Cada encontro com as PEDAGOPRETAS foi construído com base em intencionalidades pretagógicas, ou seja, a formação se propunha a imergir nas trajetórias das mulheres-negras-educadoras, para fortalecer uma identidade mobilizadora de saberes e fazeres pretagógicos, as oficinas agregaram dispositivos desenvolvidos na pretagogia, mas também possibilitou a criação de novos recursos didáticos e metodológicos a partir de minhas experiências de vida e do contato com as artes como teatro, dança a tradição oral, linguagens que apresentam os princípios que a pretagogia nos oferece.

4.2.1. O 1º Encontro- A Escrivência na Construção da Identidade Profissional Docente de Mulheres Negras e os Caminhos da Imersão Formativa

O primeiro encontro com as PEDAGOPRETAS aconteceu de forma virtual, através da plataforma google meet, no dia 20/07/2023, das 19 às 21h, em uma quinta-feira, participaram do encontro cerca de 12 educadoras, dentre elas as professoras inscritas através do formulário disponibilizado na internet e compartilhado nas redes sociais, além das professoras residentes de comunidades quilombolas, articuladas através da COEPPIR (Coordenadoria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial/RN), uma das parceiras da Imersão Formativa.

Para esse primeiro encontro foi pensado e executado o seguinte plano de ação:

PLANO DE AÇÃO

20/07/2023 19 às 21h	Encontro Online	Descrição/ Metodologia/tempo:	Material
	“Encontro teórico-afetivo: Conhecendo as Pedagogopretas e os caminhos teóricos metodológicos da Imersão Formativa”	1º Momento: <ul style="list-style-type: none"> - Música/Vídeo de Acolhimento/Marília/(5min)- Nara Couto: Linda e Preta -  NARA COUTO LI... - Alongamento/Rebeca/ (5 	Material de apoio para escrita: Caderno, celular, computador, etc.

	<p>Objetivos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Realizar ações a fim de reunir experiências pedagógicas presentes nos saberes docentes necessários às práticas educativas de questões raciais e étnicas de mulheres negras educadoras. - Conhecer as PEDAGOPRETAS e produzir uma escrivência, desde o dispositivo do conto, acerca da identidade profissional docente de Mulheres-Negras-Educadoras - Apresentar o cronograma do curso, materiais necessários e primeiras Orientações para os encontros formativos. 	<p style="text-align: center;">min)</p> <p>Pretagogia e Corporeidade: Trazendo o Corpo para o processo- Alongamento ao som de tambores</p> <p>2º Momento</p> <p>Dispositivo Pretagógico: “O conto de si”</p> <ul style="list-style-type: none"> - Pensar um codinome que vai acompanhá-las durante a pesquisa. - Criar um pequeno conto respondendo as seguintes questões: <ol style="list-style-type: none"> 1. Título/ Apresentar a protagonista a partir do codinome e justificar o codinome (esse codinome tem que ter um sentido na sua vida com Mulher-Negra-Educadora); 2. Situar a personagem em Natal (contexto geográfico, social e cultural); 3. Apresentar a personagem no contexto profissional; 4. Porque essa personagem busca desenvolver a identidade da PedagoPreta (O que a motivou?) <ul style="list-style-type: none"> - 20 minutos para direcionamento e escrita. <ol style="list-style-type: none"> 5. Leitura dos contos. (de 2 a 3 minutos para cada, total 30 min.) <p>3º Momento</p> <ul style="list-style-type: none"> - Leitura Coletiva da Carta Pretagógica e do Plano de Percorso 	
--	--	---	--

		- Apresentação do cronograma do curso e Ori.entações para os encontros formativos.	
--	--	--	--

- **“O Conto de si” - Histórias, Memórias e Perspectivas Ancestrais**

*“Linda e preta, da cor da noite da Bahia
 Preta, o dia te anuncia
 Linda e preta, você, você, você virá
 Linda e preta, eclipse da rua
 Linda e preta, esconde sol e lua
 Linda e preta, você, você, você virá...”*
 (Linda e Preta- Nara Couto²³)

Após todo o período de planejamento/elaboração das ações e fases de divulgação, inscrições e seleção das cursistas, eu me sentia ansiosa para o primeiro encontro com as PEDAGOPRETAS. Como descrito na música da cantora e compositora Nara Couto, que abre nossa sessão e abriu a acolhida da primeira oficina: *“Preta, o dia te anuncia”*, já tínhamos chegado até elas e definido o grupo com quem íamos trabalhar, agora fomos ao encontro de conhecê-las. Quem eram aquelas mulheres, que estavam vindo em busca desse lugar de construções teóricas, didáticas e afetivas?

No início, as cursistas foram chegando na sala virtual e sendo recebidas com uma leve música de fundo, reproduzindo sons da natureza, após alguns minutos de espera para a chegada das participantes, iniciamos a acolhidas através da apreciação do clipe da música *“Linda e Preta”* de Nara Couto. A música, convida as mulheres negras ao despertar para si, é sobre enxergarmos nossa beleza e nos conectarmos com ela, bem como com nossas heranças, mistérios, singularidades e diferenças.

A canção nos provoca ao encontro, a celebração da nossa existência e traz a exaltação da mulher negra a partir da sua essência: *“Canto essa canção só pra dizer que você é... Linda e Preta!”*, no clipe aparecem diversas mulheres negras, com perfis, corpos, idades, cores e cabelos diversos. Dentro da infinidade de suas/nossas belezas, mulheres como eu, como nós, aparecem na obra em celebração à essência ancestral. Mulheres negras representadas em

²³ Nara Couto: Cantora/Compositora/Atriz/Bailarina/Diretora artística/Comunicadora ancestral (descrição disponível na bio. do Instagram da cantora/ @nara_couto/ acesso em: 27/09/2023.

plenitude, sorrisos, paz, diferente da imagem que comumente é propagada em torno de nós e dos nossos corpos nas produções artísticas, teóricas e literárias ao longo do tempo:

Colocada a questão da identidade e diferença no interior da linguagem, isto é como atos de criação lingüística, a literatura, espaço privilegiado de produção e reprodução simbólica de sentidos, apresenta um discurso que se prima em proclamar, em instituir uma diferença negativa para a mulher negra. Percebe-se que na literatura brasileira a mulher negra não aparece como musa ou heroína romântica, ALIÁS, representação nem sempre relevante para as mulheres brancas em geral. A representação literária da mulher negra, ainda ancorada nas imagens de seu passado escravo, de corpo-procriação e/ou corpo-objeto de prazer do macho senhor, não desenha para ela a imagem de mulher-mãe, perfil desenhado para as mulheres brancas em geral. (EVARISTO, 2005, p.02)

A partir da auto-representação, mobilizada através da escrita das mulheres negras, é anunciado um rompimento com uma história única de subalternidade, as mulheres negras para além de produzir literatura, reconstróem a sua auto-imagem, possibilitando a construção de uma outra representação, uma escrita e produção artística que não é apenas literária, mas também uma forma de viver e sobreviver a um sistema que nega, silencia e produz um imaginário negativo sobre nossa existência.

Essa escrita e produção literária, mobilizada pelas Mulheres Negras, é chamada de **ESCREVIVÊNCIA**, conceito parido pela escritora Conceição Evaristo e em desenvolvimento através de pesquisas em diversas áreas, que compreendem a produção literária e intelectual das mulheres negras como essenciais para a reconstrução da história e memória da sociedade brasileira.

Mobilizar a **escrevivência** é um exercício fundamental para o rompimento com a história única de subalternidade e escravização a qual povos negros e africanos foram submetidos: “A consequência da história única é esta: Ela rouba a dignidade das pessoas. Torna difícil o reconhecimento da nossa humanidade em comum. Enfatiza como somos diferentes e não como somos parecidos.”(ADICHE, 2020, p. 27, 28). Através da representação positiva das mulheres negras na música “Linda e Preta”, acolhemos as educadoras participantes da imersão priorizando uma **escrevivência** que parte do autoamor, do afeto e da potência ancestral que carregamos.

Sabendo que tanto amar, quanto se amar é uma ferramenta de cura, negada a povos negros e africanos historicamente, socialmente e através da apropriação das mais diversas linguagens, receber as **PEDAGOPRETAS** com esse clipe/canção, foi uma escolha afetiva, que atravessa nossas perspectivas metodológicas: “Quando substituo a crítica negativa pelo reconhecimento positivo, sinto-me mais forte para começar o dia. A afirmação é o primeiro

passo para cultivarmos nosso amor interior.” (HOOKS, 2010, p. 9).

Ao falar sobre amor, Bell Hooks aponta para a necessidade de re-construirmos formas de trazer o sentimento para nossa existência, recuperando o sentido e a força ancestral que se torna essencial para ampliarmos nossa perspectiva para além da colonização, nesse mesmo texto ela narra sobre como o amor nos ajuda a redefinir nossa experiência e perspectivas:

“A mulher negra descolonizada precisa definir suas experiências de forma que outros entendam a importância de sua vida interior. Se passarmos a explorar nossa vida interior, encontraremos um mundo de emoções e sentimentos. E se nos permitirmos sentir, afirmaremos nosso direito de amar interiormente. A partir do momento em que conheço meus sentimentos, posso também conhecer e definir aquelas necessidades que só serão preenchidas em comunhão ou contato com outras pessoas.” (HOOKS, 2010, p. 9)

Priorizar narrativas afetivas, movimentam saberes que dialogam com várias construções acerca de uma identidade negra que parte da potência, da beleza, e não da subalternidade. Recebê-las com essa música teve como propósito celebrá-las e anunciar um caminho teórico-metodológico que estava privilegiando o acolhimento, o afeto: “ *você, você, você virá... Linda e Preta!*” e vieram, carregando esse tanto de potência e beleza que as construíam e compreendendo que, nesse ambiente formativo que estava sendo predisposto, o sentimento, o amor, o “*àse*” de cada uma, tinha espaço para ser e acontecer.

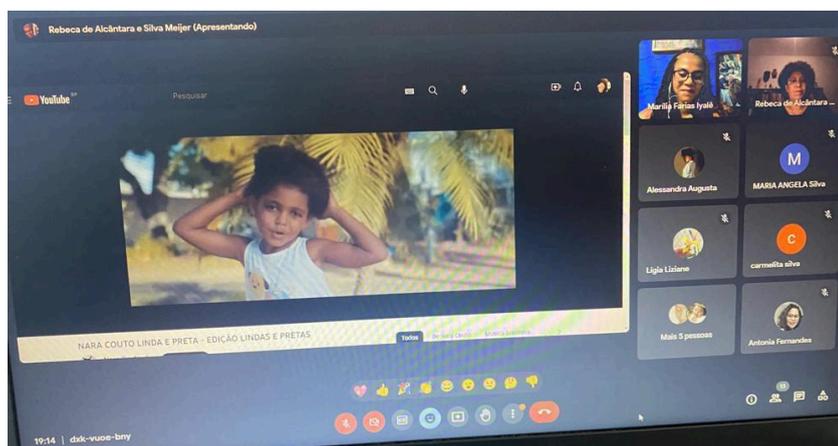


Figura 07: Apresentação do Clipe da Música “Linda e Preta” de Nara Couto

O segundo momento mediado pela professora Rebeca, trouxe o corpo, o toque e o alívio das tensões, apesar de estarmos em um momento virtual, as educadoras foram convidadas a, dentro de suas possibilidades, movimentarem o corpo, através de um alongamento ritmado pelo som de tambores. Trazer o corpo para o processo de aprendizagem

é fundamental quando escolhemos a PRETAGOGIA, como referencial teórico-metodológico que: “embora tenha o corpo como fonte e produtor de conhecimento, não dispensa uma teorização, mas sempre desde o corpo, e esse corpo possui uma história, uma memória que, mesmo tendo sua dimensão individual, remete necessariamente a um coletivo.” (PETIT, 2015, p. 153), dessa forma o corpo das educadoras é considerado fonte de conhecimento e produção de saberes, logo quando aprendemos ou produzimos, fazemos isso com todo o corpo, sendo assim, corpo e mente não são e nem estão dissociados no processo de ensino-aprendizagem.

Dentro das condições de cada uma, as professoras acolheram a proposta e movimentaram o corpo conosco, a fim de aliviar as tensões e imergir nesse encontro, tiveram também aquelas que aproveitaram o momento do alongamento para jantar, vindas de um dia de trabalho, comer é também trazer o corpo para o processo, se alimentaram ao som dos tambores, enquanto alongamos, preparando o corpo em coletivo.

Dentre as professoras participantes tínhamos conosco educadoras de diversos contextos e formações, bem como idades e territórios diferentes, apesar disso não houve objeção quanto a prática do alongamento, uma delas, professora de teatro, relatou satisfação em realizar o alongamento, uma prática comum em sua formação e atuação, apontando que lhe ajudou a desprender das atribuições do dia, que ainda reverberavam, e a se conectar com a proposta, reforçando assim a importância de corpo e mente estarem integrados em processos formativos.

O momento de acolhimento e despertar do corpo, foi uma forma de ativar os sentidos afetivos e corporais das professoras co-pesquisadoras para o processo formativo e produção de escrevivência, bem como para conectá-las com memórias e histórias pessoais e ancestrais. Assim, utilizamos o DISPOSITIVO DO CONTO já explorado pela professora Rebeca de diversas formas, para nomear, apresentar e anunciar as mulheres-negras-educadoras que chegaram até nós: “Inspirada nessas fecundas possibilidades, procurei elaborar um dispositivo que se utiliza do gênero literário conto, objetivando, em primeiro lugar, criar um tipo de narrativa auxiliadora da (re) invenção do próprio autor/pesquisador em situação formativa.” (MEIJER, 20__, p.65)

As participantes foram convidadas a pensar um codinome que lhe acompanharia durante a pesquisa e criar um pequeno conto com base nas seguintes orientações:

- 1. Ter um título/ Apresentar a protagonista a partir do codinome e justificar o codinome (esse codinome tem que ter um sentido na sua vida com Mulher-Negra-Educadora);

- 2. Situar a personagem no contexto geográfico, social e cultural;
- 3. Apresentar a personagem no contexto profissional;
- 4. Porque essa personagem busca desenvolver a identidade da PedagoPreta? (O que a motivou?);

A partir dessas orientações as professoras tiveram cerca de 15 minutos para a elaboração dos seus contos, através desse dispositivo tivemos o nosso primeiro contato com as histórias, memórias e perspectivas daquelas mulheres. Estiveram presentes nesse encontro, as professoras participantes da imersão, eu, a professora Rebeca e minha colega de turma e também orientanda da professora, Antônia, que colaborou com sua presença afetiva e registros da oficina.

Apesar da participação de cerca de 12 professoras nesse primeiro encontro, nem todas as cursistas enviaram a produção do conto, bem como, algumas que não estavam presentes enviaram a atividade depois, contamos com um total de nove produções escritas, a partir das quais realizamos a análise. A seguir, apresento cada um dos “Contos de Si”, organizados em ordem alfabética de acordo com os nomes criados por cada PEDAGOPRETA. Buscando dialogar com os elementos trazidos a partir das escritas produzidas seguem abaixo cada um dos contos compartilhados.

CONTO 01: “Amor é rio que corre”

PROFESSORA: Amor é rio que corre

“Ela que é filha da Oxum, se entrega, se joga neste rio. Truculência e agitações provocadas pelo assédio moral, devido a um - de personalidade frágil, covarde e manipulador.”

Residente em Tibau da sul cidade das águas, ou seja, das mulheres que correm e transbordam. De dor ou alegrias. Educadora com formação em direitos humanos, graduada em letras, comunicação popular e Extensionista em literatura afro latino-americana e caribenha. Responsável pela Biblioteca Comunitária Auta de Souza. Escritora, que desbrava um mundo de possibilidades acreditando sempre na educação como potencial de transformação, sonhando em retornar para universidade para continuar a seguir o caminho das águas.

A professora “Amor é rio que corre” abre o seu conto falando em Oxum, divindade africana, do panteão yorubá, atribuída ao amor e à feminilidade. Na natureza, Oxum tem seus domínios nas águas doces dos rios, representa a fertilidade e abundância. Em algumas de suas formas, Oxum é também uma mulher guerreira, que vence as batalhas através da sua perspicácia, inteligência e estratégia, Oxum nos apresenta o amor sob uma perspectiva

não-romântica, pois não deposita no outro suas expectativas afetivas, mas carrega consigo um “abebé”, espelho dourado, que constantemente reflete para ela sua beleza e potência. A professora, nos conta ser responsável por uma Biblioteca Comunitária, que em seu nome homenageia uma das maiores escritoras do Brasil, a potiguar Auta de Souza. Mostra que assim como Oxum, ela é uma mulher articulada, do movimento e da fluidez, ela, rio que transborda, quer mais, para assim poder oferecer mais, pois sua natureza é abundante, expressa o desejo de retornar a Universidade, pois acredita que esse é um dos caminhos que podem fertilizar seus sonhos, vê no nosso encontro uma encruzilhada potente que pode ajudá-la a seguir seu caminho.

CONTO 02: Anastácia, a contadora de histórias

PROFESSORA: Anastácia

“Tia Anastácia, a amável cozinheira, do sítio do Pica-pau amarelo. Escrava Anastácia, mulher preta escravizada, do século XVIII, que ficou conhecida pelo uso de uma máscara de flandres, símbolo da opressão a qual foi submetida por resistir aos abusos do seu senhor.

Essas duas personagens, a literária e a histórica, transpassam a história das minhas ancestrais e são referências que trago para essa imersão, digo aventura.

A tia preta, me ativa a memória da minha avó, Mãe Preta. Cozinheira e contadora de histórias, que encheu minha infância de fantasias e afetos.

A escrava amordaçada me remete ao passado mais longínquo, as pretas ancestrais que foram escravizadas antes da minha avó. Quantas opressões viveram? Terão resistido, se aquilombado?

Meu pai contava que eu teria o nome de Anastácia, mas ele havia assistido um filme e copiou o nome de uma atriz que o fascinou. Hoje, posso ser Anastácia, não a insubmissa princesa russa, mas a contadora de histórias – histórias das sociedades e das artes, documentais e fictícias. Essa Anastácia, ama cozinhar, gosta de recriar histórias e contá-las em forma de encenações.

Essa Anastácia gosta tanto de personagens que se apaixonou por uma Dama e sua boneca preta, que chamam de calunga. Ela via as Damas com seus passos e braços balançantes em frenético movimento ao som dos tambores, descendo e subindo ladeiras, na folia pernambucana. Ela não imaginava que aqueles sons eram ancestrais e estavam ali, no seu corpo, na sua alma, eram memórias adormecidas que ao serem despertadas, a encheram de movimento e de espiritualidade.

Anastácia mora em Natal e viaja diariamente 70 km para o município de São Paulo do Potengi, onde troca saberes e fazeres na arte de educar jovens. Essas trocas de aprender ensinar-reaprender-transformar são sua rotina há 34 anos. Ela sabe que é uma plantadora de sementes e sente orgulho quando vê suas sementes transformadas em árvores frondosas e frutíferas.

Anastácia é a fusão das suas homônimas, na amabilidade e na resistência. Reconhece na personagem criada por um homem branco de mentalidade colonialista, a sua avó, que serviu a vida toda aos patrões, aceitando sua condição de mulher preta, empregada doméstica, dedicada e dócil. Vivendo nos padrões que lhes foram repassados. Porém, a Anastácia que me habita hoje, é uma crítica dos padrões patriarcais que nos foram impostos por séculos, ela tem em si a força da Escrava Anastácia e se inspira nela e em todas as pretas ancestrais que resistiram aos algozes.

Anastácia que me habita é uma mulher curiosa, que vive em busca de novos conhecimentos, novas aventuras para somar, ressignificar, transformar suas histórias e as histórias das vidas que se entrelaçam no seu fazer pedagógico, adolescentes e jovens em processo de formação. Anastácia espera experienciar novos conceitos e vivências que venham a fazer parte de suas experiências futuras.

Reencontrar o nome que teria com o nome de personalidades/personagens negras marcantes que fazem parte da história e literatura do Brasil, demarca/ afirma a Anastácia que ela escolheu ser hoje, assim ela difere-se e assemelha-se das que já foram. Em seu conto a professora apresenta memórias afetivas, rompe com as dores, traz a força da cultura, do seu reencontro consigo mesma, para apresentar a educadora que se tornou. Ela, a professora mais experiente da nossa imersão, fala das lutas e desafios diários, se inspira nas que resistiram e compartilha sua busca pela experiência que pode contribuir para a transformação de sua prática, ela já caminhou muito e ainda quer mais. Ela vê a proposta da Imersão como uma aventura, pois sabe que viverá o inesperado, o desconhecido, reconhece a ousadia que é nos juntarmos em prol da construção da nossa identidade e potencialidade educativa e negra.

Através da sua ecrevivência, Anastácia também me fez refletir sobre experiência e “maior idade”, sendo ela a professora mais experiente da imersão e uma educadora que tem a minha idade em tempo de experiência. Na perspectiva do candomblé, ser mais velha ou mais nova, não está ligado apenas a nossa idade, mas também se relaciona com a nossa experiência e sabedoria adquirida em determinado posto, todavia, o movimento de benção é feito em troca, ou seja, os mais velhos também pedem benções aos mais novos, compreendendo que esses também tem o que ensinar, assim como os mais velhos sempre terão algo a aprender.

CONTO 03: “(Re)Conhecimento”

PROFESSORA: Catarina

Após minha avó paterna falecer me apareceu uma imagem de preta velha - Vó Catarina, com uma mensagem que me acalmou em 2019, eu ainda não conhecia nada além do que o senso comum sabe sobre as religiosidades ancestrais, não seguia nenhuma conteúdo com o tema que justificasse a mensagem. Senti um chamado naquele momento para passar a procurar conhecer mais sobre, sobretudo o que implica as questões da educação que estavam relacionadas ao tema. Como estudante de Pedagogia da UFRN não aprofundava o assunto, uma forma de fugir, de negar minha origem... Como eu era boba,

quanta riqueza havia no que eu desprezava, me distanciava como uma defesa, uma forma de negar a cor, ou o cabelo, de esconder quem sou, de esconder-me de mim talvez como uma defesa do racismo que já vivi, esse racismo velado que me fazia ver no espelho uma moreninha e não deixava a negra aparecer. Mas é chegado o momento de ‘desarnar’, de buscar na fonte, antes tarde do que nunca. Alguns dirão assim: quem te viu quem te vê! E que bom!!! Que eu possa cada vez mais me (re)conhecer e ver beleza na minha pele preta tão desprezada e tida como a mais barata do mercado, para que eu possa também valorizar meus pares, que eu saiba aprender a me dar valor a dar valor às nossas identidades negras. Buscando ultrapassar as barreiras do racismo a partir da construção de uma prática pedagógica afrocentrada neste momento final da graduação.

Catarina é mais uma professora que traz a presença da espiritualidade de matriz africana como ponto importante para sua trajetória como educadora, escolheu para si o nome de uma entidade, uma Preta Velha, diz que vem de um caminho de negação de sua própria história, negando o conhecimento como quem nega a si mesma, para se proteger do racismo, mas revela que desarmou a partir do encontro com as divindades, ela vê no reconhecimento e construção da sua identidade e pertencimento, a potencialização do seu ser pessoal e profissional. Enquanto uma das cursistas da Imersão, afirma que vê nesse encontro possibilidades de ir mais fundo nas suas origens, quer expandir sua essência e construção identitária para a sua prática: “Uma prática pedagógica afrocentrada”, que não mais nega a negritude, mas tem ela como fonte de sabedoria, riqueza e transformação.

CONTO 04: “Se perdeu para se encontrar”

PROFESSORA: Dandara

Dandara porquê é aquele nome forte que você busca ser, independente do que aconteça com você, nem da morte tem medo. O medo dela é de ser escravizada de novo... De Natal/ RN, aquele Estado de tantas mulheres fortes mas não muito conhecidas, por ser mulher. Aquele Estado de Clara, de Nísia, de Auta e tantas outras. Uma mulher que tem sede de justiça na educação, uma pessoa indignada com quem tem poder pra mudar e não muda nada por escolha. A escolha de educar e de saber dói, não será fácil, mas ela decidiu não mais se entregar ao domínio da arte e da música do colonizador. Abrir o ouvido a outros sons, silêncios e outras formas de pensar a cultura não pelo viés da classe dominante, inclusive seria mais fácil reproduzir, porém, seria acomodar-se no padrão que não há encaixe. Dandara se sente um peixe fora d’água literalmente, a busca de se encontrar é a necessidade de vivenciar uma pedagogia negra.

A professora Dandara se deu um nome que lhe nutre de força! Demonstra nas primeiras linhas de seu conto o compromisso em “não ser mais escravizada”, apesar das dificuldades que sabe que vai enfrentar, ela deseja se nutrir de nossas referências, pois sabe que não encontrará no território branco-eurocêntrico espaço para ser quem é. Dandara é professora de música, denuncia em seu conto o quanto o ensino dessa arte ainda está

totalmente imerso em perspectivas colonialistas, deseja fazer o caminho inverso. Traz mulheres de seu território como inspiração e Auta de Souza como referência de mulher negra potiguar, coloca a educação como um instrumento político capaz de mudar, registra sua insatisfação, sua indignação e acredita na educação como ferramenta para transformar, se colocando como agente dessa mudança através da busca por uma “pedagogia negra”, vê no nosso quilombo pretagógico um espaço onde possa se encontrar, se nutrir de referências, para ser a mudança que deseja vê na educação e no mundo.

CONTO 05: “Luanda- a que ilumina a noite”

PROFESSORA: Luanda

Luanda, a que ilumina a noite, é uma professora de artes, negra de pele mestiça, formada em Licenciatura em Teatro que cursa uma especialização em Ensino do Teatro, a fim de aprofundar os estudos na área. Também é atriz independente e trabalha produzindo oficinas e cursos de teatro e de escrita criativa autoral, assim como, desenvolve projetos artísticos voltados para um espaço cultural do qual é diretora social. Luanda mora em Natal, RN, desde o ano que nasceu e deseja trabalhar em sala de aula com práticas decoloniais, com o objetivo de fazer conhecer tantas mulheres negras que são produtoras de conhecimento.

Luanda, nome da capital de Angola, um dos principais países nas rotas de tráfico negreiro para o Brasil, país da África ocidental também colonizado por Portugal. De Angola herdamos muitos saberes, culturas e origens. Trazendo o significado “Aquele que ilumina a noite”, a professora Luanda busca a luz de sua existência a partir do desejo em aprofundar seus conhecimentos no encontro com outras mulheres negras, transformando sua prática e fortalecendo ainda mais seu ativismo social e cultural, é mais uma professora que acredita na força coletiva e ancestral dos encontros.

CONTO 06: “ExPreTissões”

PROFESSORA: Naná

A professora NA², tem esse nome dado por sua mãe. Hora era chamada de nega outra de nana, mas nunca pelo seu nome de registro. NA² implica em Nana, nascida em Natal, moradora da zona oeste. É professora de Matemática do ensino fundamental e médio da rede privada. Nana vê a PedagoPreta como extensão infinita das possibilidades de trabalhar com a Etnomatemática e possibilitar mais cor para os números expressos pelo homem branco.

Naná abre seu conto em uma brincadeira linguística que anuncia quem é, sua relação com os números, ela professora de matemática, “Ná ao quadrado” ou “Naná”, seu nome vem através das memórias afetivas maternas que carrega consigo, uma memória ancestral e visceral. Naná me fez perceber o quanto a identidade PEDAGOPRETA se estende às mais

diversas áreas de atuação e conhecimento, sabe que a sua construção identitária será força motriz para o seu desenvolvimento profissional. Vê na PEDAGOPRETA uma possibilidade para enegrecer sua prática e sua área de atuação, demonstra que já tem caminhos possíveis através da Etnomatemática, e enxerga nessa construção identitária profissional e coletiva uma “extensão infinita de possibilidades.”

CONTO 07: “Descolonizar o corpo; o currículo”

PROFESSORA: Selvática

Do interior do agreste do RN essa mestiça (negríndia) veio ainda criança para a capital para zona norte junto com a mãe e 4 irmãos. Seu nome é Selvática... Lutando para sobreviver com a família.

Chegando em Natal lidando com o preconceito de "ser diferente" de sua origem interiorana, da geografia de seu corpo. Na verdade esse "ser diferente" foi muito de um fora que a garota Selvática ficou aprisionada e colonizada por uma imagem distorcida e assim aprendendo a negar a si e toda sua ancestralidade africana e indígena, mas de vez em quando lembrava das vozes femininas de sua família... Sua vizinha que contava sua história de vida... Sua tia, às vezes, contava à noite causos ainda quando Selvática morava no interior (que era um lugar onde apesar de muita dificuldade se sentia livre nas matas, açudes..) e tanto ela como prim@s, irmã sentavam para escutar a sua tia. E tempos se passaram e Selvática se tornou professora pedagoga - de crianças de 6, 7 anos de idade. Em sala de aula busca se conectar, afirmar e trazer para sala de aula a história não contada dos povos africanos por meio da literatura, história, música etc acreditando na possibilidade de descolonizar o corpo, o currículo e a pedagogopreta pode contribuir muito nesse processo.

A professora Selvática traz em seu nome a selva, a nossa “natureza animal”, de luta por sobrevivência. Vinda do interior para a capital, sua origem interiorana é responsável por mantê-la conectada com suas raízes africanas e indígenas, traz consigo memórias e histórias tendo suas mais velhas como elo para sua construção e pertencimento ancestral, as vozes femininas de sua família a mantiveram conectada. Em seu conto, assim como outras professoras, fala que sua prática já é atravessada por essa busca em se conectar com saberes de origem africana, para ela a PEDAGOPRETA pode ser a potencialização dessa busca. Em seu título “Descolonizar o corpo; o currículo” reafirma a importância de estarmos imersos em um processo que não é só intelectual/docente, mas também corporal/identitário.

CONTO 08: “A descoberta de mim mesma”

PROFESSORA: Sol

A história que irei lhe contar é da cidade da Luz. É lógico, que não poderia ser diferente que o nome desta mulher é SOL. Ela é moradora da cidade de Fortaleza-CE. Nunca

conseguiu se sentir pertencente a muitos lugares, mas em 2019 se descobriu mulher preta mestiça. Uma nova história surge em seu caminhar... com vários irmãos teve uma infância cheia de aventuras e perigos, mas que foi muito feliz. Atualmente é intérprete de libras em uma escola na periferia de um município. Onde se reinventa diariamente nos percalços das escolas regulares que não estão preparadas para vivenciar a potência que são os alunos SURDOS. Acredita que o projeto pedagopreta tem um grande ensinamento, porque uma mulher preta é potente e muitas são pulsantes.

Vinda da Cidade da Luz, a professora Sol deu ao seu conto o título “A descoberta de mim mesma”, a construção da identidade negra possibilitou a essa mulher uma nova história, professora de LIBRAS, nos lembra que nossas lutas são carregadas de intersecções, nos atentando para a potência existente nos alunos surdos. A professora Sol, diferente das outras, é de Fortaleza-CE, certamente chegou ao nosso encontro através das redes que perpassam o meu trânsito entre Rio Grande do Norte e Ceará, sendo uma potiguar fazendo um curso e sendo orientada por uma cearense, apesar de fugir do perfil divulgado como público alvo considero sua presença como extremamente importante, pois nos possibilitou identificar a importância dessa identidade ser construída por mulheres-negras-educadoras dos mais diversos territórios. Certa da potência existente em cada mulher negra, acredita que a junção de várias de nós já garante grandes ensinamentos, a partir do que ela chamou de “projeto pedagopreta”, é possível identificar na fala dessa professora e de muitas outras, a crença de que o fato de estarmos juntas, em construção, possibilita a expansão das nossas potencialidades.

CONTO 09: “RESISTÊNCIA”
PROFESSORA: Yemala Ifá

Yemalla Ifá a deusa africana, foi seu nome escolhido nos jogos do rpg. Nascida e criada no bairro nobre de Neópolis, porém a Yemalla não pertencia a nobreza.... Yemalla é professora da rede municipal de natal e monte alegre, há 14 anos atuando nos anos iniciais. a motivação para participação foi a vontade de trabalhar ainda mais com seus alunos sobre a cultura e história afro-brasileira, assunto que a inspira sempre e a faz sentir mais forte e resistente. Como Yemalla está? bem sucedida!!!!

“RESISTÊNCIA”, assim se chama o conto da professora Yemala Ifá, nome de Deusa que fez questão de se dá, demarca que apesar de ter nascido em um bairro nobre, não pertencia a nobreza, porém está certa das riquezas que sua ancestralidade africana carrega. Pretende a partir da Imersão e da construção identitária PEDAGOPRETA, trabalhar ainda mais os saberes e potenciais ancestrais africanos em sala de aula. Foi interessante perceber

que encerrou seu conto dizendo-se “Bem sucedida”, reconstruindo a partir do seu conto um outro fim possível para nossas histórias, diferente do fim que geralmente é atribuído a nós. É assim que Yemala está. É assim que queremos permanecer.

Após a elaboração das escritas, cada participante fez a leitura do seu conto para o grupo e foi orientado o envio do texto produzido para a pasta compartilhada entre as cursistas. Neste momento conhecemos as professoras: *Amor É Rio Que Corre, Anastácia, Catarina, Dandara, Luanda, Naná, Selvática, Sol, Yemalla Ifá*. Estava formado o nosso *quilombo pedagógico*, felizes em receber essas professoras com histórias e memórias que se entrelaçam a partir de quem são e de seus propósitos, foi notório a escolha de nomes que representavam elementos da natureza, divindades africanas e até ancestrais diretas das professoras, nomes que lhe conectavam com sua identidade pessoal e profissional:

Os indivíduos são formados de identidades, uma mulher não é só mulher, nem apenas negra ou branca, ou índia, não é apenas professora, mas muitas das vezes mãe, amiga e conselheira. E diante desses aspectos é importante ressaltar que Identidade aqui não é entendida como um constructo fixo, mas sim com algo em constante processo de transformação. (ROBERTO, 2014, p. 50)

Contando a história de si, as PEDAGOPRETAS recontaram através da escrevivência, a história de muitas outras que não tiveram a oportunidade de contar ou serem contadas. As histórias vinham carregadas de afetos, memórias potentes, dores, saberes que nos conectam e reconectam com nossas histórias pessoais e coletivas: “Escrever pode ser uma espécie de vingança, às vezes fico pensando sobre isso. Não sei se vingança, talvez desafio, um modo de ferir o silêncio imposto, ou ainda, executar um gesto de teimosa esperança.” (EVARISTO, 2005, P.02).

A importância de nomear-se com base em quem se é/ em quem somos, é um movimento de intensa teimosia. E porque não dizer vingança? Nosso nome, nossa identidade, foi uma das primeiras coisas que os colonizadores tiraram de nós, poder nos dar um outro nome que retome a nossa trajetória a partir de quem somos, abraçando a nossa identidade e ancestralidade, foi um exercício muito significativo e que pode ser feito com crianças e adultos, através da escrita e também da oralidade. Esse exercício inevitavelmente me remeteu ao processo de iniciação no candomblé, onde recebi um nome yorubá, um novo nome carregado de sentido e de pertencimento, foi um momento marcante, que ressignificou minha história e meus objetivos, desde então meu nome yorubá me acompanha, tanto dentro da família religiosa, como artisticamente e até socialmente.

Experimentar nomear-se, é muito mais do que criar um codinome que seria usado na pesquisa, mas é sobretudo nos darmos a oportunidade de dizer quem somos a partir do nosso nome, um nome que anuncia nosso pertencimento negro/africano, que não nos permite esquecer quem somos, o dispositivo do conto nos permitiu conhecer as pedagopretas mobilizando a escrevivência, rompendo com o silêncio imposto e mostrando que nossas histórias podem e devem ser contadas a partir de nós mesmas. Era notório como cada história contava um pouco sobre cada uma, mas também fortalecia o elo entre todas, foram produzidas histórias que poderiam ser contadas a qualquer pessoa, em qualquer lugar, mas que sobretudo fortalecia a identidade profissional que pretendemos desenvolver.

Quantas histórias de educadoras negras você já ouviu? Ao produzir essas escrevivências tão complexas e tão simples, descobrimos mulheres negras e professoras com histórias incríveis e comuns como tantas outras, falamos dessas identidades e das perspectivas dessas profissionais, dessas mulheres, queríamos saber o que as fez buscar a Imersão Formativa Pedagopreta, deste modo, já começamos explorando a identidade Profissional, foi interessante perceber que alguns elementos se destacaram nas produções realizadas pelas professoras, elementos os quais vemos como primordiais para essa construção identitária.

A presença da espiritualidade e religiosidade de matriz africana foi um dos elementos citados por algumas professoras que inspiraram a escolha dos nomes, isso reforça a importância dos terreiros no nosso movimento de retomada e pertencimento ancestral e na preservação da história e cultura africana e afrobrasileira, as professoras foram buscar nas divindades e na espiritualidade as referências necessárias para encontrar um nome que pudessem defini-las como mulher-negra-educadora, essas referências ancestrais ligadas a espiritualidade podem ser percebidas nos nomes e contos de: Amor é rio que corre, Catarina e Yemala Ifá.

O envolvimento com arte e cultura popular afro brasileira também se fez presente na escolha de nomes e nos contos das professoras, como Dandara que demonstrou sua inquietude com o ensino de música ainda tão colonialista e Anastácia que revela ter encontrado em uma personagem do Maracatu Nação, as Damas do Passo, um reencontro com sua ancestralidade: *“Ela via as Damas com seus passos e braços balançantes em frenético movimento ao som dos tambores... eram memórias adormecidas que ao serem despertadas, a encheram de movimento e de espiritualidade.*

Outro ponto muito presente na fala das PEDAGOPRETAS, foi a significativa importância e inspiração vinda das mais velhas: Avós, mães, antepassadas das professoras e personagens reais que fizeram parte da nossa história foram lembradas e reverenciadas em

diversas das escrituras produzidas, como as de Selvática, Naná, Dandara e Anástacia, reforçando a importância daquelas que vieram antes, das referências que nos tiram do anonimato, que multiplicam nossas histórias e nos reposicionam a partir de histórias múltiplas.

Um ponto que não pude deixar de perceber e que veio com muita força através dos “*Contos de Si*”, foi o engajamento político e social presente no discurso delas, palavras como “Resistência”, o compromisso com uma educação transformadora, a disposição para contribuir com a implementação da Lei 10.639/2003. O entusiasmo em trazer referências para seus alunos, esteve presente na escrita de todas as educadoras, o compromisso consigo e com a comunidade, com os estudantes com quem trabalham e por ventura possam trabalhar.

O desejo de ser mudança motiva essas professoras e as impulsionam a construir uma identidade profissional que possa potencializar a sua ação pedagógica, são professoras ativistas e porque não dizer militantes? Esse engajamento define essa identidade que não é só sobre si, mas sobre o todo, e já pôde ser observado por outras pesquisadoras que se propuseram a investigar mulheres negras educadoras, como na pesquisa desenvolvida pela professora Joana Roberto, em seu trabalho intitulado “Educadoras negras: construções docentes de raça e de gênero.”:

As professoras conhecem e trabalham com a lei, mas, o niilismo surge, por falta de espaço e condições de trabalho, por terem que seguir o sistema, por não poderem contar com a escola para impulsionar projetos em relação à Lei 10.639/03, encontram-se sozinhas realizando pequenas ações em sala de aula, sentem-se engessadas a um sistema, sentem-se desanimadas, pelo fato de saberem que os preconceitos e o racismo só serão liquidados e a equidade alcançada com a união da Instituição escola em prol de uma educação menos excludente. Se viver em sociedade é produzir cultura, precisamos reconstruir a cultura escolar incluindo as Culturas Negras efetivamente no Currículo escolar. (ROBERTO, 2014, P. 71)

Para isso é necessário um trabalho que extrapole a dimensão da escola e construa nessas mulheres potenciais de pertencimento capazes de transformá-las na própria mudança que desejam, é preciso engajamento, compromisso, conhecimento que são adquiridos através do encontro dessas potencialidades, surge aqui o último elemento que gostaria de destacar nas produções literárias das professoras, o desejo de estarem juntas, de encontrar pares, de se aquilombar, a partir do diálogo, da troca de experiências. O aquilombamento é uma estratégia ancestral de refúgio, fortalecimento, acolhimento, cuidado e permanência, essa sensação de não pertencimento sentida dentro dos nossos espaços formativos e de trabalho, desperta em

nós a necessidade de sermos genuinamente incluídas nos espaços educativos, que na maioria das vezes ignora as nossas formas de conhecimento e práticas pedagógicas.

Muitas das professoras destacaram em suas falas e contos que o encontro entre mulheres negras possibilita além da troca de experiência e aprendizado, um exercício de cura, de amor próprio, a criação de um território que acolhe e reconhece nossas potencialidades fomentando nosso crescimento pessoal, profissional e afetivo, contribui tanto para nossa construção identitária a partir do conhecimento de si, como para a nossa relação com o outro. A partir do fortalecimento de vínculos e contatos com outras que compartilham de experiências singulares é possível construir um ambiente formativo pautado na afetividade: “A prática de se amar interiormente nos revela o que o nosso espírito necessita, além de nos ajudar a entender melhor as necessidades das outras pessoas.” (HOOKS, 2010, P. 11)

A partir do dispositivo do “*Conto de Si*”, conseguimos satisfazer nosso objetivo de conhecer as PEDAGOPRETAS e produzir uma escrevivência acerca da Identidade Profissional Docente das mesmas, esses contos nos apresentaram vários elementos e nos levaram a diversas reflexões que contribuíram para o nosso pertencimento ancestral e para o rompimento com o silêncio o qual, nós como mulheres negras, somos submetidas diariamente. A gente pôde falar da gente e das nossas, ouvir umas as outras, traçar planos, metas, perspectivas, curar dores e movimentar lutas, através dessas escrevivências as professoras puderam também reverenciar ancestrais, antepassada, dar um lugar de destaque e força a suas trajetórias, foi um momento forte, emocionante e de muito aprendizado.

Após a leitura e apresentação dos contos, foi apresentado o cronograma de *percurso*, juntamente com as orientações sobre cada atividade, o cronograma que já estava anexado a Carta Pedagógica que elas receberam, foi comentado minuciosamente a fim de explicar todo o caminho teórico, metodológico e prático da Imersão, infelizmente nem todas as professoras presentes no primeiro encontro estiveram nos encontros seguintes, algumas das professora, mesmo não estando presentes entregarem o seu conto depois. Apesar dessa variável, de não termos trabalhado com um grupo único e fechado, oscilando a participação das inscritas nas atividades, todas as participantes foram convidadas a se dar um codinome, o qual será utilizado em nosso trabalho sempre que nos referirmos a cada uma delas.

Após esse primeiro momento, lembro da sensação de alívio e alegria que senti, boa parte da minha inquietude tinha se acalmado ao perceber que conseguimos aquilombar mulheres negras e que assim como eu, elas também estavam desejosas de mergulhar nas possibilidade que essa identidade profissional (em construção) poderia nos oferecer. Vê-las e

ouvi-las me preparou e entusiasmou para as próximas ações.

4.3. 2º ENCONTRO- A PRETAGOGIA E A PEDAGOPRETA: DO REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO DE BASE AFRICANA E AFROBRASILEIRA A CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE PROFISSIONAL DOCENTE DE/POR E PARA MULHERES-NEGRAS-EDUCADORAS

Eu e a professora Rebeca já tínhamos acordado que, já que teríamos parte da Imersão online, iríamos usar esses momentos para a parte mais teórica da formação, e os momentos presenciais gostaríamos de explorar mais a parte prática, corporal e criativa das educadoras, colocando em prática os recursos metodológicos que a pretagogia nos proporciona experimentar e desenvolver.

Para o segundo encontro online, após conhecer as PEDAGOPRETAS e ter tido contato com suas escrituras, resolvemos apresentar para elas um pouco das categorias e caminhos teóricos e metodológico que íamos percorrer durante a Imersão, ter contato com essa base teórica e metodológica é também uma forma de nos nutrir epistemicamente de potencialidade e pertencimento. Nosso segundo encontro, que também aconteceu de forma online, foi realizado na noite seguinte, uma sexta-feira, dia 21/07, das 19 às 21 horas, participaram cerca de 16 educadoras.

Segue o planejamento elaborado e executado nesse dia:

21/07/2023 19 às 21h	Encontro Online	Descrição/ Metodologia/tempo:	Material
	<p>“A PEDAGOPRETA: Construindo uma Identidade Profissional Docente de/por e para Mulheres-Negras-Educadoras”</p> <p>Objetivos:</p> <p>- Apresentar a</p>	<p>1º Momento</p> <p>Acolhimento/ Alongamento/Vídeo (15 min)</p> <p> ME GRITARAM NEG...</p> <p>2º Momento:</p> <p>Aula expositiva acompanhada de apresentação visual, nesta aula trabalhamos o conceito de PRETAGOGIA e o que tem sido desenvolvido acerca do conceito de</p>	<p>Apresentação de Slides</p> <p>Texto/ Ata de aula 01</p> <p>Texto/Ata de aula 02</p>

	<p>categoria PEDAGOPRETA e o referencial teórico metodológico da PRETAGOGIA, a fim de contribuir para a formação das professoras e para a construção da identidade profissional PEDAGOPRETA nas mesmas.</p> <p>- “Aquilombar” Mulheres-Negras-Educadoras em uma imersão formativa, com base no conceito e nas características da Pedagopreta, tendo como referencial teórico metodológico a Pretagogia a fim de saber até que ponto a Pedagopreta pode ser denominada como um tipo de identidade profissional docente de mulheres-negras-educadoras.</p> <p>-Desenvolver dispositivos pretagógicos a fim de conhecer experiências da trajetória de mulheres-negra-educadoras que as aproximam do conceito e das características da pedagopreta.</p>	<p>PEDAGOPRETA</p> <p>3º Momento:</p> <p>Dispositivo Pretagógico: “Caminhos Afetivos e Encruzilhadas de Saberes”</p> <p>Nessa atividade cada Pedagopreta vai preencher seu caminho, marcando as “encruzilhadas de saberes”, fatos importantes que aconteceram na sua trajetória como mulher negra e que contribuíram para a sua construção como educadora negra. O caminho que vai do ano do seu nascimento até o ano atual, marca os pontos de descanso/virada de chave/pertencimento/marcos na vida importantes para a sua construção identitária e sua formação como educadora negra.</p>	
--	---	--	--

4.3.1. É Caminhando que se Aprende a Caminhar: Caminhos afetivos e encruzilhadas de saberes

“Negra sou
 De hoje em diante não quero alisar meu cabelo
 Não quero
 E vou rir daqueles, que por evitar – segundo eles –
 que por evitar-nos algum dissabor
 Chamam aos negros de gente de cor
 E de que cor!
 NEGRA
 E como soa lindo!
 NEGRO
 E que ritmo tem!
 Negro Negro Negro Negro
 Negro Negro Negro Negro
 Negro Negro Negro Negro Negro
 Negro Negro Negro
 AFINAL
 compreendi
 AFINAL
 Já não retrocedo
 AFINAL
 E avanço segura
 AFINAL
 Avanço e espero
 AFINAL
 E bendigo aos céus porque quis Deus
 que negro azeviche fosse minha cor
 E já compreendi
 AFINAL
 Já tenho a chave!
 NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO
 NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO
 NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO
 NEGRO NEGRO
 Negra sou!”

(Trecho do poema “Gritaram-me Negra” de Victória Santa Cruz)

No nosso segundo encontro, iniciamos com um exercício de respiração coletivo, um espreguiçar dos corpos e a apreciação de um vídeo em que o poema da escritora e compositora peruana Victória Santa Cruz, é interpretado por um grupo de artistas poços-caldenses, o vídeo intitulado “Pretos em Foco: O negro nas artes cênicas”, remonta a performance da artista Victória Santa Cruz que em 1958 eternizou esse poema que se tornou um manifesto antirracista, de pertencimento e reconhecimento identitário e ancestral.

Nesse poema a autora conta a partir de uma experiência de racismo que sofreu aos sete anos, a sua luta pela negação de sua negritude, até a afirmação de sua identidade a partir do reconhecimento de sua história e potencialidade, esse poema trata sobre como nossa construção identitária é provocada a partir da acusação dos nossos corpos, “*gritaram-me negra*”, revela que nossa construção identitária acontece por intervenção do racismo, que nos acusa, nos diferencia, na intenção de nos oprimir e subalternizar.

Depois de se perceber negra, a autora toma consciência de si, do seu poder e de suas complexidades e revela que a partir dessa construção e afirmação identitária, ela não tem mais medo, ela não retrocederá e será sim: “NEGRA!”. Essa escrevivência nos faz refletir sobre a importância da construção e a formação da identidade negra para a mobilização da nossa luta, saber-se negra, e trazendo o enfoque desta pesquisa, saber-se educadora negra, nos revela potencialidades que o racismo insistia em suprimir e tirar de nós. Em nossas trajetórias individuais podemos identificar momentos em que nos gritaram: “Negra!!!”, esses momentos apesar de muitas vezes dolorosos são revertidos em força para nos apropriarmos de quem somos e para encorajar nossas lutas.

Durante a segunda oficina, trabalhamos dois textos, o primeiro: “PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PARA A LEI Nº 10.639/2003: A CRIAÇÃO DE NOVA ABORDAGEM DE FORMAÇÃO NA PERSPECTIVA DAS AFRICANIDADES” da professora Sandra Petit, publicado na revista Educação em Foco no ano de 2016, onde a professora aborda: “*a construção em curso da Pretagogia, enquanto referencial teórico-metodológico que pretende potencializar as influências africanas, afro-brasileiras e afrodiaspóricas na nossa educação.*” (PETIT, 2016. p. 659).

O segundo texto enviado como material de apoio e abordado nesse segundo encontro foi uma Ata de Aula que escrevi exclusivamente para sistematizar para as professoras quais as elaborações feitas até o momento em torno do conceito de PEDAGOPRETA, apresentando um pouco minha trajetória, motivações e expectativas a partir da pesquisa, bem como apresentando algumas hipóteses, saberes e valores mobilizados através da construção dessa identidade. O texto/ Ata de aula intitulada: “PEDAGOPRETA: EDUCAÇÃO E ANCESTRALIDADE NA CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE PROFISSIONAL” trazia também um pouco das minhas expectativas a respeito da pesquisa/curso que estávamos propondo.

Explanei para as educadoras que a PEDAGOPRETA é um conceito que vem sendo desenvolvido durante o curso de Mestrado em Ensino e Formação Docente da UNILAB/IFCE, sob a orientação da professora Dra. Rebeca Meijer. Nele:

“apresento os caminhos percorridos, vivências e elaborações teórico-metodológicas, que deram luz a construção de uma identidade profissional, práxis pedagógica e perspectiva educativa, que privilegia a cosmopercepção africana e afrobrasileira, assim como, as subjetividades e afetividades que envolvem a comunidade afro diaspórica no processo de ensino-aprendizagem. Esta pesquisa visa também, contribuir para a construção e afirmação dessa identidade por parte de outras educadoras, fortalecendo o protagonismo negro nas discussões sobre educação, no ensino da história e cultura africana e afrobrasileira e na implementação da lei 10.639/2003.” (XAVIER, 2023, p.01)

Nesse segundo encontro que era também a nossa primeira aula expositiva, apresentei as pedagopretas o que era a PRETAGOGIA e em que contexto esse referencial teórico-metodológico tinha surgido, enfatizei que a PRETAGOGIA foi inicialmente mobilizada e apresentada a partir da produção intelectual de mulheres negras e falamos sobre os princípios dessa pedagogia que se propunha a gritar-se negra, para a construção de uma teoria e metodologia educacional que contemplasse a história e cultura africana e afro-brasileira.

“Denominamos de pretagogia a abordagem teórico-metodológica que parte de referências das filosofias que atravessam as tradições africanas e os estudos embasados em Bâ (1982), Munanga (2009), Sodré (1988; 2012), Cunha (2007), Oliveira (2006; 2007), Silva (2013), Cruz (2011), Meijer (2012), Videira (2010), dentre outros, para propor uma pedagogia que atualiza seus princípios nas culturas afro-brasileiras e afrodiaspóricas em geral a partir dos seguintes fundamentos: 1) o autorreconhecimento afrodescendente; 2) a tradi o oral; 3) a apropria o dos valores das culturas de matriz africana; 4) a circularidade; 5) a religiosidade de matriz africana entrelaçada nos saberes e conhecimentos; 6) o reconhecimento da sacralidade; 7) o corpo como produtor espiritual, produtor de saberes; 8) a no o de território como espaço-tempo socialmente construído; 9) o reconhecimento e entendimento do lugar social atribuído ao negro.” (PETIT, 2016, p. 665)

Assim, a PRETAGOGIA, nasce para formar professores e implementar a Lei 10.639/2003, dentre os seus princípios e métodos, está o reconhecimento afrodescendente, conversamos como uma identidade profissional de mulheres-negras-educadoras   importante, pois mobiliza esse pertencimento dentro da nossa profissão. A partir do autorreconhecimento, a PRETAGOGIA valoriza a experiência de si e da ancestralidade africana, abordando que toda pessoa se apresenta ao mundo a partir de suas experiências e isso não seria diferente no âmbito profissional, pois nossas experiências e trajetórias têm definem como vamos agir na nossa profissão.

Diante disso, a PRETAGOGIA valoriza a incorpora o dos conhecimentos ancestrais   nossa prática pedagógica. Mobilizar estratégias que fortaleçam o pertencimento afro   um dos fundamentos desse referencial:

“A pretagogia prioriza a experiência de si e de outros(as) no mundo por meio do autorreconhecimento e dos valores das culturas africanas, articulando-os   transversalidade e   transposi o didática. Como nas tradi es africanas, o corpo   o principal vetor do conhecimento, incorporando natureza e mundo espiritual de forma integrada.” (PETIT, 2016, p. 665)

Abrir a porteira de dentro, confere a identidade PEDAGOPRETA, a possibilidade de contribuir a partir da constru o uma identidade profissional que se pauta nesse

pertencimento, a partir da valorização e reconexão com nossa ancestralidade africana, que promove a mobilização de estratégias antirracistas e a promoção de uma Educação para as Relações Étnico-Raciais.

“Consideramos que o caminho inicia na relação autobiográfica com a africanidade, pelo que Luz (1998) chama de porteira de dentro. Abrir a porteira de dentro, em um conceito da tradição africana, significa conhecer sua história, situando-se em um linhagem biológica e/ou simbólica/espiritual e possui grande importância”. (PETIT, 2016, p. 666)

Sobre essa identidade em construção a partir dessa pesquisa, apresentei as cursistas os caminhos que me trouxeram até a construção individual dessa identidade e trouxe alguns pontos que tinha identificado como primordiais para essa construção identitária e profissional em curso. Lembrei-me de uma experiência que tive a oportunidade de vivenciar através do teatro, em especial em uma metodologia denominada *Mitodologia em Arte*, no ano de 2016. Tive a oportunidade de ser dirigida pela Profa. Dra. Luciana Lyra, que estava realizando sua pesquisa de Pós Doutorado com o Grupo Arkhétypos (Grupo de Teatro da UFRN) o qual eu fazia parte como atriz e bolsista de extensão.

Nessa montagem que também era uma pesquisa, a professora Luciana desenvolveu diversos dispositivos para que a gente chegasse a construção das nossas personagens, esses dispositivos estavam diretamente ligados a nossa construção identitária, a uma ficção que era construída através do atrito entre vida e narrativa de cada ator, o que ela chamou de *fricção*. Para a construção desse espetáculo e composição dos personagens, nós precisamos friccionar vida e arte, provocando encontros com nós mesmos, que nos levou a uma experiência única, que marcou também a minha construção identitária.

Um dos exercícios que me marcou e que retomei individualmente quando estava elaborando a pesquisa para a qualificação, foi o exercício dos *descansos*, nesse exercício a professora trouxe como ponto de reflexão, aquelas cruces que encontramos nas estradas que marcam lugares onde pessoas morreram. Essas cruces muito vistas por ela nos caminhos de Pernambuco para Natal, e também por mim no trânsito entre Natal e Fortaleza (durante as idas e vindas para as aulas do mestrado), também já haviam sido observadas por outras estudiosas:

“Inusitado foi encontrar a mesma curiosidade no relato da psicóloga Clarissa Pinkola Estés em seu livro *Mulher que correm com lobos* (1992). Também ela tinha

peculiar interesse nestas cruces espalhadas rusticamente no Novo México, que lá respondiam pelo nome de descansos.” (LIRA, 2015, p. 58, 59).

Os *descansos*, inspiraram a psicóloga Clarissa Estés, a construir um experimento terapêutico de ritual do perdão, onde cada pessoa olhava para a sua trajetória como uma estrada, e identificava os momentos/lugares de morte, de viradas de chave, circunstâncias transformadoras, esse exercício foi adaptado para a *Mitodologia em Arte*:

“No caso da *Mitodologia em Arte*, os *descansos* funcionam como procedimento, a partir do qual o atuante mapeia a sua vida pessoal numa linha cronológica traçada em longa faixa de papel em branco e assinalando cruces ao longo dessa linha, desde sua tenra idade até o presente. Com enfoque da temática do processo criativo, o atuante performatiza este mapa, criando uma trajetória, com suas obstruções, emboscadas, traições e mortes, assim como os pontos de perdão já elaborados, desta forma os descansos visam à exposição da vida do atuante em forma de jornada pessoal, na identificação de pontos, associando-os ao mito-guia do processo de criação e adensando ainda mais a persona/figura desvelada em laboratório. (LYRA, 2015, p.59)

Esse processo criativo, onde marcamos cruces nas nossas trajetórias, me marcou muito, e contribuiu para a construção da minha identidade negra, que pulsava no momento em que vivenciei o exercício do *descanso*, quando precisei recontar os caminhos que me fizeram construir a identidade PEDAGOPRETA, retomei automaticamente a esse exercício, pois ele me ajudava a identificar os pontos de partida, lugares de criação, momentos em que minha construção identitária passou por modificações.

As cruces nos caminhos e o conceito dos descansos dialoga muito com alguns saberes pertencentes a ancestralidade africana e a divindades como Esù, senhor dos caminhos e das estradas, esse orixá, além de ser o protetor das ruas, é também o mobilizador de transformações, tudo que se constrói ou se destrói conta com a energia de Esù:

“Eleger Exú como a potência codificadora e mobilizadora de de uma pedagogia da descolonização é, em suma, um ato de responsabilidade com a vida. Exú é também o primeiro a ser criado e aquele que fundamenta toda e qualquer forma de existência.” (RUFINO, 2019, p.19)

Se Exú é o senhor dos caminhos e mobiliza as existências, e estávamos nos propondo a construir uma nova existência/identidade naquelas mulheres, o exercício dos *descansos* se rerepresentou para mim através de uma nova perspectiva, adotei a linha cronológica como caminho e as cruces/*descansos* como encruzilhadas. Atribuindo sentidos e perspectivas

ancestrais de origem africana ao exercício para provocar movimento, criação, lugares de mobilização da identidade PEDAGOPRETA. Assim, me inspirei nesse exercício para criar o dispositivo dos *Caminhos Afetivos e Encruzilhadas de Saberes*.

“Exu é aquele que nos concede mobilidade, ritmo, movimento e, por consequência, caminhos. Cabe ressaltar que a noção de caminho endereçada a Onã se vincula a noção de possibilidades. Dessa forma, Onã é caminho circunstancial, imprevisível e inacabado. A ideia de caminho como algo determinado, linear, indicando início, meio e fim não encontra identificação nesse princípio.”(RUFINO, 2019, p.47)

Considerando esse princípio é importante ressaltar que esses caminhos, bem como essa construção identitária, permanece em curso e em constante transformação. Segue abaixo os caminhos afetivos e encruzilhadas de saberes que identifiquei na minha trajetória, tendo o meu ser mulher-negra-educadora e a identidade PEDAGOPRETA como enfoque:

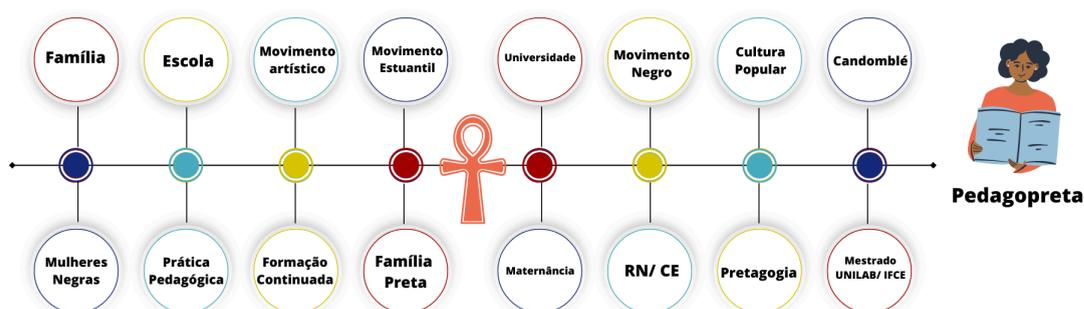


Figura 08: Caminhos Afetivos e Encruzilhadas de Saberes.

Em meu caminho, identifiquei encruzilhadas que marcam pontos essenciais a minha construção identitária e profissional, nele estão: A família, a escola, os movimentos sociais, a universidade, o movimento negro, a cultura popular de matriz africana, o candomblé, as mulheres negras, a prática pedagógica, a formação continuada, a família preta, a maternância, as viagens entre RN e CE, a PRETAGOGIA, o mestrado, a UNILAB.

Considero que esses pontos, marcaram encruzilhadas de saberes essenciais para a construção da minha identidade profissional docente PEDAGOPRETA. A partir deles pude sistematizar valores e saberes essenciais a essa construção identitária, e através do contato com as trajetórias de outras educadoras negras, iríamos poder visualizar em que nossas experiências dialogam, confluem e divergem.

Utilizei para a ilustração do meu *Caminho* o *adinkra Ankh*, os *adinkras* são símbolos que

pertencem ao povo Ashanti atualmente localizados principalmente nos países Gana, Burkina Faso e Togo, na África Ocidental, mas também estão presentes em outros lugares do globo, principalmente em consequência dos processos das diásporas africanas. Esses símbolos são considerados, um conhecimento e uma tecnologia ancestral africana, no campo da linguagem. Nesse sentido, são ideogramas que expressam valores tradicionais, ideias filosóficas, códigos de conduta e normas sociais. Podem ser divididos em algumas categorias, como animais, seres humanos, objetos artesanais, corpos celestiais, plantas e ideias abstratas. A palavra Adinkra tem um significado de despedida na língua Twi do povo Ashanti. O sufixo “Kra” é traduzido como alma, então Adinkra é como um adeus à alma. Assim, esses símbolos estão relacionados a funerais, nessa cerimônia as roupas utilizadas pelos participantes eram estampadas com os símbolos como uma mensagem à pessoa falecida.

O *Ankh* é um *adinkra* considerado a primeira, ou original, cruz. Os *ankhs* eram tradicionalmente colocados em sarcófagos para garantir a vida após a morte. Ele representa a continuidade e a circularidade, dessa forma em nossos Caminhos Afetivos, representa que esse percurso não é linear e nem necessariamente cronológico, o *Ankh* substitui as cruzes apresentadas nos *descansos* para trazer uma perspectiva de continuidade, retorno e circularidade a esses pontos destacados em nossas trajetórias, trazendo assim um significado e uma demarcação de origem africana ao dispositivo que adaptamos e desenvolvemos.

A PRETAGOGIA é uma referencial teórico e metodológico que se abre às contribuições de diversas áreas do conhecimento e linguagens, como a própria *sociopoética*, que também tem embasamentos e ramificações no teatro. Portanto, eu sabia que cabia trazer contribuições de outras linguagens e experiências para dentro da formação e que isso iria potencializar ainda mais a nossa *ação pretagógica*. Já tínhamos o enfoque/identidade que gostaríamos de construir e despertar nas educadoras, estávamos em busca da identidade PEDAGOPRETA, assim adaptamos o exercício e conceito dos *descansos* a partir da perspectiva das *encruzilhadas*.

A partir desse dispositivo, pude perceber na minha trajetória quais eram os valores e saberes que essa caminhada tinham proporcionado a minha construção identitária profissional, essas encruzilhadas foram expostas e discutidas com as educadoras presentes, e a partir delas foi possível elaborar a sistematização de alguns valores e saberes mobilizados pela identidade profissional PEDAGOPRETA, todavia era necessário investigar e ampliar esses valores e saberes a partir dos *Caminhos Afetivos e Encruzilhadas de saberes* de outras educadoras negras. Assim, seria possível fortalecer os valores levantados através da minha trajetória pessoal abrindo possibilidades para reflexões relevantes ao conceito em curso.

Dessa forma, após a apresentação dos textos e elucidações teóricas, foi solicitado às educadoras que (re)construísem seus próprios caminhos, marcando as *encruzilhadas de saberes* que potencializaram a sua construção identitária e profissional.

Para a utilização do dispositivo foi dada a seguinte Orientação:

- **Dispositivo Pretagógico: “Caminhos Afetivos e Encruzilhadas de Saberes”**

- Nessa atividade cada Pedagopreta vai preencher o seu caminho, marcando em suas encruzilhadas fatos importantes que aconteceram na trajetória pessoal como mulheres negras, que contribuíram para a sua construção profissional como educadoras. O “caminho” que vai do ano do seu nascimento até o ano atual, marca, através das encruzilhadas, os pontos de descanso/ virada de chave/ pertencimento/ marcos na vida importantes para a sua construção identitária e sua formação como educadora negra.

Seguem os Caminhos enviados pelas professoras após o exercício (apesar da grande maioria presente na aula ter feito o exercício, apenas 4 professoras nos mandaram o registro da atividade depois):

Professora: Dandara

Caminhos Afetivos e Encruzilhadas de Saberes: Mainha/Avó preta; Mulheres; Escola; Muita Raiva; Igreja/Grupos; Arte; Casamento/Divórcio; Universidade/ Licenciatura em Música; Movimentos de esquerda; Natal; Atéia/ Feminista; Minha voz; Especialização em contextos musicais.

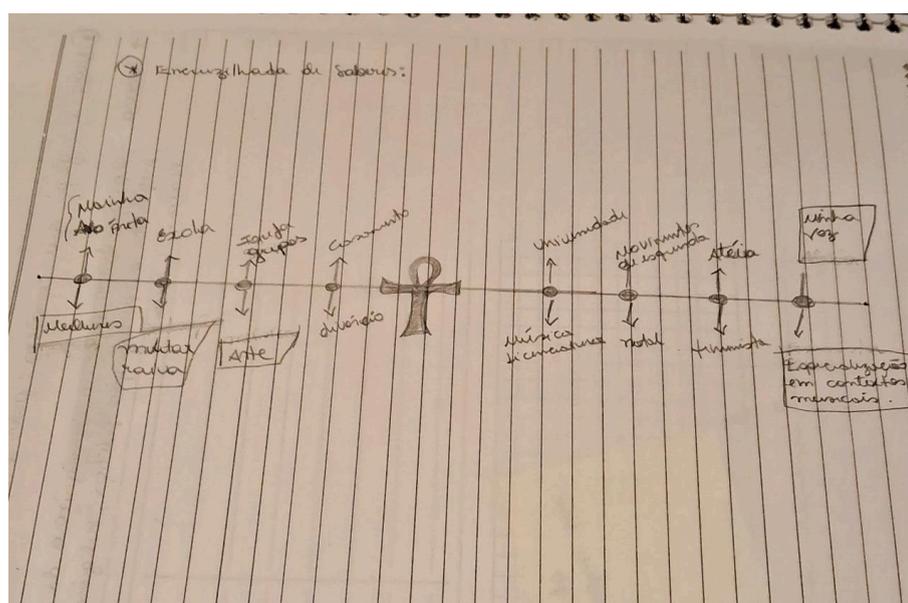


Figura 09: Caminhos Afetivos e Encruzilhadas de Saberes.

Professora: Sol

Caminhos Afetivos e Encruzilhadas de Saberes: Brincadeiras; Escola/Centro Cívico; Movimentos Jovens; Movimentos Culturais e Comunitários; Vestibular; Filhos/Casamento; Estado; Separação; Pesquisa/Estudo; Município; Especialização em Filosofia; Mestrado; Artes; Doutorado em Educação.

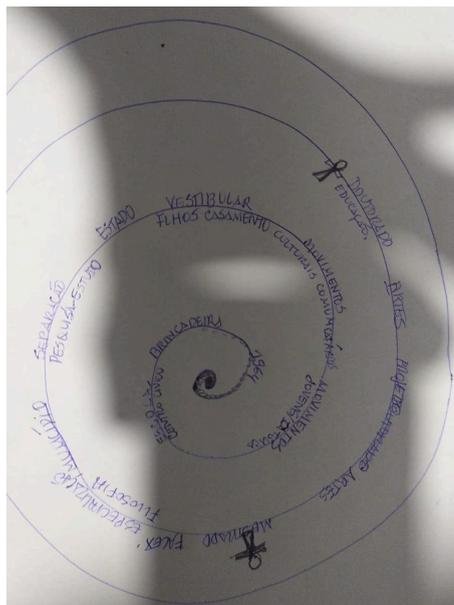


Figura 10: Caminhos Afetivos e Encruzilhadas de Saberes.

Professora: Yemalla Ifã

Caminhos Afetivos e Encruzilhadas de Saberes: 1978: Nascimento; 1985: 1º ano escolar/ Racismo e sofrimento; 2008: Formação concluída, primeira pessoa da família com diploma superior e primeiro contato com a Lei 10.639/2003 (tema de monografia)/ Início da carreira de professora; 2011: Maternidade/ Reflexões acerca da educação com tantos conflitos sobre racismo; 2013: Parei de alisar o cabelo me trazendo a identidade que desconhecia; 2015: Iniciei práticas pedagógicas envolvendo a cultura negra; 2023: Me sinto viva e realizada com minhas prática pedagógicas.

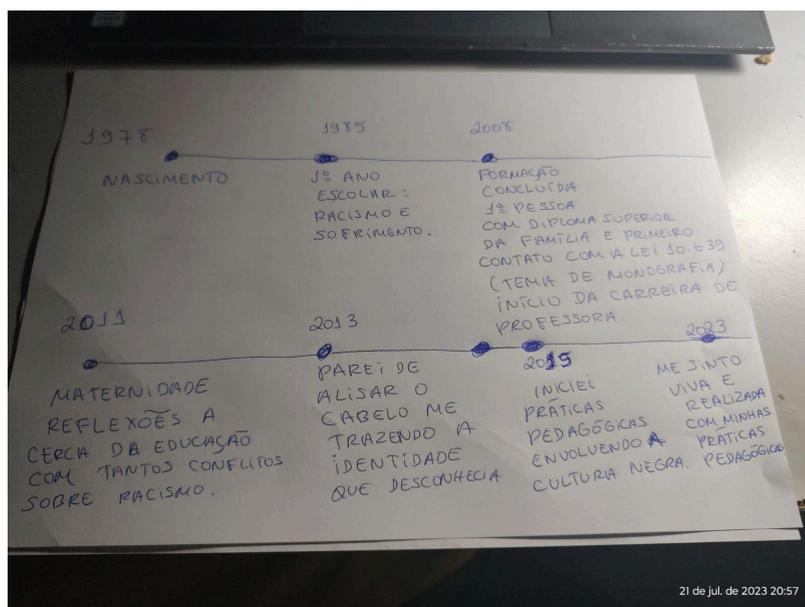


Figura 11: Caminhos Afetivos e Encruzilhadas de Saberes.

Professora: Dodó

Caminhos Afetivos e Encruzilhadas de Saberes: Ingresso na 1ª série na Escola Municipal João Delmiro, localizada na Comunidade do Sítio Pêga em Portalegre RN. COMUNIDADE QUILOMBOLA; Ingresso novamente na 1ª série na Escola Estadual 11 de Agosto, na cidade de Umarizal RN; Retorno da cidade de Umarizal e ingresso na 3ª série na Escola Estadual Margarida de Freitas, na cidade de Portalegre RN; Mudo de Município vou residir na cidade de Pau dos Ferros, onde ingresso no Ensino Médio no curso do magistério na Escola Estadual 31 de Março; Minha primeira experiência na docência na 3ª série do Ensino Fundamental, na Escola Mun. Prof. Severino Bezerra – Pau dos Ferros; Ingresso na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. No curso de Pedagogia; Meu casamento e nascimento de minha primeira filha; Minha formatura pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN no curso de Pedagogia. E nascimento da minha segunda filha. E ingresso na Escola Privada Universidade da Criança; Concluir minha especialização em Psicopedagogia, pela Faculdade Integrada de Patos – Paraíba; Ingresso no serviço público como professora da Educação Básica de Ensino da rede Municipal de Pau dos Ferros; Ingresso na rede estadual de ensino do Rio Grande do Norte;

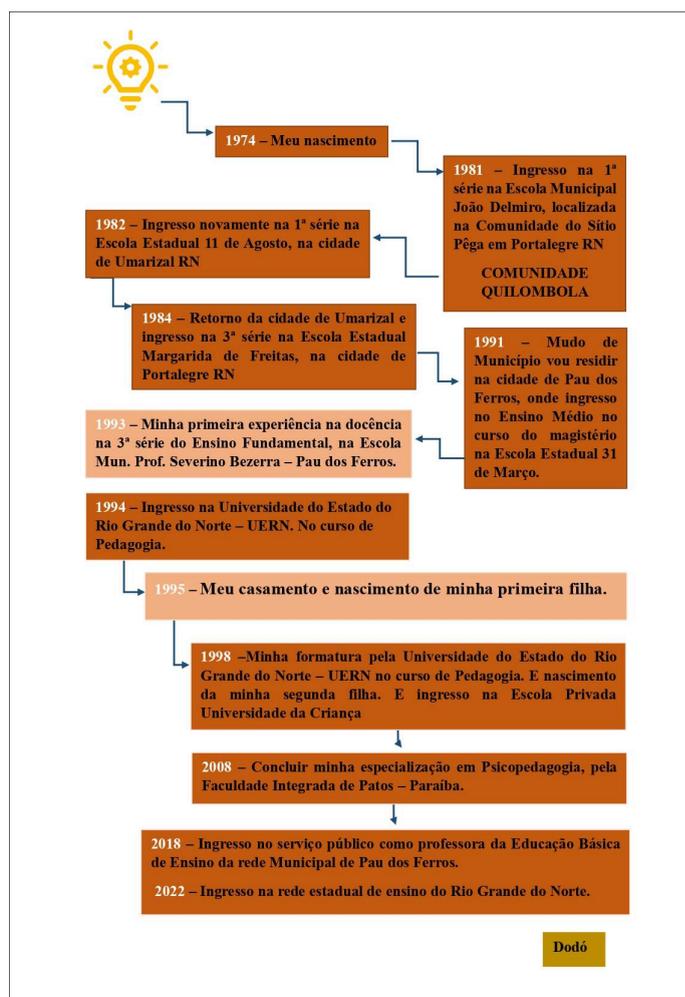


Figura 12: Caminhos Afetivos e Encruzilhadas de Saberes.

Dentre os objetivos dessa oficina estavam apresentar a categoria PEDAGOPRETA e o referencial teórico metodológico da PRETAGOGIA, a fim de contribuir para a formação das professoras e para a construção dessa identidade profissional, a partir do compartilhamento e discussão dos textos pudemos aproximar mais as educadoras do nosso referencial teórico metodológico e pude também compartilhar com elas um pouco da minha trajetória pessoal e os caminhos da pesquisa em busca da construção dessa identidade profissional de/ por e para mulheres-negras-educadoras.

A PRETAGOGIA me deu suporte para desenvolver e utilizar de um dispositivo que favorece o pertencimento afro das educadoras negras e que mescla os conhecimentos ancestrais e espirituais africanos e afro brasileiros, a recursos por mim conhecidos através do teatro e da *Mitodologia em Arte*. Através dos conhecimentos sobre PRETAGOGIA, foi possível enegrecer esse exercício, atribuindo novos sentidos, intencionalidades e significados

que dialogam com os valores, saberes e princípios ancestrais africanos. Esse dispositivo nos possibilitou conhecer as experiências da trajetória de mulheres-negras-educadoras que as aproxima do conceito e das características da PEDAGOPRETA.

“A busca de conexão com sua própria história das africanidades: tudo parte necessariamente da própria história do proponente da pesquisa intervenção que depois incentiva os participantes a também descobrirem suas histórias familiares e comunitárias, incluindo-se em uma rede de pertencimento afro.” (PETIT, 2016, p. 676)

Foi possível identificar várias encruzilhadas em comum na vida das educadoras negras, apontadas como essenciais para a construção da identidade pessoal e profissional delas, pontos de confluências como: família, escola, racismo, formação inicial e continuada, a maternidade, gênero, raça, espiritualidade, comunidades/grupos, mulheres negras, estética, cabelo, dentre outros, fortalecem saberes e valores essenciais a educação para as relações étnico-raciais e caras a construção identitária de educadoras negras.

Acredito que apesar de sermos formadas em coletividade, cada pessoa se constrói individualmente enquanto profissional, pois nossa história pessoal, experiências, os espaços que frequentamos e demais caminhos que percorremos na trajetória, também moldam nosso jeito de ensinar e de estabelecer relações no espaços de trabalho. Dessa maneira, acredito também que cada mulher-negra-educadora se construirá PEDAGOPRETA a sua maneira, todavia, essa construção identitária foi provocada por caminhos e saberes que são individuais e coletivos.

Partindo desses pressupostos, arrisco-me aqui a traçar alguns elementos e características essenciais que nos tornam PEDAGOPRETAS. Dentre esses conhecimentos podemos citar em primeiro lugar o pertencimento negro-africano, saber-se mulher-negra-educadora e ter consciência do que essa demarcação étnica e racial representa é o pondo de partida para uma construção identitária profissional que contemple e abarque a raça em sua centralidade, após essa tomada de consciência, seguimos ao encontro de alguns saberes que nos constroem e posteriormente nos nutrem de força e potencialidades para a afirmação e propagação dessa identidade.

Como comentado anteriormente, o primeiro passo para a construção e afirmação da Identidade Profissional PEDAGOPRETA é reconhecer-se/ saber-se negra. Apesar de parecer óbvio, essa construção nos acompanha muitas vezes durante toda a vida, as marcas e consequências do processo histórico violento e aniquilador para com povos negros e africanos, nos impossibilitou sobre o conhecimento de “quem somos”, o que interfere diretamente na perspectiva coletiva de “para onde vamos?”.

Ter consciência sobre nosso processo histórico e a construção social e política do conceito de raça é fundamental para a nossa construção identitária, ser mulher negra no Brasil é carregar traços biológicos, fenotípicos, ancestrais, culturais e espirituais que são visíveis e determinam a relação e a postura que a sociedade terá diante de nós. Precisamos construir e nos apoderar dessa racialidade sabendo que, muito (ou tudo) do que nos foi contado, não condiz com a verdadeira história do lugar de onde viemos.

Estar disposta a mergulhar na nossa ancestralidade, construir o nosso pertencimento africano, querer adentrar a sala de aula com nossa negritude, nos nutrir de conhecimento para ter ferramentas anti-racistas, são algumas das características essenciais que constroem uma PEDAGOPRETA, além disso é preciso ter alguns conhecimentos específicos, que estão diretamente ligados a nossa formação pedagógica.

Para Libâneo, Professor Doutor em Filosofia e História da Educação, pensador contemporâneo da Didática, Filosofia e História da Educação no Brasil:

“...são pedagogos *lato sensu* os professores de todos os níveis de ensino e os demais profissionais que se ocupam dos domínios e problemas da prática educativa, especialmente no campo dos saberes e modos de ação, em suas várias manifestações e modalidades, eles são genuinamente pedagogos. Certamente, é também legítimo identificar como pedagogo *stricto sensu* aqueles especialistas que, sem restringir sua atividade profissional ao ensino, dedicam-se a atividade de pesquisa, documentação, formação profissional[...]” (LIBÂNEO, 2010, p. 37)

Assim ao adotar o prefixo “*Pedago*”, na construção categórica da PEDAGOPRETA enquanto identidade profissional, demarcamos nessa construção uma intencionalidade educativa, uma ligação direta aos processos de ensino-aprendizagem, aos modos de saber, caracterizando assim as PEDAGOPRETAS não só as pedagogas *stricto sensu*, mas todas aquelas Mulheres-Negra-Educadoras que se ocupam desses domínios e problemas específicos da prática educativa. Já o “*Pretas*” nessa abordagem, não está ligado especificamente a característica cor, como previsto na autodeclaração do IBGE para pessoas de pele mais escura, apesar de reconhecermos a importância de conhecermos mais profundamente essa discussão, aqui assumimos e associamos sufixo “*pretas*” como referência a nossa ancestralidade africana, a própria África, e aos modos ancestrais e afetivos como nos relacionamos e nos comunicamos em comunidade na diáspora.

A luz dessa compreensão, com base nas encruzilhadas destacadas pelas professoras participantes desta pesquisa/curso, ser PEDAGOPRETA traz consigo valores, saberes e fazeres específicos, que permeiam as Mulheres-Negras-Educadoras e que estão presentes na nossa construção pessoal, comunitária, social e principalmente profissional, é notório que eles estão ligados a alguns princípios da cosmopercepção africana apontados pela

PRETAGOGIA: “ancestralidade; tradição oral; o corpo enquanto fonte espiritual, produtor de saberes; religiosidade e a noção de território enquanto espaço-tempo.” (PETIT, 2014).

4.4. O 3º ENCONTRO- “SABERES DOCENTES NECESSÁRIOS A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS”

Nosso terceiro e último encontro online aconteceu em um sábado pela manhã e foi mediado pela professora Rebeca, nessa aula a professora trouxe para a nossa Imersão reflexões sobre Saberes Docentes, a partir do texto “ASPECTOS CURRICULARES E PEDAGÓGICOS NO ENSINO SUPERIOR: ALGUNS SABERES DOCENTES NECESSÁRIOS À PRÁTICA EDUCATIVA DE QUESTÕES RACIAIS E ÉTNICAS” (SILVA, MEIJER, 2022).

Participaram do encontro cerca de 12 educadoras, dentre elas 3 educadoras das comunidades quilombolas do interior do estado do RN. Apesar de ser um sábado, um dos poucos dias de descanso que nós professoras temos, foi entusiasmante ver a frequências de algumas professoras assíduas e de outras que apesar das dificuldades tecnológicas de acesso a internet, fizeram questão de se fazer presentes.

Segue abaixo o Plano de Ação elaborado para o nosso 3º encontro:

<p>22/07/2023 09- 12h</p>	<p>Encontro Online</p> <p>“Saberes Docentes Necessários a Educação das Relações Étnico-Raciais”</p> <p>Objetivo:</p> <p>Realizar ações a fim de reunir experiências pedagógicas presentes nos saberes docentes necessários às práticas educativas de questões raciais e étnicas de mulheres negra educadoras.</p>	<p>Descrição/ Metodologia:</p> <p>1º Momento:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Meditação guiada “Saberes adquiridos no caminho” - Alongamento <p>2º Momento:</p> <p>A partir de aulas teórica e expositiva, com a utilização de recursos tecnológicos, apresentaremos os Saberes Docentes e suas contribuições a Educação das Relações Étnico-Raciais.</p> <p>3º Momento:</p>	<p>Google Meet</p> <p>Apresentação de Slides</p> <p>Texto 03</p>
---	--	---	---

		-Escuta afetiva: Que saberes tenho desenvolvido e são essenciais para a mulher-negra-educadora que sou?	
--	--	---	--

4.4.1. Saberes Docentes e a Identidade Profissional Pedagopreta

Nosso terceiro e último dia de encontros online não podia começar diferente, era um sábado pela manhã, amanhecemos reunidas em mais um dia de encontro formativo, dentre as participantes existiam várias conexões e espaços/territórios que se encruzilhavam. A professora Rebeca e uma das participantes falavam de Fortaleza, estavam presentes também algumas educadoras quilombolas do interior do RN, que se desdobravam nas conexões e tecnologias para estarem juntas de nós, dentre tantas individualidades, estávamos lá, conciliando nossos afazeres domésticos e profissionais, além das demandas pessoais. Apesar de ser em um sábado pela manhã, foi muito satisfatório perceber o compromisso e entusiasmo daquelas mulheres presentes nesse último encontro online.

Iniciando mais uma vez trazendo o corpo para o processo, fomos instigadas pela professora a acordar/ despertar, nos movimentarmos, espreguiçar, ativar os sentidos para mais uma vez imergirmos nesse quilombo pretagógico. Na sequência foi orientado um momento de reflexão, sobre caminhos e trajetórias, retomando os dispositivos já exercitados entre o grupo, as professoras foram levadas a pensar sobre os saberes da sua profissão e em que a identidade profissional delas como mulheres-negras-educadoras poderiam agregar a identidade profissional e aos saberes da profissão docente.

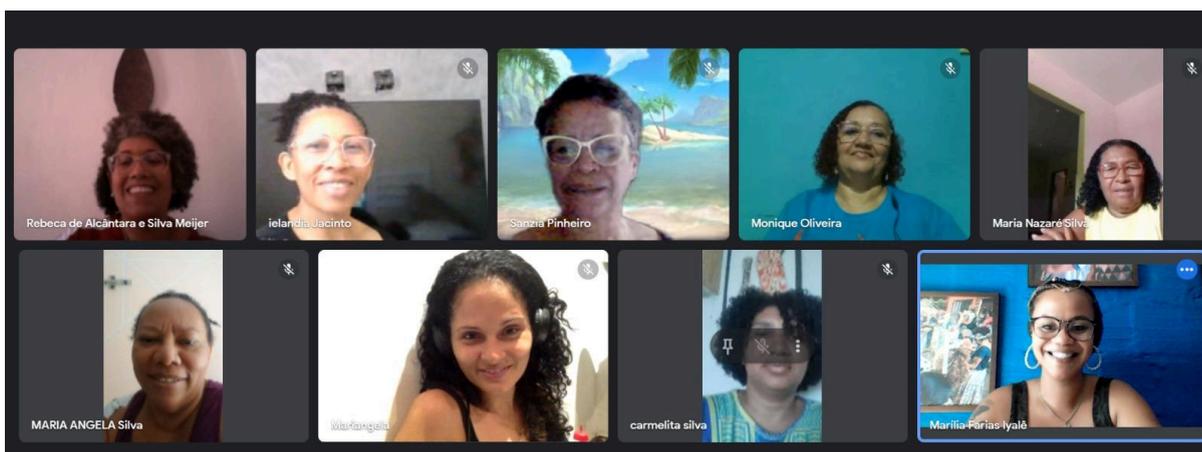


Figura 13: Encontro Virtual no dia 22/07/2023

A professora provocou a reflexão, a partir do texto citado, sobre os saberes necessários à profissão docente, como os saberes de experiência, os saberes pedagógicos e os saberes ancestrais (PIMENTA, 1999). Nos falou sobre como os saberes que adquirimos ao longo da nossa formação são mobilizados por diversos fatores, na maioria das vezes servindo a um sistema hegemônico, que se estrutura para a manutenção de certos estereótipos, a partir de currículos, experiências e teorias.

“Desde a formação inicial, a aproximação com docentes, teorias, saberes, dizeres, práticas, se configuraram em um painel de múltipla escolha. Quando nos damos conta, estamos envolvidas(os) por certas escolhas teórico-metodológicas. Mas as escolhas e o envolvimento não são influenciados apenas no âmbito da formação acadêmica. A história de vida de cada docente é também importante vetor identitário profissional, além da prática laboral e pedagógica. Assim, estrutura-se o que aqui chamamos de painel de múltipla escolha da identidade profissional docente.” (SILVA, MEIJER, ,p.01)

Tendo em vista que estávamos construindo uma identidade profissional em mulheres negras educadoras:

“Esse movimento é de extrema relevância para o trato das questões raciais e étnicas na formação de professores, ou seja, a partir de suas próprias experiências de vida, de modo a influir nas experiências profissionais e, finalmente, intervir nas experiências dos(as) discentes. destacamos os Saberes que consideram essas questões nas práticas pedagógicas e curriculares docentes.” (SILVA, MEIJER, p.06)

Dessa forma os autores nos indagam sobre: “*quais saberes docentes são necessários para a mobilização de práticas educativas que desconstruem os textos raciais e que conservam as marcas da herança colonial?*” (SILVA, MEIJER, ,p.05). A resposta para essa pergunta se expande a diversos saberes, que envolvem formação, prática pedagógica e a

própria ancestralidade. Para executar a nossa profissão docente e praticar o ato de ensinar, é preciso saberes especializados, saberes esses que, em tratando-se de história e cultura africana e afro-brasileira, em muitos casos ainda não são oferecidos na nossa formação. Para isso é necessário a implementação da Lei 10.639/2003 em todos os âmbitos da educação brasileira, contemplando desde a rede básica até a formação de professores universitários e seus respectivos discentes.

Os saberes especializados sobre história e cultura africana e afrobrasileira, possuem em si a capacidade de contestar o currículo eurocêntrico e hegemônico e apresenta conhecimentos que desconstruem estereótipos, validam saberes ancestrais e contestam as ideologias da supremacia racial branca, trazendo para o foco as potencialidades desenvolvidas historicamente pelas comunidades populares, oralidade e ciência produzida a partir do continente africano.

“Logo, os saberes de conhecimento se referem, sobretudo, aos conteúdos selecionados por determinada área. Mas, como defende Pimenta (1997), é preciso se questionar sobre a validade e a importância dos conhecimentos. Os conteúdos devem ser organizados de maneira a atender a determinado projeto de ação didática. No caso de conhecimentos de raiz africana, há uma multiplicidade de conteúdos a se considerar.” (SILVA, MEIJER, p.07)

Para além dos saberes de conhecimento, os saberes pedagógicos envolvem conhecimentos a respeito da nossa diversidade histórica e cultural, sendo o professor capaz de desenvolver métodos e gestão de sala de aula que promova um ambiente inclusivo e de valorização da diversidade. Além do enfrentamento ao racismo, é necessário instrumentalização pedagógica para reconhecer e combater estereótipos impregnados nos currículos e incorporar a prática materiais didáticos que proporcionem o contato e reflitam nossa pluralidade cultural, sem perspectiva de hierarquização de culturas e conteúdos.

Ter conhecimento sobre a importância desses saberes fortalecem os dispositivos, didáticos que utilizamos nessa pesquisa, pois eles estão ligados a trajetórias e experiência de educadoras negras, que muitas vezes de maneira inconsciente mobilizam esses saberes:

A história de vida dos docentes, as suas concepções sobre educação, as escolhas teórico-metodológicas, a personalidade do professor, entre tantos outros conhecimentos adquiridos nas mais variadas experiências humanas imprimem o próprio ritual formativo.(SILVA, MEIJER, p.10).

Mobilizar o conhecimento acerca da história de vida, práticas e reflexões de educadoras negras, desenvolvem o último saber percorrido pela professora, que diz respeito justamente ao *Saber docente ancestral*:

“O saber docente ancestral torna consciente ao profissional do ensino a necessidade de preservar nossa conexão com as tradições, pensamentos, costumes, tecnologias, dentre tantos outros conhecimentos, criados pelos nossos antepassados, dando ênfase aos conhecimentos dos ancestrais indígenas e africanos, por terem sido silenciados, desvalorizados, pelos mecanismos da escravização criminosa e da colonização.”(SILVA, MEIJER, ,p.12)

A partir dessas reflexões apresentadas no texto proposto pela professora e na fala dela durante a aula, pudemos compreender o quanto a construção de uma identidade docente é necessária não só a professora ou ao professor individualmente. Essa construção fortalece os saberes necessários a todo docente. Fortalecendo a identidade docente de mulheres-negras-educadoras, nós possibilitamos a construção de práticas, reflexões e formas de professorar que irão contribuir para a educação para as relações raciais como um todo.

Embebida em tantos saberes que podemos e precisamos mobilizar dentro da nossa profissão, me peguei pensando: Se acreditamos que a Identidade Profissional Pedagopreta colabora com a construção de uma prática pedagógica que mobiliza uma educação para as relações étnico-raciais, que saberes e fazeres essa identidade traz consigo?

As possíveis respostas para essa pergunta eu encontrei a partir das reflexões, encruzilhadas e histórias de vida não só minhas, mas também das educadoras imersas nesse processo formativo e nos saberes docentes apontados acima. Dessa maneira cheguei a sistematização dos seguintes saberes e fazeres da Identidade Profissional Docente PEDAGOPRETA: (1) Saber de Identidade/Ancstralidade: Ser e Pertencer Mulher-Negra-Educadora; (2) Saber Político e Social: Se (re)conhecer enquanto sujeita política e compreender a importância do Movimento Negro como referência de um movimento social educador; (3) Saber de Espiritualidade: Conhecimento sobre tradições e religiosidades de matriz africana e combate ao racismo/intolerância religiosa; (4) Saberes Culturais: Valorização da Cultura Popular Africana, Artes, Literatura, Escrivência, Estética, Expressões e Manifestações Africanas e Afrobrasileiras. (5) Saberes Intelectuais e Epistêmicos: Nutrir-se de referenciais teórico-metodológicos de base africana e afro brasileira, bem como de suas potencialidades, e inseri-las na sua prática pedagógica e construção identitária.

Abaixo, me proponho a explicar cada um desses saberes, no intuito de contribuir de maneira didática para o fortalecimento dos saberes da docência e da construção da Identidade Profissional Docente PEDAGOPRETA:.

- **Saber de Identidade/Ancestralidade: Ser e Pertencer Mulher-Negra-Educadora**

Para construir a identidade PEDAGOPRETA, é necessário que nós mulheres-negras-educadoras, tenhamos uma construção identitária étnico-racial, essa construção nem sempre nos acompanha desde a infância e são várias as vivências que nos dão acesso a esse pertencimento. A Identidade étnico-racial fortalece a autoestima das professoras negras e permite uma maior conscientização sobre o racismo, desigualdades e história de povos africanos e afrobrasileiros, promovendo o enfrentamento das desigualdades e o combate ao racismo no ambiente educacional.

É importante ressaltar que não basta a educadora saber que é negra, essa identidade precisa se expandir para o âmbito profissional, sendo assim é necessários que estejamos a vontade e com nossa ancestralidade a ascendência africana, para isso precisamos nos nutrir de referenciais positivos que potencializem essa identidade, uma professora consciente da sua ancestralidade, torna-se também uma inspiração e modelo positivo para alunos negros e não negros, proporcionando o empoderamento naqueles que se veem representados nela e expandindo as referências e perspectivas que são construídas em torno de nós mulheres-negras-educadoras.

- **Saber Político e Social: Se (re)conhecer enquanto pessoa política e compreender a importância do Movimento Negro como referência de um Movimento Social Educador**

Sabendo que tudo que fazemos dentro de sala de aula é um ato político, que consciente ou inconscientemente mobilizamos através das nossas escolhas, discursos e currículo estabelecido, é crucial que uma mulher-negra-educadora se reconheça enquanto uma pessoa política, pois a sua identidade está intrinsecamente ligada a questões sociais e políticas relacionadas a raça. Ao assumirmos essa consciência política, nós professoras negras, nos tornamos agentes de mudanças sistêmicas, nos colocando à disposição da promoção da equidade no sistema educacional e no combate ao racismo, essa postura também educa os nossos alunos e os incentiva ao engajamento e conhecimento sobre políticas públicas, direitos e história, inspirando-os a luta pela justiça social e ao acolhimento das diversidades.

Através do reconhecimento do Movimento Social Negro como um Movimento Educador nós nos apropriamos das lutas e perspectivas, nos inspiramos através das conquistas realizadas e projetemos um novo futuro para nossa sociedade, esse reconhecimento

proporciona uma base para compreender e abordar questões raciais, bem como para promover a diversidade, incluindo perspectivas historicamente negligenciadas ao currículo e educação como um todo. Ao reconhecer o Movimento Negro como um agente de transformação social, promovemos e desenvolvemos a consciência crítica sobre nossa realidade histórica e social.

- **Saber de Espiritualidade: Conhecimento sobre tradições e religiosidades de matriz africana e combate ao racismo/intolerância religiosa**

É incontestável a importância da cultura, religiosidade e tradições negro-africanas na formação da sociedade brasileira, esses espaços e manifestações são também os responsáveis pela manutenção e propagação de saberes ancestrais, funcionando como aparelhos sociais de preservação da história, linguagens e tecnologias de matrizes africanas.

Os saberes produzidos e resguardados pelos terreiros se estendem nas mais diversas áreas de conhecimentos, como cuidados medicinais, linguagens, ritmos, arquitetura, agricultura, costura, estética, mitologia, conhecimentos sobre clima, ervas, dentre outros. Para a formação de uma identidade profissional de mulheres-negras-educadoras e de saberes docentes relacionados a educação para as relações étnico-raciais, é fundamental que professoras e professores conheçam e reconheçam a importância desses espaços para uma educação que valorize a ancestralidade e atue no combate ao racismo.

Através do conhecimento sobre tradições e espiritualidade de matriz africana nós desconstruímos estereótipos propagados historicamente em detrimento da demonização de povos negros e suas religiosidades, nós professoras negras, precisamos desenvolver *saberes de espiritualidade* para a construção de uma identidade profissional que promova uma educação mais inclusiva, respeitando a diversidade cultural e religiosa da sociedade brasileira. Isso contribui para a valorização da identidade negra e promove uma compreensão mais ampla e múltipla que enriquece o ambiente educacional em prol da democratização dos espaços e do combate ao racismo.

O racismo religioso ainda apresenta-se como uma das grandes facetas desse sistema que nega e demoniza as heranças africanas na nossa sociedade, em consequência da colonização cristã e europeia que sofremos. As mulheres-negras-educadoras desempenham um papel crucial desafiando e combatendo o racismo religioso, promovendo o respeito à diversidade e acolhendo a diversidade religiosa presente em seus espaços de atuação. O conhecimento sobre espiritualidade africana enriquece o ambiente educacional e a experiência profissional de educadores possibilitando conhecimentos sobre história e identidade,

pertencimento, inclusão cultural e combate ao racismo, além de estimular o diálogo e desenvolver empatia entre os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.

- **Saberes Culturais: Valorização da Tradição Oral, Artes, Literatura, Escrivência, Estética, Expressões e Manifestações Artísticas e Culturais Africanas e Afrobrasileiras**

A identidade étnico-racial se nutre de vários espaços de potencialidades e pertencimento para poder reivindicar sua existência na sociedade, muitas de nós, pessoas negras, construímos nossa identidade através da dor, do racismo, do processo histórico que nos racializou e nos definiu como inferiores e subalternos, o movimento negro, bem como os espaços de espiritualidade de matrizes africanas, nos ensinaram ao longo da história, outras narrativas, associadas a produção de conhecimento, estéticas, pertencimento, valores e tecnologias que nos possibilitou reconstruir a nossa auto-imagem, nos reposicionando em um lugar de poder e reconhecimento de nossas potencialidades.

Várias foram as estratégias de aniquilação da nossa história, para isso a colonização construiu a colonialidade, que para além do evento histórico que cabe ao período colonial, se expande através de uma estrutura contínua que interfere nas relações políticas, culturais e sociais até os dias de hoje. A colonialidade impacta em várias áreas, impondo padrões, valores e perspectivas eurocêntricas, subjugando e marginalizando as culturas africanas, afro brasileiras e indígenas, impondo narrativas e relegando as expressões artísticas e literárias a posições inferiores através de visões distorcidas e preconceituosas, a estética é frequentemente dominada por padrões ocidentais e as manifestações sociais estabelecem hierarquias criando estruturas de poder que perpetuam o racismo e as desigualdades sociais.

Em sumo, a colonialidade molda a maneira como a sociedade percebe e estrutura sua cultura e linguagens, essa realidade pode ser combatida através da apropriação e do fomento de produções contra-hegemônicas, para isso nós educadoras e educadores precisamos desenvolver *Saberes Culturais*. Tratando-se da construção da identidade profissional docente PEDAGOPRETA, através do contato com as manifestações culturais, bem como da literatura e das artes, nos nutrimos de representatividade, fortalecendo nossa identidade cultural e pertencimento, o que possibilita reflexões sobre como abordamos nossas formas de conhecimento.

Essa desconstrução de estereótipos estéticos, artísticos e culturais, proporciona uma visão mais rica sobre o legado africano na nossa sociedade, e nos nutre de possibilidades

didáticas, dinâmicas e críticas a respeito da diversidade étnica e cultural, fortalecendo nossa identidade e potencializando o ambiente de aprendizagem.

- **Saberes Intelectuais e Epistêmicos: Nutrir-se de referenciais teórico-metodológicos de base africana e afro-brasileira, bem como de suas potencialidades, e inseri-las na sua prática pedagógica e construção identitária.**

É sabido que para toda e qualquer prática docente são necessários saberes específicos, esses saberes são acessados através não só da formação inicial, mas também por meio da prática educativa, da experiência e da formação continuada. Construir uma identidade profissional que contemple a mulher-negra-educadora, requer saberes que envolvem não só a sua construção identitária e profissional, mas que estão enraizadas nas epistemologias construídas pela população africana do continente e da diáspora, nutrir-se de referenciais teóricos e metodológicos de base africana e afro-brasileira, potencializa a construção identitária de nós docentes negras e também nos instrumentaliza para a efetivação de uma prática docente para a educação das relações étnico-raciais.

Explorar as diversas correntes filosóficas africanas, a produção acadêmica mobilizada pela população negra, a história da África e sua diáspora contribuem para uma visão mais ampla e holística do mundo. Desafiando a história única contada através da epistemologia ocidental e combatendo o epistemicídio, mobilizado pela colonialidade em torno das produções intelectuais produzidas no continente africano. Esses saberes, nos oferecem uma abordagem potencializadora sobre a experiência negra, ao integrá-los, a educadora negra enriquece a sua construção identitária através do fortalecimento da sua identidade, contribuindo para o seu pertencimento e empoderamento.

O contato com essas produções também fortalecem o desenvolvimento de abordagens contextualizadas e relevantes para a sociedade, bem como no conhecimento histórico e científico de nós educadores. Ter acesso a narrativas, história e cultura produzida pela população africana e afrobrasileira aprimora nossa prática pedagógica, promovendo uma educação que está alinhada com a realidade e experiência dos estudantes, fortalecendo suas/nossas identidades e proporcionando um ambiente educacional crítico, reflexivo e mais inclusivo.

A partir da sistematização desses saberes podemos constatar que a Identidade Profissional PEDAGOPRETA é multifacetada e podem incluir diversos saberes que enriquecem a sua prática, esses foram apenas alguns elementos centrais que podemos construir

a partir da pesquisa e reflexões provocadas, que permeiam nossa construção identitária, profissional e docente através do reconhecimento de nossas trajetórias e dos saberes acessados e perpassados ao longo do tempo, esses saberes estão em constante construção e podem se expandir ainda mais, eles não apenas fortalecem a identidade profissional da educadora negra, mas também contribuem para a construção de uma educação para as relações étnico-raciais e para a um ambiente educacional com mais equidade e enriquecedor para todos os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.

4.5. O 4º ENCONTRO: JULHO DAS PRETAS: MULHERES NEGRAS PROTAGONIZANDO A EDUCAÇÃO

O Julho das Pretas é um mês para evidenciar as pautas cotidianas das mulheres negras e chamar a atenção da sociedade para nossas demandas e potências, esta data foi instituída nacionalmente, através de uma lei federal que objetiva celebrar a vida e reconhecer a luta das Mulheres Negras e de Tereza de Benguela, reconhecida como rainha ao liderar o Quilombo de Quariterê, no Mato Grosso, por mais de duas décadas durante o século 18.

O Julho das Pretas é uma ação de incidência política e agenda conjunta e propositiva com organizações e movimento de mulheres negras do Brasil, voltada para o fortalecimento da ação política coletiva e autônoma das mulheres negras nas diversas esferas da sociedade. A ação foi criada em 2013, pelo Odara – Instituto da Mulher Negra, e celebra o 25 de Julho, Dia Internacional da Mulher Negra Afro Latina Americana e Caribenha. O Julho das Pretas todos os anos traz temas importantes e necessários relacionados à superação das desigualdades de gênero e raça, colocando a pauta e agenda política das mulheres negras em evidência. (Julho das Pretas. Instituto Odara. Disponível em: <https://institutoodara.org.br/julho-das-pretas/>. Acesso em: 15/04/2024)

Nosso quarto encontro foi muito esperado, isso porque esse seria o dia em que iríamos conhecer pessoalmente as professoras inscritas no processo formativo, com as quais já tínhamos vivenciados 3 dias de encontros virtuais carregados de trocas afetivas e formativas. Além desse reencontro, estávamos propondo uma ação integrada à agenda do Julho das Pretas, tanto no município do Natal, como também no estado do Rio Grande do Norte, e no agendão nacional mobilizado pelo Movimento de Mulheres Negras, Rede de Mulheres Negras do Nordeste e Instituto Odara. O evento intitulado “JULHO DAS PRETAS: MULHERES NEGRAS PROTAGONIZANDO A EDUCAÇÃO” foi um convite aberto a toda a sociedade para se juntarem ao nosso *quilombo pretagógico* e trocar experiências e saberes a partir das trajetórias e contribuições de educadoras negras, celebrando a potência dessas mulheres na educação.

A atividade aconteceu em uma sexta-feira, dia 28 de Julho, a partir das 15h, no auditório da Escola de Governo do Rio Grande do Norte. Contamos com a presença de algumas cursistas da Imersão, além de uma apresentação artística e uma mesa formada por educadoras negras de diversos contextos educacionais, que compartilharam suas experiências sobre docência, identidade negra e Educação para as Relações Étnico-Raciais no RN. Estiveram presentes no evento cerca de 35 pessoas entre convidados, cursistas e o público que tomou conhecimento da atividade através das divulgações feitas nas redes sociais.

Segue abaixo os cartazes de divulgação do evento com a respectiva programação:



Figura 14: Folder de divulgação (01)- Evento Mulheres Negras Protagonizando a Educação.



Figura 15: Folder de divulgação (02)- Evento Mulheres Negras Protagonizando a Educação.

Como é possível visualizar na imagem essa programação contou com o apoio de diversas parcerias, pessoas e instituições essenciais para que pudéssemos realizar um evento que reunia arte, cultura, debates e formação teórica e política. Toda a programação elaborada para essa atividade também fez parte do plano de *pescurso* que foi executado e elaborado para contemplar as ações da pesquisa como mostra o quadro abaixo:

<p>28/07/2023 15- 19h</p>	<p style="text-align: center;">Encontro Presencial</p> <p>JULHO DAS PRETAS: MULHERES NEGRAS PROTAGONIZANDO A EDUCAÇÃO</p> <p>Objetivos:</p> <p>Realizar ações a fim de reunir experiências pedagógicas presentes nos saberes docentes necessários às práticas</p>	<p style="text-align: center;">Descrição/ Metodologia:</p> <p>O evento ocorrerá no auditório da Escola de Governo do RN e contará com a presença das professoras e cursistas da Imersão PedagogoPreta e também outras educadoras, estudantes e interessados nas pautas ligadas a raça e educação na cidade do Natal.</p> <p>1º Momento:</p> <p>Acolhida: Play List da PEDAGOPRETA (Disponível no You Tube)</p> <p> Olélé Moliba Makasi - Berceuse Afri...</p>
---	--	---

	<p>educativas de questões raciais e étnicas de mulheres negras educadoras.</p>	<p>2º Momento:</p> <p>Performance literária Convidada: Gaby Adaayo (Pedagogia UFRN)</p> <p>3º Momento:</p> <p>Mesa de Abertura:-Trajetórias Negras Docentes: Desafios e possibilidades para a Educação das Relações Étnico-Raciais no RN Convidadas: Lucélia Feliciano, Maiara Juliana, Juliana Katarine. Mediação: Marília Farias Xavier (Oyá Iyale)</p> <p>4º Momento:</p> <p>Palestra "A UNILAB e a educação das relações étnico-raciais: saberes e fazeres pedagógicos para uma didática afrocentrada." Convidada: Profa. Dra. Rebeca Meijer-UNILAB)</p>
--	--	--

Iniciamos as atividades na tarde do dia 28 de Julho acolhendo o público presente com a exibição da *Playlist "Pedagogopreta (Educação Infantil)"²⁴*, essa Playlist foi criada por mim ao longo de anos atuando na educação infantil e mobilizando práticas em torno da educação para as relações étnico-raciais e infância. Através desse recurso, fiz um compilado de uma série de videoclipes disponíveis no Youtube, que trazem para o protagonismo de suas produções musicais e audiovisuais animações afrocentradas e afro referenciadas, que podem ser apreciadas e trabalhadas com o público infantil.

As professoras presentes manifestaram bastante interesse na playlist que por si só já traz bastante referencial para ser usado no âmbito educacional, como brincadeiras, histórias, jogos rítmicos, mitos, dentre outros. A *Playlist da Pedagogopreta*, permanece disponível no YouTube e em constante construção, apresentando duas versões, uma com produções voltadas para o público da Educação Infantil e outra voltada para o público do ensino fundamental I. Exibir esses vídeos foi uma forma de compartilhar estratégias, dispositivos e materiais didáticos que pudessem compor a prática pedagógica das pessoas presentes no evento, além de

²⁴ Playlist da Pedagogopreta disponível em:
<https://www.youtube.com/playlist?list=PLaVhSERo5x2sMZoYPnHfw1VoLydZeCoWc>

trazer um pouco de ludicidade e descontração para a programação que estávamos propondo.

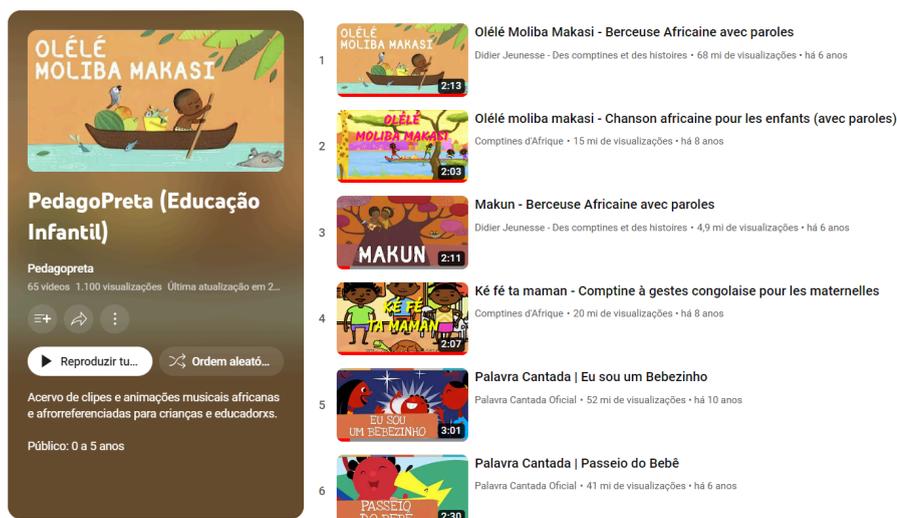


Figura 16: Print Playlist da Pedagopreta disponível no Youtube

O segundo momento do referido encontro contou com a participação da poeta Adaayo (Gaby Varela) e do educador e dançarino Kamal Firmino, eles apresentaram a performance “*Ori(entação)*”, uma performance literária que mistura os elementos da cultura popular africana e urbana na construção de narrativas poéticas, explorando a corporeidade negra em suas múltiplas linguagens. É através do *Ori*, cabeça/consciência divina, que os artistas Kamal e Adaayo performam movimentos, sons e poesias que retratam a ancestralidade negra e nordestina. No ritmo percussivo marcado pela afrobrasilidade um corpo dança guiado pela oralidade do outro. Sons, poemas e gestos unem-se na criação de um olhar sobre as muitas histórias que os corpos negros carregam. A performance busca refletir sobre o íntimo e sobre os direcionamentos dados pela consciência negra ancestral, que atravessa o atlântico e se espalha pelo mundo.



Figura 17: Folder de divulgação (03)- Performance Literária *Ori(entação)*.



Figura 18: Apresentação da Performance Literária *Ori(entação)*- 28/07/2023 (Arquivo pessoal)

Foi muito bonito e emocionante mobilizar e ver se concretizar o contato com a escrevivência através da apresentação artística e poética que apreciamos, a palavra das mulheres negras mobilizou em mim um reencontro, uma possibilidade de me conhecer mais e traçar perspectivas, acessando saberes ancestrais. Pela literatura e pelas artes que experimentei, me reencontrei como mulher negra e assim, como educadora negra também. Convicta da potência que a literatura poderia trazer para o nosso professorar, ampliando nossa forma de ver e perceber o mundo, elevando nossa capacidade crítica, expandindo nossas

formas de comunicação e promovendo uma maior compreensão a respeito da história e cultura da nossa sociedade e da população negra, eu me sentia muito feliz e realizada em encontrar nesse processo que estávamos construindo, um lugar para reverenciar o corpo e a poesia.

A performance Orí(entação) nos possibilitou um mergulho através da consciência ancestral, da espiritualidade, do corpo, do lúdico e da palavra poética, que nos trouxe acolhimento e sensibilidade, era a escrevivência viva e ativa construindo um espaço formativo de protagonismo educacional e negro.

O terceiro momento do nosso evento se fez possível por meio dos vários encontros que pude ter durante a caminhada como mulher-negra-educadora em Natal-RN, através da universidade, dos espaços artísticos, culturais e educacionais conheci muitas mulheres negras, as quais eu considerava como PEDAGOPRETAS na minha trajetória, apesar do conceito ainda não estar desenvolvido eu já identificava em diversas mulheres esse potencial identitário, vendo-as e percebendo-as como educadoras negras importantes para minha formação identitária e profissional, mulheres com histórias de vida e profissão significativas e inspiradoras.

Foi aí que surgiu a ideia de trazer a trajetória negra docente de algumas dessas mulheres para serem compartilhadas, surgindo assim a “**Mesa de Abertura:-Trajetórias Negras Docentes: Desafios e possibilidades para a Educação das Relações Étnico-Raciais no RN**”, nesta mesa estiveram presentes professoras de diversos contextos sociais e educacionais que compartilharam suas experiências, desafios e inspirações. Segue abaixo o cartaz de divulgação dessa atividade:



Figura 19: Folder de divulgação (04)- Mesa de Abertura

Estiveram compondo a nossa mesa as educadoras Ielandia Jacinto, Lucélia Feliciano e Maiara Juliana Gonçalves. Infelizmente a professora Julianny Katarine, que estava em atuação na rede privada, não conseguiu liberação do trabalho para participar da ação, devido imprevistos ocorridos em sua escola, sabemos que essa realidade é muito presente em nossas vidas e profissões, tendo que abdicar de muitos momentos formativos e trocas de experiências devido a jornada de trabalho intensas que nós professoras e professores precisamos enfrentar. Ainda é necessário que gestores e ambientes educativos, em especial escolares, valorizem mais esse tipo de ação para possibilitar o engajamento e participação de seus professores.

Cada professora trouxe em sua fala um pouco de sua trajetória de vida e das experiências profissionais que vivenciaram, apontando os desafios vivenciados, mas também as possibilidades desenvolvidas por elas para trabalhar em seus espaços educativos questões ligadas a educação para as relações étnico-raciais, foi interessante perceber na fala das professoras como o fato de ter construído a sua identidade negra contribuiu para a construção de práticas pedagógicas que valorizassem as questões ligadas às africanidades, história e cultura da população negra.

Apesar de na maioria das vezes essa construção identitária ter sido mobilizada por experiências racistas, as professoras também falaram que o fato de terem se tornado professoras, ofereceu a elas um espaço de poder, onde seriam necessariamente ouvidas, um lugar de protagonismo que potencializou a afirmação da identidade e a construção de um ambiente educacional anti-racista, nota-se isso na fala proferida pela professora Maiara

Juliana, uma das convidadas a compor a mesa de abertura, sobre como usa a sua sala de aula para se auto-definir e romper com estereótipos racistas atrelados a história das mulheres negras:

“O que eu tenho feito dentro de sala de aula e tenho me proposto a fazer fora também é me auto-definir, construir outros tipos de sentido, para tentar desconstruir imagens onde a sociedade colocou a gente, eu acho que é algo fantástico que eu aprendi com as mais velhas, e com as pensadoras mais velhas, quando a gente por exemplo, trabalha muito essa história da mulher negra no Brasil colonial porque parece que a história da população negra brasileira sempre vem a partir da escravidão, sempre vem a partir de uma lógica eurocêntrica, de uma lógica branca, e eu já aboli isso dentro da minha sala de aula.” (Maiara Juliana, professora de história da UFRN)

Nessa fala é possível identificar o compromisso que a professora carrega de romper com a visão eurocêntrica construída para subalternizar as mulheres negras, romper com esses estereótipos em sala de aula contribui não só para a construção identitária da mulher que ela é, mas agrega valores e sentidos descolonizadores sob a perspectiva histórica que seus alunos estão tendo acesso, o posicionamento da professora educa e reeduca a partir da potencialização da sua identidade. A professora Ielândia Jacinto abriu a sua fala com uma expressão que foi muito marcante, e despertou diversos gatilhos em mim, que depois inspiraram a escrita de uma poesia SLAM²⁵ levada para o Campeonato Nacional de Poesia Falada (SLAM BRASIL), ela abriu sua fala dizendo que o processo de construção da identidade negra dela a despertou para o seu potencial intelectual e gritou reproduzindo a voz interior que dizia “ACORDA INTELLECTUAL QUE AINDA DORME!”, essas palavras mexeram comigo de forma que meses depois estava levando essa poesia para a maior competição de poesia falada do país, levando o segundo lugar representando o estado do Rio Grande do Norte.

“Acorda intelectual que ainda dorme!”, poesia com a qual abri essa sessão com um trecho, fala sobre o despertar da nossa identidade e a potencialização da nossa existência a partir do reconhecimento de nossa história, de quem somos, é uma poesia que questiona o silenciamento da intelectualidade e da palavra poética e literária negra, nos motiva a colocar nossos estritos no mundo, *saber-se negra*, saber-se intelectual, saber-se poeta, ainda é muito

²⁵ SLAM: Estilo de poesia de cunho político e social, autoral, recitado e interpretado pelos poetas que performam em competições ou “batalhas”. O gênero chegou no Brasil há 15 anos e tem se expandido no reconhecimento e difusão de umas das linguagens pertencentes do Movimento Hip Hop.

difícil para nós que até hoje temos nossa história e produção literária e artística silenciada, precisamos despertar do pesadelo colonial que marcou nossa memória e fazer um exercício de teimosia ou vingança, como bem coloca Conceição Evaristo.

Essas falas das professora fortaleceram a hipótese sobre como a construção identitária interfere na prática pedagógica, assim como a profissão docente também oferece a potencialização da nossa identidade de gênero e raça, através da possibilidade de experimentar espaços de fala, a voz ativa, a mobilização de saberes, enfim, um espaço de poder conferido pela profissão, que nos empodera enquanto mulheres negras, nos dando possibilidades de experimentar lugares historicamente negados a nós e que precisam ser ressignificados através da nossa presença. É um movimento cíclico onde identidade profissional e identidade étnico-racial se fundem potencializando nosso pertencimento e prática educativa.

O último momento da nossa ação, contou com a participação da professora Rebeca, nesse momento já tínhamos nos estendido nos diálogos e precisamos mudar de sala, pois o Auditório da Escola de governo já ia fechar, o grupo que tinha ficado até o final estava conectado e empolgado em ouvir a professora, estava conosco participando de toda a programação a coordenadora da COEPPIR, Giselma Omilê, que nos conduziu através de uma breve caminhada pela Governadoria/ Centro Administrativo, até a sua sala, nesse momento resolvemos sentar em roda, dispomos o café e o bolo em cima da mesa para ouvir a nossa mais velha, a professora Rebeca havia preparado uma fala sobre a UNILAB e a Didática Afrocentrada, conceito desenvolvido por ela a partir da experiência como professora de Didática no curso de pedagogia da referida instituição.



Figura 20: Palestra com a professora Rebeca/UNILAB (Arquivo pessoal)

A professora rebeca iniciou sua fala se apresentando e contando para a gente como surgiu a UNILAB:

“A Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) é uma instituição de ensino superior de autarquia federal, criada pela Lei nº 12.289/2010 e ligada ao Ministério da educação. A Unilab foi criada e vocacionada para a cooperação internacional fundamentando suas ações no intercâmbio acadêmico e solidário com os demais países membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), especialmente os países africanos, notadamente Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe.” (MEIJER, 2019, p.599)

Em sua fala, a professora enfatizou a importância do movimento social e político nas conquistas em torno da Educação para as Relações Étnico Raciais e apontou a construção da UNILAB como um significativo marco nas políticas públicas no que se refere a essa temática. Abordou as reflexões sistematizadas por ela no texto: “A FORMAÇÃO DOCENTE AFROCENTRADA DA UNILAB: O SABER DOCENTE ANCESTRAL NO ENSINO DE DIDÁTICA NOS PAÍSES DA INTEGRAÇÃO”, que havia sido indicado como referência bibliográfica para a Imersão Formativa.

Nesse texto a professora nos fala sobre a construção do curso de Pedagogia da UNILAB, bem como os desafios e possibilidades para a organização de um curso que contemple a diversidade dos alunos dessa universidade, o que levou a escolha da abordagem afrocêntrica como esteio epistemológico do projeto político pedagógico do referido curso:

O primeiro passo foi escolher a matriz epistemológica. Essa não foi uma

tarifa fácil e nem pacífica, já que esse exercício é de natureza política e curricular, logo uma questão de saber e poder. O argumento de romper com a tendência eurocentrada histórica na formação de professores ganhou corpo e a proposta afrocentrada foi a matriz selecionada para a construção da base formativa de professores na Unilab. (MEIJER, 2019, p.599)

Destaca em especial como vem desenvolvendo suas aulas no componente curricular *Didática nos Países da Integração*, na busca por teorizações de ensino que contemplem a realidade dos estudantes africanos e brasileiros e da integração desses territórios. Dentro da construção dessa disciplina um conceito já apresentado aqui merece destaque, o *Saber Docente de Ancestralidade*, apresenta-se como uma ferramenta importante na implementação de um componente curricular, curso de Pedagogia e formação inicial que se propõe a não reproduzir padrões colonialistas na formação de seus estudantes.

Foi interessante perceber a curiosidade das educadoras presentes na formação ao ouvir a professora contar sobre essa experiência para nós ainda tão distante, lembrei de quando “descobri” a UNILAB em 2018, no Congresso Nacional de Pesquisadores Negros (COPENE), quando iniciou a minha saga por ingressar nessa universidade. Para nós que crescemos em uma realidade onde praticamente não se fala sobre raça e onde ainda existe a falácia da não presença de povos africanos no estado do RN, parecia utopia pensar uma universidade que integra estudantes brasileiros e africanos e se propõe a elaboração de um curso de pedagogia afrocentrado.

Durante quase toda a nossa formação não nos deparamos com componentes que abarque as questões relacionadas à história africana e afrobrasileira, das professoras inscritas na Imersão Formativa, pouco mais da metade das professoras sinalizaram ter se deparado em toda formação com algum componente curricular que trouxesse essa temática, durante nossa roda de conversa foi possível perceber que esse contato se deu na maioria das vezes em uma apresentação de trabalho ou alguma atividade não muito relevante e instrutiva sobre o tema, tomar conhecimento do componente curricular de Didática que tinha como base as teorias afrocentradas e a pretagogia, foi motivador e inspirador para todas as educadoras presentes.

A partir da socialização de saberes e experiências promovidos pela professora Rebeca, o encontro se estendeu, tornando-se uma grande roda de escuta afetiva e compartilhamento de possibilidades daquelas que desejavam construir uma prática comprometida com uma educação descolonizante. Agora, atravessadas pelos princípios da pretagogia e da afrocentricidade, tínhamos nos despertado para possibilidades epistêmicas, teóricas e didáticas. Sabendo que a Didática é um dos principais responsáveis pela construção da identidade docente, um outro conceito discutido no encontro que proporcionou muitas

reflexões foi a *Didática Afrocentrada*.

“Sendo a didática a área da Pedagogia preocupada em problematizar o ato de ensinar, na Unilab essa componente curricular também se estrutura a partir do paradigma afrocentrado, por isso recebe o nome de didática nos países da integração. Cabe-nos o compromisso de formar para a docência enraizadas/os em uma teoria sobre o ensino capaz de pensar a partir de África e da diáspora, com ênfase nos países de língua portuguesa e, de forma mais específica, na realidade dos países dos alunos presentes no coletivo de aprendizagem.” (MEIJER, 2019, p.604)

É dentro das teorias didáticas que se discute os saberes necessários à profissão docente, esses saberes não são apenas cognitivos, mas também envolvem uma amplitude maior de conhecimentos:

“A didática concebida pela influência direta da pretagogia é a teoria do ensino capaz de formar para a docência a partir de princípios afrocentrados, e tem como exemplo a conduta do *griot*. Dito de outra forma, a didática orientada por princípios afrocentrados é a teoria do ensino que emerge de fundamentos enraizados em saberes das culturas africanas, tendo como espelho as ações dos *griot*. Docentes são os mais velhos abundantes de sabedorias que guiam as comunidades ou coletivos de aprendizagem. (MEIJER, 2019, p.605, 606)

Observo que todos esses conceitos e informações, eram muito novos para a grande maioria das educadoras presentes, o encontro se estendeu mais de uma hora do que estava planejado, porém era notório o entusiasmo em aproveitar ao máximo aquela fonte de conhecimentos, que tinha se deslocado oito horas de ônibus, de Fortaleza para Natal, para colaborar com um processo formativo de/por e para mulheres negras educadoras. A ação e disponibilidade pedagógica, ou melhor, pretagógica da professora Rebeca, surpreendeu e inspirou a todas nós, era ela uma PEDAGOPRETA, colaborando com a formação de tantas outras. Segue abaixo o registro do final desse dia, nele muitas mulheres atravessadas por trajetórias, histórias e possibilidades inspiradoras de professorar sendo mulher-negra-educadora.



Figura 21: Encerramento das atividades da Imersão Pedagopreta dia 28/07/2023 (Arquivo Pessoal)

4.6. IMERGINDO EM PRÁTICAS E DESENVOLVENDO DISPOSITIVOS PRETAGÓGICOS PARA FORMAÇÃO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL PEDAGOPRETA

*“Quem é que veio hoje?
Quem é?
Quem é?
Quem é?”*

*Diga o nome mais bonito
Bata palma e bata o pé!”*

(Brincadeira Cantada de Domínio Público)

Maria Iracema Oliveira de Albuquerque, ou simplesmente, Rainha Iracema. É o nome bonito que eu escolhi dizer para abrir os caminhos da memória, do afeto e das reflexões acerca do encontro que agora vou descrever. A Rainha Iracema foi a primeira rainha, da primeira Nação de Maracatu da cidade do Natal, a construção dessa Nação, se deu através dos encaminhamentos dos orixás, que através do jogo de búzios, revelou ao músico, percussionista e professor Kleber Moreira ²⁶, sua missão em construir a uma Nação de

²⁶ Kleber Moreira: Kleber da Silva Moreira é músico, percussionista e baterista, professor do IFCE e Mestre Fundador da primeira Nação de Maracatu da cidade do Natal, a Nação Zamberacatu. Potiguar, nascido na periferia da zona oeste, no bairro de Felipe Camarão, é pai de cinco filhos, tem formação técnica em bateria e percussão e bacharelado em Percussão Erudita pela UFRN. Músico com uma vasta experiência, que abrange desde a música clássica erudita e contemporânea, como orquestras sinfônicas, óperas e big bands, até a musicalidade popular de matriz africana e afro brasileira, é Ogan do Ilê Axé Ogum Biolá, localizado no distrito de Pium, Parnamirim-RN. Acompanhou nomes importantes como a cantora Khrystal, Tiquinha Rodrigues, Orquestra Sinfônica do Rio Grande

Maracatu, essa não era uma tarefa fácil, já que para ser uma Nação não bastava apenas conseguir reunir pessoas para batucar, coisa que já fazia parte da vida do mestre Kleber, mas era necessário estar fundamentado com os princípios, valores e saberes da cultura e espiritualidade de matriz africana.

A Nação Zamberacatu percorre um caminho distinto da grande maioria dos grupos que surgem para além das terras pernambucanas. Desde o início, não estabelece uma filiação formal às Nações de maracatus pernambucanas. Surge de forma independente, preocupada em organizar uma Nação de maracatu com todas as referências às Nações seculares existentes em Pernambuco: coroação de reis e rainhas, cortejos, instrumentação, loas autorais e filiação ao candomblé. Essa organização só foi possível devido às peregrinações e experiências compartilhadas entre os integrantes, como veremos a seguir. (NUNES, 2020, p. 29)

Foi um chamado de Ogum, uma convocação para travar uma batalha, afinal de contas Natal é uma cidade historicamente massacrada pelo racismo, em uma de suas facetas mais violentas, o apagamento e silenciamento de nossas origens indígenas e africanas. Formar uma Nação de Maracatu era literalmente colocar a comunidade de religiões de matriz africana na rua. Expondo suas cores, cantando seus orixás. Exaltar a ascendência africana e coroar uma mulher negra como representante maior dessa comunidade é um dos principais valores que o Maracatu Nação carrega e essa missão não seria possível sem a construção de uma comunidade.

É aí que eu entro nessa encruzilhada de saber, caminhos afetivos me levaram a ser uma das pessoas a frente dessa comunidade, na época eu estava cursando Pedagogia na UFRN e era bolsista de extensão no Grupo Arkhétypos, estava compondo o primeiro espetáculo do grupo e imersa nos saberes da tradição oral, nos ritmos afro brasileiros e na minha própria identidade e pertencimento afro. Foi um encontro cheio de encantamento, saberes, sons e ancestralidade, que me levaram a construir com Kleber muito mais que um relacionamento e uma família, mas sobretudo, uma comunidade.

Perto de nós haviam diversos artistas, educadores e militantes do movimento social e religioso que formaram uma rede, e que também foram convocados por Ogum para construir essa Nação de Maracatu. Dentre elas o Babalorixá Adolfo Ramos, pai de santo de Kleber e a Rainha Iracema, cartomante, ativista do movimento cultural e religioso e figura sempre presente nos eventos e ações, com seu sorriso farto e generosidade abundante. A Rainha Iracema cuidou de todo o pensamento estético, religioso e comunitário do grupo, nos uniu e

do Norte, Coco de Roda do Mestre Severino, dentre outros. Atualmente é coordenador do NEABI Campus Canindé e tem expandido seus trabalhos e pesquisas dentro das perspectivas afrocentradas e de matrizes e religiosidades africanas e afro-brasileiras. (Texto fornecido pelo mesmo)

nos fez ser uma comunidade que ao longo do tempo só se fortalece.

Iracema se encantou no dia 01/05/2015, três anos após a fundação da Nação Zamberacatu, em seu lugar, até os dias de hoje assumiu o posto a Rainha Maria Lázaro de Oyá, sua mãe, que no ano de 2024 irá para a sua nona coroação a frente do nosso maracatu. Fiz questão de me dedicar a contar essa história e celebrar o nome de Iracema, pois foi na sede da Nação Zamberacatu onde imergimos na experimentação de *dispositivos pretagógicos* para a realização das nossas oficinas, um espaço carregado de lutas e memórias, como também de cultura, espiritualidade e religiosidade, a sede da Nação está localizada no TECESOL- Território de Educação, Cultura e Economia Solidária, aparelho público do município do Natal, onde funcionam diversos grupos artísticos e culturais.

O papel de Iracema ultrapassou as funções relativas à Rainha da Nação Zamberacatu. Ela foi responsável por estimular os debates em torno da questão da negritude no grupo, em função da sua longa atuação no movimento negro e dos terreiros de candomblé no Rio Grande do Norte. A primeira apresentação pública da Nação Zamberacatu ocorreu no dia 20 de novembro de 2012 no TECESOL, exatamente, no dia alusivo à Consciência Negra, com o nome de “Africanidades do Povo Potiguar”. Além da apresentação, a programação contava com uma roda de conversa sobre a negritude potiguar com a Iyárobá Elizabeth Lima, militante histórica do movimento negro potiguar e dos povos de terreiro. Sobre a importância do evento, Kleber destaca o ineditismo daquele momento para ele, onde “pela primeira vez participava de um momento onde a negritude estava em debate”. (NUNES, 2020, p. 44)

Era chegada a hora de um de pôr em prática os dispositivos que desenvolvemos para despertar a identidade profissional PEDAGOPRETA com educadoras participantes da Imersão, eu estava especialmente feliz e ansiosa, primeiro porque receberia em um dos espaços mais valorosos para mim, mulheres-negras-educadoras que se sentiram chamadas por essa pesquisa, nossos encontros presenciais ocorreram na sede da Nação Zamberacatu. Segundo porque estava tudo funcionando bem e como planejado, havíamos conseguido toda a alimentação necessária para o encontro, de maneira que não precisaríamos sair do espaço, podendo assim de fato abrir um portal para a Imersão acontecer a partir da construção daquele ciclo de aproximação e intimidade que ali se formava.

Abaixo, apresento o planejamento elaborado para esse 4º encontro, ocorrido no dia 29 de Julho de 2023, das 9h às 17h, bem como as *orí.entações* enviadas às professoras referente

aos momentos que iríamos compartilhar.

<p>29/07/2023 09 às 17h</p>	<p>Imersão Formativa (Presencial)</p> <p>Local: Sede da Nação Zamberacatu (Rua Governador Valadares, s/n, Conjunto Pirangi, Neópolis, Natal-RN)</p> <p>Material:</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Instrumentos percussivos ● Objeto que lhe conecta com a sua ancestralidade e pertencimento afro. 	<p style="text-align: center;">Descrição/ Metodologia</p> <p>O encontro presencial acontecerá obedecendo os seguintes procedimentos</p> <p>1º MOMENTO</p> <p>09h- CAFÉ DA MANHÃ COLETIVO</p> <p>10h- BRINCANDO COCO “Quem é que veio hoje?”</p> <p>Descrição/ Metodologia: A partir de uma roda de coco, as pedagogotas dirão seus nomes e farão um som em um instrumento percussivo a fim de se apresentar umas para as outras.</p> <p>Objetivos: Desenvolver o conceito e as características de PEDAGOPRETA colaborando para a construção de uma identidade profissional de mulheres-negras-educadoras.</p> <p>2º MOMENTO</p> <p>10:30h- RODA DE OBJETOS PRETAGÓDICOS</p> <p>Descrição/ Metodologia: As PEDAGOPRETAS serão avisadas na carta pedagógica, sobre a necessidade de escolher e levar um objeto que se conecta com a sua ancestralidade e pertencimento afro, esse objeto será posto no altar. Será provocado um momento de reflexão/meditação, de reencontro consigo mesma, com a ancestralidade... enquanto meditam, as formadoras montam uma roda com os objetos ao redor das cursistas, ao abrirem os olhos elas serão levadas a observar a roda e os objetos e se aproximarem de um objeto que não é o seu, criar uma relação com aquele objeto, significar aquele objeto na sua vida e trajetória, criar uma história para o seu “novo” objeto. Após esse momento, sentadas em roda cada cursista irá apresentar seu “novo” objeto e nos contar a história dele, depois de ouvir a verdadeira dona do objeto vai continuar a</p>
---------------------------------	--	--

	<p>história dialogando com o que já estava sendo construído. A ideia é conhecer as trajetórias, histórias, lugares de afeto, através da memória, da oralidade, da invenção e reinvenção acerca da realidade, conhecer a intimidade das pedagopretas e os que as conecta com o seu pertencimento afro.</p> <p>Objetivos: Desenvolver dispositivos pretagógicos a fim de conhecer experiências da trajetória de mulheres-negra-educadoras que as aproxima do conceito e das características da pedagopreta.</p> <p>12h- “Almoço coletivo e a Playlist da Pedagopreta”</p> <p>3º MOMENTO</p> <p>13h- ORÁCULO DA PEDAGOPRETA</p> <p>Tema gerador: Pedagopreta</p> <ul style="list-style-type: none"> - Título da carta - Desenho - 3 palavras geradoras - Conselho Pedagógico <p>A partir de um diálogo sobre a identidade da Pedagopreta e a importância da espiritualidade e dos oráculos em algumas culturas africanas, vamos compreender que vários elementos, vivências, crenças e etc, demarcam a presença africana na nossa construção e formação identitária, as Pedagopretas serão levadas a escolher um elemento que melhor define a sua construção pedagógica a partir de suas africanidades, um marcador importante para a sua prática. Esse marcador será transformado em Carta de um Oráculo, a Pedagopreta deverá ilustrar essa carta e desenvolver a sua literatura, com Palavras-chave e Mensagem da carta. Após a elaboração das cartas cada Pedagopreta escolherá uma das cartas que será lida e interpretada por quem as elaborou.</p> <p>Objetivos: Desenvolver dispositivos pretagógicos a fim de conhecer experiências da trajetória de mulheres-negra-educadoras que as aproxima do</p>
--	---

		<p>conceito e das características da pedagopreta.</p> <p>4º MOMENTO</p> <p>15H- “CORPO, RITMO, MOVIMENTO E ESPIRITUALIDADE NEGRA- O MARACATU NAÇÃO NA FORMAÇÃO DE MULHERES-NEGRAS-EDUCADORAS”</p> <p>Descrição/Metodologia: Nessa atividade as Pedagopretas irão participar de um ensaio na Nação Zamberacatu, conhecendo um pouco dessa manifestação, sua musicalidade, corporeidade e espiritualidade, bem como a importância das manifestações culturais no combate ao racismo e intolerância religiosa.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Como essa vivência no maracatu contribuiu para a construção da identidade profissional da Pedagopreta <p>Objetivos: Realizar ações a fim de reunir experiências pedagógicas presentes nos saberes docentes necessários às práticas educativas de questões raciais e étnicas de mulheres negras educadoras.</p>
--	--	--

4.6.1. O Coco de Roda e a Brincadeira dos Nomes

Antes da chegada das professoras, nós preparamos o ambiente e passamos o café, dispomos esteiras e vários instrumentos de percussão no espaço formando um altar, buscávamos construir um espaço sagrado e convidativo, compomos esse ambiente com uma música suave e uma mesa farta. Todas as mulheres estavam inseridas no grupo criado através do WhatsApp para facilidade de nossa comunicação, essa estratégia ajudou muito no fortalecimento desse contato entre nós e as co-pesquisadoras, através desse grupo preparamos também um material para reforçar as *ori.entações* para o encontro como segue abaixo:



Figura 22: Card contendo as *orientações* para o momento da Imersão Formativa

Cientes de todas as necessidades pertinentes ao nosso encontro, aos poucos as professoras foram chegando, se acomodando e encontrando um lugar naquele espaço, antes do café da manhã, fizemos um momento de oferecimento e agradecimento, de nossas presenças e alimentos, aos poucos as conversas sobre os encontros anteriores, as demandas de trabalho e família e as dificuldades para chegar iam se diluindo e dando espaço para a percepção do espaço e a curiosidade sobre os próximos momentos.

Após o café da manhã e das conversas iniciais, começamos a movimentar o nosso corpo, a partir de um alongamento, do despertar da nossa consciência rítmica, expressiva e corporal, com o intuito de trazer mais presencialidade, ou como gostamos de dizer no teatro, nos *enraizarmos* no processo. Para esse momento, trouxe uma dança e ritmo que sempre utilizo em minhas aulas e formações, juntei uma cantiga que aprendi ainda quando estagiária na Educação Infantil, com o ritmo e a dança do Coco, brincadeira popular que compõe a cultura do Rio Grande do Norte e que aprendi e brinquei com um grande mestre do meu estado, o Mestre Severino do Coco.

A música que pergunta: “Quem é que veio hoje?” é uma ótima forma de conhecer os nomes e mobilizar a expressão corporal e rítmica através da valorização da cultura popular afro brasileira, dispostas em roda, preservando o princípio africano da circularidade, as professoras aprenderam a bater palmas e dançar ao ritmo do coco, cantarolando a cantiga que provocava cada uma das participantes a dizer o seu nome, tocando um dos instrumentos percussivos presentes na roda. Nessa brincadeira, cada co-pesquisadora, disse o nome criado a partir do dispositivo do conto, nome repetido por todas na roda sequenciado dos versos que

assim iam apresentando cada uma.

“Outro fundamento significativo da Pretagogia e que está embasado nos princípios da cosmovisão africana é a dança, assim sempre iniciamos os módulos com músicas africanas e/ou afrobrasileiras para que nossos corpos pudessem DANÇAR.” (SILVA, 2019, p.108) Cantar, dançar e chamar os nomes criados através do dispositivo experimentado em outro momento da formação, foi muito bacana para que a gente mobilizasse a pretagogia e trouxesse a presença daquelas mulheres por meio da auto-definição criada por elas, rememorando e reforçando a presença da identidade negra e educadora de cada uma. Movimentar o corpo no início da manhã nos permitiu também extravasar um pouco e soltar as tensões através de recursos ancestrais, ensinados e propagados pelos nossos mais velhos e mais velhas, como o Coco de Roda.



Figura 23/24: Brincadeira do Coco (Arquivo pessoal)

4.6.2. A Roda de Objetos Pretagógicos

Após soltarmos o corpo no Coco de Roda, seguimos com o objetivo de desenvolver o conceito e as características de PEDAGOPRETA a partir de *dispositivos pretagógicos* desenvolvidos especialmente para o processo formativo, nosso segundo momento foi mais uma vez inspirado na *Mitodologia em Arte* e adaptado através de intervenções baseadas nos princípios da pretagogia, dentro do mesmo processo em que vivenciei o *exercício do descansos*, que aqui se tornaram *Caminhos Afetivos e Encruzilhada de Saberes*, eu pude

experimental também, um exercício chamado *Roda de Objetos*.

Na *Mitodologia em Arte* a roda aparece como lócus de brincadeira, o útero do jogo. É no interior da roda onde são experimentados os perigos das experiências mitodramáticas e mitocênicas. A roda é formada justamente pelos *Objetos sagrados* e *Vestes Rituais*, que tomam as vezes de brinquedos a serem explorados pelos atuantes do processo. Na pedagogia, um brinquedo é qualquer objeto que a criança possa usar no ato de brincar. Alguns brinquedos permitem às crianças divertirem-se ao mesmo passo que aprendem sobre algo. Sabe-se que o ato de brincar em si, geralmente não exige um brinquedo, como no processo mitodológico muitos procedimentos não exigem a presença do objeto sagrado ou das vestes rituais, mas trabalham a partir dos jogos simbólicos (faz-de-conta). No entanto a instauração da roda de objetos intensifica o jogo simbólico, impregnando o ambiente de possibilidades, de criatividade e manifestações de afeto. A roda traduz-se como um *caldeirão de bruxa*, onde todos os ingredientes são misturados, alquimizados, fazendo emergir as personas de cada participante do processo criativo. (LYRA, 2015, p.61)

A *persona* que estávamos nos propondo a criar, era *o ser* PEDAGOPRETA, adaptar exercícios da Mitodologia em Artes, que trabalha com a mitologia pessoal, logo com a identidade dos atores, foi de grande valia, pois abrangeu as possibilidades criativas e metodológicas desse conceito a partir de uma intervenção racializada, ou seja, de uma metodologia de matriz africana e afrobrasileira, a Pretagogia. Assim, nossa roda não era simplesmente uma *Roda de Objetos*, mas sendo aqueles objetos materiais que conectam as educadoras com o seu pertencimento e identidade afro, estávamos nos propondo a criar ali uma *Roda de Objetos Pretagógicos*. Dentre as orientações enviadas, foi solicitado às professoras que no encontro em relato, elas levassem um objeto, que as conecta com a sua ancestralidade e pertencimento afro, esse objeto foi disposto no altar, montado em cima de uma esteira, que compunha a nossa roda de encontro.



Figura 25: Objetos (Arquivo pessoal)

Esse exercício possibilitou a construção de um ritual de sacralização daqueles objetos escolhidos pelas professoras, que carregavam histórias, memórias, sentidos e afetos para a sua formação identitária enquanto mulheres negras e educadoras.

No processo metodológico, os objetos trazidos pelos atuantes para os laboratórios precisam estar envolvidos de valor emocional e por isso um dado intenso de sacralidade, razão pela qual não podem ser manuseados de modo displicente, muito menos de forma desrespeitosa, mas dialeticamente de forma livre como uma criança experimenta um brinquedo. (LYRA, 2015, p.55)

Esses objetos que em seguida foram dispostos em roda, constituíam chaves, para aproximações com a identidade profissional docente daquelas educadoras, através deles foi possível explorar sentidos que disparavam a construção da identidade que estávamos formando. Para a realização da *Roda de Objetos* primeiramente foi provocado um momento de reflexão/meditação, onde as participantes foram estimuladas a relaxar e fazer um mergulho em si mesmas e no contexto em que esse objeto chegou até cada uma, as professoras foram levadas a pensar e lembrar como aqueles objetos que elas trouxeram chegaram até elas, que histórias, sentidos e afetos eles traziam consigo e no que isso dialogava com as mulheres-negras-educadoras que são.

Enquanto eu mediava a meditação, ia tirando os objetos do altar e construindo uma roda com eles, por dentro da roda onde as professoras estavam deitadas, essa roda ia sendo construída à medida que imagens e sensações eram acionadas por meio da meditação, a partir dos sentidos e significados que aqueles objetos tinham para cada uma.



Figura 26: Dispositivo da Roda de Objetos (Arquivo pessoal)



Figura 27: Dispositivo da Roda de Objetos (Arquivo pessoal)

Ao retornarem da meditação, as professoras foram convidadas a caminhar ao redor da roda de objetos, observando e experimentando cada um deles, se relacionando com os objetos e imaginando que sentidos e saberes aqueles objetos agregavam a sua formação identitária étnico-racial e profissional.



Figura 28: Dispositivo da Roda de Objetos (Arquivo pessoal)

Após a observação dos objetos, elas foram levadas a se aproximarem de um objeto que não era o seu, e criar uma relação com aquele objeto, significando ele na sua vida e trajetória. Feito essa escolha, cada professora sentou na roda e foram orientadas a criar uma história para o seu “novo” objeto. A intenção desse exercício era trabalhar com o imprevisto, com o inesperado, mas também explorar e dar novos significados aqueles objetos, possibilitando outras descobertas e oferecendo sentidos a uma construção identitária que era singular, mas também coletiva: “Isso porque venho aprendendo por meio da Pretagogia que para o estabelecer de uma aprendizagem significativa se requer dançar, tocar e sentir a si próprio e também o outro.” (SILVA, 2019, p.112).

Seguem as histórias criadas em torno dos objetos escolhidos pelas professoras.

Professora Naná/ Objeto escolhido- Maracá:

“Eu sou Naná, o maracá ele apareceu na minha vida em uma aula de artes, onde o professor pediu para a gente desenvolver instrumentos que traziam referência a música que a gente gostava ou tinha lembrança em casa. E minha mãe costumava cantar muito uma música que até hoje fica na minha cabeça e ela sempre fazia a zoda de um chocalho, e parecia o chocalho que ela imitava, e até hoje eu fico lembrando dessa música... Então nessa aula o professor trouxe a proposta da gente fazer uma reprodução e nessa reprodução a gente precisava trazer referências africanas e os desenhos geométricos que a gente tinha estudado na aula. Por isso que eu escolhi esse objeto, porque ele traz lembranças da minha infância e da relação que eu tinha com minha mãe e as músicas que ela cantava eu nunca tinha feito relação com uma origem africana que tinha relação na minha família, e foi muito é... interessante descobrir isso através dessa atividade.”



Figura 29: Dispositivo da Roda de Objetos (Arquivo pessoal)

Professora Luanda/ Objeto escolhido- Foto:

“Eu sou Luanda e essa foto ela estava dentro de um álbum de fotos que minha família tem e essa daqui é a minha mãe, neste dia ela tava bem feliz porque ela foi pra praia, e minha mãe tinha algumas questões com o corpo mas nesse dia ela assumiu, vestiu o maiô vermelho e foi... Ali pra praia de Ponta Negra com a gente, não os filhos todos né? porque eram muitos, mas foram os que queriam ir, cerca de três, eu, Alex, Tiago e Anderson, os outros ficaram em casa, e meu pai também foi. E minha mãe não sabia tomar banho de mar, então sentava na areia e ficava levando aquela aguinha, porque ela não sabia nadar como eu, e ficava ali tomando aqueles caldos, mas foi um dia muito divertido, muito bacana, muito bom... porque a gente se divertiu e eu queria ver a minha mãe feliz, porque minha mãe trabalhava muito e descansava pouco, se divertia pouco, então nesse dia a gente conseguiu ficar um pouco mais tranquilo e foi muito engraçado ela com maiô porque ela se escondia com aquele jeitinho dela na praia, a praia cheia, ninguém tava olhando para ela, mas ela cismava que tava todo mundo olhando para ela. E foi muito engraçado a gente no ônibus, um olhava para o outro e a gente não acreditava que tava indo pra praia em família, isso nunca tinha acontecido! E assim como essa foto tava guardada num álbum de fotos também tem outras fotos com essa qualidade aqui amarelada, com essa fita no meio para grudar porque se não some e despedaça, cheia de buraco que as traça já comeram, inclusive o rosto, aí a gente gasta dinheiro pra mandar ajeitar... E essa pose dela, ela sempre fazia, era desse jeito assim e tinha esse cabelinho, baixinho assim.”



Figura 30: Dispositivo da Roda de Objetos (Arquivo pessoal)

Professora Anastácia/ Objeto escolhido- Agbê:

“Bom meu nome é Anastácia, é... eu sou fundadora da Nação Zamberacatu, e esse agbê aqui foi um dos primeiros agbês da Nação, que nós fizemos, construímos juntos, eu acho que foi o primeiro instrumento musical que eu trancei, que eu tive coragem, me atrevi a fazer... Ayan, que é o filho da Iyalê, ele era bem novinho, ele tinha acabado de chegar da UTI, fazia dias que ele tinha nascido, ele nasceu em agosto e ele passou uns três meses na UTI... E a gente foi visitar Ayan e tivemos a ideia: “Vamos ficar aqui juntos? Vamos fazer uns agbês pro maracatu?” e Ramon nos ensinou a colocar os primeiros nós e nós fomos fazendo juntos, eu, o meu filho Yago, o Ramon e a Iyalê, e o Kleber nos orientando também a fazer, e esse objeto fez com que a gente se conectasse logo no começo do maracatu, em novembro de 2013, então esse objeto me traz essa recordação, essa lembrança do surgimento do maracatu, que me fez me reconectar com minhas origens também e me fez pensar na minha negritude, e... e que traz essa sonoridade que eu nunca aprendi a tocar (risos), porque eu sou terrível! (risos), mas traz essa conexão, traz essa chama! E é isso.”



Figura 31: Dispositivo da Roda de Objetos (Arquivo pessoal)

Professora Dodô/ Objeto escolhido- Cabaça:

“Bom meu nome é Dodô, esse objeto me escolheu, antes que eu o escolhesse, porque me remete a minha infância, e ainda hoje né, na minha comunidade quilombola, as mulheres ainda enchem essas cabaças com água para seus esposos, ou elas, ou nós colocamos as nossas águas, então a minha infância inteira, meus irmãos e eu tivemos essa responsabilidade de encher a cabaça que é fechadinha e tem uma tampinha de pau, hoje a gente já usa aquelas de cortiça, mas antes era feito de pau mesmo, de madeira de cajueiro, onde a obrigação das crianças era encher para os pais ou os avós levarem para a roça com os trabalhadores. A quantidade de trabalhador era a quantidade de cabaças que a gente enchia para que cada um levasse, aí tinha uma cordinha onde eles colocavam na cangalha, que a gente chamava de “cangaia” mesmo lá, colocava no lombo do jumento e levava sua água para lá. Hoje na minha casa eu tenho como um objeto de decoração, mas hoje eu tô entendendo que não é nenhum objeto de decoração, descobri aqui, minha cabaça na minha casa não é nenhum objeto de decoração! Mas é algo que me liga aos meus!”



Figura 32: Dispositivo da Roda de Objetos (Arquivo pessoal)

Professora Vó Catarina/ Objeto escolhido- Linha e agulha:

“Meu nome é Vó Catarina e toda vó já teve uma avó né? Toda avó depois foi mãe para ser vó... Então a Vó Catarina já teve uma Vó Clarisse. Vó Clarisse lá do interior do pernambuco ela costurava, costurava como profissão, e... a infância era a visita nas férias, Vó Clarisse dividia a atenção dos netos com a máquina, então esse carretel traz essa lembrança, da infância, das costuras, a outra avó Nenê também costurava, mas não como profissão, então quem costura como profissão naquela região do Recife é algo bem exaustivo, e Vó Clarisse ensinou a Adeilton, Ademir e Ailton a costurar também, três homens que costuram, costuravam né? Agora só tem Adeilton... E foi muito isso, quando Vó Clarisse partiu é... ela deixou muitas lembranças de Recife, muitas histórias da infância no engenho, longe da cidade do centro Recife, no Engenho de Feira de Santo Antônio, ela trouxe essas lembranças muito vivas já no final da vida e ela nunca deixou de costurar, até os últimos sabe? Até as últimas semanas de vida ela costurava, eu ainda fiz um vídeo de Vó Clarisse costurando um mosquiteiro, colocando elástico, porque no Recife tem essa questão das endemias né? doenças com as muriçocas, que hoje em dia ta muito forte também né? Então depois que ela foi embora eu doei quase tudo... Não consigo me desfazer das linhas, dos carretéis, das agulhas, ainda estão todos lá guardados, que eu uso agora para fazer artesanato, e é uma forma que eu me aproximo das lembranças dela, do que ela gostava de fazer, das férias, das roupas que ela costurava para mim, que ela trazia... ou ela vinha, ou a gente ia né na férias? Entre a cultura tinham muitas comidas, músicas e muitas coisas... é isso.”



Figura 33: Dispositivo da Roda de Objetos (Arquivo pessoal)

Professora Dandara/ Objeto escolhido- Boneca Preta:

“Meu nome é Dandara e essa boneca ela simboliza a minha infância, porque foi a primeira boneca que eu ganhei e foi muito importante porque eu nasci na década de oitenta, onde a boneca que fazia sucesso era a Barbie e eu nunca me vi na Barbie, e aí eu ficava me sentindo deslocada e achava esquisito o corpo daquela Barbie, a pele, o cabelo... tudo era muito distante e eu não entendia porque todo mundo cultuava aquela Barbie e eu achava linda essa boneca, era minha boneca preferida. Principalmente porque ela parecia com a minha avó que eu não conheci pessoalmente, ela morreu em um ano e eu nasci no outro.... E é isso.”



Figura 34: Dispositivo da Roda de Objetos (Arquivo pessoal)

Através da *roda de objetos* e da relação com os objetos trazidos por outras educadoras, foi possível estar em contato com elementos que anunciavam as africanidades

que compunham a trajetória de cada uma daquelas mulheres, acionaram-se memórias afetivas e compreensões acerca de suas próprias histórias, mas também daquele grupo como um todo, nos possibilitando o contato direto com princípios, valores e memória afetivas que remetiam às nossas origens africanas. Foi interessante como as histórias criadas para os objetos fundiam e se confundiam com as histórias reais e pessoais de várias educadoras, formando um elo que as conectava através de histórias reais e fictícias.

O momento despertou muita emoção, que afloraram através de lembranças, memórias afetivas, histórias das antepassadas e trajetórias negras, muitas vezes carregadas de ausências, dores e saudades. Após cada co-pesquisadora contar uma história para o objeto escolhido, foi o momento de fazer o movimento inverso, cada uma das PEDAGOPRETAS revelou ao grupo qual seu verdadeiro objeto, contando a história dele e revelando para as demais porque esse objetos foi escolhido por elas, dentre os seus pertences, para ser apresentado na Imersão. Revelando quais os sentidos, lembranças e afetos eram mobilizados através daquele objeto na sua construção identitária e no seu pertencimento afro e dialogando com a história inventada pela outra para o seu objeto, identificando em que as histórias se entrelaçavam.

Abaixo é possível identificar em trechos das falas das educadoras esses sentidos e entrelaçamentos de histórias provocados *pela roda de objetos*:

Professora Naná/ Objeto levado- Linha:

“[...] Eu ia trazer a agulha, só que a agulha se perdeu no caminho, só que ontem eu consegui doar parte das coisas da minha mãe (emoção)... Ela herdou da minha avó, só que minha avó é costureira, minha bisavó era costureira e a mãe verdadeira da minha mãe era costureira e eu só descobri no enterro da minha mãe, eu nunca tinha conhecido a minha avó verdadeira até o enterro da minha mãe [...] Minha mãe dizia que ela nunca tinha conseguido costurar na máquina, porque minha avó trabalhava muito e não tinha paciência de ensinar, mas minha mãe era autodidata, então minha mãe costurava, minha mãe fazia crochê, e tudo que você imaginar com linha ela fazia [...] e essa história que você contou se entrelaça porque minha avó, minha bisavó e minha mãe também costurava [...] E isso faz referência com quem eu sou porque foi através desse trabalho que minha mãe conseguiu sustentar eu e meus seis irmãos, e a lembrança que vinha quando você tava contando era ela na cadeira de balanço costurando a noite toda dez panos de pratos para entregar no outro dia e a gente conseguir almoçar, mas eu nunca aprendi e hoje eu uso nas minhas aulas para fazer artesanato, eu aprendi a fazer algumas coisas para conseguir trabalhar nessa ideia... e esses dias eu cheguei na casa da minha avó e ela estava na mesma cena da minha mãe, na cadeira de balanço costurando [...] E aí eu acho que as histórias se entrelaçam aí.”

Professora Anastácia/ Objeto levado- Boneca preta:

“Bom, é... o cruzamento das histórias é a infância realmente [...] Tem várias coisas que se entrelaçam né? A fotografia, as várias histórias, mas sobre a história que ela contou dessa bonequinha, lembra a infância... Quando eu era pequena minha avó era cega, eu não lembro dela com visão, mas meu pai dizia que ela me ensinou a andar, quando eu era pequena ela amarrava uma fralda no meu bum bum e saía me puxando, e que eu aprendi a andar, e ela ainda não era cega né? Mas eu só lembro dela cega... Minha avó era pretinha e do cabelo de algodão, bem branquinho o cabelo da minha avó! A boneca me conecta com ela, com a história e com minha história ancestral porque a minha avó cega, eu queria muito uma boneca, eu sempre gostei de bonecas de pano, e aí a minha avó fez uma boneca preta pra mim que tinha umas pernas compridas e eu me lembro bem dessa boneca, ela era dessa cor aqui com tecido preto, que meu pai comprou o tecido, para minha avó fazer essa boneca que eu vivia pedindo para ela, ela costurando cega[...] E ela tinha umas pernas bem compridas e tinha um cabelo de lã igual o dessa daqui bem grandão, e o cabelo de lã era solto e eu podia trançar [...] porque eu era louca para ter cabelo grande, minha mãe cortava meu cabelo “joãozinho” toda vida e eu só vim entender o porque minha mãe cortava meu cabelo “joãozinho” depois que eu cresci [...] e a minha boneca era minha realização de fazer tranças e de brincar na minha infância [...] eu me lembro perfeitamente dela, dessa minha boneca feita pela minha avó [...] E aí essa boneca também hoje me traz essa conexão que eu sempre tive com bonecas e hoje eu sou a Dama do Passo do Zamberacatu, eu carrego uma boneca de pano, preta [...] Uma boneca cheia de representatividade e eu carrego essa responsabilidade de carregar o símbolo da ancestralidade do maracatu, que também se conecta com o outro objeto que eu escolhi aqui [...].”

Professora Dodô/ Objeto levado- Semente de Jatobá:

“Ninguém escolheu essa semente, mas sobre a cabaça é tudo real, não foi criado, realmente a cabaça faz parte da minha história [...] E aqui é uma semente, eu não tô hoje, mas eu ando sempre com um colar que é uma semente de Mucunã, que as pessoas usam para fazer olho de boi. E Essa aqui é uma semente de Jatobá, então na minha comunidade quilombola essa semente é muito representativa para nós, tanto o Jatobá, quanto a semente de Mucunã, porque quando os nossos ancestrais chegaram lá, não havia comida, assim pronta já, então eles pilavam a semente de Jatobá e de Mucunã que foi o que eles encontraram lá [...] Eles faziam uma farinha dela e dessa farinha faziam o mingau, o angu e se alimentar [...] então para nós ela é muito importante, tanto a semente de Jatobá como a semente de Mucunã. A semente de mucunã eu não trouxe porque ela é muito sagrada para mim[...] eu ganhei de Dodô, que é o meu codinome. Dodô é uma mais velha preta da minha comunidade [...] E ela sempre acreditou nas meninas da comunidade e muito em mim [...] ela me entregou essa semente de Mucunã e disse: “você tem que ser forte como essa semente” [...] e semente nasce, nós viemos aqui sozinhos, mas nós nascemos e florimos juntas [...] Em minha comunidade, os mais velhos quando reconhecem que os mais novos não irão abandonar ea comunidade, eles fazem um eventozinho e ganhamos essa semente [...] Interessante porque cada objeto que tem aqui é meu, é nosso, interessante como nós estamos interligadas né? [...] Mas essa semente é resistência. Vamos renascer! Na fala de Marília quando puxava a meditação ela falou “o que você faria se perdesse esse objeto?” eu sei que a minha renasceria! Se eu perder essa semente eu sei que a chuva vai levar, vai se enterrar em algum canto e ela vai nascer, então vamos renascer todos os dias porque nós somos sementes!”

Professora Dandara/ Objeto levado- Foto da Avó:

“É quando ela falou sobre a minha avó, que era a mãe dela, ela falou em Ponta Negra e minha avó morou em Ponta Negra, na época né, e aí vieram muitos gatilhos porque como eu falei na outra conversa que Dandara estava contando que era da

boneca, eu terminei lá falando que minha avó morreu em um ano e eu nasci no outro e eu não tive contato com ela e essa é uma das quatro fotos que mainha tem dela [...] Então a referência que eu tenho de negritude, de uma pessoa preta que eu dou o maior valor, que é referência para mim, que foi uma mulher fenomenal com todas as dificuldades do mundo que você possa imaginar [...] Minha avó praticamente cuidou de todo mundo sozinha [...] Porque você disse assim traga um objeto que lembre e que te reconecte, que te conecte... Minha avó! [...] Essa é a única foto que ela tá rindo, por isso que eu escolhi essa, porque essa foto ela fala muito pra mim, eu não sei explicar [...]"

Professora Luanda/ Objeto levado- Carta:

“A história que eu contei sobre o seu objeto Dandara, é verdade! [...] tudo isso que eu contei existiu [...] Eu sou atriz e também sou produtora q eu escrevi um projeto que era para me afirmar enquanto mulher negra e também afirmar a minha prática né, o meu trabalho, porque ninguém diz aí a gente tem que fazer, eu que tive que pegar e fazer, eu digo não tem problema, eu sei, eu vou fazer [...] E o projeto se chama “Pele Preta, Lousa Branca”, aí Luanda é uma das personagens dessa história [...] Luanda é a mulher que enfrenta o pai e diz para a mãe que precisa sair de casa porque não aguenta mais a violência doméstica [...] E Luanda se torna Atriz, é artista independente e quando eu vi o cartaz que dizia para trazer o objeto eu lembrei dessas cartas [...] Eu não consegui trazer o objeto físico, então eu trouxe ela digitalizada [...]"

Professora Vó Catarina/ Objeto levado- Espelho:

“O objeto que eu trouxe é um espelho [...] Mas o que é que conecta a história do espelho com a linha? [...] É que minha avó costurava e gostava sempre de ver a gente muito bonita e a história que eu contei é verdadeira, minha avó Clarisse existiu e eu acho que se conecta os objetos porque ela costurava para a gente ficar bonita e eu corria para o espelho que tinha na casa dela para me ver [...] As histórias são realmente muito entrelaçadas se eu fosse falar aqui de músicas, de bonecas, de fotos iam ser muitas histórias [...] Era bom esse tempo de criança nas casas das avós.”

Ao observarmos as histórias dos objetos podemos perceber o quanto as trajetórias de vida das professora se parecem, as experiências contadas por elas se misturam e se fundem, sendo muitas vezes confundida com a realidade, é notório que os objetos levados pelas educadoras, bem como aqueles objetos acrescentados na roda por mim, como o agbê do maracatu, carregam em si histórias e memórias ancestrais. Essas histórias e memórias foram despertadas através da *roda de objetos* causando muitas vezes comoção entre as envolvidas na atividade, a medida que cada uma ia contando sua relação com o objeto escolhido ou levado de sua casa.

A *Roda de Objetos Pretagógicos* nos possibilitou perceber o quanto nossas histórias e memórias são pessoais e coletivas, mas sobretudo o quanto é importante criar espaços onde essas histórias silenciadas possam ser compartilhadas, essas histórias fortalecem a nossa

identidade negra e profissional, à medida que nos vemos e nos reconhecemos nas histórias de outras educadoras negras, validamos o nosso pertencimento e reconhecemos os nossos passos, a nossa história e os caminhos que nos construíram, foi possível perceber através desse dispositivo que um espaço de intimidade e acolhimento foi aberto, possibilitando para as educadoras negras um ambiente afetivo e de pertencimento comunitário, nos possibilitando conhecer suas trajetórias e fortalecer as características que as aproximam do conceito de PEDAGOPRETA.

4.6.3. O Oráculo Pretagógico da Pedagopreta

Lembro -me como se fosse hoje quando entre a sétima e oitava série do ensino fundamental, me deparei com uma revista em uma banca que tinha na esquina da rua da minha escola. Ela dava instruções básicas sobre jogar Baralho Cigano²⁷ e ainda acompanhava uma cartelinha onde eu pude destacar e ter minhas primeiras cartas, eram mini cartinhas que me acompanharam por muito tempo. Eu sempre fui uma criança sensível e percebia o olhar da minha mãe quando eu relatava sonhos ou tinha alguma sensação, "essa menina tem umas coisas..." era uma frase que eu sempre ouvia, escutava minha mãe relatando causos dos meus sonhos e "premonições" para pessoas da família, o que hoje entendo como uma bênção da espiritualidade.

Muitos anos se passaram e os caminhos foram me conduzindo a pessoas que compartilharam seus conhecimentos comigo, dentre elas algumas tias reafirmaram que em mim existia um "dom", entre força e negação, medo e desejo de conhecer tudo isso e me conhecer melhor, um novo baralho daquele mesmo tarot chegou a mim em 2008, dessa vez aquelas cartas grandes que "as ciganas de verdade jogam". Através da minha primeira chefe, recebi o tarot que consulto até hoje. Com o tempo cheguei ao candomblé e conheci a Rainha Iracema Albuquerque. Que Natalense com mais de 30 anos não se lembra dos cartazes nas ruas e paradas de ônibus de Natal que diziam: "Iracema Cartomante"? Ela foi sem dúvidas a cartomante mais conhecida e respeitada da cidade e com esse trabalho criou dignamente seus quatro filhos.

Nos seus anúncios falava de um tarot para o autoconhecimento e evolução espiritual,

²⁷ Baralho Cigano: Também conhecido como Lenormand ou como Tarô Cigano, é um oráculo que consiste em um jogo com 36 cartas. Foi adaptado e divulgado pelo povo cigano e no Brasil ganhou interpretações e força a partir de sua utilização nas religiões de matriz africana, em especial a umbanda. (Texto escrito pela autora)

com ela aprendi muita coisa, as quais poucas foram faladas, mas sim percebidas e aprendidas através da convivência, passei a jogar tarot para a cartomante que a cidade quase toda recorria, ela plantou em mim a sementinha do: "Você pode fazer isso! Você precisa fazer isso! Você foi escolhida!". O tempo passou, a Rainha nos deixou e eu deixei o tarot, guardei, me iniciei no candomblé e demorei uns dois anos ou mais para pegar nele, até que as pessoas que jogavam com ela passaram a vir até mim, dizendo que ela falou que se algo acontecesse com ela, deveriam me procurar.

Nesse mesmo período chegou a mim um outro carteadado o "Oráculo da Natureza", através de Maria Helena, amiga e na época recém batuqueira da Nação Zamberacatu, que disse que tinha recebido essas cartas na Chapada Diamantina, e a pessoa que deu esse oráculo a ela falou que estava mandando essas cartas para uma pessoa que quando ela conhecesse, saberia quem era. Há cerca de seis anos esse oráculo me acompanha e cuida de mim e dos meus. Desde então abri as gavetas, retirei minhas cartas e tenho retomado o meu processo, mergulhado lentamente e cada vez mais profundamente, já se passaram 20 anos desde as primeiras cartas e eu aprendi e aprendo muito!

Exército a escuta, o cuidado e o autoconhecimento através do Baralho Cigano, me conecto com saberes importantes herdados da minha ancestralidade e espiritualidade... Sigo os caminhos da minha Rainha, um tarot para o autoconhecimento, evolução espiritual, auxílio e condução do nosso destino com o que nos potencializa. Tenho me dedicado muito a isso e durante o ano que morei em Fortaleza, devido ao Mestrado, jogar cartas também foi minha profissão e principal fonte de renda, já que durante todo esse tempo estive desempregada. Me sinto honrada pela ancestralidade em ter me oferecido caminhos não só de cuidados espirituais, mas também sabedorias que me possibilitaram construir uma profissão e fonte de renda, as cartas são para mim um instrumento muito sagrado que fala sobre pertencimento, ancestralidade e futuridade.

Durante as aulas nos semestres iniciais do curso de Mestrado, mais uma vez me deparei com a força desse oráculo, dessa vez elas (as cartas) se mostraram para mim, e para toda a turma, como um instrumento pedagógico, ou melhor, *pretagógico*. A professora Rebeca Meijer, durante suas aulas na disciplina de Ensino e Formação Docente, preparou e levou um dispositivo para nós que se utilizava da cartomancia para possibilitar experiências educativas que contemplam os valores e saberes da cosmopercepção africana e afrobrasileira, nesse dia, ela levou e interpretou cartas do Tarôt de Marcelha²⁸, proporcionando uma

²⁸ O Tarô de Marselha, também conhecido pela designação francesa Tarot de Marseille, é um baralho de cartas clássico e um dos mais conhecidos. É um padrão a partir do qual todos os baralhos de tarô

experiência única e singular para a maior parte da turma que nunca havia tido contato com esse instrumento ancestral e espiritual.

A aula causou muitas reverberações na turma, desde movimentos de estranhamento e rejeição inicial, como também de entusiasmo e acolhimento, percebo que a utilização do dispositivo foi muito positiva pois estimulou a reflexão, quebra de estereótipos racistas e fomentou o debate sobre respeito às diversidades religiosas, promovendo a empatia e estimulando nós alunas e alunos a autoconsciência, que nos inspiraram a explorar diferentes perspectivas a partir de uma abordagem mais holística do mundo, onde a diversidade religiosa pode ser compreendida e respeitada.

Saí daquela aula me sentindo muito tocada e pertencida, eu como a única aluna negra da turma e cartomante, não imaginava ver um oráculo sendo utilizado como possibilidade pedagógica em um curso de mestrado, esse dispositivo me motivou a criar e expandir, foi a partir daí que tive a ideia de trazer o oráculo para a minha pesquisa. Mas que oráculo seria esse? Que cartas iriam compor esse oráculo? Como e em que circunstâncias ele seria jogado e interpretado? Eu não tinha as respostas, mas foi a partir das conversas com minha orientadora que chegamos ao que chamamos de *Oráculo Pretagógico da Pedagogopreta*, um carteadado, que nos auxiliaria na construção da identidade profissional docente PEDAGOPRETA e que pode nos ajudar a trabalhar a educação para as relações étnico-raciais nos diversos contextos educativos em que estivermos inseridas.

Em orientação com a professora Rebeca Meijer eu falei para ela da minha experiência com as cartas, contei que sou adepta do Baralho cigano e da Escola Brasileira de Cartomancia, um segmento que mescla as referências dos oráculos de origem espanhola, adaptados pelos povos ciganos, com as referências de matrizes africanas e afrobrasileiras, como orixás, entidades e símbolos pertencentes do panteão africano. Observei que as cartas geralmente mantêm uma mesma estrutura apresentando um título, uma imagem ligada a um arquétipo que permeia nosso inconsciente coletivo, palavras-geradoras que resumem o sentido da carta e um texto interpretativo, ou conselho que vai trazer o significado daquela carta.

Pensando nessa estrutura, resolvemos elaborar um dispositivo onde as próprias educadoras ou grupo que estivesse utilizando o recurso pudesse construir e utilizar o jogo de cartas a partir de um tema gerador. Trazendo imagens e conceitos pertinentes a sua realidade. Assim, elaboramos um dispositivo que poderia ser criado e recriado de acordo com a

derivam. Trata-se de um jogo de 78 cartas, distribuídas em dois grupos: arcanos maiores e arcanos menores.

circunstância pedagógica em que ele fosse ser utilizado, mas que poderia também circular com suas cartas já criadas e serem utilizados para consulta como os Baralhos Ciganos. Segue abaixo o *layout* do Oráculo da Pedagogopreta desenvolvido por mim.



Figura 35 e 36: Frente e verso das cartas do Oráculo da Pedagogopreta (Arquivo pessoal)

Essas cartas, que assim como qualquer jogo de cartas apresentam o verso com uma imagem padrão, trazem a sua frente com espaços abertos a serem desenvolvidos durante o processo formativo, além das cartas, o jogo também acompanha uma folha onde é possível escrever a interpretação/ conselho da carta, como mostra a imagem abaixo:

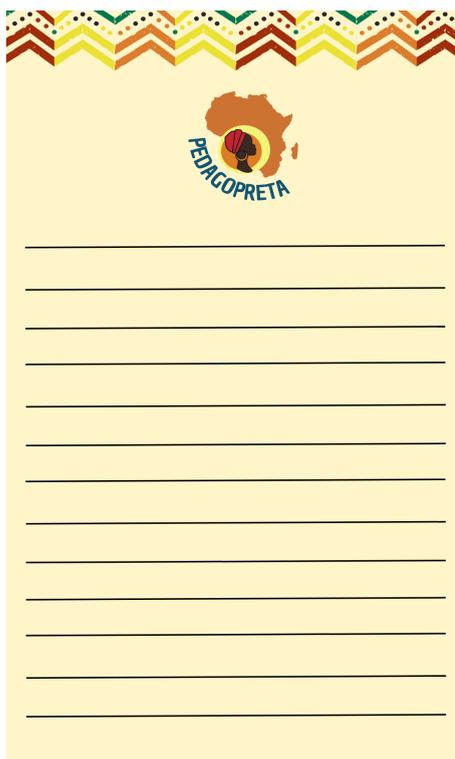


Figura 37: Folha de interpretação/conselho do Oráculo da Pedagopreta (Arquivo pessoal)

Após elaborar o design do nosso oráculo, desenvolvemos as *ori.entações* para o seu uso e aplicabilidade, é importante ressaltar que esse oráculo pretagógico, também pode ser utilizado para trabalhar diversos temas, dentro das várias possibilidades que os saberes ligados a educação para as relações étnico-raciais pode nos propor, porém como o foco da nossa pesquisa é a identidade profissional docente PEDAGOPRETA, construímos nosso jogo de cartas baseados na categoria que estamos desenvolvendo. Para o desenvolvimento do *Oráculo Pretagógico da Pedagopreta* as participantes da Imersão receberam as seguintes *ori.entações*:

ORÁCULO PRETAGÓGICO DA PEDAGOPRETA

Objetivo: Objetiva-se o desenvolvimento e a utilização de um dispositivo pretagógico: O Oráculo da Pedagopreta, como recurso capaz de mobilizar vários elementos, vivências, crenças, pensamentos que demarcam a presença africana e afrobrasileira na nossa construção e formação identitária profissional. Intenta-se também demonstrar como o dispositivo do oráculo pode ser utilizado nas ações pedagógicas na formação de professores e na educação para as relações étnico-raciais. A partir da necessidade de desenvolver na Identidade Profissional Docente saberes à Educação das Relações Étnico-Raciais, propõe-se exercitar nesta oficina a dimensão da espiritualidade desde o dispositivo Pretagógico do oráculo.

Tema gerador: Pedagopreta

Desenvolver:

- **Título da carta**
- **Desenho**
- **3 palavras geradoras**
- **Conselho Pedagógico**

A partir de um diálogo sobre a história da cartomancia e a importância da espiritualidade e dos oráculos em algumas culturas africanas e afrobrasileiras, levamos as professoras a refletirem sobre que vários elementos, vivências, crenças, arquétipos, símbolos e etc, demarcam a presença dessa ancestralidade na nossa construção e formação identitária étnico-racial e profissional-docente. Analisando que saberes esses elementos agregam ao nosso ser mulher-negra-educadora. A partir disso, as professoras foram estimuladas a escolher um elemento que melhor define a sua construção pedagógica a partir de suas africanidades, um elemento importante para a sua prática. Esse elemento seria transformado em uma Carta de Oráculo. A PEDAGOPRETA deverá ilustrar essa carta e desenvolver a sua literatura, com Palavras-geradoras e um *conselho pretagógico*.

A partir dessas orientações e procedimentos, demos um tempo para a elaboração de das cartas e do texto/conselho pedagógico, confesso que estava na dúvida se as professoras iriam conseguir compreender o objetivo do dispositivo e materializá-lo, porém a acolhida e entusiasmo em fazer o oráculo acontecer tomou conta de todas, foi um momento prazeroso e muito divertido, onde foi possível colocar a imaginação em prática e explorar as habilidades de desenho, síntese textual, reflexão e propagação a cerca de saberes profissionais e ancestrais.



Figura 38: Explicando o Dispositivo Oráculo da Pedagopreta (Arquivo pessoal)

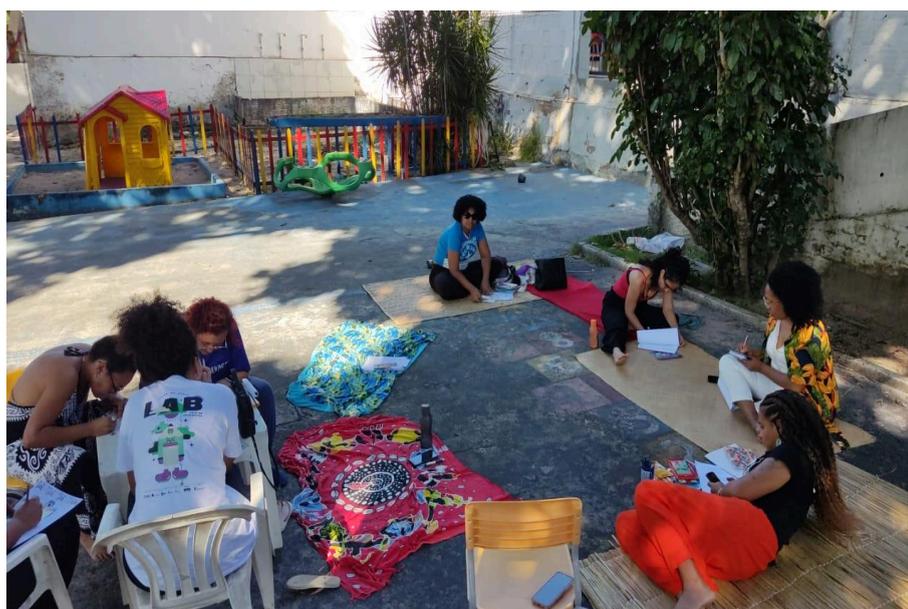


Figura 39: Momento de elaboração das cartas do Oráculo da Pedagopreta (Arquivo pessoal)



Figura 40/41: Momento de elaboração das cartas do Oráculo da Pedagogopreta (Arquivo pessoal)

Abaixo é possível conferir as cartas, bem como seus significados, que foram produzidos pelas professoras durante a oficina:

- **Cartas Pretagógicas**

Título da Carta: Resistência

Autora: Professora Yemalla Ifá

Palavras Geradoras: Força/ Resiliência/ Luta

Conselho pedagógico: A carta da Resistência nos ensina a importância de manter a força para seguir na luta. A luta é um ato de resiliência. Todo esse processo nos leva à resistência.



Figura 42: Imagem da Carta (Arquivo pessoal)

Título da Carta: Espelho

Autora: Professora Vó Catarina

Palavras Geradoras: Reflexão/ Olhar para dentro/ Priorize-se

Conselho pedagógico: Você já se olhou no espelho hoje? Diariamente conferimos nossa imagem no espelho ao acordar, ao se vestir, mas você já se perguntou se gosta do que vê? Não busque olhar para si com o olhar de quem não está refletido no espelho, é você quem está lá e também suas escolhas, suas experiências, suas vivências, suas potencialidades e limitações. Lá no espelho estão os traços de seus ancestrais. Eles estarão com você por onde você for. Não esqueça deles, não esqueça de você.

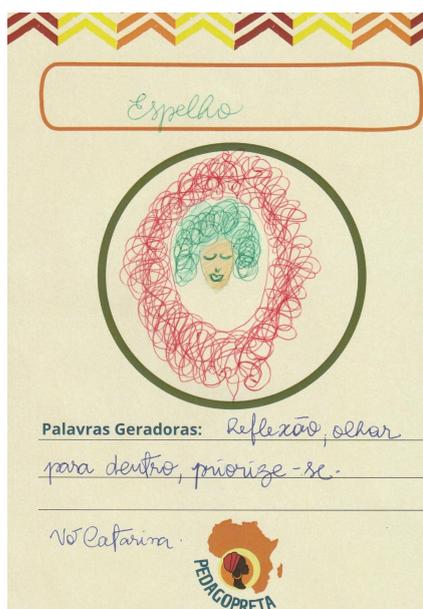


Figura 43: Imagem da Carta (Arquivo pessoal)

Título da Carta: Casa

Autora: Professora Luanda

Palavras Geradoras: Pertencer/ Ancestralidade/ Escrita criativa

Conselho pedagógico: O sentimento de pertencimento pode ser um facilitador para ajustar as ideias desencontradas. Quando estamos confusos, podemos agir de maneiras que às vezes podem nos prejudicar. Centrar o pensamento naquilo que você oferece de melhor, pode ser uma saída. Voltar às suas origens, entender quem são os seus e o que você está disposta a realizar, são pensamentos norteadores que podem vir a ajudar a achar novamente seu eixo.

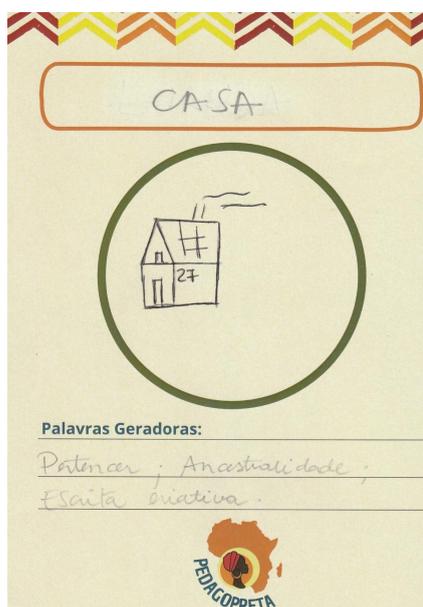


Figura 44: Imagem da Carta (Arquivo pessoal)

Título da Carta: A Infinitude

Autora: Professora Naná

Palavras Geradoras: Recomeço/ Força/ Natureza

Conselho pedagógico: A infinitude é uma carta que vem te ensinar que tudo é parte de um ciclo que pode ser recomeçado. Força e foco nas suas raízes.

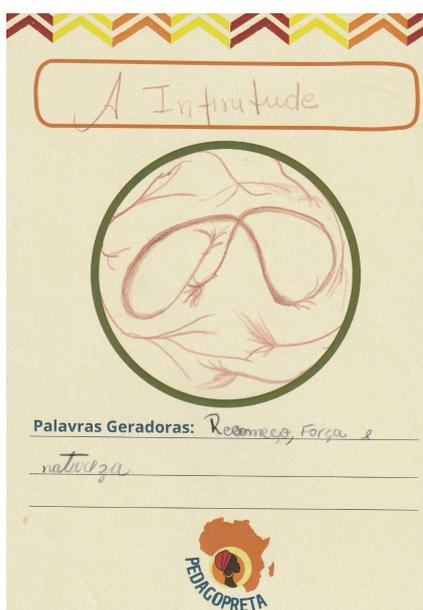


Figura 45: Imagem da Carta (Arquivo pessoal)

Título da Carta: O Gato

Autora: Professora Dandara

Palavras Geradoras: Agilidade/ Percepção/ Carência

Conselho pedagógico: Cuidado para que sua carência não atrapalhe suas percepções sobre si mesma e sobre suas vivências com outras pessoas. A agilidade em julgar os outros pode ser um ponto a se refletir e a ser melhorado em suas atitudes afetivas e profissionais.

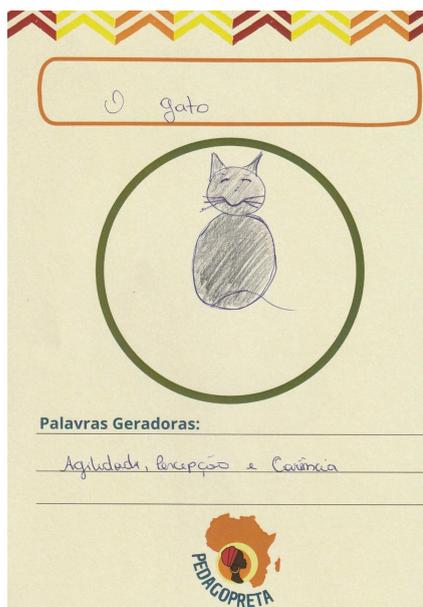


Figura 46: Imagem da Carta (Arquivo pessoal)

Título da Carta: A Máscara

Autora: Professora Anastácia

Palavras Geradoras: Esconderijo/ Refúgio/ Tradição

Conselho pedagógico: A máscara é um símbolo de diferentes tradições, desde o teatro grego usada como identificação de uma persona de acordo com um gênero dramático: Tragédia ou Comédia. Assim quem escolhe a máscara pode estar criando um esconderijo para si. Mas a máscara também pode significar um refúgio diante das adversidades ou de situações que estão fora do nosso controle. Assim ela nos acolhe e nos protege. A máscara da carta é uma máscara neutra também utilizada no teatro para revelar nossa potência corporal, nossos gestos.

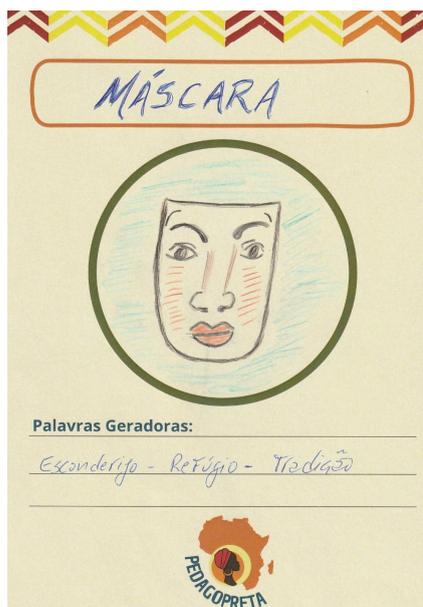


Figura 47: Imagem da Carta (Arquivo pessoal)

Título da Carta: Sankofa

Autora: Professora Dodô

Palavras Geradoras: Passado/ Presente/ Futuro

Conselho pedagógico: Construir uma prática docente considerando o sujeito no seus contexto identitário, social, compreendendo que esse traz em si formação do passado, presente e perspectivas futuras.

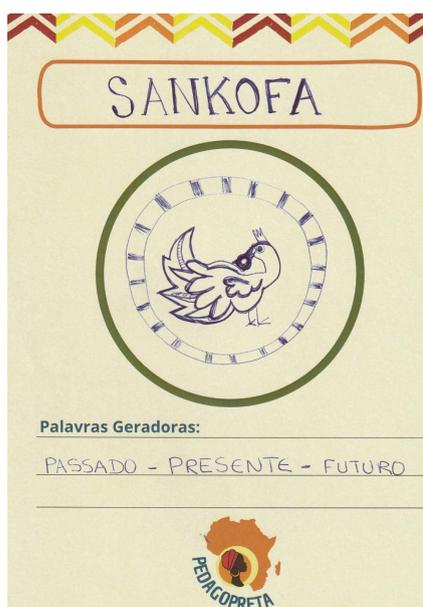


Figura 48: Imagem da Carta (Arquivo pessoal)

Após concluírem a elaboração das cartas, construímos a ritualística para o momento do jogo, expliquei que cada cartomante tem sua forma de ritualizar o momento que chamamos de “tiragem das cartas”, geralmente usamos incensos, óleos essenciais, pedras preciosas, fazemos uma oração de nossa preferência, e pedimos para que o consulente (pessoa que está consultando o oráculo), se concentre em suas questões. Dispomos uma esteira no centro do círculo onde todas as cartas foram embaralhadas e postas organizadas lado-a-lado com o desenho virado para baixo, cada co-pesquisadora, foi até o centro, escolheu uma das cartas, virou e mostrou para o grupo a carta que tinha tirado, assim foi identificado quem criou aquela carta e essa pessoa fez a leitura interpretativa apresentando a carta e seu significado, o jogo foi fluindo até que todas tiraram e interpretaram uma carta.



Figuras 49/ 50/ 51: Oficina Oráculo da Pedagogopreta (Arquivo pessoal)

Considero que o dispositivo do oráculo foi um dos grandes achados desta pesquisa, afinal ele reúne em si muitas potencialidades pedagógicas, pois estará constantemente em criação e recriação, podendo ser reinventado de acordo com o tema gerador e pessoas envolvidas no processo formativo, ele não traz características nem marcadores definidos e enrijecidos, mas parte das subjetividades pessoais para a percepção de elementos do inconsciente coletivo, além de contribuir com a valorização e desmistificação de estereótipos ligados a espiritualidade de matriz africana, ele também estimula a percepção ativa incentivando reflexões, promove a criatividade e ludicidade pois trata-se de um jogo que aguça a imaginação e as interpretações simbólicas, facilita a compreensão de conceitos

tornando o aprendizado mais fluido e divertido e desenvolve a capacidade de comunicação, expressão oral e argumentação, nos possibilitando incorporar diversos temas que podem ser integrados no processo formativo proporcionando uma abordagem holística.



Figura 52: Oficina do Oráculo Pretagógico (Arquivo pessoal)

Esse dispositivo trouxe tanta potencialidade e possibilidades para o nosso processo formativo, que resolvemos experimentá-lo em um outro momento para testar sua aplicabilidade em um contexto diferenciado, inscrevemos a “*Oficina Oráculo da Pedagopreta*” no IV COPENE NORDESTE- Congresso Nacional de Pesquisadores Negros do Nordeste, que aconteceu no mês de Novembro de 2023, em Maceió-Alagoas. Na ocasião desenvolvemos a oficina utilizando esse dispositivo com uma turma mista, que não continha apenas mulheres negras, o que nos possibilitou perceber a sua aplicabilidade e eficácia em um contexto mais abrangente, para essa oficina adaptamos e orientamos a construção da carta da seguinte forma: “*Criar simbologia que represente os saberes essenciais às mulheres-negras-educadoras para o desenvolvimento de sua identidade profissional.*”. A experiência nos proporcionou a criação cinco novas cartas que expandiram ainda mais as contribuições do dispositivo.

Após essa experiência no COPENE, um aluno da UNILAB e participante da oficina, encontrou a professora Rebeca nos corredores da universidade e comentou ter usado o oráculo em um trabalho para uma disciplina, o que mostra que o dispositivo já ganhou vida e se espalha, causando um sentimento de realização em nós que o desenvolvemos. O *Oráculo*

Pretagógico da Pedagogopreta proporciona a Pretagogia mais um dispositivo a disposição da implementação da lei 10.639/2003 e a educação para as relações étnico-raciais.



Figura 53: Oficina do Oráculo da Pedagogopreta no IV COPENE NORDESTE (Arquivo pessoal)

4.6.4. Corpo, Ritmo, Movimento e Espiritualidade Negra- O Maracatu Nação na Formação de Mulheres-Negras-Educadoras

*“Ouça o som do meu tambor
Energia que me dá
Seja negro ou de outra cor
Proteção de Orixá
Viva o Rei!
Viva a Rainha!
Viva a Corte Real!
Viva o baque primeiro
Da cidade do Natal”*
(Loa “Zamberacatu”- Oyá Iyalê)

Para finalizar esse dia intenso de Imersão e como estávamos sendo recebidas da sede do Maracatu Nação Zamberacatu que ensaiava nesse dia, inserimo no nosso planejamento a participação das professoras no ensaio do grupo, foi um momento para nos aprofundarmos mais nessa manifestação popular a fim de compreender através do ritmo, do corpo e da musicalidade como a vivência no maracatu pode contribuir para a identidade profissional docente PEDAGOPRETA.

No início do ensaio apresentei as professoras ao grupo, falando um pouco da pesquisa que estava sendo desenvolvida, aproveitei o momento para falar brevemente também sobre a história da Nação e da manifestação cultural a qual ele representa, após isso nos integramos ao grupo que ensaiava escolhendo o instrumento que mais nos chamava atenção, essa prática enriqueceu a experiência formativa através da expressão artística e da conexão com a comunidade, refletindo os valores e saberes da cosmopercepção de origem africana apresentados pela Pretagogia como a coletividade, a integração entre corpo-mente-espírito, a circularidade, a valorização da ancestralidade e da espiritualidade, como também a musicalização a partir de uma perspectiva não eurocêntrica, alinhada a perspectivas da tradição de origem africana.



Figura 54: Ensaio do Maracatu Nação Zamberacatu (Arquivo pessoal)

Todas as professoras se jogaram na experiência de tocar com o maracatu, além delas a minha orientadora também mostrou seu *borogodó* percussivo, nos mostrando que independente, e para além, da formação acadêmica os espaços e comunidades negras estão sempre nos educando e reeducando, nos possibilitando aprendizados diversos e proporcionando experiências que combatem o enrijecimento da nossa prática. Após o ensaio da Nação Zamberacatu as professoras foram estimuladas a escrever um parágrafo respondendo a seguinte questão: “*O que pode o maracatu para a construção da identidade PedagoPreta?*”

“O maracatu nação traz no contexto os sons da ancestralidade. Mover-se ao som dos tambores é um exercício de corporeidade. O ritmo aflora os movimentos que trazemos na memória do passado mais longínquos. Não me arrisco a tocar, mas meu corpo é brincante de maracatu.” (Professora Anastácia)

Bonito ver como a professora Anastácia trás a sua compreensão sobre como a experiência no maracatu aciona a nossa memória ancestral, um corpo brincante de maracatu é um corpo que se permite ao exercício de descolonização através da brincadeira no seu sentido mais genuíno o de se permitir aprender e se comunicar através da experiência lúdica.

“Acredito que a experiência possibilitou um pouco do universo da musicalização, a música é uma linguagem muito potente e forte aliada quando se trata do ensino aprendizagem. Enquanto futura docente em artes, compreendi diversos dispositivos no campo da música que podem vir a ser apropriados para a sala de aula e outras frentes de formação.” (Professora Luanda)

A professora Dandara reforça como a música expande a nossa percepção e nos oferece possibilidades didáticas, através da experiência ela vivenciou as potencialidades de uma musicalização que pode expandir em sua prática educativa.

“O Maracatu vem como "matéria" multicultural que se verbaliza no toque do tambor, expressa como instrumento de educar em qualquer, turma/série da educação brasileira.” (Professora Naná)

Naná enfatizou a multidisciplinaridade que a experiência com o maracatu oferece, apontando que esse dispositivo pode educar e trazer aprendizados nos mais diversos contextos educacionais no Brasil, já que essa é uma manifestação construída através da diáspora vivenciada aqui.

“Acredito que a música serve como ponte para qualquer tipo de aprendizagem. Todo exercício rítmico e melódico que foi feito favoreceu inclusive o entrosamento de pessoas que nem se conheciam. E o maracatu serviu exatamente como ponte e conexão na nossa vivência pedagoga.” (Professora Dandara)

A professora dandara trouxe a força que a música tem em proporcionar encontros e interações entre pessoas, sendo uma ferramenta potente de socialização e entrosamento, fortalecendo a conexão entre as PEDAGOPRETAS.

“Aprender produzindo o som do maracatu- os tambores nos reconectam aos sons da mãe natureza. Aprender fazendo e acessando as possibilidades de errar e recomeçar, reconduzindo a produção do som é acessar memórias de 'outros carnavais'. Penso que se aprendo fazendo possibilita ensinar fazendo. E também nos faz pensar em quantas aprendizagens culturais e ancestrais estão inseridas na diversidade étnico-racial dos nossos ancestrais.” (Professora Vó Catarina)

Por fim Vó Catarina traz a perspectiva holística que considera a natureza como parte integrante do processo de formação identitária profissional, ela traz uma perspectiva sobre *errar e recomeçar*, colocando o erro como o meio pelo qual experimentamos e acertamos,

desconstruindo a visão tradicional de ensinar por e para o acerto, ela compreendeu que toda experiência educativa traz consigo aprendizados. Fala também em “*acessar memórias de outros carnavais*” considerando que a experiência com o maracatu fortaleceu a sua memória ancestral e seu repertório cultural.

Através da vivência no ensaio do Maracatu Nação Zamberacatu foi possível mobilizar saberes culturais, ancestrais e pedagógicos essenciais a construção da identidade PEDAGOPRETA, fortalecendo a ideia de que o contato com essas manifestações potencializa nosso pertencimento afro-ancestral e possibilitam saberes caros e essenciais a nossa formação profissional docente.

4.7. A VISITA AO TERREIRO E A COROAÇÃO DAS PEDAGOPRETAS: O BROTAR DE UMA IDENTIDADE PROFISSIONAL DE/POR E PARA MULHERES NEGRAS EDUCADORAS

Nosso último dia de Imersão Formativa havia chegado, para esse momento preparamos uma aula de campo, que consistiu em uma visita ao Ilê Axé Afinká (Terreiro da Prata), na ocasião iríamos conhecer o espaço do terreiro e tomar café da manhã com o Babalorixá Jorge Freire e com a Rainha do Maracatu, a iyá Maria Lázaro de Oyá, combinamos de nos encontrar no TECESol, onde teria um ônibus articulado pela Secretaria de Igualdade Racial em parceria com a Secretaria de Educação da cidade do Natal, antes do encontro, como vinha acontecendo, compartilhamos com as nossas co-pesquisadoras algumas *orientações* para o dia de atividades planejadas.



Figura 55: Card contendo as *orientações* para o momento da Imersão Formativa

O encontro formativo estava planejado baseado no plano de *percurso* elaborado previamente como mostra o quadro abaixo:

30/07/2023 08 às 18h	Imersão Formativa (Presencial)	Descrição/Metodologia
	<p>Objetivos: Desenvolver o conceito e as características de PEDAGOPRETA colaborando para a construção de uma identidade profissional de mulheres-negras-educadoras.</p>	<p>1º MOMENTO</p> <p>08h- CAFÉ DA MANHÃ COLETIVO E RODA DE CONVERSA COM OS MAIS VELHOS- “Conhecendo os valores e saberes da espiritualidade afro-brasileira”</p> <p>Descrição/Metodologia: Passeio para o Terreiro da Prata, café da manhã coletivo e conversa com os mais velhos, nesse passeio as PedagoPretas poderão conhecer um pouco mais o candomblé, seus valores, saberes e importância para a história e cultura afrobrasileira.</p> <p>12h- Retorno para o TECESol</p> <ul style="list-style-type: none"> • Produção de uma escrita coletiva a partir da visita ao terreiro e estimulada pelo cheiro da folha da erva “Tapete de Oxalá” e pelo som de músicas dos orixás, as PEDAGOPRETAS serão estimuladas pelo olfato e audição, para

		<p>traduzir a experiência da visita ao terreiro em versos que comporão uma poesia coletiva.</p> <p>2º MOMENTO</p> <p>12:30h- Almoço</p> <p>15h- OFICINA: “Turbante- Construção e Afirmação da Identidade Negra”</p> <p>Descrição/Metodologia: O turbante é um elemento estético da identidade negra, ele carrega além da sua força e impacto visual, uma característica de afirmação da identidade. É como uma bandeira, um instrumento de afirmação, coroação e empoderamento negro. A partir de uma oficina de turbante vamos refletir sobre a importância da estética negra para a manutenção dos nossos valores, história e resistência ancestral, as Pedagopretas aprenderão a fazer turbante e conhecerão as características históricas, culturais e espirituais desse acessório.</p> <p>16h- RODA DE AFETOS e SESSÃO DE FOTOS: Tornando-se Pedagopreta</p> <p>Descrição/Metodologia: Nesse momento cada Pedagopreta irá ofertar um turbante para uma outra cursista e ajudará a mesma a colocar o acessório, simbolicamente a Pedagopreta estará sendo coroada, esse momento construído ritualisticamente será como a conclusão da imersão, coroadas falaremos um pouco sobre a experiência em uma roda de afetos e faremos um ensaio fotográfico para finalizar a atividade.</p>
--	--	--

4.7.1. Café da Manhã Com os Mais Velhos e o *Tour pelo Axé: Conhecendo Os Valores e Saberes da Espiritualidade Afro-Brasileira*

*“Os Valores de Ancestralidade são tidos em poder dos mais velhos”
(Geranilde Costa e Silva)*

Era hora de ir mais fundo nos valores ancestrais e espirituais resguardados pelos

espaços sagrados que envolvem a nossa ancestralidade de origem africana, o terreiro é um território sagrado de extrema potencialidade e considerado pela Pretagogia como um dos territórios essenciais para a formação de professores e educação para as relações étnico-raciais, tanto que visitar terreiros esteve presente em várias pesquisas que apresentam esse referencial teórico metodológico para a gente, como nos trabalhos de Petit (2015), Silva (2019) e Meijer (2019)

Nossa intenção ao levar mulheres-negras-educadoras ao candomblé era contribuir com a formação identitária profissional docente delas a partir do contato direto com uma de nossas principais guardiãs de saberes, histórias e memórias, a religiosidade:

“Por meio da religiosidade se compreende o valor e a importância de cada ato, de cada gesto e de cada ser, pois se sabe que tudo... todos os seres vivos e não vivos estão intimamente próximos, entrelaçados, pois atuam em conjunto para que haja o equilíbrio pleno da natureza. Nessa perspectiva, seres vivos não se sobrepõem a seres não vivos, seres humanos não se colocam em superioridade frente a outros seres vivos. Dessa compreensão de religiosidade nasce o princípio da circularidade, em que eu sou por meio do outro, compreender que tudo que atinge a mim também atinge ao outro.” (SILVA, 2019, p.97)

Essa visão holística sobre as relações entre os seres, colabora com a construção de uma identidade profissional docente que considera o desenvolvimento integral na formação de professores, pois não foca apenas no desenvolvimento acadêmico, mas considera o contexto a partir da inter-relação de seus seres com a natureza, a fim de promover o desenvolvimento social, afetivo, físico e também espiritual de docentes. Ter acesso a esse tipo de saberes nos forma em harmonia com o contexto cultural e socioeconômico, incentivando a integração de conhecimento e a valorização dos seres envolvidos na nossa construção, promovendo mais equilíbrio e um fazer docente que não se preocupa só com a mente e a racionalidade, mas com o ser como um todo.

No primeiro momento no terreiro sentamos em uma mesa de café da manhã farta, onde fomos recebidas pelos mais velhos e alguns filhos da casa, na ocasião Babá Jorge Freire nos falou sobre a fundação do Terreiro da Prata e os caminhos que o levaram a se tornar babalorixá, bem como seus planos e perspectivas futuras, foi uma conversa carregada de ensinamentos que iam nutrindo nossas almas à medida que nutrimos o nosso corpo.



Figura 56: Café da manhã com os mais velhos (Arquivo pessoal)

Um fato importante que aconteceu na visita ao terreiro, foi que nesse dia a professora Rebeca que é iniciada para o orixá Omolu, estava sentindo muita dor de coluna, algumas cursistas também relataram sentir energias diferentes, que despertavam emoção, reflexão e sensibilidade. Expliquei para elas que tudo aquilo poderia ser a energia do local sendo percebida pelos corpos e pelo orí de cada uma. Com o passar do tempo e das prosas, ouvimos um som e percebemos um movimento que vinha em direção a sala que estávamos, era o orixá Omolu, incorporado em uma das filhas da casa, que tinha vindo saudar as nossas presenças, a medida que o orixá entrou se dirigiu primeiramente a Professora Rebeca e a cumprimentou, reconhecendo a ancestralidade e divindade que habitava na professora, saudou-a com um gesto de respeito e um abraço.

Essa presença de Omolu reverberou durante dias em mim e tocou as professoras presentes, das cinco educadoras que estavam participando da imersão nesse dia, apenas duas já haviam tido contato com uma divindade de candomblé, as outras relataram a emoção em presenciar esse momento especial e único, o fato é que Omulu é o orixá das doenças e da cura, conhecido como o grande ancião, senhor da terra, tem o poder de transformar tudo o que toca, trazendo a restauração e limpeza das mazelas, compreendi que ali se fazia um contato divino de cuidado com todas nós, mas em especial com a professora que não se sentia bem desde a noite anterior.

Após o café da manhã fomos convidadas pelo Babá a fazer um *Tour pelo Axé*, nesse passeio, o pai de santo foi nos mostrando cada um dos espaços, começando pela área externa

até a parte de dentro do barracão, nessa caminhada guiada pelo mais velho, ele nos apresentou alguns lugares sagrados e carregados de saberes, dentre eles o jardins das ervas de primeiras necessidades, como ele assim o denominou, mostrando algumas plantas essenciais para o culto a orixá como o manjeriço, o tapete de oxalá, a colônia, dentre outros. Uma fala que me marcou nesse percurso foi quando passando em frente ao assentamento das “Iyá Mi” (minha mãe) o babá falou sobre a importância e força das mulheres dentro da cosmopercepção do terreiro:

“Aqui é um lugar que eu acho que representa muito vocês, esse aqui é o espaço das senhoras, das *Iyá Mi Oxorongá* [...] Muitas pessoas se enganam dizendo que elas são as bruxas da noite, mas não é! Elas são as nossas defensoras! São representadas pelas corujas, nesse espaço aqui só as mulheres podem zelar, só as mulheres podem entrar! As *Iyá Mi*! Quando as mulheres se reúnem ninguém pode com elas [...] Nós temos muito a conquistar! Mas para conquistar precisamos nos unir, pois só se conquista com a coletividade, é preciso se unir, dialogar, se acertar para prosperar! Não esqueçam nunca da força que vocês carregam, porque as *Iyá Mi* reúnem uma explosão que gerou o mundo, então se apropriem da força e do poder que vocês representam! não se esqueçam das pretas poderosas que vocês são!” (Babá Jorge Freire- áudio transcrito)

A fala do Babá sobre as *Iyá Mi* veio para potencializar a essência feminina e negra que compõe e constrói as nossas identidades, dentre elas a nossa identidade profissional docente, crescemos em uma sociedade que nos relega a serventia e subalternidade, encontrar no terreiro a potencialização da nossa ancestralidade feminina e negra fortalece o saber docente ancestral que atravessa a nossa profissão e colabora com a construção de uma identidade que rompe com os paradigmas coloniais sobre ser uma mulher negra.



Figura 57: Tour pelo Axé (Arquivo pessoal)

A caminhada pelo terreiro foi carregada de aprendizados, passamos pelas casas dos orixás e aprendemos um pouco sobre cada um deles, compreendemos um pouco sobre como funciona a arquitetura de um terreiro e seus espaços, pai Jorge nos contou sobre alguns dos conceitos básicos do candomblé como o Àsè, a energia vital mobilizadora das existências, Exú o orixá do movimento e da criação, o conceito de Egbé família, que se entende não só aos laços sanguíneos, mas a comunidade que constrói vínculos e se relaciona a partir dessa aproximação religiosa, cultural e ancestral.

Ao final do *Tour pelo Axé*, toda a família presente na casa se juntou na varanda em frente a porta de saída cantando uma cantiga em agradecimento a nossa presença, foi um momento muito especial onde recebemos as bênçãos do babalorixá e de toda a comunidade, saímos de lá carregadas de bênçãos e com as energias renovadas, reflexivas e imersas na experiência que foi conhecer o Ilê Axé Afinká.



Figura 58: Visita ao Terreiro da Prata/ Macaíba-RN (Arquivo pessoal)

Voltamos do Terreiro da Prata para a sede da Nação Zamberacatu, conosco para o almoço, veio a Rainha Maria Lázaro, que encanta a todos pela sua gentileza e sabedoria, antes do almoço chegar nos reunimos da sala em roda, para compartilhar um pouco entre nós das sensações e energias que sentimos, enquanto nos organizamos na sala a professora rebecca circulava pelo canteiro na frente da sala onde tinham algumas ervas plantadas, ela parecia

estar bem concentrada e amassava uma folha de Tapete de Oxalá²⁹ entre os dedos enquanto sentia o aroma daquela folha.

Em um fluxo quase intuitivo, inspirado pela ida ao terreiro, o cheiro das ervas e as bênçãos dos mais velhos e mais novos, a professora entrou na sala amassando a folha entre os dedos e me pediu para colocar uma música de orixá, ao som da música suave, que tocava em saudação a Oxalá, o orixá da paz e mais velho dos orixás, que segundo a mitologia yorubana, foi criador da mundo e dos orixás, ela puxou uma meditação onde pedia para as professoras se entregarem a música a fim de filosofar e produzir conceitos.

Guiando uma respiração calma e profunda, pediu para as professoras se imaginarem em um dos locais do Terreiro da Prata: *“-Talvez na calçada, talvez no jardim, no barracão, quem sabe na mesa de café da manhã... se localize no local que te chamou atenção por alguma razão...”*

E seguiu suas orientações: *“-Então, diante da vivência de terreiro, é importante a gente pensar que a identidade PEDAGOPRETA, ela exige que a gente traga a consciência de forma deliberada, intencional, a reflexão sobre as religiões de matriz africana, para que a gente possa utilizar esse conhecimento combatendo o racismo religioso nos espaços de formação que a gente passar durante a nossa vida. Então diante disso, quero que você pense sobre esse terreiro, sobre o que ele lhe ensinou. E de olhinhos fechados, eu vou passar um cheiro, uma essência perto do seu nariz, não se preocupe eu não vou tocar em você, só o cheirinho. E aí você vai dizer: **“-Se o Terreiro da Prata fosse esse cheiro, o que o seria o Terreiro da Prata?”***

Se aproximando de uma das educadoras, a professora seguiu estimulando a reflexão e aproximando a erva do nariz da professora, perguntou novamente: *“-Se o Terreiro da Prata fosse esse cheiro, o que o seria o Terreiro da Prata? Em frases ou ideias... O que é o Terreiro da Prata?”*

A professora Vó Catarina respondeu: *“-É uma reconexão, é uma conexão comigo mesma”*

A professora continuou: *“-E como o terreiro da prata pode te ajudar como profissional da educação? Como Pedagogreta?”*

Vó Catarina pensou um pouco: *“- É um lugar assim onde um vou me preencher, para melhor falar, falar com mais segurança.”*

²⁹ Boldo-da-terra, Boldo-de-jardim ou **Tapete de Oxalá**. Nome científico: *Plectranthus barbatus*. (Fonte: <https://www.tre-se.jus.br/imagens/fotos/tre-ba-boldo-da-terra-boldo-de-jardim-ou-tapete-de-oxala-plectranthus-barbatus>)

Essa fala da professora fortalece a ideia de que a construção de uma identidade profissional docente *de/por e para* mulheres-negras-educadoras fortalecem a sua prática porque nos deixam mais seguras sobre quem somos, essa identidade também nos nutre de potencialidades e nos instrumentaliza, através dos saberes ancestrais, para que tenhamos uma prática educativa afrocentrada. A perspectiva afrocentrada considera que nossas experiências e estratégias são *agências*, ou seja, espaços de potência que permite a reorientação e uma possibilidade de povos africanos e afrodiáspóricos não agirem mais como coadjuvantes, mas sim como protagonistas de suas histórias, tornando-se agentes, sujeitos que articulam recursos em prol da liberdade humana, os *agentes* localizam-se a partir de lugares africanos, através da valorização das tradições e saberes ancestrais, cabe a eles localizar o fenômeno e promover a agência.

“Uma demarcação afrocentrada na educação começaria relendo os papéis de todas as atrizes e atores na produção dos diversos saberes. É oportuno enfatizar que localizar se refere ao lugar de onde é feita uma narrativa, desde onde as práticas e posições emergem, às referências e valores que orientam e organizam atividades políticas e de pesquisas. Agência diz respeito à capacidade de utilização dos recursos intelectuais e políticos na redefinição dos papéis dos povos, mulheres e homens africanos como protagonistas nos diversos processos de produção de conhecimento e participação na construção das civilizações humanas. Portanto, em certa medida, localização e agência são indissociáveis.” (NOGUEIRA, 2010, p. 04)

Dando continuidade a experiência e aguçando o olfato de outra das co-pesquisadoras ela retomou a pergunta: **“-Se o Terreiro da Prata fosse esse cheiro, o que o seria o Terreiro da Prata?** “-Seria algo intenso, forte e que fica no ar, fica nas sensações e fica nas percepções depois que você sente pela primeira vez, é como se fosse uma essência mesmo levadas pelas ondas energéticas”

A professora foi além: *“-E essa essência é importante para educação?”*

Naná respondeu: *“-Fundamental! É um livro não escrito, da história do povo brasileiro, que nos explica muito da nossa base histórica que poucos conhecem né?”*

A fala da professora Naná nos faz perceber a importância dos terreiros como territórios de preservação e propagação de valores, culturas, saberes e tecnologias, nessa resposta dada pela professora a gente também pode observar o valor da oralidade na perpetuação de nossa história e memória *“um livro não escrito”* é um livro contado de geração para geração.

Agora, se aproximando da professora Dandara e estimulando a mesma reflexão,

obtivemos a seguinte resposta: “-Para mim foi como uma floresta, um lugar desconhecido, muito bonito, mas cheio de mistério”

Continuando, a professora Rebeca indaga: “- E esse cheiro que é o Terreiro da Prata, ele faz a diferença na educação? Levar esse aroma para educação porque?”

Respondeu prontamente a professora Dandara: “-Sim! Pra ensinar a respeitar todos os cheiros, toda a diversidade da floresta, toda a diversidade que tem na sala de aula...” A professora agradeceu e continuou circulando macerando a folhinha na ponta dos dedos e se aproximando de uma outra PEDAGOPRETA: “-**Se o Terreiro da Prata fosse esse cheiro, o que o seria o Terreiro da Prata?**”

Dessa vez, foi a professora Luanda quem respondeu: “-Um lugar de acolhida! De respeito, de sincretismo, de visualidades, de atmosferas, de comida que une as pessoas para dialogar, de cheiro do café...”

A professora complementa: “E esse cheiro é importante na educação? porque?”

Luanda: “-Esse cheiro ele trata das diversas subjetividades né? dos ambientes que a gente consegue imaginar e se transportar para esses lugares e viver essas histórias, e voltar e compartilhar, eu acho que são saberes muito importantes, relevantes na nossa trajetória enquanto educadora e a gente pode compartilhar desses saberes que são diversos, múltiplos e que a gente acha que não viveu e viveu, e a gente pode compartilhar do mesmo jeito que a gente pode receber essas histórias dos nossos educandos e outros.”

Seguindo para a última educadora da roda, dessa vez foi a professora Anastácia que respondeu rapidamente: “-Ancestralidade!”

A professora queria ouvir mais e disse: “-Porque?”

Anastácia explicou: “-Porque é uma essência que a gente reconhece e que está impregnada na gente e a gente as vezes nem percebe, só quando a gente se aproxima e sente esse aroma, sente esse cheiro.”

Professora Rebeca: “-E esse aroma é importante para a educação porque?”

Anastácia: “-Ele é importante para a educação porque ele traz muitos conhecimentos, conhecimentos da tradição, conhecimentos que estão fora dos saberes da escola, dos saberes formais, mas que faz parte do cotidiano das pessoas, tem uma questão com o sagrado, que parece estar fora da escola, mas que está lá dentro, é uma essência! que é impossível apagar da vida!”

As falas das educadoras mostram a essência de tudo o que já discutimos aqui sobre a importância das religiões de matriz africana na sociedade, em especial na educação, revelam

o valor dos saberes a respeito da espiritualidade e religiosidade e de como eles são importantes no combate ao racismo e na valorização e potencialização das sabedorias africanas e afro diaspóricas, mesmo aquelas que tinham ido pela primeira vez e que relataram sentir um certo mistérios em torno da experiência conseguiram traduzir em palavras a relevância do terreiro na nossa educação e construção identitária, para construir a identidade PEDAGOPRETA a mulher-negra-educadora precisa ter a sua perspectiva ancestral e espiritual nutrida de valores e saberes, que permeiam e estão nos ares dos terreiros e territórios de religiosidade de matriz africana.



Figura 59: Rainha Maria Lázaro
60/61: Conversa na Sala da Nação Zamberacatu (Arquivo pessoal)

Para encerrar nosso momento mobilizando mais uma vez a escrevivência, na tentativa de contribuir com produções que expressassem essa experiência para além dos relatos expostos, construímos uma poesia coletiva que contou com a participação de todas, inclusive da Rainha Maria Lázaro de Oyá. A criação se deu de forma intuitiva, onde eu comecei escrevendo os versos e fui passando a folha na roda para que cada uma fosse complementando a poesia que foi encerrada com os versos da Rainha, segue a poesia transcrita para apreciação e afetações possíveis.

AXÉADA

Casa de mãe e de pai

Passeio no quintal
E cantei para saudar
O mar
Veio o caos, a inquietude
A guerra e a paz
Casa de mãe e de pai
Cheiros que povoam o ar
Essências de vida
Nas águas de Oxalá
Essências de ervas de Ossaim
Pois sem folha não tem orixá
Manjeriçã, boldo, e colônia
Pra banhar, pra curar
Para casa de vó lembrar
Eu celebro e agradeço pela acolhida
E sigo com o pensamento de aqui voltar
Minhas amigas! eu amo o tempo
O sol, as nuvens, a chuva e o trovão
Que são mensagens da natureza
E raios, relâmpagos
Que trazem perfume de rosas
E folhas
Que trazem caminhos

(Criação Coletiva com as PEDAGOPRETAS)

4.7.2. Coroação: Turbante, estética e fundamento, com o orí adornado e protegido nos tornamos PEDAGOPRETAS.

Para encerrar a nossa imersão, pensamos em realizar com as mulheres-negras-educadoras um ritual de coroação. Durante um tempo eu fui pesquisadora do turbante enquanto instrumento estético e político que colabora para a construção e afirmação da identidade negra, o turbante é um acessório muito popular em diversos países do

continente africano e aqui no Brasil ele ficou popular devido ao uso nas religiões de matriz africana e nas manifestações de cultura popular negra, além de ser um acessório de proteção do orí (cabeça), para não absorver energias que você não queira atrair para a sua consciência, o turbante representa nos últimos anos também uma das bandeiras do movimento negro, que se apropriou e reivindicou o significado político e estético nesse adorno.



Figura 62/63: Oficina de Turbante

Assim, para nós mulheres negras, o turbante é como uma coroa, que anuncia em formato de ação política e estética o nosso empoderamento e afirmação da identidade negra, para encerrar nossa Imersão Formativa Pedagopreta eu preparei um momento onde pude compartilhar com as professoras um pouco da história do turbante e de como utilizá-lo, mostrando vários modelos e amarrações possíveis a esse acessório tão poderoso e versátil, a cada modelo ensinado uma pedagopreta estava sendo simbolicamente coroada, marcando o encerramento dos nossos encontros e entrelaçando as nossas existências a partir da construção dessa Identidade Profissional Docente, foi um momento de cuidado e afeto, celebração da nossa beleza e encontro.



Figura 64/ 65/ 66: Oficina de Turbante

Para fechar a tarde, depois de coroadas nós fizemos uma sessão de fotos, afim de exaltar a beleza e essência ancestral que habita em cada uma de nós, agora, uma nova identidade acabava de ser despertada em cada uma, a Identidade Profissional Docente Pedagogopreta havia se espalhado por outros corpos, cabeças, seres, essa identidade que foi apenas despertada por meio dessa pesquisa poderia ser aprofundada, desenvolvida e espalhadas por diversos caminhos a fim de promover uma educação para as relações étnico-raciais e uma formação de professores que contemple a diversidade étnico-racial presente e pulsante nas educadoras negras.



Figura 67: Oficina de Turbante

5. PRODUTO EDUCACIONAL: O ORÁCULO PRETAGÓGICO DA PEDAGOPRETA

Um produto educacional é um recurso ou ferramenta desenvolvida para contribuir com uma abordagem específica dentro da educação, na nossa pesquisa desenvolvemos uma série de oficinas e de dispositivos didáticos que puderam contribuir para a formação de uma identidade profissional docente de/por e para Mulheres-Negras-Educadoras, a identidade PEDAGOPRETA. Dentre as várias atividades realizadas e dispositivos desenvolvidos por nós, um merece o devido destaque, pela forma como se mostrou eficaz não apenas na construção dessa identidade docente, mas também por ser possível utilizá-lo nos mais diversos contextos educativos, abordando princípios, saberes e valores caros a pretagogia e oriundos da cosmopercepção africana, como: a espiritualidade; a oralidade; a circularidade; a ludicidade, dentre outros.

Entende-se por oráculo de cartas um método de aconselhamento que se utiliza de cartas, como o baralho ou tarô, para obter orientações sobre diversas áreas da vida e questões pessoais, as cartas são interpretadas por um leitor ou cartomante que oferece orientações através de visões simbólicas sobre o tema em questão. A interpretação das cartas varia de acordo com as tradições, culturas e experiência de vida de quem está interpretando. Cada jogo de cartas é único e vai ter suas imagens associadas a um tema gerador, de onde vão sair suas cartas e interpretações.

Um oráculo pedagógico refere-se a um método educacional que se utiliza de aconselhamentos e compartilhamento de saberes para orientar um processo de ensino-aprendizagem, sendo assim, podemos dizer que na pretagogia um oráculo pretagógico estaria intrinsecamente ligado a questões relacionadas à ancestralidade africana, bem como aos saberes, história e cultura oriundos das nossas africanidades. Em sumo, seria uma abordagem educacional que integra os elementos da cosmopercepção africana para melhorar a experiência de aprendizagem no que diz respeito a educação para as relações étnico-raciais.

O Oráculo Pretagógico da Pedagopreta surgiu como um dispositivo potente para a construção de uma identidade profissional docente de mulheres-negras-educadoras proporcionando compreensões pessoais, autoconhecimento, visões de mundo e aconselhamento pedagógicos a partir da exploração de arquétipos presentes no imaginário coletivo e na história e memória de educadoras negras, esses arquétipos proporcionam reflexões, anunciam potências e orientam tomadas de decisões alinhadas a essa identidade,

proporcionando o desenvolvimento filosófico e espiritual dessas educadoras através da expressão criativa, elaboração e interpretação das cartas.

Através do dispositivo do oráculo foi possível revelar potenciais e saberes presentes nas mulheres-negras-educadoras que podem contribuir para o compartilhamento dessa identidade. A ferramenta que já foi experimentada para além da pesquisa, ganha força a cada experiência onde novas cartas podem ser criadas e incorporadas às já existentes. A partir da criação desse produto educacional entregamos a sociedade uma abordagem inovadora, que abrange fundamentação teórica e saberes sobre a temática das relações étnico-raciais, fornecendo orientações personalizadas a partir do que o próprio grupo traz consigo de saberes.

O oráculo como ferramenta pretagógica promove a intuição pedagógica, o engajamento dos envolvidos no processo, esse produto por fim nos apresenta a capacidade de proporcionar uma abordagem única e personalizada para a melhor qualidade do ensino e da aprendizagem, incentivando a reflexão profunda e promovendo o combate ao racismo religioso, à medida que se apropria de saberes ancestrais e espirituais de origem africana para promover conhecimento. Nosso produto educacional conta com um guia de como desenvolver, utilizar e aplicar o dispositivo em diversos contextos, que se expandem para além da construção identitária docente, esse material vem acompanhado do modelo de cartas que podem ser reproduzidas e utilizadas em qualquer contexto educativo.

Esse dispositivo contribui para as reflexões e metodologias embasadas na Pretagogia a medida que promove a reflexão sobre a identidade, através de mensagens que incentivam a uma compreensão mais profunda sobre o pertencimento racial e a diversidade cultural e étnica, bem como, através da incorporação de símbolos culturais, do estímulo ao diálogo aberto, da personalização da aprendizagem, do desenvolvimento de empatia, da orientação de práticas inclusivas e da ferramenta de apoio e formação de professores. O Oráculo da Pedagopreta mostrou-se como uma ferramenta poderosa para a promoção da igualdade racial, o respeito à diversidade, a construção identitária e a educação sensível às questões étnicas e raciais.

6- CONTO DE CONCLUSÃO- NAS ASAS DO PÁSSARO SANKOFA: A PEDAGOPRETA, A GRIÔT E AS SEMENTES DE FUTURIDADE

Não “era uma vez”, foram muitas as vezes que Mulheres Negras Educadoras tiveram suas potencialidades subtraídas e suas vozes silenciadas em diversos territórios que se construíram através da colonização européia no mundo. Essa história que vou contar é sobre os ventos, que vão e voltam, levando e trazendo histórias e memórias nossas e dos nossos, ela fala de uma, mas também fala de muitas Mulheres, do presente, do passado e do futuro, uma história que tem um lugar de origem e que é contada a partir desse lugar e do seu pertencimento. Nossa protagonista pode ser uma ou podem ser várias, pois ela aprendeu com um pássaro a seguir os ventos dos encontros, retornar quando necessário e estar conectada ao futuro através do seu passado. Uma aprendiz, mas também uma professora, que carrega consigo dores e ternuras, doçuras e amarguras de ter sua existência marcada por um processo histórico violento, porém cheio de mistérios e saberes que não foram contados.

Nossa professora-aprendiz queria saber mais sobre esses mistérios, queria conhecer e poder contar sobre esses saberes, assim foi se aproximando de tudo o que podia oferecer as ela “pedacinhos de si”, ela sabia que seus traços, sua cor e suas memórias a ligavam a um território distante, mas nem tanto! Sabia que as pessoas, as mais velhas, a natureza, a cultura, a fé que a rodeavam poderiam oferecer a ela ferramentas para ser uma educadora inteira, que adentra a sala de aula com tudo o que é e que pode ser. As histórias que contaram a essa professora já não eram mais suficientes para que ela pudesse se compreender e se projetar no mundo, por isso ela resolveu escrever sua própria história, honrando com suas memórias e saberes ancestrais, ao lado de outras, que assim como ela, carregavam em si uma identidade que revelava potências e possibilidades.

Para ela já não bastava mais ser mulher-negra-educadora e se dividir em diversas caixas dentro da complexidade de ser uma e ser várias, por isso ela resolveu ir em busca de um nome para si, que contemplasse suas identidades e fortalecesse sua profissão e sua busca pelos saberes e mistérios de guardar em si uma ancestralidade africana. Se denominou PEDAGOPRETA e uniu em uma só palavra todas essas complexidades, poéticas e formas de ser no mundo. Apesar de encontrar em si essa identidade, a Pedagopreta ainda se sentia vazia, sentia que para ser, não bastava apenas ela, pois esse nome que a nomeava, também tinha potencial para nomear tantas outras, que assim como ela guardam saberes e mistérios.

O som dessa história poderia ser uma ciranda, ou um coco de roda, um ijexá embalando um afoxé, mas é um maracatu, mais precisamente o Zamberacatu, que passa nas ruas de Natal, Rio Grande do Norte, abençoando os caminhos e rasgando uma memória ancestral tão potente quanto apagada, são tambores que rompem silêncios, que endeusam pelas retintas e descolonizam imaginários brancos e preconceituosos sobre espiritualidade e

africanidade. Na frente do batuque uma voz guia os tambores, uma voz cantora que também é professora, uma voz que não se define em categorias, uma voz da tradição, da oralidade e da ancestralidade... Descendente de mestra, neta de Dona Nazaré, aprendeu com sua vó, o valor da tradição, da cultura, do festejo e do cantar, sonhou em se tornar o que sua antepassada sempre foi, mas não pôde desfrutar de ser.

Embalada pelos ventos da sua ancestralidade a Mulher Negra Educadora, Pedagopreta, ia seguindo caminhos e desbravando lugares que a fizeram se tornar inteira, aquela mulher tinha nome, sobrenome, casa e família, mas mesmo assim não sabia quem era. Como podia deixar uma parte de si para vivenciar suas experiências de vida? Se sentia só, mas algo lhe dizia que existiam outras, que dariam sentido a sua existência. Seus caminhos foram traçados por diversos atravessamentos, encontros, trocas de saberes, escrevivências, práticas corporais, cuidados espirituais, aos poucos a Mulher-Negra-Educadora foi compreendendo mais o que poderia ser se tornar Pedagopreta.

Nos seus caminhos várias encruzilhadas se tornaram portais, eram pontos de encontro e de aprendizado, eram marcos de transformação, as encruzilhadas deram acesso a saberes e experiências nem sempre positivas, mas de onde ela tirou grandes aprendizados. A cada encruzilhada ela aprendia um novo passo, eram *Encruzilhadas de Saberes* que aprimoravam sua ginga e foi lapidando sua forma de caminhar, no afeto foi encontrando sentidos, lugares de acolhimento, formas de tornar a jornada mais leve, os caminhos afetivos eram pedagógicos e possibilitaram um olhar mais atento ao que as encruzilhadas traziam, ela passou a se ver também como uma encruzilhada carregada de saberes, aberta a troca afetiva e disposta a se lançar aos encontros, sentia a necessidade de buscar “as outras eus”. Ao passo que se aquilombava em espaços como a escola, o movimento social negro, os territórios de cultura e religiosidade africana, sua identidade negra ia se potencializando e ela ia aprimorando seus movimentos contestatórios, suas gingas, golpes e cantos.

Quanto mais se nutria desses saberes mais sabia da importância deles serem propagados, para que uma mudança real possa acontecer nos nossos espaços educativos e na nossa sociedade. A Mulher Negra Educadora resolveu então seguir os passos que o vento dá, sair do seu lugar de enraizamento, voar por outros solos férteis, desbravar as limitações geográficas que também a moldavam, ela sabia que podia encontrar um lugar de pertencimento para ser quem era na sua vida e profissão. Foi então que um grande vento soprou... Era fim de Carnaval na Praia de Muriú, como de costume a família Xavier estava no quintal, assando churrasco e apanhando mangas e cajus, e um vento com cheiro de vó chegou

anunciando: “- Professora, sua hora chegou! Arreda Mulher! Segue os ventos do conhecimento, ele te levará ao encontro de suas outras eus!!!”.

A professora não podia acreditar que estava ouvindo aquilo, ali, naquele lugar, sob o seu solo sagrado, sob o lugar onde os sonhos de sua avó haviam sido plantados, ela que já estava disposta a ir em busca dos ventos, sentiu que eles mesmos se encarregaram de buscá-la em casa, sem dar muito tempo para que ela pensasse, a ventania continuou: “- Sua viagem já tem data marcada, você viajará de carona com o pássaro Sankofa, ele te guiará até o espaço e pessoas certas, e no caminho te ensinará tudo o que precisa. Sempre que sentirem necessidade, repousem à sombra de um baobá para descansar, quando precisarem de orientação terão sempre um Griot a disposição para tirar as dúvidas que surgirem no caminho. não se preocupe, estarei sempre presente, seja como brisa, ventania ou furacão, para trazer movimento a sua jornada.”

A casa estava em festa, um “Ilê Odara”, a ventania acabava de anunciar o começo de uma nova era, era em que aquela família pela primeira vez teria um dos seus traçando uma jornada nunca antes percorrida, a professora se animou e se apavorou com a notícia, “como poderia ela deixar seu lugar, seus espaços de afeto e segurança para seguir nos rumos de um pássaro? O que levar para essa empreitada, seria capaz de cumprir com essa missão ancestral?”. Sem muitas respostas, mas com bastante vontade de viver, ela simplesmente foi, abriu os braços e deixou que a ventania a levasse em direção a esse pássaro misterioso. Levada pelo vento a professora levou consigo apenas o que era essencial, suas vivências, experiências, sabedorias e desejo de aprender, de se encontrar, levou também suas duas sementes de futuridade, sementes que gestou e plantou no mundo e que cuidava e amava depositando o seu materno visceral e divino.

O início da jornada foi difícil, a professora ia e voltava no rodopio dos ventos, fazendo viagens cansativas que não contribuíam tanto para o seu aprendizado e desenvolvimento, pois a deixavam muito cansada. Foi aí que em um desses rodopios, parada a sombra de um baobá apareceu um pássaro oferecendo ajuda, um pássaro bonito, grande, que assim como ela carregava o futuro consigo, e ofereceu carona, seguindo os conselhos dados pelos ventos a professora pegou sua bagagem e sentou nas costas do pássaro selando um pacto, ambos iriam cuidar das sementes de futuro do outro. o pássaro afirmou que poderia voltar sempre que possível, para apanhar e se nutrir de algo do passado quando necessário.

Na carona com Sankofa a Mulher-Negra-Educadora descobriu a Pretagogia, os valores e os saberes de sua ancestralidade africana, se nutriu de conhecimentos, teorias e práticas que potencializa o seu ser mulher e o seu ser educadora, sempre em diálogo com sua

ancestralidade negra, ela que já tinha o desejo de encontrar outras de si, seguiu os movimentos da ventania que a levaram até uma Griot chamada Dadá, que há alguns anos já tinha viajado nas asas do Sankofa. Dadá nutriu a professora de conhecimentos, dispositivos, tecnologias educativas ancestrais, preparou a professora com afeto e conhecimento, aconselhou, orí-entou e celebrou a mais nova tão parecida e tão diferente dela mesma.

No caminho a sombra de um baobá, a Griot Dadá e a Mulher-Negra-Educadora refletiram e observaram como as Mulheres-Negras-Educadoras constróem uma Identidade Profissional, e como essa construção impacta na formação docente dessas mulheres e corrobora para a educação das relações étnico-raciais. Ela que já reconhecia sua aprendiz como uma Pedagopreta, ajudou a mesma a ter diversas experiências e aproximações com mulheres negras possibilitando perceber que o reconhecimento da identidade étnica e racial por parte das mesmas mobiliza o desejo de expandir essa identidade dentro da sua profissão, mesmo sabendo que isso nem sempre é possível pela lacuna e ausências presentes na nossa formação e também pelo racismo imbuído na nossa sociedade, que nos faz crer que o nosso pertencimento afro não pode ocupar a sala de aula.

Acompanhada da Griô Dadá, a Pedagopreta organizou a formação de um quilombo pretagógico, um espaço onde outras mulheres-negras-educadoras também iriam poder se tornar Pedagopretas, contribuindo também para a compreensão sobre essa identidade e suas peculiaridades, os encontros foram imersivos, carregados de dispositivos que mobilizaram o afeto, os saberes e as memórias ancestrais, nas vivências elas contaram, cantaram, dançaram, tocaram nos tambores de suas ancestralidades.

Através das experiências vivenciadas com mulheres-negras-educadoras do estado do Rio Grande do Norte, as educadoras puderam constatar que tornar-se PEDAGOPRETA fortalece o fazer pedagógico de mulheres-negras-educadoras e colabora para a construção de uma educação para as relações étnico-raciais, a medida que a construção dessa identidade profissional docente corrobora para a aquisição de saberes necessários ao professorar e ao desenvolvimento de práticas pedagógicas afrocentradas.

Através de uma Imersão Formativa, puderam ver nascer outras Pedagopretas. Dessa experiência foi possível identificar e construir os saberes e valores pertinentes a essa identidade profissional, bem como ampliar o seu alcance para que mais mulheres pudessem construir essa identidade.

Perceberam que a construção dessa identidade profissional colabora para a Educação das Relações Étnico-Raciais e fortalece o fazer pedagógico de Mulheres Negras, trazendo-as para a centralidade dos debates sobre educação e amplia os estudos sobre Pretagogia,

agregando a esse referencial teórico-metodológico uma identidade profissional mobilizada por seus princípios e saberes, essa experiência possibilitou o desenvolvimento de dispositivos pedagógicos capazes de impulsionar a construção dessa identidade docente por outras educadoras proporcionando o empreendimento de práticas educativas que proporcionam a implementação da Lei 10.639/2003.

Durante a jornada, elas se *aquilombaram!* Aprenderam e ensinaram em pares, em conjunto, acolheram suas histórias e valorizaram a nossa construção ancestral. Após esse vôlei pautado por tantos encontros e saberes, a professora se compreendeu mais e melhor como Pedagopetra, compreendeu que a partir do encontro com outras mulheres negras educadoras pôde fortalecer a sua construção identitária e de suas pares, a fim multiplicar uma identidade e realizar a Educação para as Relações Étnico Raciais nas escolas.

A construção dessa identidade profissional colabora para a Educação das Relações Étnico-Raciais e fortalece o fazer pedagógico de Mulheres Negras, trazendo-as para a centralidade dos debates sobre educação e amplia os estudos sobre Pretagogia, agregando a esse referencial teórico-metodológico uma identidade profissional mobilizada por seus princípios e saberes, essa experiência possibilitou o desenvolvimento de dispositivos pedagógicos capazes de impulsionar a construção dessa identidade docente por outras educadoras proporcionando o empreendimento de práticas educativas que proporcionam a implementação da Lei 10.639/2003.

Agora o desejo é que essa Identidade Profissional Docente Pedagopetra se espalhe, alcançando outras mulheres e reverberando em suas práticas, a fim de que essa não seja uma identidade estática, mas em constante movimento e transformação, alcançando as mulheres negras dentro de suas múltiplas diversidades e promovendo uma educação mais democrática e que honre com a história, cultura e legado dos povos Africanos e Afrobrasileiros.

*“E não há mais
quem arranque a nossa língua
o nosso verbo solto
conjugou antes
o tempo de todas as dores”
(Conceição Evaristo)*

REFERÊNCIAS:

ADICHE, Chimamanda Ngozi; O perigo de uma história única. Tradução Júlia Romeu. - 1º ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

AKOTIRENE, Carla; **Interseccionalidade**. São Paulo, SP. Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020.

ALCANFOR, Lucilene Rezende; BASSO, Jorge Garcia. **Infância, Identidade Étnica e Conhecimentos de Matriz Africana na Escola**. Educação & Realidade, v. 44, 2019.

BONFIM, Vânia Maria da Silva; **A identidade contraditória da mulher negra brasileira: bases históricas**. In. NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.); Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009.

BRASIL. **Orientações e Ações para a educação das Relações Étnico-Raciais**. Brasília: SECAD, 2006. Ministério da Educação (MEC).

_____. **Diretrizes Curriculares Nacionais, para a Educação das Relações ÉtnicoRaciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**, Ministério da Educação (MEC), Conselho Nacional de Educação, Brasília, 2004.

CARNEIRO, Sueli; **A mulher negra na sociedade brasileira- o papel do movimento feminista na luta anti-racista**. In. MUNANGA, Kabenguele (org); **O negro na sociedade brasileira: resistência, participação, contribuição**. Brasília: Fundação Cultural Palmares-MinC, 2004.

COSTA E SILVA, Geranilde. **Pretagogia: construindo um referencial teórico-metodológico de base africana para a formação de professores/as**. Fortaleza, CE: Imprece, 2019.

EVARISTO, Conceição. **Escrevivências da afro-brasilidade: história e memória**. Releitura, Belo Horizonte, Fundação Municipal de Cultura, n. 23, p. 1-17, nov. 2008. Disponível em: <http://nossaescrevivencia.blogspot.com/search/label/proseando> . Acesso em: 18/08/2022.

_____. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Liane (Org.). **Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora**. João Pessoa: Ideia; Editora Universitária UFPB, 2005.

_____. Dos sorrisos, dos silêncios e das falas. In: SCHNEIDER, Liane; MACHADO, Charliton (Orgs.). **Mulheres no Brasil: Resistência, lutas e conquistas**. João Pessoa: Editora Universitária -UFPB, 2009b. Disponível em: <http://nossaescrevivencia.blogspot.com/search/label/proseando> . Acesso em: 18/08/2022

_____. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro: Malê, 2021.

GOMES, N.L. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, n.1, p.167_182, 2003.

GOMES, N.L. **O movimento negro no Brasil: ausências, emergências e a produção dos saberes**. Política & Sociedade, Florianópolis, v. 10, n. 18, p. 133-154, abr. 2011.

GOMES, N.L. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017

MEIJER, Rebeca de Alcântara E Silva. **Valorização da cosmovisão africana na escola.** - 1ª ed. - Curitiba: Appris, 2019.

MEIJER, Rebeca de Alcântara e Silva; SILVA, Igor Marcos Lemos; ALMEIDA, Dionísio Tavares de. **Didática Afrocentrada:** A Construção de um Novo Paradigma na Componente Curricular Didática nos Países da Integração aa UNILAB. Revista Humanidades e Inovação v.8, n.67. 2022. Disponível em: file:///C:/Users/IFCE/Downloads/5557-Texto%20do%20artigo-23640-1-10-20220512.pdf . Acesso em: 18/08/2022.

MUNANGA, Kabenguele (org); **O negro na sociedade brasileira:** resistência, participação, contribuição. Brasília: Fundação Cultural Palmares- MinC, 2004.

NASCIMENTO, Abdias; **Quilombismo:** um conceito emergente no processo histórico-cultural da população afro-brasileira. In. NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.); **Afrocentricidade:** uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009.

NASCIMENTO, Eliza Larkin; **O olhar afrocentrado:** introdução a uma abordagem polêmica. In. NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.); **Afrocentricidade:** uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009.

NOGUEIRA, Renato. **Afrocentricidade e educação:** Os princípios gerais para um currículo afrocentrado. Revista África e Africanidades, v. 3, n. 11, p. 1-16, nov. 2010.

NUNES, Felipe da Silva. **"Ouçam o som do meu tambor":** Nação Zambêracatu, construção e movimento de um maracatu potiguar. 2020. 118f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2020.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké . **Invenção das mulheres:** construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero / Oyèrónké Oyèwùmí; tradução wanderson flor do nascimento. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

PETIT, Sandra Haydée, **Pretagogia:** Pertencimento, Corpo-Dança Afroancestral e Tradição Oral Contribuições do Legado Africano para a Implementação da Lei Nº 10.639/03. Fortaleza: EdUECE, 2015.

PIMENTA, Selma Garrido. **Formação de professores - Saberes da docência e identidade do professor.** Revista da Faculdade de Educação. São Paulo, v. 22, n. 2, p. 72- 89, 1996.

RUFINO, Luíz. **Pedagogia das encruzilhadas.** Rio de Janeiro, RJ: Mórula Editorial, 2019.

SIQUEIRA, Maria de Lourdes; **Os fundamentos africanos na religiosidade brasileira.** In.

SOMÉ, Sobonfu. **O espírito da intimidade:** ensinamentos ancestrais africanos sobre relacionamentos. Tradução Deborah Weinberg. - 2. ed. - São Paulo: Odysseus Editora, 2007.

SOUSA, Neusa Santos. **Tornar-se negro ou As vicissitudes da identidade do negro**

brasileiro em ascensão social. - 1ª ed. - Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

ANEXOS



Natal, 11 de Julho de 2023.

Olá Pretas!

Sejam bem-vindas a Imersão Formativa Pedagopreta!

É com muita alegria que recebemos o seu interesse em participar da nossa formação! Comunicamos que **você foi uma das educadoras selecionadas para participar do nosso “Quilombo Pretagógico”**. Desejamos que seja uma jornada acolhedora, afetuosa e de muitos aprendizados e saberes compartilhados!

Nossa jornada começa desde já! E nessa *carta pretagógica* pretendemos conversar um pouquinho mais com vocês sobre nossos encontros, materiais de apoio e encaminhamentos da nossa formação. Reafirmo a importância de estar atenta ao nosso calendário, a fim de certificar que poderá participar integralmente das atividades (presenciais e online), nessa

proposta de imersão pretendemos nos desconectar um pouco das influências externas e imergimos no nosso encontro formativo nos preciosos momentos que teremos juntas, essa formação também faz parte de uma pesquisa de Mestrado em Ensino e Formação Docente, da professora Marília Xavier (Oyá Iyalê), orientada pela professora Rebeca Meijer, na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afrobrasileira (UNILAB), sendo assim, é de extrema importância para a realização da pesquisa que as integrantes participem de todas as atividades.

Nossos encontros acontecerão no TECESol, um espaço de arte, cultura e educação, localizado no Conjunto Pirangi em Neópolis, que reúne sedes de diversos coletivos da nossa cidade, dentre eles o Maracatu Nação Zamberacatu que irá nos acolher. A alimentação durante as atividades presenciais serão oferecidas as cursistas no espaço e nossos momentos de refeição fazem parte da proposta curricular da imersão: *“estávamos seguindo um dos princípios da cosmovisão africana, que advoga que o corpo é o espaço do sagrado, nesse sentido, cabia pensar sobre o alimento dado ao corpo.”* (SILVA, 2019, p.89), será oferecido café da manhã, almoço e lanche e qualquer especificidade ou restrição pode ser comunicada para que possamos encaminhar a resolução e verificar a possibilidade de adequação do cardápio.

Vocês serão adicionadas a uma pasta compartilhada no drive com o nosso material teórico base e uma outra pasta de materiais complementares, os encontros online serão de caráter mais teórico e os textos anexados na pasta subsidiarão esses momentos. No dia 28/07, nosso encontro será na Escola de Governo do RN, a partir das 15h, em um evento aberto, uma ótima ocasião para vocês convidarem profissionais da educação, estudantes e demais interessados no tema, para estarem compartilhando um pouco dessa troca de saberes que compõe também as atividades de uma importante data para o Movimento de Mulheres Negras no Brasil, o Julho das Pretas. Toda a programação de atividades abertas e fechadas que compõem a formação estão anexadas no nosso calendário e no plano de (per)Curso em anexo neste documento.

No Domingo (30/07), teremos uma “aula de campo”, que acontecerá no Ilê Axé Afinká, “Terreiro da Prata”, que fica localizado no município de Macaíba/RN, teremos um traslado para nos levar da sede da Nação Zamberacatu até o terreiro e nosso café da manhã será lá, em virtude do tempo de deslocamento nesse dia nos encontraremos às 08:00h na sede da Nação e sairemos às 08:30h com previsão de chegada no terreiro às 09h para o Café da Manhã, e retorno às 12h para o almoço no TECESol. Vocês serão adicionadas a um grupo temporário de WhatsApp onde estaremos compartilhando lembretes sobre nossos encontros e tirando possíveis dúvidas.

Toda a parte de mídia, registros, atividades e demais assuntos pertinentes a essa formação e pesquisa estão sendo compartilhadas no perfil do instagram @pedagogopreta, ao participarem dessa pesquisa vocês declaram que permitem o uso da imagem como fotos, vídeos e demais registros em nossas redes sociais e na dissertação de mestrado a qual ela faz parte. Mais uma vez agradecemos o seu interesse em formar essa rede teórica e afetiva conosco!

AGUARDAMOS VOCÊS!!!

CRONOGRAMA:

20/07/2023 (19 às 21h- Google Meet) - “**Encontro teórico-afetivo: Conhecendo as Pedagogotas e os caminhos teóricos metodológicos da Imersão Formativa**”

21/07/2023 (19 às 21h- Google Meet)

1º MOMENTO- “**A PEDAGOPRETA: Construindo uma Identidade Profissional Docente *de/por e para* Mulheres-Negras-Educadoras**”

2º MOMENTO- “**PRETAGOGIA: Referencial Teórico-Metodológico para a Formação de Professores e Educação para as Relações Étnico-Raciais**”

22/07/2023 (09 às 12h- Google Meet)- “**Saberes Docentes Necessários a Educação das Relações Étnico-Raciais**”

28/07/2023 (15- 19h PRESENCIAL: Escola de Governo Centro Administrativo, Natal-RN)

JULHO DAS PRETAS: MULHERES NEGRAS PROTAGONIZANDO A EDUCAÇÃO**15H- Performance literária**

Convidada: Gaby Adaayo (Pedagogia UFRN)

15:30- Mesa de Abertura**Trajetórias Negras Docentes: Desafios e possibilidades para a Educação das Relações Étnico-Raciais no RN**

Convidadas: Lucélia Feliciano, Maiara Juliana, Juliana Katarine, Ielandia Jacinto
Mediação: Marília Farias Xavier (Oyá Iyale)

17h- Palestra "A UNILAB e a educação das relações etnico-raciais: saberes e fazeres pretagógicos para uma didática afrocentrada."

Convidada: Profª. Dra. Rebeca Meijer- UNILAB)

29/07/2023 (09 às 17h)- **Imersão Formativa PRESENCIAL**

Local: Sede da Nação Zamberacatu (Rua Governador Valadares, s/n, Conjunto Pirangi, Neópolis, Natal-RN)

ORÍ.Entações:

- **Trajes leves, de preferência calça ou vestimenta que permita a mobilidade.**
- **O que levar: Garrafa com água, uma canga, um objeto que lhe conecte com sua ancestralidade negra, material para desenho/ pintura**

*O objeto solicitado para a vivência desse dia pode ser um instrumento, livro, imagem,

utensílio, ou qualquer coisa que você tem na sua casa que representa a sua conexão com a ancestralidade negra, orientamos que esse objeto não deve ser algo sagrado ou delicado, pois ele será utilizado na aula e manipulado por outras pessoas.

30/07/2023 (08 às 17h)- Imersão Formativa PRESENCIAL

Local: Sede da Nação Zamberacatu (Rua Governador Valadares, s/n, Conjunto Pirangi, Neópolis, Natal-RN)

09h- CAFÉ DA MANHÃ COLETIVO E RODA DE CONVERSA COM OS MAIS VELHOS NO TERREIRO DA PRATA (Translado saindo do TECESOL às 08h)

ORÍ.Entações:

- Trajes leves, de preferência branco ou cores claras.
- O que levar? Água, maquiagem (quem gosta de usar), algo para compartilhar no café da manhã: fruta, bolo, bolacha, suco, etc.

LINK DA PASTA COMPARTILHADA NO DRIVE:

<https://drive.google.com/drive/folders/1ZfJK6hpGVuzQse-jbSBG3Un82o-1cQEm>

**Caso você não possa participar da Imersão, pedimos que nos comunique até o dia 13/07, para que possamos convocar com antecedência as cursistas selecionadas no cadastro de reserva.